



Pérolas - O Feminino no Cancioneiro Cearense

1900-2017

Histórias e Relatos de Vida





Pérolas - O Feminino no Cancioneiro Cearense

Pingo de Fortaleza

1900-2017

Histórias e Relatos de Vida

FICHA TÉCNICA

Idealização, coordenação geral, pesquisa, textos e curadoria de acervos e imagens:
Pingo de Fortaleza

Produção geral:
Juliana Roza

Produção executiva:
Arnóbio Santiago

Assistente de curadoria de acervos e imagens e de entrevistas:
Eliahne Brasileiro

Transcrição de entrevistas:
Juliana Roza

Revisão e edição de textos:
Rodrigo de Oliveira

Marca do projeto:
Renata Holanda

Projeto gráfico:
Gilberlânio Rios

Assistentes de produção:
Tieta Pontes e Patrício Barros

Impressão:
Expressão Gráfica

Ficha Catalográfica
Bibliotecária Perpétua Socorro Tavares Guimarães
CRB 3/801-98

Pingo de Fortaleza
Pérolas: o feminino no cancioneiro cearense / Pingo de Fortaleza. -
Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.
228 p. (Pingo de Fortaleza-Pseudônimo usado para João Wanderley
Roberto Militão)
ISBN: 978-85-420-1172-2
1. Mulheres- música popular 2. Identidade de gênero I. Título
CDD: 302.23

Para Cláudia Gomes de França,
Grande mulher e minha companheira.
Com Amor.



AGRADECIMENTOS

Esse “Pérolas — O Feminino no Cancioneiro Cearense” não seria possível sem o apoio institucional da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT/CE), através da Lei do Mecenato, e da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR), instituições a quem agradeço nas figuras de Fabiano Piúba e Evaldo Lima.

Minha gratidão também a um coletivo de agentes culturais e amigos que propiciaram a execução dessa obra:

À Juliana Roza, produtora dessa iniciativa, pela confiança e parceria,

A Arnóbio Santiago, produtor executivo de o todo projeto “Solo Feminino”,

Aos parceiros da Associação Cultural Solidariedade e Arte — Solar: Tieta Pontes e Patrício Barros, pela caminhada,

Ao amigo Gilberlânio, da Expressão Gráfica, pelo trato atencioso na criação gráfica de todo o projeto “Solo Feminino”,

À amiga Renata Holanda, pela gentileza da criação da marca do projeto “Solo Feminino”,

Ao amigo Nirez Azevedo, pela contribuição essencial,

Aos pesquisadores Priscila Lima, Lucila Pereira da Silva Basile, Ana Luiza Rios Martins e Edgard Patrício de Almeida Filho, pela atenção e pelas contribuições importantes na elaboração desse trabalho,

À amiga Eliahne Brasileiro, pelo empenho na produção desse trabalho,

A todas as cantoras e compositoras que participaram dos CDs “Solos Femininos” e contribuíram com o envio de material para feitura desse livro,

Agradeço ao amigo Ulysses Gaspar pelo contato junto à Amelinha e pela força na difusão da minha obra musical,

Minha gratidão a amiga Maria Vilani por suas imprescindíveis palavras do prefácio dessa obra,

A todos que direta ou indiretamente emanam energias positivas para a realização de minhas produções,

E por fim, minha eterna gratidão ao cosmo, à natureza e a todos os seres que emanam luz.



ÍNDICE

Introdução - Gestando o Solo Feminino – uma introdução	15
Capítulo 1	
As precursoras da música cearense e seus registros (de 1900 a 1937)	21
Capítulo 2	
As vozes femininas cearenses do rádio (1934 a 1965)	29
Capítulo 3	
O feminino nos festivais cearense de música (1960 a 1970)	55
Capítulo 4	
A presença feminina nos movimentos “Pessoal do Ceará” e “Massafeira” (1970 a 1980)	75
Capítulo 5	
Surge uma nova geração de mulheres na música cearense (1980 a 1990)	103
Capítulo 6	
O feminino que se renova na música cearense (1990 a 2000)	137
Capítulo 7	
Novas mulheres e as outras formas do fazer musical cearense no século XXI (2001 a 2017)	159
Capítulo 8	
Quando o feminino na música cearense afirma as questões de ancestralidades, etnias e gêneros	209
Capítulo 9	
O feminino que sempre renasce no cancioneiro cearense – Uma conclusão aberta	225



PREFÁCIO

“Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense, 1900 – 2017, Histórias e Relatos de Vida” é a historização da presença da mulher na produção musical do Ceará. É a revelação dos segredos guardados no cofre do tempo e a difusão dos seus feitos e efeitos em todos os tempos.

Para presentificar a participação da mulher cearense no universo da música, o autor rompeu a fronteira do tempo e embrenhou-se nas entranhas da história e a inoculou com a semente do amor à arte produzida em sua terra natal. O resultado dessa fecundação é essa belíssima obra que nos encanta e nos surpreende a cada página.

Pingo de Fortaleza valoriza a participação da mulher no universo musical muito antes dos registros encontrados ao longo da história. Ele se refere a um fazer apri-sionado no campo da memória aguardando os nossos acessos para que possamos impulsioná-lo por meio da tradição oral.

“As primeiras mulheres musicistas do Ceará com certeza caminhavam com seus povos pelos litorais, sertões e serras e entoavam seus cânticos em festas e rituais, uma herança presente atualmente nas rodas de torém do povo Tremembé...”

Podemos imaginar essas mulheres cantantes buscando os sons de suas vozes na polifonia de tempos idos que se entrelaçam ao tempo eterno do presente no entoar dos cânticos de Cacique Pequena, líder indígena do povo Jenipapo-Kanindé, uma mulher comprometida com questões étnicas e de identidade.

O autor também vislumbra um fazer que está por vir, cômico de que a sua obra não abarca o tempo em sua infinitude.

“Outras narrativas estarão sempre nascendo e sendo continuamente descobertas e recontadas e revisitadas e recriadas numa viagem coletiva de um fazer musical que não termina nunca o seu começar.”

A obra de Pingo nos revela o talento da mulher cearense, a sua capacidade de criação e de superação e faz emergir do rio caudaloso da arte verdadeiras pérolas/mulheres que, além de participarem ativamente da música, fundaram movimentos que contribuíram para a ascensão da música cearense, ratificando o seu poder de liderança, a exemplo de Joyce Custódio, que em 2009, juntamente com outros artistas fundou o BORA! – Ceará Autoral Criativo, movimento artístico que defendeu a música autoral. Joyce participa do CD “Solo Feminino 1”, interpretando a música “Canções de Redenção”, de Bob Marley, na versão de Pingo de Fortaleza.

Outro exemplo de luta na esteira das lideranças é Verônica Valentino, intérprete da música “Lógica” do CD “Solo Feminino 3”, de Pingo de Fortaleza. Ela inicia o seu cantar na adolescência e o aperfeiçoamento no teatro, onde participa de vários espetáculos que abordam temas referentes ao transformismo e às travestis. Em 2010 ao lado de outros artistas criou a banda Verônica Decide Morrer, premiada em 2015 na 7ª Mostra Petrólio Maia de Música de Fortaleza. Verônica se apresenta em muitos espaços, dentre os quais, o 8º For Rainbow Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual, além de estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo.

Verônica, além de nos presentear com o seu exemplo de liderança no mundo das artes, aponta o caminho que nos conduz a nós mesmos quando nos ensina que só nós podemos nos definir.

“A sociedade não vai poder nunca me definir, porque essa definição só a mim pertence e ela não tá pronta pra isso, né?! A gente sabe que se tivesse pronta não seríamos o país que mais mata mulheres trans e travestis no mundo.”

De sua incursão ao mundo da música cearense, Pingo traz a história da presença da mulher num universo majoritariamente masculino e as suas lutas para nele se efetivarem. Traz também peculiaridades

acerca da biografia dessas cantoras por meio de relatos autorais e nesses relatos encontramos histórias de famílias musicais, verdadeiros berços esplêndidos da música nordestina, que embalaram o talento dessas mulheres. Em contrapartida encontramos histórias cheias de dificuldades, como é o caso de Ângela Linhares, intérprete da música “Boi Mansinho” do CD “Solo Feminino 2”, de Pingo de Fortaleza e Oswald Barroso, que conta as suas vivências:

“Eu não queria viver determinadas coisas que estavam me aparecendo, por exemplo: eu tive uma filha, ela tinha três pra quatro anos quando eu vim ou pouco antes, eu botei numa escolinha e eu tinha uma oscilação assim: tinha dias que eu tinha muito o que comer, tinha dias que não tinha.”

No relato de Izaíra Silvino, intérprete da música “Solecanto”, do CD “Solo Feminino 3”, de Pingo de Fortaleza, um achado: o seu pai, um homem do começo do século XX, um coronel da Polícia Militar, José Silvino da Silva, fez a diferença na educação de seus filhos, valorizando a mulher a partir da vida doméstica:

“O meu pai, apesar dessa fuxicada toda com meus irmãos homens, o meu pai não deixava nenhuma mulher fazer nenhum trabalho pesado, quem lavava, é... quem lavava banheiro na minha casa, quem varria casa, quem limpava o quintal na minha casa, quem cuidava do jardim da minha casa era homem, porque homem era que tinha de fazer esses trabalhos, mulher não fazia isso não. Quem fazia comida na minha casa, também era homem, quem lavava a louça eram os homens.”

Tudo começa com a ideia. E a ideia é o resultado da iluminação de um conhecimento construído no decorrer de uma trajetória, que dá seguimento à edificação de outros conhecimentos. “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense, 1900 – 2017, Histórias e Relatos de Vida”, uma obra de arte, de história e de vida, iluminada pelos saberes constituídos ao longo de estudos e pesquisas, instiga a continuidade da busca do conhecimento nesse universo tão vasto que é a música cearense.

Maria Vilani

Professora, escritora e ativista cultural cearense
madrugada agradabilíssima no Grajaú/SP

INTRODUÇÃO

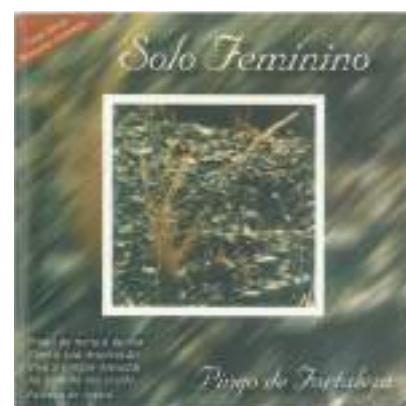
Gestando o Solo Feminino – uma introdução

O projeto “Solo Feminino” (três CDs e livro) não foi pré-concebido ou pensado integralmente antes do início de suas ações de execução. Ele na realidade é fruto de uma sequência de realizações no campo da produção musical, que tem início com a concretização, em 2002, do CD intitulado “Solo Feminino”, que apresenta um conjunto de 16 canções de minha autoria e parceiros, interpretadas por 16 cantoras (15 cearenses e uma paulista), acompanhadas ao som do meu violão. Esse disco nasceu da minha predileção pelo cantar feminino e a vontade de ver minhas composições interpretadas por esse universo vocal, a maioria delas criadas especificamente para cada voz feminina participante do CD.

Dada a repercussão positiva do CD “Solo Feminino”, em 2004 produzo o CD “Solo Feminino 2”, com mais 16 canções de minha autoria e parceiros interpretadas por outras 16 intérpretes cearenses, agora sob o acompanhamento do músico Tony Maranhão ao piano, pois a ideia de nominar os discos de solos era ter as vozes femininas acompanhadas apenas de um instrumento, priorizando a emoção da interpretação em detrimento de um maior aparato musical disponível por meio de arranjos que englobassem mais instrumentos de acompanhamento.

Uma peculiaridade é que ambos os CDs (“Solo Feminino”, de 2002, e “Solo Feminino 2”, de 2004) terminam seu repertório com uma interpretação minha de uma Loa de Maracatu composta no período das realizações de cada CD.

Após o lançamento do “Solo Feminino 2” e da boa receptividade desse disco, veio-me a ideia de continuar registrando as vozes cearenses e de alguma forma vir a consolidar um mapeamento cultural desse segmento da cultura musical do estado do Ceará, ao mesmo tempo que com a advento desse conjunto de produções



Capa da 1ª edição do CD Solo Feminino, independente, 2002.



Capa da 1ª edição do CD Solo Feminino 2, independente, 2004.



Capa da 3ª edição do CD Solo Feminino 1, independente, 2017.



Capa da 2ª edição do CD Solo Feminino 2, independente, 2017.



Capa da 1ª edição do CD Solo Feminino 3, independente, 2017.

nesse universo, abria-se a possibilidade de pensar e publicar a historicidade do feminino no cancioneiro cearense e de registrar as memórias e histórias de vida de um conjunto dessas mulheres.

Desta forma, tentei por vários anos produzir o CD “Solo Feminino 3”, o que só consegui dar início em 2016. Paralelamente ao processo de produção do disco “Solo Feminino 3”, idealizei o relançamento em conjunto dos três solos em formato de coleção e posteriormente, como forma de otimização que englobasse toda essa produção musical específica do cantar feminino cearense, imaginei a confecção de um livro que apresentasse um maior número de informações sobre a história desse segmento e dialogasse com o material sonoro dos CDs.

Concretizado o CD “Solo Feminino 3” e de posse de um material sonoro, que reúne mais de 70 vozes femininas do Ceará no conjunto dos três CDs, finalmente me veio a ideia da concepção final do projeto “Solo Feminino”, que além de trazer o lançamento concomitante dos três CDs “Solos Femininos”, por meio de uma coleção, apresenta também o Livro “Pérolas — O Feminino no Cancioneiro Cearense”, que aborda a historicidade da presença feminina na música do Ceará, principalmente dentro da definição clássica e abrangente da MPB (Música Popular Brasileira) e seus gêneros e movimentos precusores, tais como a denominada música de salão e ainda música ligeira, ou popular, desde o início do século XX até nossos dias (2017). O livro “Pérolas” também transcreve em seus capítulos um conjunto de entrevistas com as protagonistas mulheres presentes na música deste estado.



Na concepção final do projeto, os CDs “Solo Feminino” (2002) e “Solo Feminino 2” (2004) foram revisitados e receberam o acréscimo de duas faixas bônus em cada um e a retirada das faixas das loas de maracatu por mim interpretadas em ambos. Já o CD “Solo Feminino 3” teve a gravação inédita de 17 faixas e a inclusão de uma faixa bônus em seu repertório. Outra característica dos CDs “Solos” é a inclusão de três faixas intituladas “Solos Femininos 1”, “Solo Feminino 2” e “Solo Feminino 3”, incluídas nos respectivos CDs e interpretadas por grupos vocais femininos.

Desta forma, o projeto “Solo Feminino”, composto pela coleção Solos Feminino (três CDs com 18 faixas cada) e o livro “Pérolas – O Feminino no cancioneiro Cearense”, procura apresentar, mesmo que com lacunas e ausências inevitáveis em seu conjunto de citações, um amplo universo da presença feminina na música cearense dentro do que convencionalmente se define por MPB (gênero musical amplo, porém com forte relação com as canções predominantes nos festivais de música surgidos no Brasil na década de 1960). O projeto também evidencia a presença e a produção feminina cearense no contexto de alguns gêneros musicais precusores do que veio a se convencionar no geral de MPB, tais como modinhas, lundus, maxixes, sambas, canções e músicas chamadas de clássicas do início do século XX.



Juliana Roza, em gravação do CD Solo Feminino 3, 2017.



Pingo de Fortaleza, Ailton Montezuma, Mel Mattos e Tony Maranhão, em gravação do CD “Solo Feminino 3”, 2017.



Olga Ribeiro e Pingo de Fortaleza, em gravação do CD Solo feminino 3, 2017.



Pingo de Fortaleza e Ivonilde Rodrigues, em entrevista para o livro “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense”, 2017.

Embora referencie a MPB neste livro, em meus trabalhos tenho cada vez mais adotado conceitos abrangentes, que permitem a não discriminação de um determinado segmento cultural. Não é o propósito deste livro estabelecer as características e os limites de determinadas produções musicais e associá-las a um ou a outro conceito de gênero ou estilo, mas simplesmente mapear as ações e a realização das mulheres no campo da produção musical no estado do Ceará.

O projeto “Solo Feminino” não só apresenta as vozes de mais de seis dezenas de intérpretes do estado do Ceará em seus 3 CDs – que englobam um intervalo de mais de 70 anos (Ayla Maria presente no CD “Solo “Feminino 2” começou sua carreira na década de 1950 e algumas cantoras do “CD Solo Feminino 3” começaram suas trajetória musicais nos primeiros anos da segunda década do século XXI) – mas também expõe a historicidade, as atuações e as realizações desse conjunto de mulheres artistas e também suas falas, concepções e principalmente trechos de suas histórias de vida, através da transcrição no livro “Pérolas” de mais de uma dezena de entrevistas realizadas com essas mulheres produtoras no campo da música.

Para ilustrar esse conjunto de informações o livro “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense” se apresenta dividido em nove capítulos, além de um prefácio e de um texto de introdução que explica a concepção do projeto “Solo Feminino”.

No capítulo 1, são citadas as mulheres musicistas cearenses que tiveram suas obras registradas, através de partituras e discos no período que se inicia com



Pingo de Fortaleza e Ayla Maria, em entrevista para o livro “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense”, 2017.

a chegada do século XX e segue até por volta de meados da década de 1930. No capítulo 2, há prioritariamente uma descrição de um conjunto de mulheres que atuaram nas rádios cearenses e alcançaram visibilidade entre as décadas de 1930 e 1950. O capítulo 3 do livro relata o surgimento das emissoras de TVs no Ceará e os festivais nacionais de música, além de enumerar um conjunto de festivais ocorridos no Ceará na década de 1960 e pontuar a participação das mulheres nesses eventos.

Já o capítulo 4 aborda a presença das mulheres nos movimentos artísticos conhecidos por “Pessoal do Ceará” e “Massafeira” que se consolidaram entre os anos de 1970 e 1981. No capítulo 5 são explicitadas as trajetórias das mulheres cearenses na música que surgiram e atuaram na década de 1980. Em seu sexto capítulo, o livro apresenta o conjunto de produções (shows e discos) das mulheres cearenses na última década do século XX. No capítulo 7 são apresentadas as produções das mulheres cearenses do início do século XXI até nossos dias (2017). O capítulo 8 do livro destaca as questões étnicas e de gênero presente nas obras de algumas mulheres musicistas cearenses. Por fim, em seu capítulo 9, o livro apresenta uma pequena conclusão de um trabalho reconhecidamente inconcluso.

Embora assine em grande parte os frutos desses “Solos”, claro e evidente, que este trabalho é eminentemente coletivo, não só em seu campo criativo e artístico, mas profundamente em suas logísticas de produção e de apoios individuais e institucionais, e é muito importante frisar este fundamental aspecto do projeto Solo Feminino.

Por fim, desejo em nome de todas e todos que fizeram estes “Solos Femininos”, que o conjunto de suas obras lhes sejam continuamente férteis...



Arnóbio Santiago, Nayra Costa, Vinícius e Tony Maranhão, em gravação para o CD Solo Feminino 3, 2017.



Pingo de Fortaleza e Gigi Castro, em gravação para o CD Solo Feminino 3, 2017.



Goretti Almeida, em gravação para o CD Solo Feminino 3, 2017.



Capítulo 1 — As precursoras da música cearense e seus registros (de 1900 a 1937)

Toda narrativa é por natureza excludente, mesmo que delimitada para narrar espaços geográficos e tempos específicos, porque de alguma maneira explicita a visão de um narrador, que por sua vez aborda suas temáticas de ângulos distintos, a partir de suas visões pessoais e de outras impressões e citações em que se baliza para interpretar seus olhares.

Portanto esse “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense”, que se propõe a historicizar a presença das mulheres na música produzida no estado do Ceará, estará repleto de lacunas e ausências e silêncios. Mas no seu conjunto, com certeza alguns marcos históricos nesse segmento serão elucidados e muitos outros dados serão citados, criando um painel amplo que somado a outros olhares históricos já realizados e outros que ainda virão abordando o mesmo tema, irão tecendo essa teia das narrativas construtivas da memória do feminino no cancioneiro cearense.

Evidente que as primeiras contribuições femininas no campo da criação e da difusão musical no espaço físico que hoje denominamos estado do Ceará tem início num tempo bem anterior à definição do que hoje vem a ser a Terra da Luz (denominação do estado do Ceará em função da libertação oficial dos africanos aqui escravizados em 1884, quatro anos antes da libertação dos escravizados no Brasil).

As primeiras mulheres musicistas do Ceará com certeza caminhavam com seus povos pelos litorais, sertões e serras destas terras e entoavam seus cânticos em festas e rituais, uma herança presente atualmente nas rodas de torém do povo Tremembé que entoa em sua língua a canção “Ererequatiá” e também em outras nações cearenses e tipificadas na obra musical da Cacique Pequena, do povo Jenipapo Canindé: “...*No morro do Urubu, o som do maracá, a lagoa é bonita, é boa de se banhar...bate o toré... bate o toré...*”. Esse canto entoa a ancestralidade de seu povo e também representa uma herança reelaborada em alguma parte da minha obra musical, um Paiacu assumido que sou dos litorais do Beberibe.

Da mesma forma que também as primeiras musicistas mulheres negras do Ceará, foram as trazidas como escravas que embalavam seus filhos com cantigas de ninar e entoavam cantos de louvor e de brincar em suas rodas, em suas giras, em seus terreiros e em suas festas múltiplas durante séculos. Conjunto de obras ainda presente nos terreiros de umbanda, nas roças de candomblé, nas rodas de capoeira, nos cortejos de maracatus e nas sínteses musicais que brotam de todos esses cantares pelas paragens cearenses e que permanecem em cada um de nós, como nos cantares e loas de Inês Mapurunga.

Também tivemos inúmeras mulheres musicistas de outros povos, principalmente europeus que chegaram no bojo da invasão (colonização) das terras que hoje representam o estado do Ceará, e que traziam seus cânticos e aqui criavam e recriavam todos os seus cantares, mas que igualmente aos nossos ancestrais negros e indígenas quase não tiveram suas canções registradas e que muito resistiram através da cultura oral, assim como também muito se perdeu e muito se transformou nessa eterna mutação cultural.

Portanto, quase nenhum registro ressalta a existência e a permanência dos cantares dessas mulheres em solo cearense em seus primórdios (séculos XVI a XIX), nenhum livro com partituras, nenhuma gravação, nenhum relato mais aprofundado sobre a presença das mulheres na música produzida no estado do Ceará até o final do século XIX.

Talvez o primeiro texto que aborde a produção musical cearense em sua coletividade seja o de Zacarias Gondin, músico sobralense e professor de música do colégio Liceu, que traz o título “Traços ligeiros sobre a evolução da música no Brasil em especial no Ceará”, publicado em 1903 em comemoração ao tricentenário dos portugueses no Ceará, pela Typographia Minerva, de Fortaleza. O convite para Zacarias produzir este trabalho foi feito pelo Barão de Studart, responsável, à época, por um conjunto de publicações memorialista do Ceará e pelo também fato de Zacarias ter escrito para o jornal A República um artigo sobre a música indígena brasileira.

Esse primeiro registro escrito sobre a coletividade da música cearense traduz uma lacuna existente até hoje sobre os registros dos cânticos de nossos ancestrais indígenas e negros presentes nessas paragens, mesmo diante de um universo populacional de um Ceará já miscigenado no final do século XIX.

Zacarias Gondim argumenta em seu texto de 1903 que as artes Cearense não eram valorizadas pelas elites e que o ambiente musical nesse estado era bastante precário com falta de escolas de música e de incentivos governamentais, com salários irrisórios dos músicos de bandas e outros aspectos sociais da música (felizmente essas observações de Zacarias não são integralmente atuais no Ceará, embora alguns aspectos de sua análise permaneçam vigentes até nossos dias). Em seu texto, Zacarias cita um conjunto de compositores e músicos atuantes no Ceará no início do século XX. Algumas destas observações realizadas por Zacarias foram destacadas pela professora Lusila Pereira da Silva Basile em sua tese “O Piano na Praça. Música Ligeira e Práticas Musicais no Ceará (1900 – 1930)”, pela UFMG em 2015.

Contudo, vale ressaltar que o autor de “Traços ligeiros sobre a evolução da música no Brasil em especial no Ceará” não faz referência a nenhuma mulher em atividade na música cearense nesse período e nem aos registros de suas obras, fato que revela outra lacuna em seu painel. Com o advento de edições comerciais de partituras no Brasil de meados do século XIX, também tivemos publicações de partituras comercializáveis no estado do Ceará, embora os primeiros registros dessa forma de escrita musical por autores cearenses só viriam aparecer no final do século XIX e início do século XX, inclusive com a presença de mulheres dentre as obras publicadas.

É o caso de Branca Bilhar, pianista e compositora que tem uma partitura de sua obra publicada em 1902, portanto um ano antes do texto de Zacarias Gondim (1903).

Branca Lopes de Alcântara Bilhar nasceu na cidade do Crato em 1886 e faleceu aos 42 anos no Rio de Janeiro, em 22 de dezembro de 1928. Era sobrinha do compositor Sátiro Bilhar e fundou com sua irmã, Ana Bilhar, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, inicialmente na cidade serrana Guaramiranga (CE) e mais tarde reaberto em Fortaleza.

São inúmeras as composições para piano de Branca Bilhar, tais como: “Alaíde” (valsa de salão), “Allegro de Concert”, “Ao Violão”, “Bailado Indígena”, “Dedicação”, “Valsa Lenta”, “Ensaio de Composição”, “Estudo de Concerto”, “Improviso”, “No Sertão”, “Cateretê”, “Os heróis de Copacabana”, “Primeira Valsa”, “Recordação Sertaneja”, “Reminiscência”, “Samba Sertanejo”, “Serenata Espanhola”, dentre outras, além de



Branca Bilhar – 1937
Acervo Nirez.



Primeira parte da partitura de “Samba Sertanejo” de Branca Bilhar.



Primeira parte da partitura de “A Cabôcla”, de Branca Rangel (fonte: livro “A modinha cearense”, de Edigar Alencar, 1967).

canções letradas como Sabiá (com letra de Luís Murat) e As Esmeraldas (com letra de Álvaro Bomilcar da Cunha).

Assim como Branca Bilhar, nesse começo do século XX, outras mulheres se destacaram em suas produções musicais no Ceará e tiveram registradas suas obras em partituras, principalmente no campo das criações para piano, o que reflete a presença marcante deste instrumento na sala das casas de famílias pertencentes a uma faixa da população com mais recursos financeiros. Essa prática era costumeiramente realizada por mulheres, que também, na grande maioria dos casos, eram as responsáveis pelo ensino de piano em suas residências ou em outros espaços.

Outra mulher que se destaca nesse cenário é Branca Rangel, nascida no Ipu em 3 de julho de 1892 e falecida no dia 6 de abril de 1963, em Fortaleza, aos 71 anos de idade. Branca Rangel viveu sua juventude em Sobral quando se interessou e começou sua prática musical. Foi por volta de 1910 que criou as suas primeiras composições. Adulta, Branca Rangel veio pra Fortaleza e se dedicou até sua morte ao ensino de piano. Juntamente com as professoras Ester Salgado Studart da Fonseca e Nadir Morais Parente, fundou em 1919, o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno.

Assim como Branca Bilhar, sua xará Branca Rangel interagiu com poetas e letristas e criou um conjunto de composições de diversos gêneros cantadas e consta que também se apresentava em clubes, teatros e festas particulares. “Minha Terra” é uma modinha composta para piano e voz, de autoria da compositora com letra de Juvenal Galeno:

*Minha terra / Ah! Minha terra!
Tão querida e bela!...
Pra longe dela vou me ausentar
Na terra alheia só me fazem guerra
Na minha terra, meu amor é lá...
Pode ser que um dia, a existência finda
Pra que ainda eu possa lá voltar
Na minha terra te me fazem verso!...
Meu universo!... Meu amor é lá.*

(RANGEL, “Minha Terra”, 1955)

Embora algumas partituras de canções de Branca Rangel, como a obra “Minha Terra”, tenham sido transcritas pelo copista Gilberto Petronillo com a data de 1955, se pressupõe que muitas de suas obras devem ter sido criada entre os anos

de 1910 a 1930. Esse pressuposto é uma observação realizada pela professora Ana Luiza Rios Martins em sua tese “Entre o Piano e o Violão: A Modinha e a Cultura Popular em Fortaleza (1888-1920)”.

Algumas outras compositoras se destacam nesse período e têm suas obras citadas e publicadas, como é o caso de Heloisa Brigito Borba, Luci Barroso e Diva Câmara, pianista e compositora autora de “Casinha de Roseiral”, obra publicada



Primeira parte da partitura de “Casinha do Roseiral”, de Diva Câmara (fonte: livro “A modinha Cearense”, de Edigar Alencar, 1967).



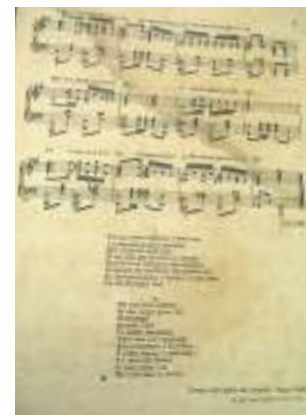
Poema “Praias do Ceará”, de Diva Câmara (fonte: livro “A modinha cearense”, de Edigar Alencar, 1967).



Capa da partitura de “Por que Não Voltas?”, de Lucy Barroso.



Primeira parte da partitura de “Por que Não Voltas?”, de Lucy Barroso



Segunda parte da partitura de “Por que Não Voltas?”, de Lucy Barroso



Capa da partitura de “Alma Dilacerada”, de Hilda Marçal Matos.



Primeira parte da partitura de “Alma Dilacerada”, de Hilda Marçal Matos.



Capa da partitura de “Trianon”, de Hilda Marçal Matos. Acervo Nirez



Capa da partitura de “Sofro com teu Desprezo”, de Hilda Marçal Matos. Acervo Nirez

em 1928. Outra compositora citada com obras publicadas na mesma época é Laura Maia, mãe do compositor Lauro Maia, que era além de compositora regente de banda de música.

Contudo cabe ressaltar a obra e as realizações da compositora cearense Hilda Marçal Matos, como umas das mulheres precursoras em registros musicais do estado do Ceará. Mesmo sem sua biografia ainda evidenciada por estudiosos do tema, podemos constatar um conjunto de obras publicadas dessa compositora, que de acordo com alguns, viveu no bairro da Parangaba em Fortaleza e teve suas obras evidenciadas nas primeiras décadas do século XX, tais como o lançamento do tango “Alma Dilacerada”, em novembro de 1924, música de autoria de Hilda Marçal Matos, Op.1, e versos de Júlio Sobreira Filho, sendo editada em partitura para piano e canto pela Casa Editora Ceará Musical, de Antônio Mouta & Companhia, na Rua Barão do Rio Branco nº 182 (antigo), com oferecimento à D. Maria Joana Brígido Borba, digna esposa do major Virgílio Borba.

São ainda de autoria de Hilda Marçal Matos (que às vezes usava um pseudônimo com seu nome invertido: Adlih Sotam) algumas em parceria com letristas, muitas outras obras publicadas, principalmente pela Casa Editora Ceará Musical, tais como: “Teu Triste Olhar”, “Trianon”, “Beijos em Excesso”, “Sofro com teu Desprezo”, dentre outras.

Porém o maior feito desta artista foi ter duas de suas composições gravadas em disco, em 1927, pelo maior cantor brasileiro da época, Francisco Alves, pois



Imagem 28 - Rótulo do disco Odeon, 78 rotações, 1927, canção “Pequei em Te Beijar”, de Hilda Marçal Matos, acervo Nirez.



Rótulo do disco Odeon, 78 rotações, 1927, canção “Beijos em Excesso”, de Hilda Marçal Matos, acervo Nirez.

era grande o sucesso desse artista nesse período e, portanto, talvez enormes suas demandas de canções a serem gravadas, além do fato desse processo ocorrer no Rio de Janeiro, cidade distante na terra natal de Hilda Matos. Talvez essa a primeira gravação de uma compositora cearense em disco. Os primeiros discos no Brasil foram lançados no início do século XX e já em 1908 o compositor cearense Ramos Cotoco tem suas composições gravadas pelo cantor Mário Pinheiro.

O disco foi lançado pela gravadora Odeon e traz as faixas “Pequei em Ti Beijar” e “Beijos em Excesso”, ambas assinadas por Adlih Sotam (pseudônimo de Hilda Matos). No disco, a voz de Francisco Alves é acompanhada pela Orquestra Pan American do Cassino de Copacabana. Não se sabe ao certo o fato da compositora usar um pseudônimo para assinar a autoria dessas canções. Mas devemos considerar, aqui, um marco histórico importante para as mulheres musicistas cearenses.

Outro marco histórico que merece ser lembrando e que deve ser ressaltado no universo do feminino no cancioneiro cearense é o registro vocal em discos da primeira cantora do Ceará. Fato que ocorre em 1937 com a participação da intérprete Tapuia (Lourdes Alcântara) em duas faixas ao lado do seu parceiro de dupla Xerém (Pedro Alcântara). Xerém e Tapuia, eram irmãos e tinham trabalhado com o famoso Pequeno Édison (também irmão da dupla), que fez grande sucesso em Fortaleza na década de 1920. A família era oriunda do município de Baturité.

A voz de Tapuia aparece no disco lançado pela gravadora Victor, em 1937, com os artistas “Tapuia – Xerém e sua Tribu” e apresenta as faixas “Quadria no Arraiá”, de Dão Xerém e Pequeno Edison, e “Forró na Roça”, de Dão Xerém e Manuel Queiroz. Curiosamente para muitos dos pesquisadores de música esse disco traz o primeiro registro do termo “Forró” na música brasileira.

Outro fato interessante acerca da participação das mulheres no cenário musical cearense nas primeiras décadas do século XX está em suas presenças na formação de grupos musicais que surgem principalmente na cidade de Fortaleza. Embora, em grande minoria, elas aparecem compondo grupos que se destacam na cena musical do Ceará nesse período. É o caso da cantora integrante do grupo Liceal: Laura Santiago (Luri), que consta como uma das primeiras cantoras da Ceará Rádio Clube.

Ah, mas aí o Rádio Chega no Ceará e com ele muitas mudanças...



Rótulo de disco Odeon, 78 rotações, 1937, canção “Quadria no Arraiá”, de Dão Xerém e Pequeno Edison, acervo Nirez.



Rótulo do disco Odeon, 78 rotações, 1937, canção “Forró na Roça”, de Dão Xerém e Manuel Queiroz, acervo Nirez.



Xerém & Tapuia – 1937 (fonte: <https://www.youtube.com/user/esther9011/videos> - Esther9011).



Xerém & Tapuia – GANGOËRA - Pequeno Édison - Xerém. Disco Victor 34.338-A. Julho de 1938. (fonte: <https://www.youtube.com/user/lucianohortencio> - Luciano Hortêncio).



Laura Santiago (Luri) 1937, acervo Nirez.



Luri e o Conjunto Liceal, 1938, acervo Nirez.



Capítulo 2 – As Vozes Femininas Cearenses do Rádio (1934 a 1965)

Muitos apresentando-se ao vivo em múltiplos espaços físicos, lecionando música em suas residências ou em escolas, alguns poucos registrando suas obras em partituras de nenhuma ou pouca tiragem e pouquíssimos gravando discos com a comercialização de pequenas quantidades de cópias (pois, poucos também eram os que tinham aparelhos de reprodução de discos). Era assim a dinâmica dos músicos em geral no universo do pequeno mercado musical existente no Brasil até o surgimento das emissoras de rádio, por volta das décadas de 1920 e 1930, que fizeram ecoar e chegar a milhares de pessoas o tocar e o cantar de todos os gêneros musicais, modificando de sobremaneira, até nossos dias, a produção e o acesso à música produzida em todas as paragens.

No Brasil, a primeira emissora de rádio surgiu com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco, em 1919, mas só em 1923 essa rádio organiza-se como emissora. As primeiras emissões de rádio no Brasil surgem de fato em 1922, e em 1923 é instalada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (hoje denominada rádio MEC). No mesmo estado do Rio, em 1936 é fundada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que com seus programas de auditórios e radionovelas, compostos por grande elenco de cantoras, cantores e atores, vai servir de modelo e inspiração para um conjunto de emissoras de rádio já existentes no Brasil e para outras emissoras que continuarão surgindo por todos os cantos do país.

No Ceará no final da década de 1920, precisamente em 1928, surge a Rádio Educadora Cearense, de pequeno porte e vida curta. Já em 1934 foi inaugurada a primeira emissora de rádio oficial em solo cearense: a Ceará Rádio Clube, conhecida como a Pioneira (popularmente chamada de PRE-9 em função de seu prefixo), fundada por João Dummar que, em 1936, passa a funcionar em grande sede própria no bairro Damas, em Fortaleza, e que em 1944 é vendida para o grupo Diários Associados.

Dando sequência à criação das grandes emissoras cearenses, surge em 1947 a Rádio Iracema (mantinha relação com a Rádio Nacional do RJ), que deu origem a uma pequena cadeia de emissoras espalhadas por muitos municípios cearenses (Juazeiro do Norte, Iguatu e Sobral, dentre outros). Já em 1949 essa



Maria Lourdes Gondim, acervo Nirez



Maria Guilhermina, acervo Nirez

emissora de rádio conta com um auditório com capacidade para mais de 500 lugares. Posteriormente são criadas no Ceará a Rádio Uirapuru (1956), Rádio Verdes Mares (1956) e Rádio Dragão do Mar (1959). Nos anos seguinte vão continuar surgindo emissoras de rádio pro todo Ceará, assim como algumas vão deixar de existir.

Portanto é possível afirmar que entre meados da década de 1930 ou início da década de 1940 (eram raros os programas locais nos primeiros anos de programação da Ceará Rádio Clube) e o final da década de 1950 vamos ter um conjunto expressivo de emissoras de rádio no estado do Ceará contando com uma vasta programação e um enorme alcance de público. No final dos anos de 1950 a cidade de Fortaleza possuía cinco estações de rádio: Ceará Rádio Clube, Rádio Iracema, Rádio Uirapuru, Rádio Verdes Mares e Rádio Dragão do Mar.

Dentre as atrações dessas emissoras cearenses, destacam-se suas programações musicais, principalmente seus concorridos programas de auditório, inspirados nos programas de auditório das rádios cariocas, em que cantoras e cantores se apresentam ao vivo acompanhados de completas orquestras musicais. De acordo com Edgard Patrício, em sua tese “A Voz o Ceará – Comunicação e educação na trajetória da Ceará Rádio Clube de 1934 a 1948”, do total das programações das emissoras nacionais em 1947, aproximadamente 60% era de programação musical. É nesse cenário de crescente visibilidade radiofônica, que passam a surgir no estado do Ceará, assim como em outras regiões do Brasil, um grande número de cantoras, posteriormente denominadas “cantoras de rádio”, que terão suas vozes e seus talentos reconhecidos (umas mais e outras menos) por um universo expressivo do público cearense. A grande maioria permanece atuando apenas no Ceará, mas algumas conseguem se destacar nacionalmente. Contudo é nesse segmento radiofônico que vamos encontrar o maior número de mulheres musicistas atuando com visibilidade no estado do Ceará entre as décadas de 1940 e final de 1950.

Como a Ceará Rádio Clube era a única rádio cearense até 1947, ano que surge a Rádio Iracema, os primeiro registros de cantoras de rádio no Ceará se dão nessa emissora.

Em 1942, temos notícias das irmãs Gondim acompanhadas da Orquestra Brasileira no estúdio da Ceará Rádio Clube (pianista Maria de Lourdes Hermes Gondim, mãe da cantora Maria Guilhermina, e Margarida Gondim). Em 1948, a pianista Maria Lourdes Gondim apresentava-se nessa emissora o programa “Sala

de Concertos”. Também nos anos de 1940 a cantora Luri Santiago é citada como uma das principais presenças na programação do auditório da Ceará Rádio Clube, ela que por volta de 1938 já fazia parte do grupo Liceal, sendo a única mulher de sua formação.

Terezinha Holanda era uma das atrações da “Hora da saudade” ou “Coisas que o Tempo Levou”, famoso programa da PRE-9, criado ainda na década de 1930 por Raimundo Menezes e que a partir da década de 1940 passou a ser apresentado por Limaverde.

São ainda lembradas como cantoras da Ceará Rádio Clube: Tânia Maria, Vera Lucia, as Irmãs Vocalistas (Cleide e Adamir Sousa Moura), que dentre outros programas apresentavam-se em 1948 no programa Caixinha de Música, ao lado de Hidelberto Torres, e a cantora Keyla Vidigal, que se destaca por suas interpretações fortes e de grande comunicação com o público, sendo aclamada por alguns como a Rainha dos Auditórios. Consta que Keila Vidigal, nos anos de 1950, foi para a Rádio Tupi na capital federal (Rio de Janeiro).

Há notícias de um programa intitulado “Homem Não”, só com vozes femininas, na Ceará Rádio Clube em 1947. Contudo, numa imagem da Orquestra da Ceará Rádio Clube de 1948, publicada no livro “Coisas que o tempo Levou – A Era do rádio no Ceará” (edição independente, 1994), de Marciano Lopes, podemos constatar que só haviam homens em sua formação.

Com a criação da Rádio Iracema, em 1947, surge um novo espaço de difusão das vozes femininas cearenses. No elenco dessa emissora vão tomar parte um conjunto representativo de cantoras nascidas e atuantes no Ceará. Zuila Aquiles (Lá Aquiles) Consta como uma das primeiras cantoras da Rádio Iracema. Ela participava do programa ao lado de Carlos D’Alge e depois de algum tempo nessa emissora passou a integrar o elenco da Ceará Rádio Clube.

A Rádio Iracema passa a contar com um grande elenco de cantoras, o que é possível constatar no show de inauguração de sua nova sede em 1954 (edifício Guarani) que conta com a presença de Ângela Maria, cantora carioca famosa nacionalmente, e muitas cantoras do Ceará, tais como: Vera Lúcia, Salete Dias, Lúcia Elizabeth, Terezinha Nogueira (cantora de voz lírica), Terezinha de Jesus, Ayla Maria, Ivanilde Rodrigues (que também veio a atuar posteriormente no teatro e no cinema) e Celina Maria, soprano que foi para o conservatório de Milão e cantou no



Irmãs Vocalistas, Cleide e Adamir Moura, acervo Nirez



Keila Vidigal, acervo Nirez



Salete Dias, acervo Nirez



Celina Maria, acervo Nirez



Ayla Maria, acervo Nirez



Ayla Maria, acervo Nirez

Teatro Scala, voltando à Fortaleza para se apresentar no Teatro José de Alencar, adotando o pseudônimo de Riva Mar. Celina Maria, conhecida como Riva Mar, faleceu no Rio de Janeiro.

No Ceará, por volta do início dos anos de 1960, difundiu-se em alguns meios, uma disputa entre as duas estrelas do Rádio Cearense, Ayla Maria e Ivanilde Rodrigues, tendo como exemplo o que ocorria no estado do Rio de Janeiro envolvendo as cantoras Emilinha Borba e Marlene, no tempo em que se escolhia a Rainha do Rádio. Ambas protagonizaram, em suas carreiras, múltiplos momentos de destaque e grande acolhimento do público cearense.

Ayla Maria, natural do município de Monsenhor Tabosa, começou sua trajetória musical ainda menina, aos 10 anos, na Ceará Rádio Clube e depois se transferiu para a Rádio Iracema. Conta-se que subia, à época, num banquinho para alcançar a altura dos microfones da emissora.

Ayla Maria foi uma das cantoras de rádio do Ceará que mais se destacaram, chegando a cantar na Rádio Nacional do Rio de Janeiro e no Festival Nacional de Rádio, no Maracanãzinho lotado, em 1958. Ganhou o título de Princesa do Rádio, recebendo a faixa de Yoná Magalhães, no Rio de Janeiro, e, durante muitos anos, Ayla Maria foi escolhida a melhor cantora do Ceará pela importante “Revista do Rádio” (o público votava através de cupons impressos na revista). Ayla também atuou nas artes cênicas, encenando, no Teatro, personagens infantis e participando da opereta “A Valsa Proibida”, de Paurilo Barroso (a artista participou do lançamento do espetáculo em 1965 e de sua remontagem em 1984, que contou com a presença de Raimundo Arraes).

Ayla Maria ficou conhecida como a “A Voz Orgulho do Ceará” e, diferentemente de muitas outras cantoras desse período, continuou atuando na música de forma intensa nas décadas seguintes, em shows, no teatro e posteriormente na televisão.

Ayla Maria realizou muitas gravações, como por exemplo, o registro vocal da canção “Babalu”, de autoria de Margarita Lecuona, numa versão de Humberto Porto (Columbia, 1959), e o LP “Voo Musical Varig”, ao lado de Ivanildo e Seu Conjunto (Mocambo, em 1965). Nas décadas seguintes, lançou alguns LPs e CDs, principalmente ao lado do cantor Arraes, como por exemplo, o LP “Ayla Maria e Raimundo Arraes – Recital de Canções Românticas – Boa Noite, Amor” e o CD “Ayla

e Arraes — Amigos para Siempre” (Independente, 2009). Ayla participa também de vários discos coletivos como ao interpretar ao lado de Arraes a canção “Febre de Amor”, de Lauro Maia, no LP duplo “Lauro Maia 80 Anos” (Equatorial, 1993) e do CD “Solo Feminino 2” interpretando “A Voz do Ser” de Pingo de Fortaleza, Tony Maranhão e Alan Mendonça (Independente, 2004).

Ayla participou ainda na década de 1960 da programação da TV Tupi (Ceará) e décadas depois apresentou um programa ao lado do cantor Arraes em diversas emissoras de televisão do Ceará. Em 2014 teve sua biografia contada no livro “Ayla Maria, a voz orgulho do Ceará”, de autoria de Arrais Maia e Assis Almeida, lançado pela Editora Premium.

As emissoras de rádio que surgem na segunda metade da década de 1950 no Ceará (Uirapuru, Verdes Mares e Dragão do Mar), de alguma maneira, já são inauguradas com tendências em várias frentes, tais como o jornalismo e o esporte, e já não vão possuir em seus elencos um conjunto de cantoras. Embora tenham seus programas de auditório, pelo menos esse não é o foco que se evidencia em suas programações. Coincidentemente nesse mesmo período, chega ao mercado o LP (Long Play) de 33 RPM (rotações por minuto), que se caracteriza principalmente pela reprodução de um número maior de músicas, diferentemente dos discos antigos de 78 RPM, os discos de goma-laca, conhecidos como disco de cera, que só possuíam uma canção por face. Na realidade, o LP foi lançado comercialmente em 1951, mas só começaria a suplantiar o formato anterior a partir de 1958.

É nesse contexto do surgimento de novas emissoras de rádio no Ceará, no final da década de 1950, que vem a se destacar inicialmente na Rádio Dragão do Mar e posteriormente, na Rádio Iracema, a cantora Ivanilde Rodrigues. Natural de Canindé, nascida em 1942, Ivanilde migrou pra Fortaleza ainda menina, com oito ou nove anos, e aos 12 anos participa de um concurso de talentos do radialista Peixoto de Alencar intitulado “Matinal dos Brotinhos”, realizado no clube Suerdick (marca de charutos e cigarilhas), quando se destaca em primeiro lugar cantando a canção “Orgulho” de Ângela Maria. Recebe como prêmio desse concurso uma foto produzida no estúdio Brasil.

Em 1959, ela se inscreve como cantora no concurso semanal da Rádio Dragão do Mar “Passaporte para a Fama”, tendo à frente o locutor carioca Mário Filho. Durante praticamente um ano, segue ganhando no final de cada mês esse concurso com os finalistas semanais. Após sua evidência nesse programa é contratada para



Capa LP “Recital de Canções Românticas Boa Noite Amor”, Acervo Pingo de Fortaleza



Contra Capa LP “Recital de Canções Românticas — Boa Noite Amor”, Acervo Pingo de Fortaleza



Capa Revista Folha do Rádio (Ivanilde Rodrigues), acervo Nivez



Ivanilde Rodrigues e Alan Neto à esquerda



LP “Eis a Estrela – Ivanilde Rodrigues”, 1963,
Acervo: Ivanilde Rodrigues



Contracapa LP “Eis a Estrela – Ivanilde Rodrigues”, 1963,
Acervo: Ivanilde Rodrigues



Fátima Sampaio, acervo Nivez

integrar o elenco da Rádio Iracema, inicialmente cantando no programa do comunicador Irapuan Lima.

Na Rádio Iracema, Ivanilde Rodrigues passa a participar de vários programas e a realizar shows em vários espaços da cidade de Fortaleza e a excursionar por vários outros estados, como Pará e Pernambuco. Em 1964 foi escolhida a melhor cantora do Ceará pela “Revista do Rádio”. Até 1965 seguiu se destacando na Rádio Iracema.

Ivanilde Rodrigues (“a Rouxinol”) grava entre 1958 e 1965 o disco de 78 RPM com as faixas “Carnaval Chegou”, de Milton Santos, e “Frevo Gostoso”, de autoria de Mirinha Silva (Mocambo, 1958), e o LP independente (talvez o primeiro LP independente lançado por cearenses) intitulado “Eis a Estrela”, gravado também nos estúdios da Mocambo, em Pernambuco, com uma tiragem de 1001 cópias, onde canta 12 faixas, dentre elas: “Puro Amor” (Joca Guimarães e Olavo Barros), “Lágrimas Sinceras” (Mário Filho e Jota Guimarães) e “Segredo” (Milton Santos e Olavo Barros).

Após uma longa pausa na carreira, Ivanilde Rodrigues retorna aos palcos na década de 1990, inicialmente no teatro com um pequeno papel num espetáculo produzido pelo Centro de Ballet Clássico Mônica Luiza, e em seguida passa a integrar o elenco do grupo de teatro Balaio. Em 2000, participa da peça “Bastidores” do grupo Mirante da Unifor. No ano de 2012 interpreta a cantora Dalva de Oliveira no espetáculo musical “Estrela Dalva”, onde canta dezenas de canções que ficaram famosas na voz da cantora Dalva de Oliveira. Em 2014, apresenta no Teatro Dragão do Mar o solo dramático “Cheia de Garbo – Os mistérios de Greta”, espetáculo da Companhia Ribalta de Teatro, sendo seu diretor geral o dramaturgo Ricardo Andrés Bessa. Em 2016, grava na Bahia uma participação especial na novela “Velho Chico”, da Rede Globo.

Outras cantoras citadas como atrações nas programações das emissoras de rádio cearenses entre as décadas de 1930 e 1950 são: Telma Regina, Fátima Sampaio, Dulce Maria, Tânia Maria, Lúcia Sampaio, Isis Martins, Marilena Romero, Wanda Santos (que sempre foi da Rádio Iracema), Maria de Lourdes (sambista que ao lado das irmãs Isis Martins e Maria Alice formavam o grupo vocal Três Marias que acompanhavam o cantor Paulo Cirino), Estelita Nogueira e Zuila Veras da Rádio Iracema.

Ainda sobre a predominância do meio de comunicação radiofônico que fazia emergir e se consolidar um conjunto de artistas de toda uma época (décadas de 1930, 1940 e 1950, até meados de 1960) é no final da década de 1950 que outra forma de comunicação começa a surgir no Brasil: as emissoras de TV. E é pra “telinha” desse poderoso meio de comunicação que vão migrar e se adaptar os espetaculares programas de auditório. Será a partir de sua grande visibilidade, que as emissoras de TV – em diálogo com as emissoras de rádio – seguem como importante canal de difusão musical e, assim, vão ajudar a gerar e a consolidar um conjunto de artistas no campo da música no Brasil e também em pequena escala no estado Ceará.

Não por acaso, são nos festivais de música, que acontecem no Ceará na década de 1960, inspirados nos festivais nacionais de música televisionados, que inúmeras compositoras e cantoras cearenses terão suas vozes evidenciadas, ainda que com menor visibilidade dentro do próprio estado do Ceará.



Estelita Nogueira, acervo Nivez



Lúcia Elisabeth, acervo Nivez



Vera Lúcia, acervo Nivez

Relatos de Histórias de Vida

Ayla Maria

Pingo: - Ayla, é, a gente 'tava conversando aqui né, e você falando da sua infância. Como é que foi a sua infância mesmo?

Ayla: Bom, eu sempre gostava muito de cantar, porque tinha a minha irmã mais velha que cantava muito também, ela sabia todas as músicas que tocavam no rádio né, antigamente tinha aquelas músicas que tocavam nas rádios e então eu aprendia e gostava, eu acho que eu puxei isso mais da minha mãe que quando ela era solteira, ela foi cantora da igreja. Entendeu?

Pingo: ela era católica?

Ayla: Casou muito novinha também. Era. Então eu, aquela coisa, que já nasce né com a gente, a gente sabe gostar da música, cantar... Eu cantava muito, e uma a minha vizinha me chamou e me apresentou ao irmão dela que morava em Natal, e disse assim: “essa daqui que ‘tava cantando”. Ele disse: “não acredito! Essa criança que ‘tava cantando agora?”. Eu cantava assim, essas músicas que tocavam na rádio, né? Aí ele disse: “era você que ‘tava cantando?” aí eu comecei a cantar pra ele ouvir, e ele disse: “Nossa! Eu vou lhe levar pro rádio”. Ele era amigo do Dr. Paulo Cabral né, ele era diretor da Ceará Rádio Clube. Então foi assim...

Pingo: Você tinha o quê, uns dez anos aí?

Ayla: era, mais ou menos isso.

Pingo: Seu bairro. Você morava aonde, em que bairro?

Ayla: Rua Gustavo Sampaio, eu morei muito tempo foi lá na... era na Gustavo Sampaio!

Pingo: no centro ali, praticamente no centro. Você era do centro. E quantos irmãos era na sua família?

Ayla: Nossa! Da minha mãe mesmo, foram doze. Só que não eram todos vivos né. Aí depois perdi minha mãe, meu pai casou novamente. Pronto! Vieram mais bem uns seis!

Pingo: a profissão do seu pai qual era?

Ayla: Meu pai era telegrafista.

Pingo: E sua mãe?

Ayla: ele trabalhava nos correios né?! A minha mãe não, dona de casa mesmo.

Pingo: E quem lhe estimulava mais era sua mãe? Você disse que sua mãe cantava na igreja. E lhe estimulava.

Ayla: era quando ela era solteira nera. Que era bem novinha, aí cantava na igreja. Porque ela era de

Mosenhor Tabosa e cantava... Ela era de Ibiapina. E cantava na Igreja lá... quer dizer, eu soube né?! Ela cantava né?!

Pingo: Ela era da serra né?

Ayla: E depois a minha irmã, a Lindomar, que também depois veio a cantar também, cantava até em dupla comigo, depois ela me ensinava as músicas, tem a voz bonita ainda, né?! Tem a voz muito bonita.

Pingo: Seu pai veio de onde?

Ayla: É, de Viçosa.

Pingo: ah de viçosa, todos da Ibiapaba, todos dois.

Ayla: meu pai de Ibiapaba e minha mãe de Ibiapina.

Pingo: E vieram pra cá pra Fortaleza e casaram aqui.

Ayla: É, meu pai era telegrafista e a minha mãe muito novinha...

Ayla: vieram pra cá muito cedo, e eu sou das últimas filhas, sou a minha irmã mais velha... Mas herdei essa história da música.

Pingo: aí você se lembra desse senhor, como é o nome dele, que lhe levou pra rádio?

Ayla: ah, ele não morava aqui. Como era, meu Deus, o nome dele? Irmão da Dona Irene [risos]. Não 'tô lembrando agora no momento...

Pingo: Aí você foi, quantos anos você tinha?

Ayla: Ah, eu tinha uns dez anos

Pingo: Você lembra como foi?

Ayla: Ele me levou pra, pra... e me apresentou ao Dr. Manoelito Eduardo, que era da Ceará Rádio Clube né, aí eu fiz o teste e ele disse: "Ah, todos começam cantando no Clube do Papai Noel".

Pingo: Clube do Papai Noel era um programa de calouros?

Ayla: Era um programa infantil

Pingo: Você começou num programa infantil?

Ayla: Eu sei que eu cantei no programa de calouros e tirei o primeiro lugar, aí se incentivaram e tudo e começaram a me programar para a rádio, a Ceará Rádio Clube né?! Depois eu fui pra Rádio Iracema, só era a Ceará Rádio Clube ou era a Iracema.

Pingo: Você cantava o quê na Ceará Rádio Clube? Qual era o seu repertório?

Ayla: Qualquer gênero. O que tivesse fazendo sucesso nas rádios, eu aprendia com a minha irmã...

Pingo: Você se lembra a década, o período, esse período aí?

Ayla: Cinquenta, cinquenta e cinco, por aí.

Pingo: cinquenta e cinco?

Ayla: é... por aí.

Pingo: na Ceará Rádio Clube? O auditório ficava aonde, da Ceará Rádio Clube? [Risos]

Ayla: Era, no auditório. Eu era ainda pequena né, e colocavam um banquinho pra mim. Aí eu subia no banquinho, baixava o microfone, aí cantava! E eram só músicas bem difíceis né, exigia voz, era toda... não, aí depois, a minha mãe já faleceu... A minha irmã

mais velha, que tem uma voz muito bonita, e ainda canta. Canta na Igreja do Cristo Rei, ela que me incentivava e me ensinava as músicas, me ensinava posição, sabe?! Posicionamento...

Pingo: E o seu pai, acompanhava?

Ayla: O papai ia, às vezes né. Mas, porque ele trabalhava né, era telegrafista e tudo, e quem me acompanhava era minha irmã mais velha né.

Pingo: acompanhava né...

Ayla: Às vezes ele ia...

Pingo: você foi pra Rádio Iracema, você se lembra o período que saiu da Ceará Rádio Clube pra Rádio Iracema, como foi essa mudança?

Ayla: Foi na década de cinquenta.

Pingo: Havia assim um time: Ah, aquele ali é da... Havia rivalidade entre as rádios?

Ayla: Acho que sempre houve né!

Pingo: Nas duas rádios por ali, paralela uma a outra.

Ayla: é. Primeiro na PRE-9, como chamavam a Ceará Rádio Clube. Aí cantei, cantei algumas vezes no auditório, programa de auditório, aí depois me incentivaram, me inscreveram pra cantar na Rádio Iracema, aí daí começou tudo! Passei muito tempo na Rádio Iracema.

Ayla: Agora me lembrei da história de quando eu era criança, que dizia: “Garota que canta como gente grande” [risos]. Porque cantava muito, né?

Pingo: Depois virou o orgulho do Ceará.

Ayla: Era, era.

Pingo: Quem inventou esse orgulho do Ceará? Você se lembra?

Ayla: Acho que foi na rádio? Quem foi meu Deus? Agora... Deve ter sido algum locutor... [risos]. Eu era meio desligada, assim...

Pingo: Quem era o pessoal da rádio que você se lembra que você gostava mais, que lhe animava mais? Ver, ou ir no programa?

Ayla: Ai... eram tantos. Dono de programa, né?

Pingo: Você saía na rua era... Como é que era? Era reconhecida?

Ayla: Era conhecida...

Pingo: As pessoas acompanhavam mesmo?

Ayla: As pessoas: “Ei Ayla Maria, Ayla Maria, não sei o quê...”. Aí eu parava, tinha que cumprimentar tudinho. Era beijinho, beijinho, beijinho... Era bom. Dom Manuelito Eduardo era demais...

Pingo: Manuelito? Ele era o quê?

Ayla: Eduardo Campos, nera? Era locutor, né? Da Ceará Rádio Clube, e Diretor.

Pingo: os programas era o que, dia de domingo, normalmente, era?

Ayla: Era. Geralmente era domingo.

Pingo: E cantava uma música só, ou cantava várias músicas?

Ayla: O programa mais infantil, né? Mais pra adolescente, assim... de manhã.

Pingo: Cantava uma música, ou cantava várias?

Ayla: Duas ou três. Dependia, não sei... era muita coisa que eu participava... Graças a Deus, participei de tudo.

Pingo: E ia pra todo canto.

Ayla: Sempre acompanhada, né?! Meu pai, ou minha irmã.

Pingo: Na década de 60, fez espetáculo infantil no Teatro José de Alencar. Você lembra qual foi?

Ayla: Eu fiz, vários. Peças infantis, nera?! A peça infantil?

Pingo: final da década de 60

Ayla: aí depois cantei no eu fui, cantei no programa do Sérgio Alencar, no Rio de Janeiro representando aqui a terra né?!

Pingo: como é que foi essa experiência lá?

Ayla: Aí lá aí passei lá no programa do Sérgio de Alencar, cantei até “Bubaloo”, né... Foi um sucesso! Aí fui convidada para cantar no programa seguinte

Pingo: e quando voltou pro Ceará, aqui? Como é que foi? Depois desses programas nacionais?

Ayla: Aí tu vê! Você imagina né? O sucesso e tudo, aí depois de um tempinho fui cantar na televisão que aí abriram aqui a televisão né, aí pronto!

Pingo: Você se lembra do primeiro programa de televisão?

Ayla: Aí tinha o programa na televisão (pensando alto), era muito convidada para cantar nos programas que tinham aqui, sabe?! De rádio, programa de auditório.

Pingo: e quando foi? Você se lembra? Você cantou o que? Que eu não tenho inclusive...

[risos]

Ayla: Vixe eram tantas músicas... Eram compositores daqui da terra, inclusive cantei o baba “Bubaloo” também... gravei...

Pingo: “A Valsa Proibida”, já foi na década de 60?

Ayla: Foi... 65. Como eu tinha a facilidade de cantar lírico, né?! Porque tinha músicas que eu cantava lírico né, nuns determinados momentos... aí eles descobriram né?! Ah... Aí me convidaram para fazer “A Valsa Proibida”. Que eram músicas líricas né...

Pingo: Foi a primeira montagem que você participou?

Ayla: Não. Já tinha sido levada e nem sabia...

Pingo: não, já foi a segunda. A primeira montagem foi 40... 47, depois 53 em São Paulo. Eu tenho o histórico dela também.

Ayla: nós chegamos era com o Haroldo Serra, B de Paiva e Haroldo Serra. O B de Paiva era o diretor né?! aí depois fomos até o Rio de Janeiro...

Pingo: você cantava o tema principal da valsa?

Ayla: era, era... era, eu era a principal!

Risos.... o maestro príncipe era o Orlando Leite. O Túlio Ciarlin também cantava, era a voz de tenor. Era um elenco bom viu!

Pingo: seu primeiro casamento quando foi?

Ayla: ixe... valha me Deus! 58... 68... foi o primeiro namoro ainda.

Pingo: você nasceu em que ano? Me Desculpe, mas...

Ayla: no ano passado!... Risos... peraí...eu escutei ontem que eu casei ? acho que foi 68... valha meu Deus! Faz tanto tempo que eu... essas coisa aí a gente... mas tem certas coisas que a gente... Mas não bote não! O pessoal quer saber...risos...

Pingo: houve alguma interferência na sua música, esse casamento? Estimulou, como é que foi?

Era uma pessoa que era também vinculada ao universo...

Ayla: o casamento? Se houve interferência?

Pingo: não... se estimulou você na música, foi bom? Como é que foi pra... você se lembra de alguma forma?

Ayla: não, já 'tava com o nome bem formado, né?! Eu passei uma época sem cantar sabe?! Mais afastada... aí depois fui voltando, porque a gente não consegue deixar não, sabe?!

Pingo: mas porque que você passou esse tempo?

Ayla: Casamento né... aí também a pessoa quer dar um tempo...

É tanta coisa que acontece, que a gente fica...

Pingo: Eu sei, passou um tempo parada.

Ayla: Aí depois, mas ninguém consegue deixar.... Aí teve uma época que pronto, aí voltou tudo de novo, né?! O programa na televisão, a TVC...

Pingo: Eu tive a felicidade de ser seu convidado.

Ayla: Pois é! Aí foi legal né? Na TVC...

Pingo: Demais! Muito bonito.

Ayla: Importante.

Pingo: Já um outro momento da sua carreira...

Ayla: Foi... Ali já estava bem formalizado, casada e tudo. Era diferente.

Pingo: Casada com o Arrais, né?

Ayla: É.

Pingo: Que foi outro artista também...

Ayla: Exatamente.

Pingo: E foi bom esse encontro de artistas!

Ayla: Foi, foi... Meu primeiro namorado e marido, pronto.

Pingo: [Risos].

Ayla: Infelizmente ele já não está mais conosco.

Pingo: É verdade, mas a energia dele permanece. Energia boa das pessoas...

Ayla: Não... é.

Pingo: Ano passado também, Ayla, ano passado eu perdi meu pai e minha mãe...

Ayla: Me ensinavam muita coisa também...

Pingo: Um atrás do outro, mas aí com o tempo vão ficando aquelas lembranças positivas, né? Aquelas lembranças verdadeiras.

Ayla: Claro.

Pingo: E a gente percebia em você, que você ganhou luz.

Ayla: Claro. Exatamente.

Pingo: Revigorada, foi assim um, uma...

Ayla: Uma incentivada. Por que eu confiava muito nele, porque ele sabia das coisas. Realmente...

Pingo: Sabia muito...

Ayla: Hora! E ele tinha uma voz belíssima, né?

Pingo: Tinha. Mais a sua né? Aí casou.

Ayla: Aí aconteceu de fazer a Valsa Proibida, né? Era com ele também, depois. Porque primeiro foi com o Maestro Orlando Leite, que me deu aulas de canto...

Pingo: Depois foi com o Arrais... Teve a Ópera? Teve uma Opera né, que vocês...

Ayla: Foi A Valsa Proibida. Qual foi a Opera meu Deus? Tanta coisa...

Pingo: É muita história, realmente.

Ayla: A Opereta.

Pingo A Opereta que você fez...

Pingo: Como é que você avalia, aqui no Ceará, essa história da... você disse: "Ah o pessoal esquece..." como é

que você avalia a relação do público com seus artistas aqui no Ceará? Como você sente isso?

Ayla: Graças a Deus, eu não sinto indiferença para mim não... Eu fico até muito feliz quando eu vou cantar assim, que as pessoas aplaudem bem... (aure frem hem) Sabe? E me conhecem, vem falar comigo e querem bater foto comigo... Puxa que beleza! Graças a Deus, né! Não precisa toda vida dizer: "Eu sou fulaninha, eu sei cantar: Isso assim, assim, assim, não sei o que" as pessoas, graças a Deus... e os jovens também já estão me conhecendo. Eu canto muito, agora 'tô dando um tempinho, mas eu cantava muito em casamento, na igreja, nas festas depois do casamento, as festas no *buffet*, cantava as missas dia de domingo: Cristo Rei, Na igreja do Líbano... Tudo... então a gente se torna conhecido, né? Procura fazer o bom...

Ayla: (risos) Jerônimo, o Herói do Sertão.

Pingo: Toca... aí você tocou muito em casamento...

Ayla: Muito, muito, muito, muito... Tudo! Eu cantava em tudo na igreja. Era casamento, aniversário, batizado, era tudo.

Pingo: Você é católica?

Ayla: Sou.

Pingo: Sempre foi? Seu pai era católico?

Ayla: Sim, muito.

Pingo: Sua mãe? Você cresceu sob o catolicismo, né? Você sempre foi uma pessoa muito acolhida pelas pessoas aqui no Ceará? Sempre foi né?!

Ayla: É porque eu tive muito aquela posição de não ser uma pessoa metida a besta, num sabe?

[risos]. No Ceará gostava muito das pessoas, vinham falar comigo, ih... batia foto, sempre fui assim.

Pingo: e teve alguma viagem que você lembre? Depois de sua ida nesses programas no Sul, em algum momento você pensou em deixar o Ceará, morar fora?

Ayla: Não, não.

Pingo: Ser artista fora?

Ayla: Não dava certo não.

Pingo: Nunca pensou? Nunca teve esse sonho?

Ayla: Uma vez, houve até esse comentários assim... pra gente ir morar no Sul, as pessoas lá, mesmo no Sul quando a gente ia cantar lá, as pessoas falavam: “Você vai ficar aqui, vai morar agora aqui?” Aí eu dizia assim: não, não dá certo não. Eu prefiro aqui a minha terra mesmo, Fortaleza. Eu comigo mesmo dizia e conversava com o Arrais.

Pingo: Quer dizer que nunca... nunca pensou...

Ayla: Nunca pensei não! Em morar fora não! De passear, ir, cantar... tudo bem! Mas ía e voltava. Eu era muito dentro de casa... sabe? [risos]... Eu era muito caseira, sabe?! Não tinha esse negócio de sair, ficar até tarde, não.

Pingo: Mudou esses anos, pra você, Ayla, sua visão de música? Esses seus anos de boa experiência, de grande experiência... Lógico que do período que você

começou até hoje? O que você acha que mudou pra melhor, ou pra pior?

Ayla: A gente fica procurando as músicas e cadê? Como antigamente tocava muito nas rádios, nera? Aquelas músicas bonitas e tudo...

Pingo: Você acha que isso mudou?

Ayla: Agora a gente fica pesquisando, procurando as músicas e tudo... Hoje em dia é mais televisão né?

Pingo: O que mudou pra melhor, você acha, se mudou alguma coisa?

Ayla: Pra melhor?

Pingo: Sim nesse período de lá pra cá?

Ayla: [risos] Eu nem sei te dizer... risos, o mundo, as coisas mudaram... muitas coisas mudaram. Mudaram pra melhor, mas certas não.

Pingo: Eu sei, certas não... por exemplo, em relação a música? A difusão da música cearense? Assim, a forma da gente mostrar nossa música? O que você acha? Pergunto dos programas, porque você foi desde os programas de rádio, foi pros programas de televisão, depois teve um programa de televisão... Você acompanha um pouco hoje, como é que você vê?

Ayla: Atualmente, eu não tô muito, muito... nessa de ficar escutando rádio, pra ouvir alguma música assim... eu escuto rádio, entendeu? Mas agora é mais é no noticiário, não é?!

Pingo: Eu sei, pouca música.

Ayla: Às vezes eu ponho na FM, aí tocam umas músicas assim... pensa alto: “Bom! Essa daqui é bonita... não sei o que, sabe? Mas é...” Ainda bem né? Que existe isso a FM, AM... Mas hoje em dia as coisas estão meio separadas assim... Quem quiser ver alguma coisa: é o radinho, é a televisão. Mas...

Pingo: Você é feliz. Foi feliz com sua obra de arte, foi feliz com a sua produção musical? Se realizou.

Ayla: É. Graças a Deus.

Pingo: Estudou alguma técnica, ou foi tudo... ou seu processo de aprendizagem foi todo autodidata, ou você chegou a estudar com alguém?

Ayla: Canto?

Pingo: Sim.

Ayla: Eu tive aulas, inclusive com o Orlando Leite. Pra adaptar a voz, pra cantar na Valsa Proibida, que era a música meio clássica e tinha como eles disseram: Que eu tinha facilidade. Ter a voz empostada, Aaaaa, sabe?! Ao invés de ser, Ááááá popular. Aí eu tinha facilidade. Então foi bom.

Pingo: O Orlando Leite foi seu professor de canto?

Ayla: Ele me deu aulas lá no teatro mesmo. Ele orientava pra colocar voz e tudo.

Pingo: Você considerou isso importante pra sua carreira? Depois você continuou com essa impostação?

Ayla: Continua. Até na música popular, a gente pra não ficar cantando muito aqui na garganta, né.

Pingo: Eu sei é que a gente percebe que...

Ayla: É tem que saber colocar.

Pingo: Então podemos considerar que você é da época do vozeirão, das vozes de ouro do... que nós chamávamos de cantores de ouro, né?! Porque tem essa diferença na música popular, até João Gilberto, por exemplo, né?

Ayla: Até a música popular a pessoa não pode ‘tá cantando assim, muito aqui na garganta. É procurar saber colocar a voz... Aaaaaaa, ao invés de ser Áááááá. Né?...É. Não tenho vício do fumo. Não fumo, nem nada. Se bem que não sei se isso faz mal não, mas... é... num sei... é uma coisa... que, né? Graças a Deus!

Pingo: Que você preserva, né? Cuida?

Ayla: É. Aquela história... como é a música? “Nan nan vou, vem meu Amor...” Isso é da opereta, né? É uma outra, isso aí não... tem que empostar mesmo. Essas músicas populares. É até cantando Ave Maria, a gente tem que procurar... “Aaaaaave Mariiiiiiiiia” [risos]... Pra não fazer Ááááve maríííí... (risos) Tem que saber colocar a voz, né?!...sou soprano.

Pingo: E hoje, o que é que você faz Ayla? Como é que você passa seu tempo?

Ayla: Só me divertindo... Vou pro Náutico, fico vendo lá, os tenistas jogando e às vezes canto, né. ... Lá no Náutico, eles ficam tudo brincando, aí eu canto com eles...

Pingo: Eu sei...Em algum momento Ayla, sobre a questão de gênero mesmo, de mulher... o fato de ser mulher, lhe impediu de fazer alguma coisa? Do que você

queria cantar, onde você queria ir, o que você queria fazer, ou não?!

Ayla: não, eu sempre fui muito... como é que se chama? caseira né! meu pai muito religioso, eu nunca tive essa coisa, de ficar saindo assim... badalar, como chamam né?! Estudei em colégio de freiras, essas coisas né?!

Pingo: tem alguma coisa que você queira acrescentar aí, falar das suas coisas, alguma coisa que você queira dizer que você não disse, que eu não perguntei, que eu não lembrei... sua história é tão grande! Tão grandiosa que não cabe aqui, masalguma coisa que você se lembre, que...

Ayla: que eu me lembre... alguma coisa que eu nunca esqueci, uma coisa que me deixava muito feliz, eu comecei muito criança né... Diziam assim: - Aí vem... (o locutor da rádio) A garota que canta como gente grande!... É... ficou marcado, muito marcado!

Aí tem também outro que me enaideceu e tudo foi, mas modestamente, né, foi: A voz, orgulho do Ceará! ...Aí foi demais, né não?!...Risos...Meu Deus do céu!...A voz orgulho do Ceará, o do Estado, não é a do time não viu!...Risos

Pingo: não, lógico!

Ayla: Eu tô brincando cara!

Pingo: até porque não é só a voz, é a sua referência, você na realidade é orgulho, não só pela voz, mas pelo conjunto da sua obra artística, pela... primeiro pela sua... historicidade, você teve a oportunidade de participar de momentos distintos da nossa história, como cantora de rádio, de auditório, depois como cantora de teatro, né? Lírica, popular, depois como

cantora de programas, depois como apresentadora de programa de televisão, depois como cantora...

Ayla: nos casamentos né... missas e tudo...

Pingo: é o seguinte, são mais de cinquenta anos de... sessenta anos de...

Ayla: É muito bom! Graças a Deus eu vivi isso né?!

Pingo: se você fosse dizer o marco do seu começo artístico, se você fosse comemorar, vou comemorar cinquenta anos de vida artística, sessenta... você não gosta não né, eu já vi que você não gosta... não, você não gosta de dizer a data que nasceu, a data que começou...

Ayla: não gosto de dizer quantos anos não...

Tem muita gente que gosta de dizer, vixe... já é isso tudo!

[risos]

Pingo: mas é o contrário, né isso tudo não!

Ayla: ai meu Deus do Céu!

Pingo: eu que agradeço!

Ayla: por você ter vindo aqui, pra mim, foi um orgulho viu!

Pingo: o orgulho foi pra mim, eu espero que o que eu diga lá...

Ayla: obrigado viu por você ter vindo aqui me entrevistar!
Eu quero é agradecer por ser lembrada né!

Pingo: não, eu que agradeço demais...

Relatos de Histórias de Vida

Ivanilde Rodrigues

Pingo: na sua infância, quais são as mulheres que foram referência pra você? Na sua casa, na sua vida social?

Ivanilde: por exemplo, da minha família, minha mãe, né? e uma tia muito especial que eu tinha (Tia Isabel). Lembro de muitas coisas porque eu era uma criança lá em Canindé, né? Uma criança que brincava na rua; esse tipo de criança assim mesmo, que alguma coisa despertava em mim quando via luz... Eu queria 'tá em destaque. Eu sempre fui uma menina muito enxerida, né? [risos]. Como se diz né? Então brincava de fazer drama, arrastava a mesa da sala de jantar, botava na porta do quarto, pegava os lençóis, as colchas de cama da minha mãe, fazia uma cortina... isso tinha que ficar na frente da porta do quarto, porque o quarto era o camarim, eu não sabia nem o que era isso. Mas alguma coisa me intuía, né? Então, cantava em cima da mesa, abria o lençol assim... eu era artista! [risos]. Aí eu quis ser bailarina, quis ser cantora, sabe?! Nasci em Canindé. Era a fazenda do meu avô, que ficava distante assim, não sei como é que a gente chama assim... era... seis quilômetros assim... era uma légua! Era chamada: "Cacimba do Meio".

Pingo: Como era o nome da sua mãe?

Ivanilde: minha mãe, Maria Celeste Rodrigues; meu pai, João Rodrigues Sobrinho. E meus primos todos gostavam de cantar. Eles fabricavam os próprios instrumentos. Um tocava colher, outro caixa de fósforo, o outro pegava coisa de cipó de uma planta... como é que a gente chama? Carrapateira! Eu não sei como é que... aí eles cortavam... faziam um pife... Eu estudava no grupo escolar em Monsenhor Tabosa, lá em Canindé, e aí, quando era nas férias, minha mãe fazia uns macacões pra gente não arranhar as pernas. Ela tinha muito cuidado com as filhas... [risos]. Aí a gente ia pra fazenda do meu avô pra tomar banho de açude, mas eu era aquela menina que ia buscar a minha manga lá no olho da mangueira, né?! Eu tinha um... era... eu tinha uma amiga lá na goiabeira, uma cobra de cipó. Era, uma cobra de cipó, era minha amiga.

Pingo: e a família era de muita gente? eram quantos filhos?

Ivanilde: minha mãe teve dez filhos, mas só criou seis né?! Cinco mulheres e um homem... Então eu sou a caçula.

Pingo: e... a senhora veio pra Fortaleza com quantos anos?

Ivanilde: com oito pra nove anos vim pra Fortaleza. Meu pai resolveu vir morar aqui e aí viemos todos né?!

Pingo: a senhora... qual foi o bairro?

Ivanilde: Jardim América. Eu lembro muito! Morei no Jardim América, Vila Porangabussu, Benfica...

Pingo: com os seus pais? essa mudança como foi pra você, chegar aqui? Você era criança ainda mas...

Ivanilde: eu cheguei aqui, a gente foi estudar, eu lembro que eu fui estudar numa escola aqui no centro, hoje em dia, na Duque de Caxias... é! Esquina com Tristão Gonçalves, era uma escola, mas lá era um centro, era um cinema lá... é... isso... Aí estudei na Escola dos Merceeiros. Pois é... e aí meu pai faleceu, meu pai faleceu eu tinha quatorze anos, aí eu perdi o chão.

Pingo: já cantava aí?

Ivanilde: não. Quer dizer, eu era assim, fã, alucinada, lá em Canindé a gente ouvia muito Dalva de Oliveira, né?! Vicente Celestino... e aí quando chega aqui em Fortaleza...

Pingo: e ouvia aonde lá? Tinha um rádio, como é que era?

Ivanilde: tinha a radiadora... era naquele tempo que a energia, quando dava nove horas da noite, dava o sinal... ói... dá o sinal e todo mundo corre pra preparar vela, lamparina, lampião... o que der luz né?! Porque dez horas a luz apagava né?! na cidade toda.

Pingo: a senhora nasceu em 1945, foi?

Ivanilde: não, foi em 1942. Eu tenho setenta e cinco anos, nasci em 18 de abril de 1942.

Pingo: Em 1950 veio pra Fortaleza?

Ivanilde: foi. Aí chegamos aqui, assim... fizemos curso primário né?! Depois prestei exame de admissão. Foi na época que meu pai morreu. Eu não tenho uma faculdade, eu não cursei eu não tenho um estudo superior, mas não tenho assim, a menor inveja de quem tem, [risos] e porque o que eu estudei, o que eu aprendi, foi com a vida mesmo. Aprendi fazendo e vivendo.

Pingo: seu pai... a senhora fala que quando ele faleceu, mudou tudo.

Ivanilde: foi... mudou tudo assim, o meu pai era construtor, mestre de obra, de construção... Não era o engenheiro mas era... ali do lado do engenheiro... E aí, meu pai cantava muito, meu pai tinha uma voz linda, maravilhosa, cantava muito!

Pingo: ele cantava?

Ivanilde: Cantava! era o artista da família. Meus primos todos cantavam e tocavam, faziam muita festa...

Pingo: sua mãe cantava?

Ivanilde: minha mãe cantava. Ela tinha assim uma vozinha, assim... ela queria ser soprano, eu acho, “ela cantava assim” [fazendo firula] [risos]. E eu me lembro que eu ficava admirando ela cantando assim né?! Aquelas músicas assim aqui né?!

[risos]

Pingo: e em Fortaleza, houve assim um momento de inspiração? Assim, de ouvir as cantoras de Fortaleza que lhe inspiraram?

Ivanilde: a gente ouvia muito rádio né?! E novela de rádio e tal... Assim, quando meu pai faleceu, eu senti que eu tinha que cantar, que tinha que fazer alguma coisa. Eu parei os meus estudos né?! Trabalhei em lojas no centro da cidade, que vendiam roupas femininas, na época me lembro que assim, olha... o primeiro sutiã que eu vi, que tinha uma loja chamada “O Dedal de Ouro”, que era da família Cutia Lebre. Então, quem queria comprar roupas íntimas era lá! E as lojas famosas eram a Flama e as Casas Parentes, onde vendia produtos, maquiagens, perfumes, essas coisas finas, artigos pra presentes... Então, isso depois que meu pai morreu né?! E aí, nessa época, existia a Rádio Iracema, a Ceará Rádio Clube e a Rádio Dragão do Mar, quando eu cantei com doze anos. Assim, a minha irmã conhecia o Peixoto de Alencar, que era o radialista, e aí ele tinha um programa com crianças; era uma matinal chamada o “Matinal dos Brotinhos”. Era um clube chamado “suerdieck”, não consigo... não sei se era no Joaquim Távora... eu acho que era uma marca de charutos, eu acho que lá era assim, tipo um clube, onde os homens que fumavam se reuniam. Era uma coisa assim, sabe?! Eu era muito pequena, não consigo me lembrar... aí ele me levou e aí eu fui cantar! Tinha uma menina pernambucana, que ela foi dançar frevo, tudo pequena assim, era só pra criança, era uma matinal assim... e aí... eu ganhei né?! Aí...

Pingo: se lembra o que cantou lá?

Ivanilde: eu me lembro! Eu com doze anos, eu já era romântica! Eu cantei uma música que era um sucesso da Ângela Maria chamada “Orgulho”. [cantando] “Tu me mandastes embora, eu irei, mas comigo também levarei o orgulho de não mais voltar”... e por aí vai! [risos] Eu tinha doze anos!

Ivanilde: eu vou te mostrar depois o que foi o prêmio!

Pingo: [risos] ah, nós vamos ver!

Ivanilde: tinham dois prêmios, porque a menina que dançou agradou muito também e aí ele não achou justo que ela não ganhasse nada, tinha um corte de tecido e um cartão que dava direito a fazer um mini... um pôster de uma fotografia do Foto Brasil. Eu tenho essa foto, é original, foi o meu prêmio! Eu de crespos, que a gente chamava, de cachos né?! Enroladinho assim... era! Toda enfeitada de colar de pérola, que sempre gostei muito de colares. [risos] Esse negócio de corte de tecido eu não quero não... E aí eu fui... aí ela ganhou né?! como dançarina de frevo né?! Com sombrinhazinha e tudo né?! Uma capetinha! E eu me lembro do nome dela... Lourdinha... ai... não lembro do sobrenome. Eu sei que ela ganhou e eu ganhei como cantora né?! Aí a gente, todo domingo ia pra lá, pra cantar! Bom passou, acabou, fechou, não sei o que é que houve, acabou né, o programa. Fiquei com aquela coisa, isso com doze anos, treze, quatorze, aí a Rádio Dragão do Mar tinha um... um... locutor carioca chamado Mário Filho, que eu acho que a música que tu ouviu, [risos] “Canteiro do Amor”... é dele, é dele! Ele fez pra filhinha dele e pediu pra eu gravar! Que foi gravada no acetato, que a gente chamava né?! Aquele que depois ele vai indo... com o tempo ele...

O Mário Filho era locutor da Rádio Dragão do Mar, que funcionava sabe aonde?! No edifício IAPC... ali no centro... e aí, eu fui, me inscrevi. Ele criou um programa... a rádio era da família Pimentel.

Pingo: é... que aí já é cinquenta e pouco mesmo né? que a Rádio Dragão do Mar já é cinquenta e seis. Ivanilde: sabe quando foi isso? Foi... no dia que eu cantei no Teatro José de Alencar, que o programa se realizava lá. Foi, setembro, eu também tenho a foto do dia, com o Francisco Carlos que na época era o Rei do Rádio. Francisco Carlos... Aí eu tinha 14 pra 15 anos... Foi 1958, 1959...

Pingo: ótimo... foi sua primeira experiência?

Ivanilde: foi assim... de palco né?!

Pingo: num programa ao vivo? Na Dragão do Mar.

Ivanilde: num programa ao vivo, realizado no Teatro José de Alencar com plateia.

Pingo: em 1959. A senhora sabe o nome do programa?

Ivanilde: o nome do programa?! “Passaporte para a Fama”... fui pro programa certo! Eu sempre vou no lugar certo!

Pingo: Maravilha! Aí cantou nesse programa...

Ivanilde: aí, assim... era um concurso, igual esse “The Voice”.

Pingo: eu sei... você chegava lá...

Ivanilde: tinha júri que dava notas e aí, assim, a gente se inscrevia na primeira semana... sabe quem

participou desse programa também? Lucinha Menezes. A Lucinha!...ela é minha amiga também. Da época.

Pingo: a senhora cantou lá?

Ivanilde: as pessoas se inscreviam, aí quando chegava no sábado... era dia de sábado que se realizava esse programa a tarde, no Teatro José de Alencar... aí a gente cantava, né, os que tinham se inscrito, cantavam, e escolhia aquele ali da semana, o melhor daqueles... Digamos, se oito pessoas, concorrentes né?! Então escolhia um e guardava. Pra outra semana concorrer com o que vencesse da outra semana.

Pingo: ah, entendi.

Ivanilde: gente, né por nada não, mas o programa deve ter levado assim uns... não sei precisamente, fuge muita coisa, quantos meses? Mas eu sei que... Foi um ano, por aí... eu não sei não. Seis meses...

Pingo: a senhora ganhando... a senhora ganhando!

Ivanilde: eu sei que eu ganhei toda semana! Toda semana eu... eu...

Pingo: seu repertório nessa época, era como?

Ivanilde: era Ângela Maria.

Pingo: a sua inspiração assim nacional?

Ivanilde: era Ângela Maria! Eu... aí ... mas depois... quando eu venci esse concurso... esse Passaporte para a Fama, cada final do mês que aí juntavam os quatro candidatos né?! Aí tinha a final, aí eu continuava

né?! Eu sempre continuava! Quer dizer, tinham os que caíam e eu continuava! [risos]. Aí quando chegou na finalíssima... sim aí vinha um artista de fora, então aí eu conheci muitos né?! Aí veio... eu lembro do Anysio Silva: [cantando] “Quero beijar-te as mãos, minha querida!”. Gente, quando esse homem entrou no palco, era aquela figura pálida, com o paletó preto, sabe, ele era estranho, estranhíssimo ele! E com aquele terno preto... e muito triste. E o apelido dele, chamavam pássaro triste, né?! Era, então, mas ele era o máximo né?! Quando ele entrou esse teatro... lotado, porque era grátis, as pessoas entravam... olhe! Esse teatro veio a baixo!

Pingo: Ivanilde, deixa eu te fazer uma pergunta: você era uma jovem né, de 14 anos, é... como você chegava lá? Sua mãe lhe levava? Lhe acompanhava, como era ser menina nesse meio assim? Você era solteira ainda né?!

Ivanilde: era. Minha mãe, muito cuidadosa, se eu queria ir no banheiro, ela entrava primeiro, limpava todo né [risos] e dizia: não se sente! [risos] Suba! Suba! Era... e ela ficava na porta! Muito cuidadosa sabe?! Minha mãe me acompanhava, sempre com uma garrafa de café com leite... [risos], que eu sou louca por café com leite! Minha mãe era meu anjo da guarda... era protetora mesmo! Aquela ali.. sabe assim?! E aí, bom, eu venci o concurso. No dia que eu venci veio o Chico Carlos, que a gente chamava, que era o Francisco Carlos. Vou mostrar a foto. E aí, eu cantei, quer dizer, eu mudava as músicas, mas a primeira música que eu cantei foi, “Linda Flor” né?! O famoso: [cantando] “aí lôio eu nasci pra sofrer, fui olhar pra você, meuzinhos fechou”.

E aí, eu... foi com ela também que eu terminei... porque a gente tinha que cantar a que tinha começado né, e aí eu venci... e aí os Pimentel... o pessoal da Rádio Dragão ficou logo louco pela minha voz. E então eles iam me buscar na minha casa – aquele carrão, cadilac, enorme né?! Parecia uma banheira assim – eles iam me buscar porque... pra eu não deixar, eles sabiam que eu era órfã né?! Eu ainda ‘tava de luto, meu pai tinha morrido nesse ano. Meu pai morreu em janeiro, e aí eu fiquei pra decidir, e aí eu... bom, venci! Detalhe: lotado o Teatro José de Alencar, tinha um rapazinho com a cara cheia de espinha que eu não lembro dele não, lá nas torrinhas... Ele disse que quando essa menina entrou em cena... eu pesava 38 quilos... aí ele disse: eu vou casar com essa menina! Era o Alan Neto! Que já era locutor da Rádio Iracema... Ele tinha 19 anos, cheio de espinha, dessa finura assim!

Pingo: Rouxinol e Bem Te Vi

Ivanilde: era. Era as coisas que o Marciano Lopez botava... Aí nessa mesma noite, Irapuã Lima, enlouquecido, foi atrás de mim, subiu lá no palco do Teatro José de Alencar e disse: eu quero contratar você pra Rádio Iracema. Eu só fiz atravessar: a Rádio Iracema era ali na praça José de Alencar né?! Hoje não existe mais o Edifício Guarani... inclusive toda a rádio era... era dos irmãos Parentes. José Parente e Flávio Parente... eles tinham o Banco São José!

Ivanilde: E aí... eu não gosto de falar nessa parte não, mas...

Pingo: a senhora foi contratada pela Rádio Iracema?

Ivanilde: eu fui contratada pela Rádio Iracema especificamente para o programa do Irapuã Lima... Já na semana seguinte... sim, eu tinha... o prêmio era uma viagem pra Recife, pra se apresentar na Rádio Jornal do Comércio, no programa do Airton Rodrigues, que era casado na época com a Lolita Rodrigues. Era o casal famoso que eles tinham um programa que eles recebiam os artistas né?! Era assim como se fosse uma sala, era uma visita a esse programa, cantar na rádio Jornal do Comércio e passagem com acompanhante e tinha uma quantia lá... também não lembro. E aí eu não quis ir viajar, eu ‘tava saindo dum luto, peguei o dinheiro, reverti a passagem né?! E comprei todinho de roupa, sapato, bolsa, tudo combinando né?! [risos]

Pingo: investiu na produção!

Ivanilde: foi, na produção porque aí eu ia cantar na Rádio Iracema né?! “Depois eu vou!”, como de fato depois eu fui... tudo tem a sua época né?! Depois quando eu fui pra Mocambo, pra gravar, aí eu fui pro programa da Lolita e do Airton né?! E aí me apresentei.

Pingo: esse disco foi produzido pela senhora mesmo?

Ivanilde: foi, foi! o maestro... era uma produção independente, que eu também fui pioneira nisso né?! Primeira produção independente feita aqui no Ceará foi Ivanilde Rodrigues! Eu também tenho ele ali pra mostrar. Um LP no rádio...

Ivanilde: Aí fui, preparei minha estreia no programa do Irapuã e aí ele...

Pingo: Era uma vez por semana?

Ivanilde: Era. Todos os sábados. À tarde. No auditório, com muita gente, ingressos vendidos...

Pingo: Vários cantores?

Ivanilde: Lotado, lotado... Vários cantores! Vários cantores... E aí fui logo declarada a estrela. Lá tinham muitas cantoras... A Estelita Nogueira, Salete Dias, muitas que eu não lembro o nome.... Então, o Irapuã logo cunhou um slogan pra mim, era como ele achava. Aí eu tomei conhecimento de uma cantora de antes da Ângela Maria que era a Dalva de Oliveira! Aí, essa sim! Foi a minha inspiração! Eu queria ser a Dalva! E aí o meu repertório já era o da Dalva de Oliveira. E os sucessos que... das grandes cantoras da época não é?! Então, lá na Rádio Iracema eu copiava essas músicas na discoteca né?! As músicas chegavam, os discos, os sucessos... Aí eu era muito amiga do discotecário, que era o Fernando Meireles, e aí, ele dizia: “Ivanilde, os discos chegaram!” Aí eu ia pra lá correndo copiar, mas aí vinha aqui a parte ruim, que eu não gosto de contar... e o Armando era o diretor da rádio... meu diretor. Detalhe: eu ainda não namorava... ainda não tinha conhecido o Alan não! Essa história, dele dizer “eu vou casar com essa menina!” eu fiquei sabendo depois, né?! Quando a gente foi namorar, aí é uma história longa... dá um romance! Dá um filme! Aí o Armando chegava pra mim e dizia assim: “faça duas cópias!” Eu copiava a música pra mim e copiava a música Ayla.

Pingo: eu sei...

Ivanilde: eu era uma menina! Eu era uma menina! Eu não tinha ninguém por mim, eu não tinha nenhum

diretor não, sabe?! Eu escolhia meu repertório... eu só tinha a minha mãe ali perto de mim. Minha mãe ali agarrada né? Então, eu fazia minhas coisas bem direitinho, escolhia minhas músicas, ensaiava, como era com o Canhoto e Seu Conjunto.

Pingo: quanto tempo a senhora ficou na Rádio Iracema, sabe?

Ivanilde: a minha carreira de cantora, Pingo, foi bem pequeninha... E aí, na Rádio Iracema eu fiquei... aí eu fui revelação... Aí eu entrei, fui contratada, cantei o 1960 todinho ali, trabalhando meu repertório, lutando contra as escalões...

Pingo: eu sei. E vivia só da rádio? Recebia um salário mensal?

Ivanilde: tinha, a gente tinha um salário fixo...a Acho que... como é que eu vou dizer meu Deus? Era um conto e quinhentos!

Pingo: tinha carteira assinada como cantora? mas eles assinavam e botavam lá: cantora da rádio, como era?

Ivanilde: eu tenho carteira de radialista, tenho... o quê que tem mais? Aí a gente foi obrigada a se inscrever na ordem dos músicos, né?! Que tinha o Zé Jatahy que era o presidente, porque cantora não era profissão né?! Quem tinha profissão era músico né?! Então a gente, na carteira da gente, a gente figurava como músico. Aí, profissional... profissão: músico! Aí, instrumento: voz.

Pingo: tinha isso lá. A senhora...

Ivanilde: bom, a gente tinha um salário fixo e tinha cachês por programas que a gente fosse escalada. Tinha o programa do Irapuã, nesse eu era escalada sempre,

que ele me tornou estrela do programa dele. A atração máxima. E a não ser, quando ele trazia um cantor de fora, que ele agenciava, e levava pra outras cidades e me levava junto pra eu aquecer a plateia. Então isso eu sempre fiz. Isso no começo o Irapuã Lima foi muito meu amigo, até porque tem outro detalhe superinteressante de família, laços de família, de sangue. O Alan se tornou meu namorado né?! O Alan era... é, primo do Armando Vasconcelos pelo lado do pai e primo do Irapuã Lima pelo lado da mãe... O Armando era um homem altamente gentil, inteligente, educado, fino... viu! Era um homem muito preparado e... não tinha como você discutir com ele não. Porque ele não lhe dava isso não.

Pingo: eu sei.

Ivanilde: então, a gente quando chegava na segunda-feira, a gente ia pra sala dele receber a folha da escalção. Ele escalava pra onde ele queria, quem ele queria. Às vezes... depois ele já nem tinha o flanelógrafo né?! A gente chegava lá... ah, eu vou cantar no sábado, eu vou cantar na quinta-feira... quinta-feira tinha o programa... tinha o programa carrossel, isso era, praxe. Isso era praxe em todas as rádios do Brasil todo.

Pingo: mas só voltando a questão do salário, dava pra viver? Assim, só desse...

Ivanilde: pra mim, né?! Eu tinha minha família, minhas irmãs, depois que meu pai faleceu minhas irmãs mais velhas todas trabalhavam né?! E a gente...

Pingo: mas era assim um recurso que dava assim pra...

Ivanilde: mil e quinhentos cruzeiros né, cruzeiros né?!

Pingo: dava o quê, dava pra pagar um aluguel... dava pra comprar...

Ivanilde: não! eu morava com a minha mãe né! Eu tinha dezessete, já nessas alturas eu já tinha dezessete... eu comprava minhas coisas que sempre gostei... sempre. Minhas maquiagens, tal...

Pingo: a senhora se lembra quem era o maestro lá que lhe acompanhava na Rádio Iracema? eram só homens tocando?!

Ivanilde: era. O Canhoto era famoso e tudo, é... era um regional né?!...era da Ceará Rádio Clube. Não é do meu tempo. Bem antes, Marilena Romero... No carnaval, tinha um dos músicos do conjunto do Canhoto, o Manuel, ... da polícia, eu acho... ele formava a banda da Polícia Militar, sabe? e aí... tinha Paulo de Tarso e seu conjunto, é porque eu vou lembrando assim... é porque... eu fiz um trabalho pra tirar muita coisa da minha cabeça assim, sabe?

Pingo: eu entendo.

Ivanilde: minha carreira durou cinco anos.

Pingo: sim, a senhora estava lá na Iracema cantando... o disco, foi no final desses cinco anos?

Ivanilde: o disco foi em 1963. Tem escrito: 1963.

Pingo: como foi essa história? A senhora realmente acha... essa coisa do independente incrível.

Ivanilde: como era notório assim, a diferença, mesmo cantando o mesmo repertório... a forma de promover era diferenciada né?! Eu me promovia sozinha, como quando eu trabalhei no Empório das Meias,

eu ficava em frente a sapataria primavera. O gerente... todos me conheciam né?! Quando eu fui cantar, eles... sabiam quem eu era, então eu consegui patrocínio da Sapataria Primavera. Era incrível! Eu calçava o sapato e mostrava, dizia: “estou usando um sapato da Sapataria Primavera!”. Isso tudo era da minha cabeça!

Pingo: já fazia... o marketing pessoal né?!

Ivanilde: eu fui contratada pela primeira churrascaria que teve aqui na Beira Mar, chamada “Baiúka”. Baiúka com k. porque era toda cobertinha de palha assim. Era como se fosse uma oca de índio né?! E Baiúka significava casa de índio. Eu procurei saber na época. Eu acho que ainda tenho guardado, não sei... um guardanapo com... essa coisa aqui: “venha ouvir Ivanilde Rodrigues” Aqui, era dia de quarta-feira, pra começar a abrir movimento para preparar para o fim de semana.

Pingo: aí teve essa ideia do disco.

Ivanilde: não! a ideia do disco foi uns compositores que iam assistir o programa, e gostavam da minha voz

Pingo: cinquenta e tantos anos... Aí fez os shows, aí eu queria... aí, do show, veio a história do disco né?!

Ivanilde: era, exatamente. Aí recebi um... comecei a receber visita dos... dos compositores?! O José Guimarães, J Magalhães, parece que era presidente do IPEC, instituto... negócio de saúde né?! O Olavo de Barros... maestro Cleobro Maia... Milton Santos, que era um homem que era da marinha, compositor. Aí eles, começaram a levar música pra eu cantar. Aí eu comecei a fazer um repertório, comecei a

cantar músicas próprias né?! Feitas para mim... Aí era muito samba-canção, muitas músicas, bolero né?! Aí eles resolveram fazer esse disco. Eles quem pagaram tudo! Me levaram. Foi eu e minha mãe, pra Recife, gravar esse disco.

Pingo: gravou lá pela Mocambo também?

Ivanilde: não sei se foi na Mocambo... acho que foi... acho que foi. Eu não me lembro não. Eu sei que ele gravou, quando meu disco chegou... olha, Pingo, meu disco tocava, uma das faixas que ficou meses... nas paradas, tinha a rádio Uirapuru, que tinha... nas paradas das rádios né?! Era... os ouvintes... o locutor botava a música, e os ouvintes ficavam ligando quem é que vai... quem é a mais votada. Era um bolero do Olavo Barros, chamada: "Assim, assim".

Pingo: sucesso aqui?

Ivanilde: é. Sucesso! Doze músicas né?! Tinha... e eu cantava... no programa né?! Sim, quando eu tive uma confusão com o Irapuã ele... me tirou do programa dele né?! o Irapuã chegou, não gostou, aí... me detonou né?! Aí me tornou publicamente, persona não grata! Irapuã botou uma nota... Aí, fui lá no Banco São José, contei a história todinha pro seu José Parente, dono da rádio. Quem tomava conta da rádio era o Flávio, irmão dele. Que era danadão né?! O seu José era gordo assim... Era o dono do banco São José né?! Então ele cuidava do banco e o Flávio da rádio. Seu José ia lá de vez em quando. Fui bater na rádio, entrei lá e disse: "seu José eu queria falar com o senhor. Eu sou funcionária da sua rádio, eu sou cantora tal... Ivanilde tal... tarara... tarara...". relatei a história bem direitinho assim e

o senhor precisa ir mais na sua rádio, o senhor não sabe o que acontece lá não! Eu, olhe... essas coisas de dizer... eu me livrei de estupro, de tudo quanto você possa imaginar. Mas eu mesma resolvia. Não tinha Maria da Penha... [risos]. Eu digo meu Deus! Eu vejo essas criaturas hoje contando as histórias tudo assim... eu resolvia e mandava a mão na cara.

Pingo: você foi muito assediada assim?

Ivanilde: muito! Eu fui encantada num canto de parede, por um contrarregra da rádio que era um... o bicho tinha quase dois metros de altura, paraibano, ele me encantou. Eu saí do ensaio, tinha a escada, e faz as volta né assim... ele botou as mãos assim e me botou no canto da parede. Ele queria só um beijo. Eu me preparei... eu bem aqui nele né?! Na barriga dele... ele era enorme... ele botou os braços, era um canto de parede, assim... um canto mesmo! E a escada. E aí, eu vislumbrei tudo né?! Aí eu me abaixei assim, fui de cabeça no saco dele né?! E passei por entre as pernas dele e desci correndo as escadas. Cheguei lá em baixo, lépida e fagueira! No outro dia que eu encontrei com ele, as narinas dele chega abria assim sabe?!, que ele ficou se torcendo lá em cima.

Pingo: é forte né?! Muita gente n'era! Era comum isso, a senhora acha que era comum isso entre os produtores, os donos?

Ivanilde: era, era... tinha uma menina, tudo o que acontece hoje.

Pingo: a senhora achava que as cantoras eram...

Ivanilde: Ô Pingo, tudo o que acontece hoje, desse ambiente nosso artístico de rádio, televisão, seja lá o quê,

é... é o mesmo de hoje, era o mesmo! A única coisa que mudou nisso tudo, meu filho, foi a tecnologia! Somente! Tenho isso pra lhe dizer. Somente! A safadeza era a mesma, as dificuldades as mesmas, né?! E as facilidades também. Então, eu vi, uma atriz, ser... ter rasgada a roupa lá, e ser estuprada lá dentro da rádio... disse isso pro seu José. contei tudinho pra ele. contei tudinho! Tinha um menino que era drogado já nessa época né?! Tão bonito! Tinha uma voz linda! E ele foi quem fez isso com essa menina, ela era... ela era atriz de novela. Eu fiz novela também de rádio e lá... nessa época tinha lá o Aroldo Serra, que trabalhava lá, ajudava o Márcio Dourado. Bom aí, essa minha visita resultou no quê?! Ganhei um programa, o primeiro programa de estúdio! Dia de domingo. A manhã de domingo era minha na Rádio Iracema! Os radinhos de pilha... o pessoal ia pra praia, levava os radinhos, era a febre do radinho portátil né?! E aí, todo mundo escrevia montanhas de carta que eu recebia...

Capítulo 3 – O Feminino nos Festivais Cearense de Música (1960 – 1970)

As primeiras emissoras de TVs no Brasil foram criadas na década de 1950 (TV Tupi de São Paulo em 1950, TV Tupi do Rio de Janeiro em 1951, TV Record de São Paulo em 1953, TV Rio em 1955, TV Excelsior de São Paulo em 1960, dentre outras). Contudo, aproximadamente em seus primeiros dez anos de existência no Brasil as TVs tiveram públicos restritos e uma programação em geral ainda não consolidada, pois os aparelhos de TVs eram caros, porque ainda não existia uma indústria nacional que os fabricassem e também pela necessidade de amadurecimento de sua linguagem própria.

As transmissões das emissoras de TVs que, inicialmente, eram realizadas só ao vivo e tinham carácter estadual (no raio de 100 km em torno da emissora), em agosto de 1957 passam a acontecer entre cidades, com um link montado entre a TV Rio e a TV Record, ligando as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 1959 é criada a TV Continental canal 9, no Rio de Janeiro, trazendo para o Brasil a inovação do “videotape”, gravação da programação em fita e exibição em outros horários e em outras emissoras. No Ceará, a primeira transmissão oficial de TV se deu em novembro de 1960 com a inauguração da TV Ceará.

Desde o início, todas essas emissoras produzem programas no universo da música, mas é na década de 1960 que essa programação vai alcançar o auge de sua popularidade, principalmente com a transmissão dos festivais de música popular brasileira, em que artistas apresentam suas canções e concorrem a premiações diversas, num universo de muita produção e presença de público. Esse formato de competição musical é algo identificável no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, já na década de 1930, com os concursos de marchinhas carnavalescas. No Ceará, também aconteceram concursos de músicas carnavalescas nessa época, como um realizado em 1937, promovido pelo jornal “O Povo” com apoio da Ceará Rádio Clube (PRE- 9).

Mesmo com um formato diverso dos festivais de música que viriam a se consagrar nas TVs em meados da década de 1960, o primeiro festival de música transmitido pelas TVs no Brasil pode ser considerado a I Festa de Música Brasileira

produzida pela TV Record de São Paulo em 1960. Posteriormente viriam a acontecer os famosos festivais de música das TVs Excelsior e Record, entre 1965 e 1970. Nesse período aconteceram também várias edições do Festival Internacional da Canção, promovidos pelo governo do estado da Guanabara (RJ) e transmitidas inicialmente pelo TV Rio e depois pela TV Record e TV rede Globo (em 1967).

Paralelamente à realização desses festivais nacionais de música transmitidos pelas TVs, onde surgiram e se consolidaram inúmeros nomes da Música Popular Brasileira, acontecem sob suas influências, sem maior visibilidade, festivais de música em vários estados brasileiros, efetivados em universidades e em outros espaços. Sendo assim, também no Ceará, ocorrem alguns importantes festivais realizados na década de 1960, e deles participam dezenas de artistas, entre eles mulheres compositoras e intérpretes, pois é nesse espaço que muitos encontram a primeira oportunidade de difusão e registro de suas criações.

A única emissora de TV em funcionamento na década de 1960 no Ceará (TV Ceará) não realiza diretamente os festivais, porém, alguns programas musicais ocorrem nessa emissora, principalmente pelos idos de 1968 e 1969, tais como os programas “Porque Hoje é Sábado”, “Show do Mercantil” e “Gente que a Gente Gosta”, e deles participam alguns artistas cearenses envolvidos nos festivais e de alguma forma esse veículo dialoga com o ambiente dos festivais cearenses.

Em 1965 ocorre a primeira edição do Festival Cearense da Canção, com formato de amostragem, realizado na Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará e promovido pelo departamento cultural do Conservatório de Música Aberto Nepomuceno, que contava na época em sua direção, de entre outros membros, com a professora D’Alva Stela, cearense de Jaguaruana, que vai se destacar posteriormente por várias décadas no Ceará como professora e gestora de cultura e que gravou, dentre outros trabalhos, em 1980 o LP “Sons da Terra do Sol” em parceria com a pianista Nízia Diogo Maia, no qual interpreta canções de autores cearenses, tais como as compositoras, Branca Bilhar, Branca Rangel e Elvira Drumond.

Entre as apresentações da abertura deste festival, encontra-se a pianista Maria de Lourdes Gondim, instrumentista nascida em 1901 e que já vinha se apresentando há décadas em vários espaços cearenses: inauguração do Cine Teatro Majestic (1918) e Ceará Rádio Clube (desde a década de 1930 com programas onde executava repertório diverso e suas composições, entre elas o tango “Recordação ao Luar” (1926). Maria de Lourdes Gondim pode ser considerada uma



Dalva Stela (à direita) - acervo Nirez

pioneira no campo profissional da música, tendo inclusive sua carteira de trabalho assinada como musicista.

Com as mesmas características de sua primeira edição, sob a mesma organização e sem caráter competitivo, acontece em 1966 o II Festival de Música Popular Cearense. A professora de música e pianista Wanda Ribeiro Costa (autora da obra “Louvação — Missa Breve do Sertão”, composta também em 1966 e lançada em CD em 2005, com produção do Laboratório de Estudos da Oralidade da Universidade Federal do Ceará) fazia parte do corpo de selecionadores das canções que participariam desta edição do festival.

É possível destacar na edição desse festival a participação de três cantoras oriundas dos programas de rádios das emissoras cearenses: Ayla Maria, Salete Dias e Isis Martins. Essas participações acentuam os diálogos entre décadas das cenas musicais existentes no Ceará (a professora D’Alva Stela acentua em umas de suas entrevistas sobre esse festival a participação de jovens universitários e ginásianos) e evidencia a dinâmica das carreiras dessas cantoras na década de 1960.

Participam ainda do II Festival da Canção Cearense a compositora e cantora Denise Maria que apresenta as composições de sua autoria “Encantamento” e “É uma Brasa, Mora”, acompanhada pelo conjunto “Os Brasas”, e Doriana que interpreta ao lado de um grupo regional sua obra “Os Meus Desejos”.

Entidade organizadora das duas primeiras edições do Festival da Canção Cearense (1965 e 1966), o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, que teve entre suas fundadoras em 1938, as professoras e pianistas Ester Salgado Studart da Fonseca, Nadir Morais Parente e Branca Rangel, vai possuir como professoras, um conjunto de mulheres que irão por décadas se destacar na música cearense, tais como as professoras e pianistas Maria Helena Barreto e Nízia Diogo, as professoras cantoras Leilá Carvalho e D’Alva Stela, e as professoras arranjadoras e regentes Elba Ramalho, Repegá Fermanian e Núbia Brasileiro, dentre muitas outras. Esse mesmo conservatório vai servir de espaço de formação para muitas mulheres compositoras e cantoras até os anos atuais desde século XXI.

No ano de 1967 acontece a terceira edição do Festival de Música Cearense, nesse momento promovido pela Sociedade Musical Henrique Jorge e realizado na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Essa edição do festival trazia uma premiação em dinheiro para os primeiros colocados, tendo, portanto,



Maria de Lourdes Gondim - acervo Nirez



Isis Martins - acervo Nirez



Elba Braga Ramalho — foto: O Povo, 20/10/2012
Fonte: <http://www.onordeste.com/porta/elba-braga-ramalho/>



QUARTETUPAN - Festival de Música Popular do Cariri, 1978 da esquerda para a Direita: Tarcício José de Lima, Neusinha Barros e Izaíra Silvino - Acervo Izaíra Silvino



Izaíra Silvino - livro Quarteto Pam poemas, pág. 47, 1976 - foto Nelson Bezerra - acervo Izaíra Silvino



Izaíra Silvino - Coral da ADUFC, foto Inês Escobar, 2017 - acervo Izaíra Silvino

caráter competitivo e obtendo maior divulgação na imprensa cearense. Outra peculiaridade desta edição é a proibição de músicas identificadas com o gênero do lê-lê-lê, expressão usada como denominação do rock n' roll brasileiro da década de 1960. O termo surgiu a partir da expressão “yeah, yeah, yeah”, presente em algumas canções dos Beatles, como “She Loves You”, por exemplo. Canções em ritmos “estrangeiros” estavam impossibilitadas de participar do festival.

A professora D'Alva Stela compõe dentre outros nomes a comissão de seleção desta edição do Festival que deverá escolher 20 canções para suas semifinais. Participam desse festival artistas cearenses representantes de várias gerações. Entre compositores e intérpretes divulgados como classificados para as suas semifinais estão as jovens Izaíra Silvino e Elba Braga Ramalho, a veterana Maria de Lourdes Gondim e Conceição Benevides, que interpreta a música “João, Maria e o Mar”, ao lado de seu irmão Lauro Benevides (na época com o pseudônimo de Chico Bento e que depois passou a se chamar Lauro Jaya), além da intérprete Ana Maria, que ao lado de Eudes Pinheiro, fica em terceiro lugar com a música “Canção de Ninar o Amor”, de autoria de Expedito Parente.

O grande público presente a final o III Festival da Canção Cearense participou com expressões de vaias e aplausos e se fixou em algumas melodias, como a de “Boleio”, de autoria de Roberto Vasconcelos, que foi acompanhada pela batucada do terreiro de Mãe Júlia (desde os anos de 1950, Mãe Júlia guiou um terreiro de Umbanda no Bairro do Benfica em Fortaleza, quando juntou adeptos de crenças afrobrasileiras em uma associação, a Federação Espírita de Umbanda em 1954).

Outro festival de música que ocorre no Ceará ainda em 1967 é um festival realizado pelo Grupo Universitário de Teatro e Arte (Gruta) em que se destaca com vencedora a compositora e intérprete Mércia Pinto, com uma marcha rancho de sua autoria em parceria com Assis Aderaldo. Bastante atuante nessa década de 1960 no Ceará, Mércia Pinto vai em 1968 coordenar, junto a Augusto Pontes e Aderbal Freire, o Festival de Música Popular Aqui no Canto. Dentre outras, sua função era transcrever para a partitura as músicas inscritas no festival. Ainda estudante de música, a cearense Mércia Pinto é presa em outubro de 1968 no 30º Congresso da União Nacional de Estudantes, em Ibiúna (SP). Recém-formada em piano, Mércia migra com alguns artistas cearenses para Brasília, inclusive Fausto Nilo (seu marido na época). Mércia, que militava politicamente no Partido Comunista do Brasil, foi presa no Ceará e também em Brasília. Posteriormente termina seus

estudos na Alemanha e de volta ao Brasil vai integrar o departamento de música da UNB (Universidade de Brasília). Mércia Pinto possui mestrado em Pedagogia dos Instrumentos de Teclado, pela Universidade de Lund (1986) e doutorado em Popular Music pela University of Liverpool (1997) e vários trabalhos publicados no segmento da música.

No embalo da realização de alguns importantes festivais nacionais de música, ocorre em novembro de 1968 no Ceará, a IV edição do Festival de Música Popular Cearense. De caráter competitivo e promovido pela Sociedade Musical Henrique Jorge, esse festival aconteceu no Theatro José de Alencar e contou com ampla cobertura do Jornal “O Povo” e algumas notas em outros jornais da época (Tribuna do Ceará, Unitário, Gazeta de Notícias e Correio do Ceará).

Entre as 20 canções classificadas para as semifinais desse festival, está “Diálogo do Amor Cantante”, uma parceria de Izaíra Silvino e Marcus Vale. Izaíra é a única mulher compositora que participa da IV edição desse festival. Sua composição se classifica em segundo lugar e em primeiro se classifica Raimundo Fagner com “Nada Sou”. Outro que participa desse festival e que posteriormente viria a se destacar é Belchior, com a música “Espacial”. Entre os membros do júri das finais desse festival figura a professora D’Alva Stela e o festival também contou com a participação popular na escolha das canções vencedoras.

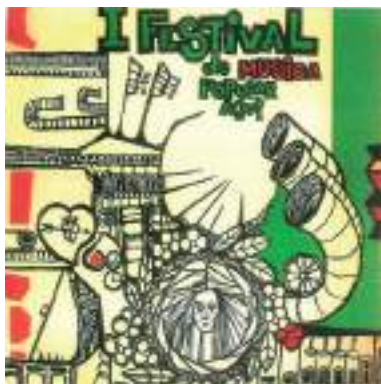
No dia 2 de dezembro de 1968 o jornal “O Povo” publica uma foto de Raimundo Fagner ao lado das fotos de cinco mulheres intérpretes do Festival, mas não cita seus nomes, nem nas legendas e nem na matéria que tem como título “ ‘Nada Sou’ Foi a Maior”.

Ainda em 1968, acontece no Ceará o Festival de Música Aqui no Canto, que tem como diferencial o registro em disco (LP) de 12 canções participantes de sua edição. Esse festival foi promovido pela Rádio Assunção Cearense, Diretório Acadêmico de Arquitetura, Diretório Acadêmico Elvira Pinho, Arquidiocese de Fortaleza e Estúdio Orgacine-Fortaleza com o apoio da Eletro Alencar.

Com aproximadamente 150 canções inscritas e 48 apresentadas no auditório da Rádio Assunção, o festival “Aqui no Canto” chegou às suas 12 finalistas, que vão integrar o LP. Na programação das canções apresentadas nas eliminatórias, temos a presença de Inês Bustamonte Pontes, Íris Bustamente e Izaíra Silvino, dentre outras mulheres.



Capa Jornal O Povo, 2 de dezembro, 1968 - acervo Jornal O Povo. Destaque para participantes do IV Festival de Música Popular do Ceará: Fagner, Neuzinha Barros (centro) e outras cantoras.



Capa do disco "I Festival de Música Popular Aqui no Crato", (Independente Coletivo — 1969)



Capa do disco "Festival Nordestino da Canção" - LP



Anúncio do Jornal Correio do Ceará, 14/08/1969

No LP "Aqui no Canto", gravado nos estúdios da ORGACINE em Fortaleza e lançado em 1969, com capa de Antônio José Brandão e produção de Aderbal Júnior e Augusto Pontes, consta a interpretação de Lourdinha Vasconcelos na faixa de título "Vejo", de autoria de Piti, de Beatriz Fiúza interpretando as canções "A História do Rapaz que Olhou para os Balões e Perdeu as Meninas de Vista", de Luiz Fiúza e Ricardo Bezerra, "Unilateral" de Ricardo Bezerra e Brandão, e da cantora Lúcia Arruda que interpreta as músicas "Esquecimento", de Luís Fiúza e Ricardo Bezerra, e "Canção" de Maninho e Yêda Estergilda. Yêda Estergilda, ainda em 1966, participava do grupo Cactus e integrava o elenco da peça "Louvação", assim como participava do grupo SIN, de literatura, em 1968. O LP conta ainda com a composição de Iracema Melo em parceria com Lauro Benevides intitulada "A Dança do Torém".

Outra peculiaridade desse importante registro fonográfico está na interpretação de Izaíra Silvino da primeira canção registrada em disco de Raimundo Fagner em parceria com Marcos Francisco, intitulada "Luzia do Algodão". Izaíra Silvino por volta de 1967/68 também integrava o grupo vocal Sangue Sugar, formado por ela, seu irmão José Silvino e as irmãs Fátima Limaverde e Rejane Limaverde. O grupo vocal Sangue Suga servia de apoio a vários artistas que viriam a integrar o movimento "Pessoal do Ceará", como Ednardo e Gustavinho, e também se apresentava todas as semanas no programa da TV Tupi Ceará intitulado Show Mercantil, com apresentação de Augusto Borges. O grupo que, além de vocais, também fazia apresentações solo, chegou a fazer apresentação em Mossoró (RN) e Parnaíba (PI). Izaíra Silvino, nos anos seguintes, vai se dedicar à educação musical e se destacar como uma das mais expressivas professoras de música e regente de corais do Ceará.

Em 1969, acontece em âmbito regional o I Festival Nordestino da Música Popular envolvendo os estados do Ceará, Bahia e Pernambuco. Entre as quatro canções escolhidas no Ceará para a final (cada estado selecionava quartos músicas para a final), por ocasião das eliminatórias realizadas no Náutico Atlético Cearense e transmitidas pela TV Ceará e a Ceará Rádio Clube, encontra-se classificada em primeiro lugar a canção "Boca de Forno", de Tânia Cabral, a mesma que posteriormente vai assinar algumas canções do "Pessoal do Ceará".

Se antes de 1959, para cada dez discos vendidos no Brasil, apenas três eram de artistas nacionais, no decorrer dos anos de 1960 essa proporção passou a ser inversa (esses dados relativos aos discos e muitos outros relativos aos festivais

no Ceará estão no livro “Canto do Ceará – Os festivais de música do Ceará da década de 1960”, de Priscila Lima, Lumiar Comunicação e Consultoria, 2016). Nesse período, identificam-se maiores espaços para produção e difusão da música nacional, assim como também se evidencia, na segunda metade da década de 1960, um crescendo de festivais de música no Ceará e realizações de shows no Instituto de Física da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1965, e na Escola de Arquitetura também da UFC, por volta de 1966, além de muitos encontros dos artistas cearenses pelos bares da vida, como no Bar do Anísio na Beira Mar de Fortaleza. É nesse contexto que aos pouco vai sendo gestado um “Pessoal do Ceará”...

Relatos de Histórias de Vida

Izaíra Silvino

Pingo: Tô conversando aqui com a Izaíra hoje. É sobre Izaíra, a sua trajetória mesmo, sua história e algumas impressões. Suas opiniões sobre o feminino na música, dentro desse espaço geográfico que é o Ceará. Entendeu?! Então, a primeira coisa que eu gostaria é que você se identificasse né, nome...

Izaíra: Eu sou Izaíra Silvino, né, é artisticamente falando, mas meu nome é Maria Izaira Silvino da Silva nascida assim, agora Silvino Moraes, depois de casada, né?! Casada com o Didi. O Didi é Moraes. É... tenho dois filhos.

Pingo: você nasceu em Fortaleza mesmo?

Izaíra: eu nasci em Baturité, no Ceará. Meu pai 'estava de passagem por Baturité. Ele era policial militar e foi delegado de Baturité alguns meses e nesse interim, eu nasci! Três meses de nascida, eu fui embora e só fui reconhecer Baturité quando eu 'estava com 18 anos. Mas meu pai tem grandes amigos em Baturité, e é uma terra linda!

Pingo: e é uma família de quantos?

Izaíra: eu sou a segunda de uma família de 12 filhos. Eu tinha um irmão mais velho, que já foi embora, já viajou... E eu sou então agora a mais velha. Né?! De uma família de 12 filhos.

Pingo: e a sua mãe era... qual foi a profissão dela?

Izaíra: minha mãe era mãe. A profissão dela era ser mãe, ser dona de casa; segundo ela, era ser esposa do meu pai! Porque ela disse que quem viveria a vida inteira com ela seria meu pai, porque filhos, iam todos embora! Então, depois de ser esposa dele, é que ela era a mãe da gente!

Pingo: ela dizia isso?!

Izaíra: Certo? Isso aí é uma missão dela e ela cumpriu bem direitinho.

Pingo: são os dois cearenses?

Izaíra: os dois cearenses. O meu pai era filho de um alagoano que veio lá de Anadia, da tribo Caêtes, essa tribo todos os anos ia lá pra Juazeiro do Norte pedir a benção a meu padim [risos] e um dia uns jovens resolveram ficar lá no Juazeiro. Resolveram que não iam mais fazer esse sofrimento de todo dia, todo ano vir a pé de Anadia pra cá, né!

Pingo: sei...

Izaíra: então, meu avô foi jagunço do Padim Ciço e depois veio pra polícia militar do Ceará. [risos]

Pingo: e seu pai seguiu a profissão?

Izaíra: e meu pai com 17 anos era tão magro, que a roupa do magro ficou frouxa pra ele. Entrou na polícia porque ele era filho de um homem que era pobre. Esse homem morreu quando ele tinha 11 anos e a mãe dele, que era uma professora que não se formou, não chegou a receber certificado: passou a ser lavadeira pra sustentar os filhos depois que o marido morreu. E o meu pai com 17 anos entrou na polícia porque era o lugar que ele tinha pra abrigá-lo, pra ele estudar e ser gente.

Pingo: e a música Izaíra?

Izaíra: então, o meu pai — estou falando por causa disso — de um lado era filho desse índio e do lado da minha vó, da mãe dele, que era filha de um músico, um músico. É... que era filho de um português que foi lá pra Ipu. E ele foi da banda de música de Ipu, que foi uma das primeiras do Ceará, e veio de lá pra cá e entrou na banda de música da polícia militar. Então eu sou bisneta de um músico.

Pingo: eu sei... bisneta de um músico!

Izaíra: e do lado da minha mãe, todos os tios dela, os irmãos do meu avô, pai dela, eram cantadores de viola, desses violeiros que improvisava. Todo mundo era... então eu sou neta de violeiro de um lado, e neta de um mestre de banda do outro.

Pingo: mas os pais não... não...

Izaíra: meu pai cantava divinamente bem, não tocava nada, mas cantava e compunha e fazia poesia.

Pingo: e gostava!

Izaíra: e gostava! Sempre tinha música na minha casa e a minha mãe foi cantora da Igreja do Carmo. [risos]

Pingo: Aqui em Fortaleza?

Izaíra: aqui em Fortaleza. Né?! Era cantora do coro da igreja do Carmo; era solista ela e as irmãs todinhas. E ela tinha uma voz linda, linda, belíssima.

Pingo: e isso tudo de forma autodidata, autônoma...

Izaíra: dentro de casa, o meu pai, 12 filhos — oito homens e quatro mulheres — ele fazia um coral e no natal a gente cantava na igreja; a família cantava na igreja.

Pingo: aonde, morando aonde aqui em Fortaleza?

Izaíra: morando aqui no Benfica.

Pingo: moravam aonde?

Izaíra: aqui na Carapinima.

Pingo: moravam na Carapinima. E ele fazia o coral, com vozes e tudo?

Izaíra: mas a gente não morou só na Carapinima, não. A gente morou em várias cidades do interior, porque meu pai era da polícia militar, era honesto, e onde tinha problema, mandavam o honesto pra resolver [risos]. E o honesto nunca ia pra lá sozinho: se fosse pra passar um mês, ia com a família todinha, passar o mês!

Pingo: levava todo mundo! Os 12 meninos?!

Izaíra: todo mundo. Então, era uma renca de filhote ao redor dele e a mamãe tomando conta...

Pingo: Mudança! Então você se mudou muito?

Izaíra: morei em Russas duas vezes, em Aracati, morei em Missão Velha... Em Missão Velha não, numa cidade perto de Missão Velha.

Pingo: como era o nome dele?

Izaíra: Morei em Iguatu...

Pingo: o nome do seu pai?

Izaíra: José Silvino da Silva.

Pingo: e da sua mãe?

Izaíra: Isabel Diogo da Silva [Risos].

Pingo: aí, quer dizer, ele fazia o coral, você menina ainda... cantava, sua mãe cantava na igreja...

Izaíra: quando eu era criancinha, bem criancinha, a minha mãe diz que eu ouvia as músicas da igreja e chegava em casa, inventava letra e ficava cantando. Ela disse que viu que eu dava pra música.

Pingo: ela dizia?

Izaíra: é, e com cinco anos ela me botou pra estudar música, lá em Iguatu. Eu pai 'tava lá em Iguatu e lá tinha uma senhora chamada Amélia Cavalcante, que foi professora do Humberto Teixeira, né? E ela ensinava e tocava bandolim de uma forma maravilhosa, primorosa. E eu digo pra você hoje que ela foi das pedagogas, das melhores pedagogas musicais que eu já vi na minha vida.

Pingo: e ela foi a pessoa que fez a iniciação musical?

Izaíra: ela foi minha primeira professora. O que ela me ensinou, até eu terminar o curso superior, eu não aprendi nada além do que ela tinha me ensinado. [risos]

Pingo: quer dizer que ela lhe deu uma base?

Izaíra: ela era uma grande professora, e meu pai viu...

Pingo: ela era de Iguatu mesmo?

Izaíra: meu pai viu um rapaz tocando — é Cavalcante o nome dele, mas eu não sei o primeiro nome — tocando um chorinho que era dele. Aí meu pai disse: “se você tocar esse chorinho eu lhe dou um relógio de ouro!”.

Pingo: o chorinho era de quem? Era do...

Izaíra: ...era do senhor, do rapaz jovem chamado Cavalcante na época.

Pingo: eu sei... aí o rapaz 'tava lá...

Izaíra: ...eu lembro do rosto dele, tudinho. Eu tenho uma fotografia tocando bandolim e ele acompanhando no violão. E meu pai disse: “eu lhe dou um relógio de ouro se você tocar esse chorinho”. Aí no outro dia eu fui pra dona Amélia e três meses depois eu gachei o meu relógio de ouro! O meu primeiro cachê!

Pingo: tocando bandolim...

Izaíra: tocando esse chorinho que ele disse que era pra eu tocar.

Pingo: tocando bandolim?

Izaíra: bandolim

Pingo: quer dizer que o seu primeiro instrumento foi o bandolim?

Izaíra: foi o bandolim e ainda é o meu instrumento! Eu toco na orquestra popular do Ceará. Bandolim!

Pingo: quer dizer que foi o bandolim, o primeiro instrumento e ela, Amélia que lhe ensinou?!

Izaíra: Dona Amélia que me ensinou!

Pingo: e o canto? Ela dava noção de canto?

Izaíra: a gente cantava em casa, né?! Precisava da noção de ninguém! Lá em casa a gente cantava mesmo! E ouvia muita música! Música de tudo que é jeito... Eu sei todos os hinos da infantaria, da artilharia, “eu sou não sei o que da artilharia, porque na luta se impõe pela metralha...” Tudo eu sei! [risos]

Izaíra: e sei também todos os hinos da igreja católica, né? Sei tudo que é ideal e de grandioso, e por tudo que é hino entrou na minha cabeça e não saiu mais, desde menina. Onde eu chegava tinha hino pra gente aprender.

Pingo: aí, seu primeiro grau foi aqui em Fortaleza?

Izaíra: não, meu primeiro grau foi tudo que foi dessa cidade.

Pingo: eu sei... dessas viagens. E o segundo, foi aqui?

Izaíra: aí eu fiz o chamado curso ginásial que é o fundamental hoje. Fiz em Sobral e fiz aqui. E o ensino médio eu fiz aqui em Fortaleza, no ginásio Santa Maria Goreti que não existe mais, o colégio de irmãs de caridade.

Pingo: eu sei...

Izaíra: que ficava ali atrás da escola doméstica que ficava ali na Imperador. E lá esse colégio era um colégio.... Assim, depois do colégio da Imaculada era o colégio das ricas, da classe média alta né? Mas eu não era

rica e nem era da classe média alta, eu tocava bandolim e a irmã viu e me deu uma bolsa de estudo pra eu poder tocar no conjunto do colégio.

Pingo: no Santa Goreti

Izaíra: no Santa Maria Goreti. Eu estudei nesse colégio da quinta série, depois que vinha do interior, que é o primeiro ano ginásial, né? até o terceiro ano normal, sem pagar nenhum tostão, quer dizer, pagando tocando bandolim!

Pingo: mas já tocava em outros lugares também, além da escola?

Izaíra: não, aí também toquei na sociedade musical do Henrique Jorge, que ficava ali na...

Pingo: você bem nova ainda.

Izaíra: bem novinha, 12, 13 anos. Meu pai ia toda terça e quinta-feira, que eram dias de ensaio, lá pra Solon Pinheiro, 60 — ali ao lado do Parque da Criança — ainda me lembro do endereço!

Pingo: eu sei, tocava lá na orquestra.

Izaíra: tocava violino na orquestra.

Pingo: na orquestra do Henrique Jorge?

Izaíra: na orquestra e estudava violino no conservatório Alberto Nepomuceno. Quando eu cheguei ao conservatório Alberto Nepomuceno.

Pingo: quer dizer, isso dos 12 aos 15 anos ainda, pré-adolescente.

Izaíra: estudei dos 12 até 22 ou 23 anos, porque eu terminei o curso superior de música também lá no Conservatório.

Pingo: mas eu digo assim, depois, porque você terminou o segundo grau, então no Goreti, o que corresponde ao segundo grau, o ginasial...

Izaíra: é, o segundo grau que é o médio hoje.

Pingo: é o ensino médio.

Izaíra: terminei também no Goreti, e ao lado disso eu estudava o fundamental e o médio de música, no conservatório Alberto Nepomuceno.

Pingo: violino, essas coisas... quem são suas professoras lá, você se lembra quem é?

Izaíra: violino e teoria musical. Ah... Dona Afonsina, Dona Nise Diogo Maia, é... professor... meu professor de violino que era o Horranes de Goadjan, Nelson E. de Meneses, Rita Plutarc, esses professores do Conservatório tudinho foram meus professores! Elba Braga Ramalho...

Pingo: Que ano é, você se lembra?

Izaíra: Eu terminei música.

Pingo: como é o técnico ali, né?! Que corresponde o técnico.

Izaíra: o curso de música eu terminei em 1979.

Pingo: o superior não?!

Izaíra: O superior!

Pingo: e esses cursos como são?

Izaíra: esses outros tudinho quando era menina! A partir dos 10... eu 'tava lá na Casa de Juvenal Galeno tocando meu bandolim, né?! Depois desse chorinho, eu nunca mais parei! E a minha mãe me botava pra tocar pra tudo que era gente. Então eu fui convidada pra uma festa na Casa de Juvenal Galeno, bem menina véa, tocando lá com um senhor que 'tava lá. Me viu pela primeira vez, me acompanhando no violão. Aí o Orlando Vieira Leite 'tava nessa reunião bem novinho; aí chegou e disse: "menina, você é música! Você quer estudar música?". Eu disse: "Quero!". "Pois vá lá pro conservatório!" Eu disse: "eu não posso ir pra lá, que lá é pago e meu pai tem muitos filhos, não dá pra ele...". "Eu lhe dou! Vá pra lá que eu lhe dou uma bolsa pra você!".

Pingo: isso na década de 1960?

Izaíra: então... final da década de 1950, início de 1960. Ainda era lá na... lá na... em frente ao Liceu.

Pingo: o Conservatório [Risos]. É Izaíra, tem história!

Izaíra: aí ele me deu bolsa... quer dizer, a música que me deu tudo que eu tenho na vida hoje!

Pingo: aí você foi pra lá...

Izaíra: E o que é que eu faço? Distribuo música! Isso que eu tenho de fazer! Distribuir música.

Pingo: aí quando você decidiu fazer o superior, tinha na UECE?

Izaíra: não, não tinha na UECE, tinha no Conservatório Alberto Nepomuceno. O Conservatório Alberto Nepomuceno teve o primeiro curso superior de Música do Ceará e o quinto do Brasil! Quando a UECE quis

virar universidade, ela, pra virar universidade, tinha de ter no mínimo três cursos. Então ela pegou o curso de odontologia, não... era... tinham três cursos, enfermagem, não era odontologia...

Pingo: não era veterinária não?!

Izaíra: acho que era veterinária e música, que existia! Ela pegou esses três cursos e formou a UECE...

Pingo: então você fez, o seu certificado ainda era do Conservatório.

Izaíra: não, meu certificado já é da UECE, mas eu fiz no Conservatório. Quando eu terminei, eu terminei no Conservatório Alberto Nepomuceno.

Pingo: Em 1960 né? aquela história do festival, você já tocava com as pessoas, como foi aquilo ali? Você era bem nova...

Izaíra: não, naquela época em 1960, eu tocava com a Orquestra Henrique Jorge, tocava no Conservatório Alberto Nepomuceno, era do Coral Canto do Aboio... Eu era tudo, só de música popular, sabe como é que me chamavam aqui no Ceará?

Pingo: Não...

Izaíra: essa turma todinha do festival, aí tudinho, me chamavam de Izaiiiiiira... porque eu tocava bandoliiiiim... eu era pobre coitada, a Izaiiiiiiraaaaa. Eu não era nada pra eles.

[Risos]

Pingo: brincavam com você, tiravam onda... Mas porque era do clássico também.

Izaíra: porque eu era do violino na orquestra, né?

Pingo: o clássico, fazia canto?

Izaíra: aí, todos eles vieram do Conservatório também, mas faziam isso.

Pingo: Mas você se entrosou com eles?

Izaíra: não. Não me entrosei com nenhum deles.

Pingo: e como é que foi essa participação, a sua primeira participação, foi nesse festival?

Izaíra: a minha participação no festival, é porque o Fagner foi meu aluno, no estado, no Colégio Estadual João Hipólito de Azevedo e Sá.

Pingo: quer dizer que você ao sair, já dava aula de educação artística?!

Izaíra: dava aula! Quando eu ‘tava na escola ainda, quando eu ‘tava no curso superior já, eu comecei a dar aula no... quando criaram a escola para todos, eu fui professora dessa escola para todos no Colégio Estadual João Hipólito de Azevedo e Sá, que era um colégio dos padres Salesianos ali na Piedade, que à tarde era do estado e de manhã e de noite era dos Salesianos.

Pingo: eu sei...

Izaíra: aí o Fagner e o Marcos Francisco foram meus alunos, né?! E o Fagner e o Marcos Francisco participaram do primeiro festival que a sociedade musical Henrique Jorge criou, então eu participei desse festival, da sociedade musical Henrique Jorge.

Pingo: eles convidaram pra cantar música?

Izaíra: não. Eu apresentei uma música minha e do Marcos... do Marcos... como é... do Paulo Vale que é da Universidade hoje. Ele era também da Sociedade Henrique Jorge, porque o tio dele, o avô dele, todo mundo tocava na orquestra.

Pingo: eu sei...

Izaíra: aí eu interpretei uma música que era minha e dele, tirei eu acho que foi o segundo lugar e o Fagner tirou o primeiro... O Fagner tinha sido meu aluno, aí nessa época, depois disso eu participei do Festival Aqui no Canto.

Pingo: Pois é! Esse primeiro, como é o nome desse primeiro? Do Henrique Jorge, né?

Izaíra: Festival de Música da Sociedade...

Pingo: Não teve disco, não?

Izaíra: Não. Teve prêmio, Eu ganhei um fogão.

Pingo: Qual foi o ano?

Izaíra: o primeiro lugar ganhou um fogão e o segundo lugar também.

Pingo: foi sessenta e o quê? Acho que tem nesse livro que essa menina lançou agora sobre festivais de sessenta.

Izaíra: deve ter...

Pingo: Sessenta e cinco?

Izaíra: Foi não, porque eu terminei direito em 1969, fiz vestibular em 1964 e foi um pouco antes disso. Deve ter sido 1962... nesses anos. Aí depois participei do

Festival Aqui no Canto, que o Gustavinho Silva chamou um quarteto que eu fazia parte, que cantava no programa do... Como é o nome dele?

Pingo: ...Augusto Borges?!

Izaíra: Augusto Borges!

Pingo: Qual era o quarteto, como é o nome?

Izaíra: The Sangue Sugares.

Pingo: Aí quem era esse quarteto?

Izaíra: Esse quarteto, The Sangue Sugares era: O Silvino Filho, meu irmão, Eu, Rejane Limaverde e Fátima Limaverde.

Pingo: é... a Fátima chegou a me falar disso...

Izaíra: Na época tinha um conjunto, como ainda tem o conjunto chamado: The Swing Singers.

Pingo: Um hum...

Izaíra: Que era famoso... Aí a gente pegou sanguessuga, que é o besouro daqui mesmo, nosso... aí botou o D na frente e um apóstrofo S: D'Sangue Sugar's.

Pingo: Fez uma paródia com o nome.

Izaíra: Uma paródia, chacoalhando o Inglês que todo... e a gente era famoso, a gente quando viajava o povo pedia autógrafo... Paraíba, Rio Grande do Norte... tudinho...

Pingo: Vocês fizeram e gravaram, que repertório era?

Izaíra: A gente cantava Música Popular Brasileira.

Pingo: Dos festivais? Chico Buarque, essas coisas que já vinham por aí...

Izaíra: Não. Daqui. As músicas daqui. Do Chico Buarque também, mas não as dos festivais. Músicas Populares.

Pingo: Você então, participou do festival de 1968 com esse quarteto? Do Aqui no Canto?!

Izaíra: Era esse quarteto.

Pingo: Cantando?

Izaíra: A gente cantou uma música do Gustavinho Silva. Aí a música do Gustavinho, não foi classificada.

Pingo: sei...

Izaíra: a música do Fagner foi classificada.

Pingo: qual era a música?

Izaíra: a música do Fagner era “Luzia do Algodão”. Era dele e do Marcos Francisco. Aí foi classificada, mas a moça que ia cantar a canção do Fagner, ficou doente, ficou rouca, e o Aderbal Freire que era o diretor...

Pingo: o organizador

Izaíra: o organizador, produtor e diretor

Pingo: junto com a Rádio Assunção né?!

Izaíra: ...ele não gostava da voz do Fagner e disse que eu que tinha de cantar. Aí eu fui lá e cantei! Eu me tornei por acaso, a primeira pessoa que gravou o Fagner! Porque... [risos]

Pingo: tem essa história dele de achar a sua voz... era... você era mais velha que o Fagner devia ser muito novo ainda.

Izaíra: ele não gostava da voz do Fagner porque tremia, ele jura hoje de pé junto, que não foi por isso, mas todo mundo sabe na época que foi por isso! Pode perguntar ao Rodger Rogério que ele sabe! [risos]

Pingo: aí você cantou essa música no festival?

Izaíra: aí eu cantei essa música “Luiza do Algodão”, que é belíssima! É uma das músicas mais lindas que ele já fez e ele podia gravar de novo! [risos]

Pingo: ele gravou...

Izaíra: gravou!

Pingo: foi gravado no festival.

Izaíra: foi gravado Festival Aqui no Canto, no disco...

Pingo: gravado fora... foi gravado ao vivo?

Izaíra: não foi gravado lá na Rádio Assunção. Depois foi que ele mandou pra fora pra poder prensar...

Pingo: E aí, depois do lançamento, você cantou nos shows, teve lançamento, teve show, não?!

Izaíra: não... Teve show e teve lançamento mas eu não cantei... quem cantou foi a moça que iria cantar né?!

Pingo: eu sei... mas no disco você cantou!

Izaíra: no disco fui eu que cantei!

Pingo: aí ela foi cantar nos shows...

Izaíra: é, ela continuou cantando.

Pingo: isso foi depois disso daí. Você se lembra algum outro festival... porque o que eu queria mesmo era saber na hora que você fez a licenciatura, aí você...

Izaíra: eu terminei a licenciatura em música...

Pingo: e foi ensinar educação artística.

Izaíra: eu terminei a licenciatura em música em 1964. Eu fiz o vestibular pra direito... 1964 eu fiz vestibular pra direito, foi!

Pingo: e terminou em 1969?!

Izaíra: terminei Direito em 1969.

Pingo: porque tu fizeste vestibular pra Direito?

Izaíra: porque meu pai disse... meu pai adorava música e gostava muito disso porque eu fazia música, mas ele me disse que eu deveria fazer uma faculdade pra ver como é que as ciências existiam, como é que se estudava, como é que se vivia o mundo, porque diz que só eu olhando as notas musicais eu não aprenderia a ver o mundo, não por causa das notas musicais, mas por causa dos professores que me ensinavam as notas.

Pingo: e sua mãe?

Izaíra: então... a mamãe achou que 'tá certo! Aí, eu queria primeiro fazer medicina. Eu andava com minhas colegas tudim, em tudo que era hospital, pra fazer medicina, aí um dia eu cheguei num hospital e o médico deixou a gente entrar. Aí o primeiro corte que ele deu lá numa cirurgia que ele 'tava fazendo, que

ele deixou a gente ver, eu já caí pra trás! [risos]. Aí, eu já vi que a medicina não era minha praia! As minhas colegas todinhas são dra...

Pingo: e esse ao fazer Direito de alguma forma te tirou um pouco da música?

Izaíra: aí escolhi fazer Direito

Pingo: você se afastou da música fazendo Direito?

Izaíra: não, eu tocava na orquestra do mesmo jeito, na Orquestra Henrique Jorge, já era do quarteto, do quarteto... D' Sanguê Sugers cantava na televisão, tentei o Flávio Cavalcante, porque eu 'tava lá no Rio de Janeiro e arranjei um amigo meu que era amigo do diretor da Paulo Cabral. Aí lá fui eu cantar no Flávio Cavalcante, todo mundo me deu nota baixa, menos o ... aquele, que era bem velhinho... que eu não lembro mais como é o nome dele, me deu um oito o cara! Dava zero pra todo mundo!

Pingo: você cantou o que lá, você se lembra?

Izaíra: ixe... nem me lembro mais! Era uma música do Geraldo Vandré.

[risos]

Pingo: me diga uma coisa...

Izaíra: "Amanhã cedo um rio..." [cantando] uma música difícil como todo!

Pingo: com a orquestra acompanhando...

Izaíra: com a orquestra acompanhando!

Pingo: me diga uma coisa, em algum momento você sentiu... que aí você pronto... ah, eu tô ali, fazendo, tô fazendo Direito...

Izaíra: eu fiz o Direito, e eu digo pra você hoje que depois que eu estudei com a Dona Amélia Cavalcante, as ciências que me fizeram melhor ver o que era a música, foram as ciências que eu estudei na faculdade de direito: sociologia, filosofia, antropologia, Direito, Direito Civil, Direito Penal, estudar o que é um Estado, as relações humanas, tudo isso me fez entender o que era a música...Tudo isso me fez entender.

Pingo: De alguma forma, assim, porque há uma... essa coisa que você foi... ‘tava na música, mas ao mesmo tempo ‘tava ali no Direito, ‘tava terminando... tem alguma momento que você diz assim: “Eu vou entrar no processo, mais de educação...”

Izaíra: Não.

Pingo: E houve alguma dicotomia, entre a carreira musical e essas outras?

Izaíra: Não. Nunca houve. Pra mim ser professora de música e ser musicista é a mesma coisa. Para mim, ainda é a mesma coisa. E os meus alunos, foi quem me fizeram ter vontade de ser professora. Porque eu fui jogada na carreira de professora assim... “Ah! Tão abrindo inscrição pra ser professor de música. Quem estudar música pode ir pra lá...” Eu até ganhei meu contrato pra ser professora de música, porque eu fazia Direito.

Pingo: Ah, eu sei. Você acha que não havia essa dicotomia, então de ser musicista?

Izaíra: Não, nunca houve.

Pingo: Para você ter exceção na dita academia, é pratica musical.

Izaíra: Academia foi depois. Assim... eu comecei a ensinar nas escolas, escolas públicas e algumas escolas privadas e os alunos me fizeram entender o que era ser professora... Eles me ensinaram, que o professor é um líder e que quando o professor ama o que ele está fazendo, eles aprendem mais do que

tudo. O professor de matemática dizia assim: “ Deve ser muito fácil, ensinar música...esses alunos vão tudo atrás de ti e não vão atrás de matemática, né... [risos]

Izaíra: aí eu dizia assim: me bata pra eu poder ensinar essa tua matemática pra eles não gostar de matemática também [risos].

Pingo: aí... risos

Izaíra: então dessa forma eu fui aprendendo e...

Pingo: a universidade veio depois?

Izaíra: a universidade... depois que eu fui professora e tudim, a Keite de Albuquerque, lá, acho que era a regente do coral da universidade depois do Orlando Leite. Ela ficou doente e o coral parou. Então, um pró-reitor soube que eu...

Pingo: regia... fazia esse trabalho...

Izaíra: o B de Paiva! O B de Paiva! Eu fui trabalhar com o B de Paiva, fui tocar num espetáculo do B. de Paiva e ele disse: menina, vai ensinar... quando ele...

quando eu... quando eu... a gente veio do espetáculo ele disse: vai... vai reger o coral da Universidade que eu vou te levar pra reger. Aí eu fui lá pra reger o coral da Universidade, foi um salseiro, todo mundo dizendo que: “a Izaíra não sabe nada de música! Não sei o que...”. Minhas professoras tudinho! Mas não teve problema, fiquei ensinando lá no, no... fiquei regendo o coral da Universidade e depois houve um concurso e eu passei e fiquei sendo professora da Universidade e regente do coral.

Izaíra: quando me chamaram pra reger o coral da Universidade, eu pensei assim: é... o que é que nós vamos... se eu saísse de casa pra ir ver um coral, se esse coral só cantasse música Erudita eu não saia de casa pra ver! [risos]

Pingo: porque eu queria começar a entrar numa questão aqui que é essa questão exatamente do feminino na música assim... como você... as mulheres que lhe inspiravam, você já falou, né, dessa professora que você teve, que foi uma grande referência né sua, sua mãe cantando também foi outra né?!

Izaíra: foi outra grande referência...

Pingo: tem outras referências de mulheres, assim, musicistas... Você já falou de algumas professoras do Conservatório que foram importantes na sua formação?

Izaíra: a minha outra referência é o Samuel, que é o homem...

Pingo: eu digo assim, feminina.

Izaíra: não. Eu vou dizer uma coisa pra você: eu sou de uma família de 12 irmãos, com oito homens. Eu não

fui criada com esse negócio de ser homem, ou ser mulher não. Eu era a irmã ali dentro, jogava futebol com os meus irmãos, ganhava deles, dava porrada neles, do mesmo jeito que eles davam em mim... [risos]

Izaíra: eu não tinha esse negócio de ser homem ou ser mulher, não?! Nunca liguei pra esse negócio de ser homem ou ser mulher, era tudo misturado e ainda hoje eu sou, acho que é por isso que os homens gostam muito de mim e mulher não gosta.

Pingo: porque é tudo muito...

Izaíra: porque eu sou muito assim grrrrrr (som de brava) né? e elas não gostam não, porque mulher não é pra ser assim, é pra ser bem calminha, bem quietinha...

Pingo: eu sei porque... uma das coisas assim... depois, você olhou de gênero na música, em algum momento você olhou nos corais, vendo assim os naipes, vendo as experiências das meninas, dos meninos, como é que se dava...

Izaíra: depois eu vi por exemplo, que a Chiquinha Gonzaga era uma grande referência, e pra mim ela foi uma grande referência, eu estudando a Chiquinha Gonzaga, foi que eu resolvi que era música popular que o coral tinha de cantar, porque a música erudita de hoje é a música popular que o povo faz, do jeito que o tempo da renascença faziam... aqueles temas da renascença tudinho era de música popular que o povo cantava nos bares, né?! Aí faziam arranjos pro coral cantar, aí eu fazia a mesma coisa. Botava pros meninos pra cantar ...

[risos]

Pingo: mas é muito legal essa coisa sua de... primeiro, porque você teve em casa a mãe que foi uma grande incentivadora e praticava a música. O pai, né?! E os irmãos, os outros ali, juntos fazendo música...

Izaíra: e aprendi que a gente consegue fazer as coisas

Pingo: junto

Izaíra: junto, com todo mundo a gente consegue. Nunca fiz nada sozinha, na minha vida...

Pingo: sempre...

Izaíra: nunca. Sempre foi coletivamente. Não sei fazer sozinha. Um solo, sei se eu for fazer sozinha.

Pingo: eu quero chegar nessa questão mais atual aqui mesmo, como é que você vê o cenário, você vê essa questão mesmo e pinçar um pouco essa questão do gênero, como é que você enxerga isso, que é pra eu tentar refletir um pouco porque eu vou traçar um pouco esses discos com um pequeno texto sabe?! Aonde eu vou situar, não só o...

Izaíra: eu sei que as mulheres, perante os homens, elas têm uma defasagem, de ter vez e voz, eu sei disso! Dentro da história 'tá marcado isso. Eu só digo isso: na minha formação, na minha casa, mulher era rainha! O meu pai, apesar dessas fuxicada toda com meus irmãos homens, o meu pai não deixava nenhuma mulher fazer nenhum trabalho pesado, quem lavava, é... quem lavava banheiro na minha casa, quem varria casa, quem limpava o quintal na minha casa, quem cuidava do jardim da minha casa era homem, porque homem era que tinha de fazer esses trabalhos, mulher não fazia isso não.

Quem fazia comida na minha casa, também era homem, quem lavava a louça, eram os homens.

Pingo: você ficava só tocando!

Izaíra: era!

Pingo: a Izaíra só tocando e os meninos vão trabalhar!

Izaíra: meu pai era assim! As filhas dele, foram estudar nas escolas privadas, as melhores, e os filhos dele foram estudar nas escolas públicas, porque mulher precisava estudar em ótima escola pra ter vez! Então eu fui criada assim!

Pingo: e é interessante, que era um militar, delegado. Você vê a visão do cara, essa coisa como é, tem gente que tem preconceito com determinadas veias profissionais, vê um cara com uma visão dessa, e a forma como o incentivo aconteceu...

Izaíra: o meu pai era esse soldado, que quando saia do quartel, já saia apaisana, porque ele era militar lá dentro do quartel né, como o capitão que... se chamando de capitão sem 'tá dentro do quartel... [risos].



Capítulo 4 – A presença feminina nos movimentos “Pessoal do Ceará” e “Massafeira” (1970 – 1980)

A denominação “Pessoal do Ceará” nasceu de uma expressão usada pelo produtor paulista Walter Silva para designar um conjunto de artistas cearenses que migrou para o sudeste do Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro) e que atuava num programa de uma emissora paulista de Televisão. Posteriormente, em 1973, essa expressão ganhou força ao aparecer na contracapa do LP coletivo “Meu Corpo, Minha Embalagem, Todo Gasto na Viagem”, produzido por Walter Silva. Este disco, embora coletivo, é protagonizado por Ednardo (composições e canto), Rodger Rogério (composições e canto) e Têti (canto) que na época assinava Tetty.

“Pessoal do Ceará” passou então a designar de alguma forma todos os músicos cearenses atuantes, principalmente no início da década de 1970 e embora esse “movimento” seja mais reconhecido através de três nomes que viriam a fazer sucesso nacionalmente, Fagner, Ednardo e Belchior, muitos outros artistas foram embrionários dessa movimentação artística no Ceará, dentre estes, muitas mulheres.

Em uma entrevista concedida ao pesquisador Pedro Rogério, o músico, compositor e cantor, Rodger Rogério, também um dos expoentes desse movimento ao lado da cantora Têti, cita as seguintes mulheres participantes do Pessoal do Ceará: Iracema Melo, Olga Paiva, Mércia Pinto, Neyde Maia, Amélia Colares, Ângela Linhares e Chica (Francisca Nepomuceno). Além dessas mulheres citadas por Rodger, na contracapa no LP coletivo que ficou conhecido como “Pessoal do Ceará” (Continental, 1973) há ainda citações às artistas Yeda Estergilda (poeta e jornalista, que participou como compositora do LP do I Festival de Música Popular Aqui no Canto, 1968), Tânia Araújo, que assina a faixa “Palmas pra dar Ibope” em parceria com Ednardo, além de Neide Maia, Amelinha, Fatinha e Vavá.

A intérprete Têti, que participa da maioria das faixas do LP “Pessoal do Ceará”, havia migrado com seu esposo, na época Rodger Rogério, para Brasília e posteriormente para São Paulo, no início da década de 1970, teve efetivamente sua estreia como cantora em São Paulo.



Capa do Disco “Chão Sagrado” de Rodger e Têti, 1974, gravado pela RCA Victor



Capa do disco “Equatorial”, Têti, 1979 (CBS – LP)



Têti, gravação Projeto Pérolas do Centauro, 2012/2013
Foto: Papinha Rodrigues - Acervo SOLAR

Maria Elisete Moraes de Oliveira, natural da cidade de Quixadá, com nome artístico de Têti, dá prosseguimento à sua carreira com o lançamento do LP em parceria com Rodger Rogério intitulado “Chão Sagrado”, lançado pela gravadora RCA Victor em 1974. Na capa, Têti e Rodger se apresentam como artistas do “Pessoal do Ceará”. Logo após o lançamento do LP “Chão Sagrado” (em 1974), Têti, que residia em São Paulo, volta a residir em Fortaleza e Rodger havia retornado quatro meses antes.

Em 1979 a cantora Têti grava, a convite de Fagner, então diretor da CBS, o LP “Equatorial”. O disco foi lançado em 1980. Posteriormente, Têti segue realizando múltiplos shows, principalmente em Fortaleza, e grava os CDs “Têti” (independente, 1997) e “Têti do Pessoal do Ceará” (2000, independente), além de registrar sua voz através de inúmeras participações em discos de muitos artistas cearenses.

Outra artista citada na contracapa do LP “Pessoal do Ceara” e que viria a consolidar sua carreira é a intérprete Amelinha. Amelinha, Amélia Cláudia Garcia Collares, nascida em Fortaleza, em 21 de julho de 1950, saiu de sua terra natal no ano de 1970, para cursar Comunicação na cidade de São Paulo. Ali participa de shows do cantor e compositor cearense Fagner. Em 1974, se apresenta em alguns programas televisivos e em 1975, viaja numa turnê para Punta del Este, no Uruguai, na companhia de Vinícius de Moraes e Toquinho.

No ano de 1977, Amelinha lança pela gravadora CBS o disco “Flor da Paisagem”, com produção de Fagner e, em 1979, ganha o disco de ouro com o lançamento do LP “Frevo Mulher”. No ano de 1980, interpreta a canção “Foi Deus que Fez Você”, composta por Luiz Ramalho, no festival MPB 80, da Rede Globo, e então se consagra como uma das grandes intérpretes da música popular brasileira. A canção foi classificada em segundo lugar e vendeu mais de um milhão de discos compactos, alcançando o primeiro lugar nas paradas das rádios FM e AM. Em 1982, volta a fazer sucesso nacional cantando o tema “Mulher Nova, Bonita e Carinhosa Faz o Homem Gemer sem Sentir Dor”, de autoria de Otacílio Batista e Zé Ramalho.

Amelinha segue produzido discos e shows sistematicamente e em 2011 lançou seu mais recente trabalho, “Janelas do Brasil”, com canções de Belchior, Zeca Baleiro, Ednardo, Fagner, Geraldo Espíndola, Alceu Valença e uma das mais recentes revelações da MPB, Marcelo Jeneci. Em 2012 Amelinha gravou seu primeiro DVD, também intitulado “Janelas do Brasil”, contando com as participações dos cantores e compositores Fagner, Zeca Baleiro e Toquinho. Em 2017, Amelinha

lança o CD “De Primeira Grandeza – “As Canções de Belchior” (Deck), em que interpreta composições de Belchior em forma de homenagem póstuma ao artista cearense falecido no final de abril desse mesmo ano. Ainda em 20017, faz a gravação da canção “Afinidades”, de Pingo de Fortaleza e Gylmar Chaves, para o CD “Solo Feminino 3”.

No final da década de 1970, os artistas cearenses que não migraram para o sudeste seguem suas produções de shows e muitos outros vão surgindo a cada dia, pois é assim a dinâmica da cultura e das produções artísticas, assim como também é dinâmica dos diálogos entre artistas de outras gerações. Dessa forma, através de um diálogo entre o “Pessoal do Ceará”, tendo à frente o artista Ednardo, e membros de uma nova geração de artistas cearenses atuante no final da década de 1970 é que vai surgir um movimento denominado “Massafeira Livre”, que irá reunir mais de uma centena de artistas em apresentações de múltiplas linguagens, nos dias 15, 16, 17, 18 e 19 de março de 1979 no Theatro José de Alencar.

O “Massafeira Livre” se consolida através da gravação de um LP coletivo duplo lançado em 1980 pela CBS (selo EPIC) e desse movimento participarão inúmeras mulheres com suas composições, seus toques e seus cantares.

Embora outras cantoras e intérpretes tenham participado do evento Massafeira na área da música como Daniela de Rogério, Cida, Janete, Idalina e Solânia, dentre outras, na ficha técnica do LP “Massafeira” aparecem como integrantes do coletivo Massafeira as compositoras e intérpretes: Têti, Ângela Linhares, Ana Fontelles, Mona Gadelha, Tânia Araújo, Zezé Fontelles e Marta Lopes. Cada uma dessas artistas vai desempenhar um papel específico no disco e, posteriormente, suas trajetórias musicais continuarão através de projetos solos e coletivos.

A cantora Têti, com atuação destacada no “Pessoal do Ceará” desde o início dos anos de 1970, participa do LP da Massafeira interpretando ao lado de Tânia Cabral a canção “O Rei”, de autoria de Tânia Cabral, e canta ao lado de Ednardo “Último Raio de Sol”, de autoria de Rodger Rogério, Clodo e Fausto Nilo, além de participar do coro vocal em diversas faixas do disco. Sua participação nesse evento exemplifica o intercâmbio de experiências entre artistas que já tinham uma caminhada no universo da produção musical e outros que ainda estavam iniciando suas jornadas artísticas.



Capa do disco “Flor da Paisagem” - Amelinha, 1977, CBS, LP



Capa do disco “Massafeira”, 1980 (Selo EPIC-CBS - LP Duplo Coletivo)



Ângela Linhares:
Foto: Gentil Barreira



Ângela Linhares — imprensa, Jornal O Povo, ano 1988
Acervo: Olga Ribeiro



Capa LP Grupo Raízes — acervo Klaudia Alvarez
Música do Ceará
<http://musicadoceara.blogspot.com.br/2008/06/ngela-linhares-grupo-raizes.html>

Ângela Linhares participa do LP coletivo Massafeira interpretando uma música de sua autoria composta em parceria com Ricardo Bezerra intitulada “Como as Primeiras Chuvas do Caju” e também integra o coro vocal em diversas outras faixas do LP.

Ângela Linhares, antes de participar do Massafeira, havia morado seis anos em São Paulo, período que integrou o grupo musical Raízes, formado por ela e pelos mineiros da cidade de Montes Claros: Charles Boavista, Tino Gomes e Joba Costa. O Grupo Raízes lançou três LPs ainda na década de 1970. Nessa época, Ângela participa de movimentos comunitários e também integrou o elenco de uma montagem da peça “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto quando excursionou por inúmeros municípios paulistas.

Nos anos de 1980, Ângela Linhares, de volta à Fortaleza, além de participar do show e disco do Massafeira, continua compondo, participando de shows coletivos e montando um espetáculo musical por ano, quando também se dedica ao teatro.

Com passagens por Brasília e posteriormente São Luiz, Ângela Linhares posteriormente priorizará seus estudos em educação, gradua-se em Letras pela Universidade Federal do Ceará, em 1984, e em 1996 conclui o mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Em 2001, termina seu doutorado nesta mesma universidade.

Em sua carreira, além de participar dos discos do Grupo Raízes, participa de alguns discos coletivos como por exemplo do LP duplo “Pessoal do Cais Bar — Novos Compositores e Intérpretes do Ceará” (independente, 1994) interpretando a canção “Versos Frios” de Joaquim Ernesto e Newton Fortaleza e do CD “Solo Feminino 2” de 2004, interpretado “Boi Mansinho” de Pingo de Fortaleza, Oswald Barroso e Tiago Correa.

Sempre vinculada aos movimentos sociais e a trabalhos sociais ligados aos povos do mar e outros segmentos, Ângela durante muitos anos se dedica ao projeto Um Canto em Cada Canto, presidindo a associação que desenvolve um trabalho de formação de corais infantis em Fortaleza e, em seguida, em todas as regiões do Ceará.

Atualmente, Ângela Linhares é professora titular da Universidade Federal do Ceará e se dedica à música em diversos projetos e programas sociais e está em fase de conclusão e lançamento do seu primeiro disco solo intitulado “Perto do

Coração Aqui Mesmo”, que trará um repertório de sua autoria e em parceria com diversos nomes da música cearense.

Ana Fonteles, ainda assinando como Aninha, participa do LP “Massafeira” interpretando ao lado de Ednardo a faixa “O Sol é que é o Quente”, do compositor Alano Freitas, e participa também do coro vocal em várias faixas desse álbum duplo.

Piauiense de Parnaíba, originária de uma família de irmãos artistas, Ana Fonteles, chegou ao Ceará na década de 1970 e depois de participar do projeto Massafeira, manteve uma carreira musical dinâmica. Participou de vários discos tais como: “Melhor que Mato Verde”, de Petrúcio Maia (Epic/CBS, 1980), “Brilho”, de Stélio Valle (independente, 1982) e “Liberado”, de Alano Freitas e Francis Vale (independente, 1989), dentre outros. Em 1990, grava seu disco solo, o LP “Ana Fonteles”. Realizou vários shows individuais (“Bico de Pena”, em 1982, “Feito Canção”, em 1984, dentre outros) e participou de inúmeros shows coletivos. No ano de 1994, participa do LP Coletivo “Pessoal do Cais Bar – Novos Compositores e Intérpretes do Ceará”, cantando a canção “Mal Pequeno”, de Joaquim Ernesto e Airton Monte.

Em 1995, muda-se para a cidade de Nova York nos Estados Unidos, onde se apresenta em bares e outros espaços. De volta ao Ceará, já adoentada, falece precocemente, aos 45 anos, em julho de 2004.

Zezé Fonteles, irmã de Ana Fonteles, participa no LP “Masseira” no coro vocal. Piauiense também radicada no Ceará, Zezé, depois de alguns anos atuando no Ceará, retorna para o Piauí.

Mona Gadelha, participa do LP “Massafeira” como compositora e intérprete da canção “Cor de Sonho”. Uma das pioneiras da cena cearense vinculada ao rock n’roll, Mona inicia suas experiências musicais em meados da década de 1970 e sua participação no Massafeira representa a presença de um novo coletivo de artistas que surgiam naquele momento na cidade de Fortaleza. No ano anterior ao Massafeira (1978), Simone Gadelha (depois Mona Gadelha) havia tirado o terceiro lugar no festival da Crédimus com sua composição “Cor de Sonho”, um mês após o festival, Mona participaria do show do grupo Perfume Azul, no Theatro José de Alencar.

Posteriormente, ausente cerca de quatro anos da cena musical, Mona Gadelha apresenta em 1985 os espetáculos “Emoções Perigosas” (Teatro da Emcetur e



Ana Fonteles - acervo
<https://jornalggn.com.br/blog/lucianohortencio/ana-a-voz-dos-fonteles>



Capa LP Ana Fonteles, independente, 1990
Acervo - Pingo de Fortaleza



Capa compacto independente "Emoções Perigosas" - ano 1985.
Mona Gadelha



Capa DVD "Cidade Blues Rock nas Ruas", Mona Gadelha.
Ano 2013 - acervo Mona Gadelha



Encarte DVD "Cidade Blues Rock nas Ruas", Mona Gadelha
2013 - Acervo Mona Gadelha

BNB Clube) e "Cenas de Rock Explícito" (danceteria Eclipse). Ainda em 1985 lança o compacto independente "Emoções Perigosas". No final de 1985, Mona Gadelha transfere-se para São Paulo onde passa a atuar em comunicação e cultura. Em 1988, Mona participa como intérprete ao lado de Ricardo Augusto da canção "Fotografia", de Ricardo Augusto, que dá título ao LP desse artista lançado em 1988 (um dos primeiros discos gravados e mixados integralmente no Ceará).

Nos anos seguintes, Mona segue sua produção continuamente. Dentre shows e produções, Mona lança os seguintes CDs individuais: "Mona Gadelha" (Movieplay, 1996), "Cenas & Dramas" (Eldorado, 2000), "Tudo se Move" (Brazilbizz, 2004), "Salve a Beleza" (Brazilbizz, 2010), "Praia Lírica, um tributo à canção cearense dos anos 70" (Brazilbizz, 2011) e "Cidade Blues Rock nas Ruas" (Brazilbizz, 2013).

Nos seus anos de carreira, Mona Gadelha participa de muitos discos coletivos e faz participações em alguns discos de cearenses, como por exemplo, na gravação do CD "Solo Feminino", do compositor Pingo de Fortaleza (2002), interpretando "Negreiros", uma parceria de Pingo de Fortaleza e Alan Mendonça. A partir de 2014, além de seguir produzindo discos e shows, passa a coordenar o Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes, em Fortaleza.

Tânia Araújo é fortalezense, integrou a turma inicial do "Pessoal do Ceará", no final dos anos de 1960 e início de 1970. Sua canção "Boca de Forno" ficou em primeiro lugar dentre as quatro canções cearenses selecionadas para a final do I Festival Nordestino da Música Popular, promovido pelos Diários Associados em 1969. "Boca de Forno" foi gravada por Luiz Gonzaga em 1970 (RCA, Luiz Gonzaga, Sertão 70). Esta música também faz parte da trilha do filme "Sem essa Aranha", de Rogério Sganzele (1970). Tânia Cabral teve uma música sua em parceria com Ednardo intitulada "Palmas pra dar Ibope" incluída no disco de 1973 "Minha Mala Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem". Em 1979, participou do Massafeira. No LP desse movimento interpreta, ao lado de Têti, uma canção de sua autoria intitulada "O Rei". Em 2005, lançou um CD independente com 15 músicas de sua autoria chamado "Vale a Pena".

Marta Lopes, irmã do artista Raimundo Fagner, participou do LP "Massafeira" interpretando ao lado do irmão e de Ednardo a canção "Frio da Serra", de autoria de Petrúcio Maia e Brandão. Curiosamente, esta é a única canção que não

fará parte do relançamento desse disco em formato de CD no ano de 2010, em comemoração aos 30 anos do Movimento Massafeira.

Em paralelo aos processos mais vinculados à MPB, a cantora fortalezense Miss Lene (Frankislene Ribeiro Freitas), nascida em 08/02/1962, foi lançada pela gravadora CBS em 1978, no universo do gênero musical discothèque e com as músicas “Quem é Ele?” e “Deixa Música Tocar”, foi sucesso nacional, ainda aos 15 anos. Chegou a vender mais de 1 milhão de discos, apresentando-se em programas nacionais de TV, tais como “Fantástico”, da Rede Globo, e nos programas dos apresentadores Sílvio Santos, Carlos Imperial, Chacrinha, Bolinha e Aérton Perlingeiro. Em 1980, Miss Lene lança o álbum “Vivendo com Medo” com músicas compostas por Guilherme Arantes. Com o declínio do gênero discothèque nos anos seguintes, a cantora perde evidência no cenário musical. Miss Lene casou-se com um empresário suíço e passou a residir na Europa.

Evidente que muitas outras mulheres participaram dos movimentos musicais “Pessoal do Ceará” e “Massafeira” e muitas outras atuaram no campo da música no Ceará na década de 1970, ocupando espaços múltiplos e desenvolvendo funções diversas que os caminhos do fazer musical propiciam, contudo, algumas não possuem registros de suas obras e muitas passam a priorizar outras áreas de atuação, numa dinâmica comum nesta área, principalmente no segmento da profissionalização musical.

Contudo nos anos seguintes, uma grande parte dessas mulheres continua no Ceará suas produções no campo da música, com a realização de shows e com participações em discos, assim como outra geração de compositoras e intérpretes começa a surgir nesse novo tempo. De alguma forma, nos anos de 1980, os discos passam a ser uma ferramenta mais comum para o registro e a difusão das obras musicais com a consolidação dos lançamentos dos discos independentes (sem gerenciamento das gravadoras). Em terras cearenses, no final desses anos de 1980, começam as produções, as gravações e o lançamento dos primeiros discos desse gênero.

Nesse ambiente que se anuncia um conjunto significativo de mulheres continua a surgir e a ocupar seus espaços no cancioneiro musical cearense cada vez mais diversificado.



Capa do disco Miss Lene, Dance, Jeito de Amar, compacto, 1983, Formata.

Relatos de Histórias de Vida

Téti

Pingo: Quais foram as mulheres de referências no seu campo pessoal e de vida, e também no campo profissional? E destaque se tiveram mulheres que lhe inspiraram no desenvolvimento das habilidades de seu cantar?

Téti: Na verdade, foram muitas influências na minha infância. Uma variedade enorme porque sou de Quixadá né?! Interiorana e tem sempre o serviço de alto-falante na cidade toda e tocava músicas assim com mulheres maravilhosas tipo Nora Ney, Dalva de Oliveira, Ângela Maria... muitas outras que eu não 'tô aqui me lembrando. Mas que me marcaram, na verdade, na minha infância, foram Dalva de Oliveira e Ângela Maria, por conta da minha irmã Eliane, que era afinadíssima e tinha um caderno muito grosso com músicas, com letras de músicas delas duas. Então isso me influenciou demais né?! A minha irmã também cantava. Quer dizer, ela cantava em casa né?! Uma voz belíssima e eu tive uma influência grande dela, né?! Aí depois que eu me tornei adulta, e já nessa história da música, eu sofri influência da Silvinha Teles, que era cantora da bossa nova. A Silvinha Teles me influenciou demais. Eu achava a voz dela linda, eu gostava muito. Eu era muito ligada na bossa nova, então a Silvinha Teles foi assim muito especial na minha vida. Também na minha adolescência e na vida adulta tiveram várias cantoras que

que me influenciaram, como Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia... Mas eu tenho meu timbre próprio e elas o delas. Esse povo todo aí da minha geração também me influenciou muito. A gente tinha muito a ver.

Pingo: Como se deu o início de sua carreira e em com relação à questão de gênero, o fato de ser mulher, como que foi isso? Na família, no campo profissional, no campo afetivo, como foi optar pelo cantar, pela profissão de cantora no universo familiar, profissional, como foi isso? Se se deu de forma tranquila, teve algum problema, alguma aresta, algo que merece ser lembrado, tocado aqui?

Téti: Como cantava muito no colégio — a princípio, eu estudava e cantava em colégio de freiras — tinha aquela história da missa que a gente cantava; tinha os cânticos da missa que a gente cantava e, de uma certa forma, minha carreira de cantora iniciou aí e também nas festas de colégio, né?! Eu era afinada, mas não gostava muito de ficar sendo chamada... mas me chamavam e eu ia. A minha família é muito musical. Lá em casa, todos nós tivemos iniciação ao piano, todos: uns mais, outros menos né?! Meu pai tocava gaita, meus irmãos todos têm a voz belíssima e tocavam violão, então o ambiente familiar tinha muito essa coisa. Sempre tinha um violão no

meio e os teatros, que naquela época se chamava de drama, que a gente fazia em casa mesmo... E aí foi tudo muito bem. Só que quando eu iniciei a minha vida profissional que foi em São... quer dizer, foi aqui mas eu ainda não tinha noção da profissionalização da coisa. Eu cantava aqui e ia pros shows que rolava aqui em Fortaleza. Depois a gente foi pra Brasília e depois foi pra São Paulo. Foi lá que a ficha caiu, quando eu, logo depois de ter parido o Pedro Rogério, entrei em estúdio pra gravar “O Pessoal do Ceará”. E aí foi que a ficha caiu! “Meu Deus! Eu sou uma cantora profissional!”. Até então eu não tinha essa coisa da profissionalização da cantoria, né?! Mas foi lá em São Paulo. No início, os familiares a maioria acolheram. Nós somos uma família grande, mas aconteceu de alguns irmãos meus não quererem nem olhar o jornal. Tinha notícia da Teti, que tava vindo de São Paulo e ia lançar livro, disco e tal e tal... não queriam nem ver. “Não! Prefiro não ver e tal...”. Mas depois foram se rendendo e ficou tudo bem. Porque naquela época, realmente, ser cantora era... era... era... é... como é que se diz, era forçar a barra de estar nesse meio que era muito... pra variar... muito masculino, vamos dizer assim. Então, os meus irmãos tinham esse cuidado, esse machismo, de não querer a irmã na profissão, mas depois isso foi se acalmando e todos aceitaram e foi tudo muito bem.

Pingo: Pois é, como você avalia o fato de ser mulher, no universo que é majoritariamente masculino, que é o meio musical, da produção musical, como é que foi isso? Pessoalmente, dentro do Pessoal do Ceará, do movimento né?! Tinham outras mulheres com quem você se relacionava? Qual a importância que elas

tinham dentro do Pessoal do Ceará e como era essa interlocução da mulher com o Pessoal do Ceará?

Téti: São muitas as mulheres cearenses que atuavam na música, né?! Na época da nossa adolescência, na época que começou o movimento aqui no Ceará, tinha eu, tinha a Chica, a Lúcia, a Olga Paiva, a Alba, irmã da Olga, a Ângela Linhares um pouco depois... Tinha a Ângela (não Linhares)... É porque eu não ‘tô lembrada aqui dos nomes, mas tinham muitas mulheres que cantavam. Quer dizer, eu não conhecia as profissionais: as cantoras de rádio, as cantoras da noite... a Lourdinha e Isis Martins... essas eram maravilhosas, mas eram cantoras de rádio. De uma certa forma éramos nós, essas mulheres que começaram a fazer os programas de rádio locais aqui, onde realmente os homens predominavam, mas nunca teve problema nenhum, porque na época nós éramos mulheres consideradas rebeldes, porque uma mulher ganhar o mundo... até pra ir a um cinema só com o namorado era proibido. Imagine você sair e ir pra uma roda e cantar e tal... quer dizer, isso aí foi muito, foi muito duro. Assim... mas isso em termos familiares né?! De repressão familiar, vamos dizer assim, com adolescente que queria ‘tá no mundo e tal e tal. Mas era uma coisa muito sadia porque a palavra-chave dessa época era “liberdade”. Liberdade de tudo, principalmente, para nós mulheres, liberdade sexual. Liberdade de tudo! Mas nunca tive grandes problemas, porque, depois que a gente saiu daqui, tinham algumas mulheres... Tinha a Amelinha... nossa Senhora! A Amelinha, nossa Senhora! Que morava em São Paulo também... E rolava as coisas na casa dela. E rolava lá em casa, mas eu não tive grandes problemas, não, por ser

mulher. Até porque, como eu era casada e já tinha filhos e tinha uma estrutura familiar, as pessoas, os amigos, o pessoal todo... todos nós que estávamos no mesmo barco frequentavam muito a minha casa, porque a minha casa era uma casa que tinha filhos, tinha empregada... entendeu?! Então... foi tudo muito tranquilo, muito tranquilo, graças a Deus!

Pingo: Como é essa questão da continuidade de sua carreira enquanto mulher, com as suas obrigações de família, já com filhos e tal? O que, de alguma forma, esse fato influencia na sua carreira? Ou como interfere na sua carreira esse fato de ser mulher, de ter filho, de ter construído família? Como é que você avalia isso pelo viés do gênero feminino?

Téti: Teve uma época que eu tive que vir pra Fortaleza. Eu escolhi vir pra Fortaleza porque eu poderia ter ficado. Teve uma época em que o Rodger teve que vir por problemas de saúde e problemas na universidade. E eu optei por vir, por vir pra cá, porque só sendo mulher e sendo mãe se entende isso. Eu não podia ficar lá em São Paulo e o Rodger vir pra cá com meus filhos. Claro que tinha minha sogra, tinha minha mãe, tinha minhas irmãs, tinha a família dele toda mas mãe é mãe né?! Com filhos pequenos eu optei por vir. E não me arrependo, não me arrependo. Hoje eu sou uma cantora que ganhou o mundo, que é reconhecida, mas aqui e em algumas regiões do Brasil eu sei que sou reconhecida pelas pessoas e pelo fato de ser mãe e ser avó. Isso tudo só acrescentou, e muito, na minha carreira, sabe?! Porque eu me senti segura, eu me senti feliz com meus filhos e meus netos, que hoje, quando

eu me apresento eles estão juntos comigo, tocando, fazendo vocal, fazendo percussão, como é o caso da Júlia minha neta, que faz vocal junto com a tia, que é a minha filha Flávia, Pedro Rogério que é meu filho também. A Lucy que canta, a Marina que sempre ‘tá junto fazendo alguma coisa, e a Sara, né, a Sarinha que é totalmente performática! Quando ela vê a avó no palco, ela sobe. Não é aquela subida, pá... a vovó! Agarrar... não. Ela sobe e se insere no clima do palco, faz umas performances maravilhosas! Então, só veio a acrescentar isso na minha vida. Quando eu subo no palco e vejo meus filhos e meus netos, todo mundo envolvido, só me traz alegria. E hoje eu não atuo mais profissionalmente, tanto por causa do tempo quanto pelo fato de hoje eu estar com 73 anos. Isso não quer dizer que eu não vá mais cantar, mas eu tô correndo um pouco por fora, sabe?! Correndo por fora, mas não deixando de amar essa vida que eu escolhi. Mas não tenho grandes expectativas de estar atrás de fazer show. Eu sei que eu ‘tô nessa história da música, é... eu sei da minha importância nessa história, da minha abertura de trilha pra todas essas gerações que vieram, isso me deixa muito feliz. Eu sou uma pessoa feliz e tranquila em relação a isso: a música.

Pingo: Como é que você vê essa situação hoje no contexto das mulheres?! Dentro do universo musical, artístico, cearense, como é essa questão hoje? Como você se coloca hoje nessa relação de gênero, dialogando com o fato de ser uma profissional da música?

Téti: Eu não gosto muito dessa palavra “empoderamento feminino”, mas na verdade as mulheres estão poderosas, tranquilas, circulando nesse meio

artístico, na vida, apesar de sofrer ainda muitas e muitas agressões. Mas na música eu acho que as mulheres estão maravilhosas e a cada dia que passa surgem mais e mais mulheres: intérpretes, compositoras, instrumentistas... mulheres na política. Então, eu acho que a mulher nesse momento apesar das restrições e dos perigos físicos que nós ainda corremos... mas a mulher, acho que 'tá tranquila e eu vejo isso com muita alegria. A cada dia que passa, o mulherio 'tá aí chegando e eu procurando 'tá junto, interagindo com essa moçada jovem aí. No caso, as mulheres que são aqui do Ceará, as que eu conheço são maravilhosas, maravilhosas! Não vou citar nomes, porque não é necessário, porque a gente vê né?! As pessoas, as que tão surgindo aí, as novatas, eu amo a todas elas e dou a maior força. E 'tô aqui sempre.

Relatos de Histórias de Vida

Mona Gadelha

Pingo: Eu gostaria de saber o seu nome, data e local de seu nascimento; fale um pouco sobre seus pais e sua infância

Mona: O meu nome é Simone Mary Alexandre Gadelha. O “Mary” é M-A-R-Y: provavelmente minha mãe quis colocar “Meire”, mas ficou Simone Mary. Filha da Rita Alexandre de Oliveira, funcionária pública, guerreira, incrível, que separou do meu pai quando eu tinha quatro anos. Meu pai, Juarez Prestes Gadelha. Minha mãe tem hoje 88 anos. Meu pai faleceu há três anos. Minha mãe nascida em Cazajeiras, na Paraíba, e meu pai nascido em Limoeiro do Norte, Ceará. Minha mãe sempre teve muito gosto que eu fizesse música e que eu cantasse, mas é... também fazia muito mais gosto eu acho, que eu fosse uma boa estudante, que eu terminasse os meus estudos da faculdade e eu fiz isso. Quando eu voltei da Massafeira né?! Eu tinha interrompido porque foi no começo do ano, em março, que nós fomos convocados pra gravar o disco. Eu tinha interrompido ali o terceiro ano no Colégio Cearense, mas eu voltei depois pra concluir o cursinho. Aí fiz o cursinho no Farias Brito, fiz o vestibular pra faculdade de Comunicação e entrei; e foi um período muito interessante, de muito aprendizado com os colegas, com os professores. Fui aluna de pessoas incríveis é... como Adízia Sá por exemplo, foi minha professora,

Ivonete Maia... então, grandes nomes do jornalismo cearense. Embora em outras disciplinas eu tenha deixado a desejar mas essas... é... teve esses professores né?! que me ensinaram muito e o convívio com os colegas. Eu fui logo trabalhar. Eu recebi um convite do Luiz Sérgio Santos pra ir pro Jornal O Povo: já fui trabalhar no Jornal O Povo. Rui Lima me chamou pra ir pra TV Manchete, em seguida eu fui. Barroso Damasceno me chamou pra trabalhar na escala. O Augusto Pontes, na verdade que era diretor de criação da Escala, me chamou pra ser redatora da Escala e eu mergulhei no mundo da comunicação durante quatro anos, até voltar aos palcos em 1984, o ano da minha formatura, com um grande show no Teatro da Encetur, hoje Teatro Carlos Câmara. É... um show chamado “Emoções Perigosas” que foi muito marcante pra mim.

Pingo: Como foi a sua adolescência? Seu primeiro contato com a música foi nesse período ou quando foi? Quais foram as suas influências, principalmente as mulheres de referência para você na música? e qual a sua relação com essas referências?

Mona: Eu acho que eu iniciei assim... eu fui quase que praticamente levada pela música, sabe, levada assim como... é... a música tomou conta de mim a partir do momento em que eu tive contato com a música

ouvindo rádio. Muita rádio, um pouco de televisão, mas bastante rádio, ouvia muito rádio. Minha mãe é funcionária pública, acordava muito cedo e já ligava o rádio cedinho. E eu ouvia muito rádio. E principalmente comecei a prestar atenção num programa que tinha na Rádio Uirapuru, à noite, um programa do Will Nogueira chamado “Show do Grito”. Nesse programa que eu ouvi pela primeira vez Janis Joplin, Led Zeppelin, Bob Dylan. E foi num festival organizado pelo Will Nogueira, Lizoel Costa e pelo Salim, que fazia luz na época, era iluminador, um festival chamado “Primeiro Concerto de Rock do Ceará”, que eu conheci o Ricardo Augusto, que veio a se tornar meu parceiro, e o próprio Lizoel, que tocou comigo nesse festival. Esse festival aconteceu em 1974, na Escola Técnica Federal e eu não tinha nem 15 anos ainda. Foi uma loucura! Fui tomada pela música! Realmente... E quando eu vi aquele programa... Eu quero entrar nisso! Eu disse “quero fazer isso e eu vou lá”. Me inscrevi, fui muito bem acolhida pelos meninos e tudo. E aí a gente começou uma amizade muito bacana. Essa amizade com os músicos... Tinha outras cantoras também na época... Esse convívio com Ricardo, com Lizoel... e mais pra frente com o Segbert Franklin e Lúcio Ricardo. Eu era praticamente a única mulher nessa história toda, tanto é que o Cláudio Pereira acabou me chamando de “musa dos Roqueiros”. era muito engraçado isso né?! Era a menina lá acompanhada dos caras, dos cabeludos, do... do... rock’n roll é... e da proposta de ruptura na linha evolutiva da música do Ceará, trazendo mais influências estrangeiras do que nossas influências da terra né?! Isso foi um impacto muito grande, e... eu vou contando

aqui os desdobramentos desse impacto. Então, isso aconteceu entre 1974 e 1977, eu já ‘tava participando do Festival da Costa do Sol, aí já com a banda chamada Caleidoscópio, formada por mim e pelo Segbert Franklin. É... e a gente participou desse festival e vinha compondo muito juntos, né?! O Segbert que tinha acabado de sair do Perfume Azul. O Perfume Azul você sabe, era o Lúcio Ricardo, o Mocó na bateria e Ronald Carvalho; teve também uma passagem do Willy. Willy acho que se eu não me engano, era um rapaz paulista, um músico paulista que morou em Fortaleza. É, teve uma passagem também do Kid. Teve algumas formações do Perfume Azul com essas pessoas, o Samuel Neto, Nélio também tocou guitarra. Mas o núcleo do Perfume Azul era o Segbert Franklin e o Lúcio Ricardo; eles são inclusive o objeto, digamos assim, o foco da minha pesquisa no meu mestrado em comunicação, que trata da ruptura da linha evolutiva da música do Ceará: a cena rock dos anos setenta... Nós estamos aí, nos anos setenta né?! É... até chegarmos em 1979 quando eu participei do Massafeira. A essa altura eu já participava ativamente da cena do rock, né?! Eu ia fazer 19 anos, quando Ednardo nos convidou pra participar do Massafeira nos shows do Teatro e possivelmente também do disco, do álbum duplo que foi gravado no Rio de Janeiro pela CBS. Sobre a condição de mulher que você pergunta, é... era uma situação inusitada de fato. Os anos setenta a gente ainda ‘tava sob uma ditadura, né?! E havia realmente um clima muito desfavorável, muito contrário à expressão individual, à expressão das liberdades, mas eu acho que eu tinha aí uma força jovem, né?! Aquela força

da juventude, de encarar os problemas, de enfrentar com ousadia. Mas foi um período muito difícil, muito atormentado, com muita angústia. Eu acabei indo fazer a faculdade de comunicação e entrei em 1981 na faculdade de Comunicação, que foi até uma oportunidade de parar um pouco, de estudar. É quase como uma aquietação né?! Me aquietar um pouco porque as apresentações na cidade, as performances, o comportamento ambíguo, né?! O comportamento muito ousado de todo nós, meu e do Lúcio, é... acabava causando muitas polêmicas e muitos enfrentamentos né?! A gente sentia o clima pesado em cima da gente. Com relação às mulheres que foram referências, com certeza foram Janis Joplin, Rita Lee, Maysa, Billy Holiday e também as grandes divas do jazz né?! A Joni Mitchell, grande compositora, incrível, que tem origem no folk e chega até o jazz. Então, eu sempre estive muito ligada nessas compositoras, vendo o seu trabalho, me espelhando nos seus trabalhos, é... tendo como referência e como inspiração.

Pingo: Como você vê, atualmente, nesse diálogo de gênero, a relação da mulher artista no universo musical.

Mona: Eu acho que a mulher vem ocupando cada vez mais o lugar dela né?! Que lhe pertence. Que nunca deveria ter sido tomado, né?! Quando eu falo de tomado é... me refiro a uma certa omissão, né?! O trabalho de compositoras, instrumentistas, de cantoras, de intérpretes, de atrizes, de mulheres na arte, ele está aí, sempre esteve aí. Vamos lembrar por exemplo que Maysa, nossa grande cantora, era uma grande compositora. Dolores Duran e, lá no início do século, de 1920, Chiquinha Gonzaga, né?! Essa

desbravadora, compositora, incrível, militante dos direitos autorais. Então, a mulher esteve sempre presente. E o que acontece é uma omissão; muito boicote, né?! De áreas às vezes que a gente menos espera. Boicote generalizado, um defeito cultural esse de omitir a mulher, de ocultar o trabalho da mulher... Porém hoje eu vejo uma geração muito ativa, uma geração com informação. Eu venho sendo muito procurada, principalmente, por jovens pra contar minha história, pra dar depoimento, pra participar de documentário, pra participar de eventos... e eu acho isso incrível, e estou sempre disposta a contar, relatar minha experiência. Eu que fui uma jovem adolescente em plena ditadura militar, em plena repressão. Repressão não só por parte da questão política, mas também do comportamento, de atitude né?! E por outro lado, eu vejo a questão da violência, infelizmente, ainda muito crítica. O que me preocupa mais é além dessa omissão com relação à participação da mulher na cultura das artes, a questão da violência como muito mais crítica e que a gente precisa falar cada vez mais e participar. E ter uma participação proativa com relação à essa questão da violência contra a mulher né?! Se você veja que a grande desbravadora do rock brasileiro foi uma mulher! Rita Lee que botou o rock nas paradas de sucesso né?! A Rita Lee, em 1975, ao gravar o seu disco “Fruto Proibido”, trouxe para a grande mídia o rock, abrindo ali todo um caminho do rock nacional que viria a ser chamado de rock brasileiro nos anos 80. A Rita Lee é a grande desbravadora dos mutantes né? Onde ela teve uma participação fundamental. Mas há que se reconheça que, junto da Rita Lee como a desbravadora nos

anos 70 e 80, vem a Marina, se colocando no espaço de compositora né?! Uma compositora de muita personalidade, com uma obra sofisticada, trazendo ao pop uma sofisticação muito interessante. Aí você vai vendo o surgimento de grandes mulheres compositoras. Se fala muito normalmente, quando vão citar mulheres, das cantoras – nós temos grandes compositoras – e vejo cada vez mais. Aqui em Fortaleza por exemplo, eu tenho acompanhado mulheres instrumentistas quebrando esse mito de que mulher não pode tocar guitarra, que mulher não pode tocar os instrumentos, tão comumente vistos com homens. Eu acho que a gente ‘tá virando esse jogo com relação à arte. Porém, com relação à violência, no campo sociocultural, é muito delicado e a gente precisa se movimentar mais e ter mais ações em relação a isso.

Relatos de Histórias de Vida

Ângela Linhares

Pingo: Ângela me diga uma coisa, na sua infância, como foram suas referências femininas?

Ângela: ah, femininas... eu acho que a minha mãe [risos]... A minha mãe me levava a tocar piano, minha mãe tocava piano. Eu me lembro do meu pai... quando faltava luz, ele acendia as velas. Nós éramos oito irmãos. Ele era um professor, homem muito simples... e ela sentava no piano. Ele a colocava no piano e ela tocava... Acho que à luz das velas... Eu achava aquilo muito bonito! Tocava aquelas valsas, Chopin né?! Mais aquelas músicas... aquele clássico de gosto popular, não é?! Eu acho assim que ela... que eu tinha... que eu contava com essa pessoa que tinha uma percepção. Me colocava pra estudar piano duas horas por dia, desde os sete anos. Até quatorze, eu só ia brincar depois que eu estudasse duas horas. Mas era aquele estudo de exercício, não podia tocar de ouvido, então... Depois eu vou me insurgir contra isso, né?! Mas no fundo, era o que se tinha aprendido sobre o que era ensinar piano. Só porque era... aprender música na condição feminina, não é?! E aí... quando eu fico com 14 anos eu vou romper com isso. O pior, é que quando a gente rompe, que tem 14 anos, a gente joga a água suja com a criança dentro. A gente rompe com o piano também [risos]! A gente rompe com

tudo o que ‘tava junto daquilo que a gente queria mudar, né?! Mas, voltando à infância, minha mãe acompanhava muito meu pai, isso é uma característica da vida deles, e como eu era a mais velha que cuida né?! Porque geralmente tem uma irmã mais velha que cuida dos irmãos quando a mãe vai viver outra coisa, ou vive, ou é doente, ou tem uma coisa... Geralmente tem uma irmã mais velha dos irmãos e que funciona como mãe.

Pingo: aí você veio pra Fortaleza?

Ângela: aí 1964, meu pai foi preso pelo golpe militar de 1964 e aí, nós éramos oito irmãos, cada um foi pra uma casa, passar esse período da perseguição, porque era uma perseguição. Eles procuravam uma pessoa, eu não sei... Eu estava na casa de uma pessoa, era criança... Eu me lembro como se fosse hoje, escrevi até um conto uma vez, mas eu perdi o conto. É... tinha o Castelo Branco, quando assumiu lá, ele que fez o golpe, ele pegou todo mundo que ‘tava fazendo, coordenando qualquer coisa de educação e meu pai fazia um trabalho no interior. Sempre foi uma fixação no sertão. Alfabetismo e sertão. E ele fazia parte daquelas inúmeras equipes que trabalhava aqui e ali. E o Castelo Branco botou – me lembro que era uma folha de jornal com os nomes bem pequeninhos – tudo preso. O Paulo

Freire, por exemplo, ele ficou um período preso. Os cearenses não chegaram a ficar. O Virgílio Távora interceptou muito dessa perseguição pessoal. Todos eles têm uma gratidão por ele. Eu não sei os detalhes, mas o Virgílio Távora — ah, com certeza — não perseguia ninguém. Ele, de certa forma, era o protetor de que a coisa chegasse a descalabro... Esse negócio marcou minha infância, não o próprio golpe em si, mas tudo que vai se desenrolar da minha vida a partir daí, porque a partir daí, eu não ficava em cima do muro mais, eu já tinha uma vida de militante, quase criança né?! Ainda criança, né?! Porque quando eu fui ficando mocinha aquela coisa do primeiro sutiã, eu escrevi uns poemas, ora... Me lembro como se fosse hoje, eu estudava no Agapito dos Santos e escrevi um poema “oração a um Viet-cong”. Aí de noite, a polícia federal tira da parede do mural, o poema que a pessoa escreve, porque era subversão. Então, isso criava uma situação... Aí eu era parte de um grupo que discutia sobre a questão da mulher naquele tempo. A Guerra do Vietnã era uma coisa que mobilizava o imaginário dos jovens, que é aquele mundo que você diz: “isso eu não quero, olha ir pra guerra, desse jeito, os Estados Unidos, o Imperialismo, os conflitos...”. Uma vez eu lembro, o Chico Oliveira dizia que de certa forma, o pensamento Freiriano desse tempo... ele alimentava sobre todo o setor é... cristão, né?! O Paulo Freire sempre alimentou... ninguém pode negar a beleza disso, a grandeza... mas só com o passar do tempo, hoje por exemplo, é que os conflitos internos de classe no Brasil vão ficando proporcionalmente gigantes, né?! E não é que as pessoas não vejam o capitalismo mundializado hoje, mas é tão gigante

isso que você já vê isso há, já vê o macro a partir do local né, como se diz, não é?! Isso naquele tempo não era uma discussão que se colocava. Ainda tinha a discussão, como é que a gente rechaçava todo aquele imperialismo americano com as ações na educação? Minha família é uma família de educadores e eu sempre disse: “eu não vou ser educadora! Deus me livre! Eu vou trabalhar com arte”, porque eu já tocava, eu já cantava, todo tempo, minha vida vai ser cheia dos cantos, né?!

Pingo: Ângela, você falou num rompimento aí aos 14 anos, né?! Isso coincide com a sua ida pra São Paulo? Como foi esse rompimento?

Ângela: coincide não, é um pouco depois. Aos 14 anos eu rompo com o piano dessa forma... Eu também já cantava, eu já participava sempre, eu escrevia as peças de teatro nas escolas, até hoje eu sou dramaturga. Atualmente, tenho um grupo montando uma peça minha, chamada “Nossos Mortos”, que é o Antônio Conselheiro do Caldeirão — o Beato Zé Lourenço, né?! — e mais a Antígona, um trecho da Antígona, de Sofócles. Então, eu fiz essa montagem pra esse grupo. O ano passado eu fiz uma adaptação “Dos Miseráveis” para o Grupo Formosura. Eu nunca parei de escrever pra teatro. Eu entrei na universidade via teatro. A minha vida como cantora, quando eu fui, voltei, aí eu ‘tô precipitando um pouco o que vem depois. É que parou quando eu voltei com o teatro. É que parou, porque eu cantava todos os dias, só folgava segunda-feira, toda a minha juventude. Então, quando eu voltei pra cá, eu sabia que isso não ia ser possível. Como é que uma cantora pode cantar todo dia? Se ela for cantar em

bar! Eu ainda tentei fazer uns shows aqui, participar de movimentos e tudo, mas eram coisas coletivas, tinha muita fragilidade como ofício, que ocupa o teu tempo. Aí você vai botando outras coisas. De 14 a 17 anos, eu comecei o curso de arte dramática que aí depois eu interrompo. Comecei e vivia aquela, aquele... eu diria que aquele alimento crítico. Eu assistia ao Brecht, participava, via alguma coisa do Grupo Grita, era amiga do Zé Carlos... Eu, de certa forma, começava a buscar referências que não eram as comuns de uma garota da minha idade (14 e 17). Depois de 1964, meu pai pra sobreviver, montou tipo uma fábrica de plástico, e a própria fábrica era no fundo da casa... Moravam os operários e a gente, mais ou menos tudo nesse quintal. E chegou uma hora que minha irmã estudava de dia, mas ia pra escola com uma mocinha pra estudar de noite, numa “escola dos preto”, como eles diziam né?! Uma escola de crianças pobres, ela gostava daquilo, a minha irmã caçula... E nessa história, o carro pegou e aí ela desencarnou, como eu diria como espírita, né?! Morreu ali mesmo e aí, meu pai muito desgostoso não conseguia mais morar no mesmo lugar e também porque sempre ele foi muito assim, sonhador, e gostava de mudar, era um traço da personalidade dele. E a minha mãe sempre o acompanhava... aí ele foi pra São Paulo dirigir uma escola também... Tinha todo sempre uns imaginários de transformação e eu fui com ele. Então, eu não fui pra São Paulo tentar uma vida como artista, eu fui com a minha família. Depois de São Paulo, cada um foi pra um canto... igual àquela peça, “Hoje é dia de Rock”: foi uma “espalhação”. Espalhou a gente. Espalhou os sonhos, né?! Cada um foi buscar

alguma coisa nesse sonho. E aí, nesse momento, com 18 anos mesmo, eu entro num trabalho social, que aí vão ser as duas vertentes da minha vida. Naquele tempo chamava-se ação comunitária, era um trabalho feito por sociólogos que queriam trabalhar com a periferia, então, eles conseguiam uma certa verba. Tinha toda uma estratégia que o pessoal tem hoje na ONG. A gente ia pras vilas operárias de Santo Amaro (São Paulo). Eu ia todo dia, com 18 anos, de uma às dez da noite, casa por casa, com um grupo – geralmente não ia só a mulher, pra o homem não ter ciúme, não ia só o homem, pros homens não baterem nas mulheres – a gente ia de casa em casa, a gente formava e se construía a partir disso a demanda dele. Essa ação comunitária os ajudava a construir escolas. Depois eu, estudando, via que a ação não deixa de ter traços anarquistas no sentido bom, do termo, que o pessoal pensa que anarquia é anarquia, esculhambação, né?! Mas o anarquismo fez os melhores projetos, porque ele fazia pelo Estado, no lugar do Estado... É como se ele sempre desconfiasse do Estado. Então isso era uma coisa que eles faziam: as melhores escolas ligadas a sindicatos de movimento anarquista brasileiro... Então, é interessante que a ação comunitária, depois eu estudando eu via, ela tinha traços.... a ação comunitária naquele tempo, ela era uma coisa muito forte pra quem queria trabalhar com o povo, usava esse nome. E eu trabalhei entre quatro e seis anos. Aí eu fiz uma coisa, aquela coisa meio de menina sonhadora... Eu trabalhava o dia todo na periferia, então, não tinha tempo. E não era uma periferia como hoje... Naquele tempo era região de Santo Amaro, né?! Que é segundo bolsão operário

composto de mineiros e nordestinos. E aí, então, eu formava grupos todo dia, todo dia trabalhava muito! Eu achava aquilo, maravilhoso! O pessoal... eu lia os trabalhos do pessoal que veio antes de mim, “foi estuprada, dez horas da noite naquelas valetas, naquelas quebradas”, nunca aconteceu nada comigo. E eu gostava muito disso. Mas quando eu vi um anúncio no jornal: “precisa-se de atores e atrizes”, uma seleção para um projeto em que iríamos no ônibus, como uma trupe, de cidade em cidade, fazer 60 cidades do interior, com a peça “Morte e Vida Severina”, do João Cabral de Melo Neto, e a música do Chico Buarque com os diretores disso, que ia ser um musical. Aí aquilo... eu quero ver como é que faz um teste desse! Aí eu fui ver esse! Quando eu fui ver, eu passei! [risos] E aí tinha uma pessoa — não me lembro se tinha os dois, acho que tinha só um — do Grupo Raízes, com quem nós iríamos fazer. Chamar o Tino e o Charles e o Tino pra gente começar o núcleo do grupo Raízes, que ensaiava nos intervalos das peças. Então, o teatro era sempre musical, eles caracterizados, eu anunciava a vida, no “Morte e Vida Severina”, que é a parte que muda o espetáculo. Então era uma parte... O diretor era o Silinei Siqueiro, que era o que dirigia o Tuca, que ganhou o prêmio internacional. E aí, eu... eu... eu com 18 anos todo dia numa cidade, era interessante! Eu fiquei vivendo isso uns seis anos, toda a minha juventude, entre 18 a 24 anos!

Pingo: Você esteve dentro do grupo musical e dentro do grupo teatral, né?!

Ângela: dentro do grupo e foi uma coisa, hora uma coisa sobrepunha outra porque durante um tempo chamava “Barca” essa companhia. Durante um tempo, a gente fez 60 cidades do interior... é muita né?! E depois mais 30 cidades. De forma que eu conheço mais o interior de São Paulo do que os próprios paulistas... se não fizesse tanto tempo [risos]. Difícilmente, eu conheço mais o interior de São Paulo do que o Ceará! Eu nunca viajei 60, quer dizer, viajei muito, mais...

Pingo: como é que era a sua relação dentro desse grupo? Assim, nos próprios grupos de teatro e no Raízes, o fato de você ser mulher, como é que se dava essa relação do feminino?

Ângela: essa questão, mesmo que seja você quem esteja puxando, tem uma hora que eu ia puxar... Ela sempre me inquietou, essa questão do feminino, né?! Porque tinha um lado meu, que trazia aquela coisa... A minha mãe é uma figura muito ambígua, a ter muita passividade no sentido de ter oito filhos, e por ter tido uma filha especial, mas eu acho que por causa dela mesma, a relação dela se montou, se manteve com meu pai muito numa espécie de renúncia dela a uma vida profissional. E eu não vou fazer isso, não é?! Então, ao mesmo tempo que eu não era uma pessoa briguenta, isso vai me prejudicar na minha vida, não é muito... as coisas que eu vou conseguir, a outra pessoa de repente toma... assim, por exemplo: vamos decidir duas pessoas hoje pra fazer um CD duma grande uma grande gravadora! Uma chega com um lobby aqui, faz o contato ali, força uma coisa aqui. E eu não conseguia muito fazer isso...

depois eu vou fazer uma leitura pior pra mim né?! no sentido de: ah se eu tivesse tido...eu acho que todas as pessoas, nas profissões, elas tem... um... um... elas conseguem ser um ofício mesmo. Você não espera que um dentista seja o melhor dentista do país. Mas na nossa profissão de cantora, você tem de ser a melhor! Então, essa visão começou a me incomodar e eu queria viver de arte, mas não queria esse quadro de... essa pirâmide na minha vida, internalizada e externalizada. Que era o que todo... todo o tempo, as pessoas me devolviam, né?! Você tem de abrir uma janela... eu disse: como abrir uma janela? Eu já trabalho há tantos anos, que janela é essa? Sempre, até hoje se eu for fazer qualquer coisa, o pessoal: não! mas isso serve de janela... quer dizer, você trabalha de graça, como se tivesse começando, nem que você tenha trabalhado a vida toda. Isso me inquietava. Ou você aparece, ou você não existe. Então, isso eu não gostei. Isso é uma das questões que me fazem romper. Porque eu achava que por trás disso, tinha a história de você não ter um cotidiano. Eu usava até a palavra assim: um ofício. As pessoas... eu preciso de um ofício da arte. O lado... depois eu vou ler isso no Paul Valéry, no Mário de Andrade... O Mário de Andrade diz assim: “o ofício é a parte ensinante da arte. O resto é criação!”, mas você vive com as duas. A parte ensinável. Eu diria mais uma coisa, o ofício é o cotidiano da arte. Não é?! A criação ela está no cotidiano, mas o ofício é algo muito mais largo. É aquilo que faz você fazer sistematicamente uma coisa, e não só eventualmente. Então eu diria: “como é que a gente faz hoje, quando eu penso em formações de artistas e as vezes eu tenho a oportunidade de

influenciar? Eu sempre chamava no canto, em cada canto, curtir o cotidiano. Toda segunda-feira a gente fazia um encontro pra alimentar os corais pra estudar, alimentar o olhar de estudo sobre o real, sobre o que você fazia. Então é esse aspecto do ofício que alguns autores, como Mário de Andrade disse, que a parte ensinável da arte que você ensina, que é diferente da criação, mas não é o fabricado. Essa parte, eu queria acrescentar à ideia de ofício, que é uma coisa que você pode fazer todo dia. As pessoas acordavam e iam trabalhar, e eu que era artista, ia fazer o quê? Só na hora do show? Né?! A ideia de uma formação, pra quem era músico popular, ou cantora popular, ainda é uma coisa muito longe de construir um cotidiano. Talvez hoje, eu vejo algumas pessoas já construindo isso, mas naquele tempo, a ocupação em São Paulo, com a história da sua imagem, movia mais as pessoas do que com a própria relação com a música. Isso foi uma coisa que eu questioneei.

Pingo: Quando você vem de São Paulo, você cai bem no Massafeira, né?!

Ângela: não, não. Eu cá na Maraponga, compondo com o Ricardo Bezerra, com a Beth... O Massafeira é um evento, eu não acho que o Massafeira tem a significação que eu vou fazer na minha leitura. E também, ninguém me entrevistou, eu também não disse. Eu acho que ele não era o único evento coletivo, não. As pessoas tinham formas de se reunir e até hoje eu acho que é assim. É por situações de contestação, né?! Assim de “vão acabar com a lagoa tal”, aí todo mundo se reunia, “ah, vamos fazer”. Isso de certa forma fazia as pessoas se encontrarem,

fazer shows juntos... Eu lembro que... eu acho que... eu não tenho muita certeza, assim, se foi antes ou depois, como “As Primeiras Chuvas do Caju”, que é um show que eu faço. Eu acho que eu faço antes. O hábito de cantar todo dia em São Paulo me fazia perguntar assim: “como eu posso cantar em Fortaleza já que eu não desisti de ser cantora?”. E eu cantava todo dia. Mas minha dor, é que eu queria a minha terra, eu queria várias coisas que eu tinha perdido por morar lá.

Pingo: Pois é, tem só um detalhe que eu esqueci. Foi essa volta. Como é que foi essa volta?

Ângela: Pois é... essa volta tem a ver com a minha vida pessoal, com romper, determinados... Eu não queria viver determinadas coisas que estavam me aparecendo, por exemplo: eu tive uma filha, ela tinha três pra quatro anos e quando eu vim ou pouco antes, eu botei numa escolinha e eu tinha uma oscilação assim: tinha dias que tinha muito o que comer, tinha dias que não tinha. E aí, como era um grupo — nós éramos muitos — tínhamos que dividir pra todo mundo, então ficava muito difícil... Eu era a única cantora mulher, então ficava muito difícil...

Pingo: moravam juntos, todos do grupo?

Ângela: morava a maior parte dos de Minas; sempre eu, mais uns quatro. Mas os outros que eram de São Paulo, iam muito pra ensaiar, ficavam muito lá. Eu e eles morávamos juntos. E a gente ensaiava, compunha, eu trabalhava com revisão de texto, porque era a única coisa que podia viajar e eu levar pra casa, a única coisa. Isso já na tentativa de sobrevivência, foi ficando muito difícil. Eu não era furona,

eu não tinha como sobreviver pra ganhar dinheiro. O Raízes comprou uma Kombi pra poder viajar e fazer os shows no interior. Então a gente, durante anos a fio — acho que cerca de três a quatro anos — a gente quase tudo que a gente ganhava, pagava a prestação. Aí ficava muito difícil. A gente cantava na noite às vezes, fazia aquelas entradas, dez a dez e meia, doze a doze e meia, três a três e meia, antes do Baden Powell, gente importante às vezes. Antes do Plínio Marques que eram os grandes shows, mas o grande show o povo ‘tá esperando, tem que ir alguém antes, né?! Então o Raízes às vezes tocava, com todo respeito, e toda a dignidade e fazia alguns lugares, sabe?! Isso o Tino vai dizer no livro que ele vai escrever agora, o “Café Concerto”, o caso das ilusões que parece que era da Leina Crespi, eles pagaram a gente com prato, o Tino que tava lembrando, eu nem lembro! Então, também, os próprios lugares que a gente cantava, não tinha como pagar entendeu?! Quando entrava o Plínio Marques, eu sabia o show dele decorado e tudo, mas aquele sofrimento amoroso, aí que vai o feminino, aquele sofrimento amoroso da mulher brigando com a filha porque ‘tava se prostituindo; da filha vendo a mãe se prostituir.... Aquele sofrimento amoroso, aquilo me deixava... é... batia no lugar do feminino que me deixava muito mal. Então de forma que eu não notava no começo, mas depois... Eu sempre fui muito alegre, não tinha essas coisas mais complicadas não. E eu tinha uma filha... Tenho duas imagens sobre essa dificuldade: essa que eu contei ainda agora pra você, deu ter o meu disco e a moça de frente disse que queria comprar, sem tanto interesse né?! que eu não era conhecida... e eu atravessava não

sei quantas vezes, precisando vender pra pegar o dinheiro e comer alguma coisa e eu não tinha coragem. E também, uma festa da escola, uma reunião que inventaram fazer lá, eu não percebi que eles tinham feito a reunião, as moças, as outras mães, pra ver o que é que eu tinha na minha geladeira, e aí, como elas, elas, perceberam que eu vivia... elas me deram a roupa de São João da minha filha. Aí eu achei que ‘tava pesado. Porque, como eu ia manter a minha filha? Eu tinha direito de sonhar as coisas que eu quis, mas a minha filha não tinha obrigação de aguentar. Então, não faltou nada a ela, até então, mais ia faltar. A partir dessa roupa. Aí eu resolvi romper. Tinha outras coisas mais graves que eu rompi, rompia com determinados modelos de masculino que eu convivia que eu não aceitava. Aí eu vivi muito só. Mesmo depois que eu tive ela eu vivi sozinha, todo o tempo. Aí achei que não aguentava, aqui, aquela solidão feminina e de cuidar da filha. Depois que eu cantava, todo mundo ia passear, ia brincar... eu ia ficar com a minha filha. Isso foi sempre... sempre... sempre. Aí, tem umas coisas assim mais duras de dizer. Aí meu pai sacou — aí tem várias coisas assim — e me deu a passagem, nem passagem eu tinha pra voltar. Aí...quando eu percebi que não dava mais, que eu não tinha ido. Lembre-se que eu não tinha ido para viver de música, mais eu fazia só isso. Tanto no teatro, como na música. No teatro eu cantava. Eu gostava do teatro por causa da música. Do teatro e da música. Mas aí não dava.

Pingo: Então você volta pra Fortaleza. E a arte?

Ângela: aí eu fui participar mesmo, na Maraponga, quando a Beth do Ricardo... eles gostavam de mel de caju, de tocar piano... eu achava aquilo bonito, eu ia lá pra Maraponga e fazia as músicas. Lá no sítio deles... Aí eu gostava... a gente fez várias músicas e não foi só a “Como as Primeiras Chuvas do caju” não. Tem uma que é “Flamboyant”, que é a coisa mais linda!...porque como eu não tinha muitas... muitas... não era... não vivia... o Raízes é que era minha vida lá. Quando eu vim pra cá... era... num lugar que as pessoas iam, é porque era uma casa de sítio. Eu juntava também pessoas assim, eu era muito aglutinadora, mas eu não tinha uma casa, eu morava com meus pais, com uma filha, então... não tinha uma casa.

Pingo: mas Ângela, tu passas também um período em São Luiz, tu vais pra São Luiz, né?! Já graduada não?!

Ângela: ah, mas muito depois... Aí a questão do meu pai, ele dizia assim... eu dizia a papai: “eu queria mesmo era música” e aí ele dizia assim: “minha filha, você já fez o que você quis, em teatro, em música. Não tô dizendo que nada não, mas... eu acho que você escreve melhor que tudo isso. Faça Letras! Sabe?!”. Aí, eu achava que queria medicina e até daria pra passar, mas eu tinha escolhido era letras, porque o único período que eu fiz vestibula foi o único ano que foi unificado. Eu achava que eu não ia passar, eu tirando as notas maiores, passava no que eu quisesse. Mas eu já tinha escolhido, Letras. Que pra mim, eu disse assim: “é, tanto faz, porque eu gosto é de música. Tanto faz, qualquer um. Eu posso lhe obedecer nisso papai”. Eu disse até isso, mais ou menos assim: “Papai, tanto faz. Porque eu

não vou fazer...”. Porque música... ou não tinha música, ou era pago. E eu sustentava minha filha, eu tinha que trabalhar o dia todo e o que eu ganhava o dia todo... Foi aí que eu entrei naquele projeto que vai me levar até aquele lugar que eu te conheci. O projeto que tava Osvald, Zé Carlos, que levantava toda a música, e a arte do interior do Ceará. Eu trabalhava aí. E aí, eu... eu... transcrevia as fitas, eu ficava transcrevendo as fitas dos dos cordelistas, como chamava, né?! Eu transcrevia aquilo tudinho. Ficava o dia todinho transcrevendo as fitas, copiava bem direitinho, eu tenho montes ali! Aí, o meu objetivo era sustentar minha... o objetivo era a vida, mas eu digo assim, eu tinha essa tarefa de sustentar minha filha sozinha e aí, eu... eu... e aí eu tinha. Lembro-me que o que eu ganhava dava pra pagar só os remédios da garganta dela. Então, era muito difícil, aí não dava pra inventar muita coisa né... [risos]. Eu trabalhava no que dava, até hoje... hoje eu já tenho uma coisa fixa, que é a universidade, mas... Também eu era sempre, fui muito aberta... E aí, o que me chamava eu ia. Naquele tempo me chamaram pro grupo de teatro Grita, “vamo dirigir não sei o quê no Grita” e eu ia. A Graça disse: Ângela, escreve uma peça pra eu voltar pro teatro, eu escrevia “O Círculo de Fogo”, né?! Que fazíamos as músicas, eu e o Calé.... Aí a outra pedia: “faz isso pra mim!”, e eu fazia. “Ah, deixa eu cantar!”. Aí tentei manter um show por ano. Eu fiz, “Como as Primeiras Chuvas do Caju”, fiz o outro que era “Passagem ao Coração da Terra”, fiz “Paisagem e Interior”. Mantinha um show por ano. Não sei qual desses foi o último. Acho que “Cantares”... aí... aí... aí quatro assim, um show assim, show mesmo!

Todo pensado, aí eu depois foi ficando difícil, não se fazia mais essa coisa. Quando eu cantava minhas músicas no teatro... “Como as Primeiras Chuvas do Caju”, a plateia toda cantava comigo... E vem a coisa do feminino, a coisa da espiritualidade... Até que ponto, aquilo que eu fazia atendia coisas profundas do meu movimento de vida? Até que ponto eram coisas muito externas, muito... pra ter o afeto das pessoas, porque era... era o meu mundo, os artistas, e... até que ponto que o que eu disse, eu podia alimentar, sem ser uma coisa que não valia mais a pena. Porque eu estava mudando também. Aí eu ficava pensando, como até hoje, então tem umas coisas que eu acho que é pura vaidade. Até isso, lançar o CD, eu acho pura vaidade... Agora, se as pessoas (você perguntou de São Luiz), eu voltei de São Paulo pra cá não é?! Aí aqui, chegou uma hora que eu comecei a namorar com um antigo namorado, um antigo amigo de antes de eu ir pra São Paulo. Eu não ‘tava nem namorando direito, aí meu pai ia pra Brasília, eu não disse que ele era inquieto [risos]. Ele ia pra Brasília, tentar fazer cartilhas nordestinas, porque toda a editoração de tudo era no Sul, e tinha sempre os ideais, e como eu vivia ainda sem condição... Ainda era precário o que eu ganhava, era subemprego. Aí ele perguntou se eu queria ir, aí eu, eu fui, e aí esse, essa... esse rapaz, o César, ele foi. Ele fez um grande gesto de amor. Ele ‘tava com um grande emprego, como engenheiro civil e tudo e ele deixou tudo e foi com cargo e a roupa do corpo pra viver comigo. Então, nós começamos a viver em Brasília e aí eu comecei a fazer faculdade lá... Não! Já tinha começado aqui, Letras, né?! Como eu disse e transferi pra lá e lá, eu trabalhava

no setor “P” da Ceilândia. Eu sempre trabalhei com o povo, eu nunca deixei... eu nunca...essa coisa do cotidiano que faltava aqui, eu botava lá. Eu trabalhava no maior favelão da América Latina, que é a Ceilândia né?! Só no setor “P” tinha 30... é... cada criança que estudasse comigo na escola que eles ‘tavam montando, elas tinham café, almoço e janta, ou, café, merenda e almoço, e a de tarde, almoço, merenda e jantar. Em vez de só 30, eu montava 60 de manhã e 60 de tarde. Então eu tinha 120 alunos. Aí trabalhava com a mãe pra ficar com as crianças e eu correr para aquela outra turma. Todo tempo assim. Então... eu... foi uma experiência fascinante. Como a pré-escola. E ao mesmo tempo fazia a UNB. E aí, mas, o curso de Letras não é como hoje, que é lindo! Eu tenho vontade de fazer hoje. Foi uma coisa assim, eu fazia muitas disciplinas dispersas mas mantinha-me estudando. Alguma... né?! No universo de alguma coisa que você estuda também. E aí depois, depois... ele era engenheiro e trabalhava, e naquele tempo era assim. Brasília não tinha tanto trabalho no lugar que ele ‘tava, então eles foram demitindo todo mundo e ficou só ele. Pediu pra sair. Não tinha mais trabalho, ele vinha votar, o meu companheiro né?! E nesse período, eu já tinha ganho um filho, de Brasília. Então eu tinha uma filha, que não era dele, tinha esse filho que tive com ele em Brasília e voltei pra cá e tive outro filho dele aqui, que é o cearense... Ele é o do meio. Eu tive ele em Brasília e tive o outro aqui e aí quando eu cheguei aqui, a gente ficou três anos também, eu gostava de tudo, mas aí ele fez o concurso e passou lá em São Luiz... o marido. Tô te dizendo, que aí eu venho e vou por causa dos homens. Eu fui pra São

Paulo por causa do pai, voltei porque quis. Aí fui pra Brasília a convite do meu pai, porque quis, mas tinha uma oportunidade, voltei por causa do César. Daqui eu fui pra São Luiz. Em São Luiz é o lugar em que eu mais ouvi os bois do que cantei, sabe?! Mas achei lindo! E mais trabalhava na Fundação Educar, então, eu ia nas palafitas, ia nos interiores, a gente botou 300 praças. Eu e uma ONG chamada Associação de Saúde da Periferia. Então eu me ocupava o dia inteiro fazendo isso e o pessoal perseguindo a gente, porque ali era perseguição, ali se eu contar aqui, estoura o negócio aí, de tão barra pesada.

Pingo: quando volta de São Luiz, aí você já vai se dedicar mesmo aqui ao mestrado, doutorado?

Ângela: não, aí lá, eu com muita dificuldade eu falei: “acabou a Fundação Educar” e aí, como é que eu ia fazer né?! Ia voltar porque o marido foi morar com outra mulher no Rio. E eu voltei com três filhos pequenos. Sem profissão de certa forma. Não dava pra viver só de música. Aí eu já tinha esse emprego lá, como eu tinha essa Fundação Educar, eu já tinha sete anos, eu consegui ser reaproveitada. E duas amigas minhas tentaram ser reaproveitadas... eu jamais tive essa inteligência essa lembrança... Elas tentaram ser reaproveitadas na universidade porque era um órgão federal. Então quem tinha mais de sete anos pelo direito, era... tinha direito de ficar em outro lugar, direito adquirido. Era coisa de meses, eu não digo que tem a mão de Deus! Aí eu consegui ir pra universidade que essas duas amigas foram. “Vamos, Ângela, Vamos!”. Então, eu fiz a seleção pra professor, não foi porque eu achasse que eu ia ser, por nada. Eu ‘tava lá dentro

e o pessoal pedia... eu ia... eu vim pra Universidade Federal do Ceará. Aí, quando eu fui trabalhar... eu...eu... eu estava lá, eu ainda não fazia nenhum trabalho burocrático, como é?! Eu 'tava na dúvida... mas aí, eu 'tava nesse trânsito, fazia alguns meses que eu fazia algumas coisas lá e tava fazendo mestrado. Eu realmente, lá em São Luiz uma moça disse assim: "Porque você, uma professora daqui, que foi pra lá pra uma especialização que eu fui lá, ela... uma especialização pra todos os servidores, porque como eu era representante dos servidores lá, eu tentava formação coletiva, e como eu fazia uma formação coletiva, lutava por isso, eu tinha de fazer também. Então eu fui fazer especialização lá porque eu era como se fosse assim, do movimento sindical que lutava pela formação dos educadores. Eu mesmo também 'tava junto. Aí eu fazia também. Mas eu não tinha nenhum pensamento de viver uma vida assim. Nenhum... aí uma pessoa daqui, a Maria Nobre, disse assim: "mas você tem um nível crítico... por que você não faz uma tese sobre arte? Vá, eu 'tô lá no mestrado!" Aí eu respondi uma coisa assim que eu acho que hoje eu não faria mais, eu vejo com mais... como se tivesse um grito de dor, de alguma coisa contida. Então, eu disse assim: "não, eu já dei a minha vida pela música e pela arte, eu não vou fazer mais isso. Eu também dei... eu também gosto de trabalhar com as coisas do povo. Eu vou continuar trabalhando com elas". E aí escolhi outra coisa. Mas na hora de eu fazer a seleção, "mas você é uma artista, todo mundo aqui lhe conhece, porque você não estuda a arte?". Eu disse "não", porque eu me preocupava com os presos, que é uma coisa que me preocupa até hoje. Eu

trabalhei sempre com vários aspectos do sofrimento social: as mulheres, as crianças até mais, porque as mulheres... porque eu vou entrar no conselho do direito da mulher, nesse período, mais na divisão de creche. Entende?! Então eu me preocupava com essa dimensão do feminino... Como é que você não fica rebocada pela opressão, ou pela violência, mas ao mesmo tempo apostando na vida? A mesma figura que eu fazia na peça, eu também fazia aqui no conselho, de lutar também pelo que pode vir, pelo que as coisas podem ser... Essa coisa das crianças, não é uma coisa babaca. Naquele tempo a questão dos meninos que estavam nas ruas era um ícone de várias lutas sociais, inclusive da saída da mulher pra lutar por isso. Você sabe que toda a legislação foi feita por mulheres que perderam o marido, filho, tudo porque foram pra luta social. Isso eu via lá no conselho. Meu Deus, até hoje as mulheres contando você chora. O que os maridos vão dizer: "sua isso, sua aquilo, porque você vive no mundo e não sei o quê..." e elas lutando pelo ECA, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e tudo. Então isso tudo eu 'tava vivendo nesse período que eu entrava na universidade, que eu estava sendo reaproveitada. E como o pessoal dizia: "vai ter um concurso de arte e educação"... e eles me pediam pra me orientar, até que todo mundo que podia me orientar... tinha uma moça que me dizia assim: "eu vim pra tu me orientar, mas depois que tu me orientar eu quero te fazer uma pergunta: Porque tu também não faz? E aí foi que eu resolvi fazer. Porque eu vi que as pessoas não tinham nenhuma relação com aquilo e eu tinha uma vida. Então eu achei que eu devia fazer. E foi assim que eu entrei. Quer dizer, não foi uma

coisa planejada, eu não vivi uma vida de... de... de... universidade, eu mal frequentava essa Letras. Passava! Vamos chamar de turista... Eu fazia muita coisa, eu escrevia sim, eu participava das coisas da Letras, por exemplo, biblioteca da vida rural, que ia escrever da vida do campo. As coisas que me moviam, era fazer alguma coisa, tudo aquilo que fosse muito estéril, muito... já era muito... não gostava. E aí tinha uma coisa que hoje se coloca na minha vida. A arte, assim, a música ela me leva pro mundo e a escrita me leva para sentar, parar, escrever, ficar só. Então eu preciso das duas!

Pingo: fale do projeto O Canto em Cada Canto.

Ângela: pois é, o Canto foi um amor da minha vida muito grande! É... como foi que eu conheci o Canto? Tem tanta coisa bonita sobre o Canto, que se eu contasse, acho que... acho que... era a melhor coisa porque... é quando eu vi um dia a Nininha... como eu disse, eu participava de muitas coisas e a Nininha disse assim: “Ângela vai acabar o trabalho que eu faço?” Eu disse: “porque vai acabar?”. E ela: “ah, porque projeto é assim!”. Eu dizia: “acabou a galinha, acabou o resguardo, né?! tem um tempo de duração, terminou...”. E aí eu disse assim: “quantas crianças tem?”. Ela disse: “700.” Setecentas crianças? É. Setecentas crianças cantando? É. Aí, eu vi... queria te propor pra tu fazer uma peça pra gente botar as 700 crianças. Eu disse até brincando: “mas afunda um teatro!” [risos]. E quando eu disse: afunda um teatro, como é que um palco cabe setecentas crianças, Nininha? Aí eu pensei: “sim, mas eu posso botar as crianças da plateia cantando nas frisas”. E foi aí que nasceu a ideia. “Eu vou

topar!”. E aí eu fui com o pessoal que ia pra Guaramiranga. A Elisa Günter dirigia e a Nininha dirigia a parte musical. Aí nós fomos pra Guaramiranga. Aí eu comecei. Eu sou assim, eles sabem. Eu chegava, eles diziam: vamos aproveitar essa igreja aqui, a frente, fica um aqui... então eu montava as cenas. Aí fazia, escrevia ali... vamo dividir agora todo mundo pra compor, aí todo mundo compunha as peças, eles são loucos por isso! Se eu disser que vou fazer, eles adoram! Porque é uma coisa coletiva mesmo, todo mundo compõe, todo mundo se relaciona legal e aí, porque a gente tá focado. Porque a gente vive no mundo que a gente quer, né?! Então, de certa forma, num certo sentido, no nível do imaginário e você escolhe o que você... o que alimenta você. Então por exemplo, se eu ‘tava montando ali naquele lugar lindo... aí de noite a gente fazia algumas experimentações, um tocava com outro, cantava com outro, fazia performance, fazia isso... mas durante o dia a gente ensaiava e eu comecei a montar e a compor com eles o espetáculo: “Lá se vem a lua, quem te disse que era tua?”, que é inspirado no conto de Andersen.

Pingo: sabe que ano foi esse...?

Ângela: “A Pequena Vendedora de Fósforos”... sei nada... mas isso é fácil, tem cartazes! O pessoal do Canto todo sabe. A Deysa sabe tudo! Tem coisa gravada... eu acho que eles sabem. Aí depois disso, a Elisa no meio do caminho disse: “eu recebi uma outra proposta de trabalho, eu vou sair! Mas eu não queria deixar! Você tem que pegar...” porque... aí, aquelas coisas que a gente que é espírita acredita. Quando a coisa cai na sua mão sem você... eu não fiz nada,

eu tentei dizer não, mas eu não tenho esse perfil, eu não sou uma burocrata, eu estou aqui criando, é o lugar que eu tenho pra criar, eu quero cantar, quero compor junto, mas eu vou precisar fazer coisa que eu não sei fazer: “não vai não, a gente tem, eu tenho uma diretoria... a gente não sabe também isso... então, eu só sei que eu... eu fiquei no Canto, até porque era um jeito de eu ficar porque eu não era regente, né?! Eu não trabalhava todo dia.

Pingo: ficou como presidente, como representante legal?

Ângela: fiquei como presidente da Associação de Corais Infantis O Canto em Cada Canto. Que reunia esses mais de 30 músicos. E aí a gente pensou, toda segunda-feira, é... eu Ada, Gigi. Depois, eu, Gigi, depois, eu, Ada. Eu Marcão e Nininha... sempre, todas essas pessoas estavam juntas. Então, não havia assim... eu acho que nunca ninguém faz nada só... e muito menos eu fiz. Então, era sempre um grupo, que de certa forma ficava com o grupo maior. Aí, toda segunda, durante muitos anos, quatro, seis... a gente se reunia e fazia as coisas mais criativas pra alimentar os corais infantis e as pessoas. Então, essa coisa que eu ‘tava falando da música, do cearense antiga, foi numa dessas segunda.

Pingo: a sede da associação, era a sede que ficava na Messejana?

Ângela: nunca teve sede. Foi esse problema, a gente nunca teve nada. A gente funcionava numa casa paroquial em Messejana. No dia que a gente ganhou, o Ciro disse: “eu vou dar uma sede pra você!”. No outro dia ele foi Ministro, só que eu não consegui mais falar com ele, ele não deu... não deu certo. Antes de

eu chegar, antes que eu chegasse, o Canto em Cada Canto existia. Eu não disse. Eles tinham ganho uma sede e tinham perdido. Aí tem uma história política que é uma treta! Uma história política grande! Aí nesse período que eu cheguei, eu ia fazer um espetáculo que ia chamar a atenção da cidade pra não acabar o projeto, preste atenção! Aí eu fiz. Eu falei: “essa parte eu fiz”. Mas como no decorrer desse espetáculo, não tinha direção e o pessoal propôs a mim, foi unanimidade! Aí eu fiquei. Aí eu fiquei. Mas eu disse: “mas eu não sou burocrata!”. “Não, não precisa!”. Vamos ver o que é que eu posso fazer, mas tem uma equipe comigo. Tinha. Então, depois disso a gente tentou fazer, eu não sei se porque as pessoas viram que tinha realmente 300 crianças cantando. A peça acontecia. Aí de repente vinha a luz pra plateia, as crianças se levantavam, o pessoal morria de chorar! “Não te encontrar amor, amor...” Entravam as meninas, levantavam-se e cantavam. 300 crianças...



Capítulo 5 – Surge uma nova geração de mulheres na música cearense (1980-1990)

As produções musicais das cearenses continuam evidenciadas e mais diversificada nos anos de 1981 a 1989. Como todo caminhar histórico, cultural e social, não há uma linearidade única nas construções das histórias de vida e nas concretizações artísticas de qualquer protagonista, sequer do ponto de vista individual, quanto mais nas dinâmicas coletivas onde os diálogos transversais de ações distintas são cotidianos.

Portanto, ao surgirem naturalmente novos nomes femininos no cancioneiro cearense nesse período, todo um conjunto de mulheres que já vinham atuando na música no estado do Ceará continua suas ações e realizações individuais e muitas vezes em universos coletivos, que propiciam um diálogo entre gerações.

Contudo, podemos afirmar que nos anos de 1981 a 1989, muitos novos nomes de mulheres surgiram na cena musical cearense, evidenciando uma grande fertilidade e uma maior diversidade desse segmento na música produzida no estado do Ceará, inclusive num universo musical que passará a ser denominado genericamente de “forró” e que vai surgir e se consolidar como um grande segmento da música popular brasileira.

Na paralela do forró, podemos citar – correndo o risco do esquecimento de alguns nomes – uma breve relação de mulheres que começam a evidenciar suas trajetórias artísticas no Ceará, entre os anos de 1981 e 1989. Dentre elas, os seguintes nomes: Marta Aurélia, Gigi Castro, Kátia Fritas, Lucinha Menezes (embora haja notícias de sua participação em programas de auditório da rádio Dragão do Mar ainda criança em 1959), Olguinha (depois Olga Paiva e ainda Olga Ribeiro), Cristina Francescutti, Aparecida Silvino, Jôse Daniel, Idalina Menezes, Tânia Militão, Eliane, Ana Lúcia Fontenele, Rose, Valérie, Gisele Castro, Goreti, Baby, Lily Alcalay, Fhátima Santos (alagoana desde 1978 residindo no Ceará), Anastácia Azevedo, Edilva, Cida Olímpio, Marly Vasconcelos, Inês Lima, Késia, Christianne da banda Cris e os Outros, Anunciação, Selma Maria e Neide Parente, dentre muitas outras.



Capa do disco "Teresinha - Bar da Noite", Terramar&ar, 1984, LP
Acervo: Pingo de Fortaleza

Esse significativo conjunto de novas mulheres que surgem nesse período na música cearense vai realizar ações que evidenciam cada trajetória individual e também participar e interagir de inúmeras ações coletivas no campo da música, o que vai possibilitar o diálogo entre gerações com maior ou menor acúmulo de experiências musicais.

Algumas mulheres que se destacaram nos movimentos das décadas anteriores (cantoras de Rádio, Pessoal do Ceará e Massafeira) continuam as dinâmicas de suas produções, como é o caso de Ayla Maria e Terezinha Silveira (cantoras de rádio), Têti e Amelinha (Pessoal do Ceará) e Ana Fonteles, Ângela Linhares e Mona Gadelha (Massafeira) e nesse fazer diverso e de diálogos transversais, muitas interseções ocorrem e evidenciam a presença de mulheres de várias gerações na cena musical cearense entre 1981 e 1989.

A cantora Têti, figura marcante do movimento Pessoal do Ceará, já de volta ao seu estado, depois de morar uns anos em São Paulo, realiza nesse período muitos espetáculos individuais, tais como: "Falando da Vida", em 1984, só com composições de autores cearenses, apresentado no CEARTE e em outros espaços. Em 1985, Têti integra o elenco nacional do projeto Pixinguinha. Em 1987, monta os espetáculos "Sorriso Novo" e "Esquinas do Brasil" e em 1988 apresenta o show "Malandragem" no Pirata Bar. Nesses anos participa também de vários shows coletivos onde interage com cantoras de outras gerações, como no show "Luzes da Ribalta", apresentado ao lado de Ayla Maria e Terezinha Silveira, ambas da geração das cantoras de rádio. Terezinha Silveira, na década de 1980 lançou dois LPs independentes: "Bar da Noite", em 1984, e "Marcas", com canções de Jair Amorim, em 1985. Em 1988, no show coletivo do Dia da Mulher, ao lado de Têti, participam várias cantoras e compositoras que vêm surgindo nos últimos anos, tais como: Olguinha, Marta Aurélia, Mirla Muniz e Mariângela e no show coletivo "Limpendo a Lagoa" e, ainda em 1988, divide o palco com Lucinha Meneses e Kátia Freitas. Em suas apresentações em shows coletivos, Têti convive ainda com outras remanescentes do Massafeira, como Ana Fonteles, Ângela Linhares e Mona Gadelha.

A cantora Amelinha, com residência no Sudeste, se destaca no início da década de 1980, com os sucessos nacionais "Foi Deus que Fez Você", de autoria de Luiz Ramalho, e "Mulher Nova Bonita e Carinhosa", canção que nomeia seu LP lançado em 1982 e que permanece por mais de 30 semanas entre os 50 LPs mais

vendidos no Brasil. Ainda em 1982, sua voz interpretando essa música é tema de abertura do seriado “Lampião e Maria Bonita”, da Rede Globo de Televisão.

Nos anos seguintes da década de 1980, Amelinha ainda lança quatro discos: “Romance da Lua, Lua” (1983, CBS), “Água e Luz” (1984, CBS), “Caminho do Sol” (1985, CBS) e “Amelinha Mistérios do Amor” (1987, Continental). Com uma produção diversificada e referenciada como uma das maiores intérpretes nacionais, Amelinha realiza diversas temporadas de shows por todo Brasil e em 1989 apresenta o espetáculo “Saudades da Amélia” onde canta composições de Tom Jobim e Caetano Veloso.

A cantora e compositora Ângela Linhares, que residira em São Paulo na década de 1970, quando integrava o grupo Raízes, retorna para o Ceará no final dos anos de 1970, participa do movimento Massafeira e, em 1982, participa dos shows “Coisas que Quebram”, de Alano Freitas, e do show coletivo “Canto Popular”, realizado na Concha Acústica da UFC. Em 1983, tem músicas de sua autoria interpretadas por Ana Lúcia Fontenele no show “Avis Rara”. Ângela reside alguns anos desse período na cidade de São Luiz (MA) e, de volta à Fortaleza, apresenta o show “Cantares” no encontro da SBPC em 1989. Nos anos seguintes passa a se dedicar mais aos estudos e a atuação na área da educação. Entre 2016 e 2017, prepara o lançamento de seu primeiro disco solo, com canções inéditas, todas de sua autoria e diversos parceiros, com arranjos de Jorge Helder, Tarcísio José de Lima e Marcos Maia.

A cantora e compositora Mona Gadelha e a cantora Ana Fonteles, são outras artistas remanescentes do movimento Massafeira que dinamizam suas produções nos anos de 1980.

Contudo, de alguma maneira, nos anos de 1980 o processo de redemocratização do país e os movimentos pela legalização das entidades estudantis criam um clima de atividades artísticas em volta principalmente da Universidade Federal do Ceará (UFC) e seus equipamentos, tais como a Concha Acústica, situada na sua reitoria, no bairro do Benfica, que propiciam o surgimento de inúmeras cantoras e compositoras que irão desenvolver suas atividades nesse espaço, além de ocuparem os teatros e bares em atividades nesse período na cidade de Fortaleza.



Capa do disco “Água e Luz” - Amelinha, 1984, CBS, LP

Outro fator determinante no surgimento desses novos nomes são os Festivais de música que ocorrem nesse período no Ceará e se constituem em novos cenários para o surgimento e consolidação de muitos desses nomes.

Idalina Bezerra, natural de Juazeiro do Norte, é um desses nomes que surgem nesse meio, sendo a única mulher a participar da Caravana Cultural Universitária, promovida pelo DCE da UFC, e que contou com dezenas de artistas e grupos e percorreu mais de 10 cidades em diversas regiões cearenses. Cantora e compositora Idalina nos anos seguintes realiza alguns shows, como por exemplo, em 1988 no Bar Four Seanons. Depois de alguns anos Idalina passa a residir no RJ. Em 2013 participa de um projeto da TV Somzoom com depoimentos e clips publicados na internet.

Gigi Castro, compositora e cantora, também inicia suas atividades nos espaços universitários. Integrante do Coral da UFC nos anos iniciais de 1980, Gigi passa a realizar shows individuais e em duo em parceria com sua irmã Gisele Castro e também a integrar o elenco de vários shows coletivos que ocorrem nesse período, além de vir a integrar a Banda Pré-Histórica das Moças Donzelas, formado só por mulheres e que reunia música e *performance*. O grupo contava, além de Gigi, com as seguintes artistas: Lily Alcalay, Aurecy Pinheiro, Eliana Olinda, Olga Paiva (Olguinha) e Maira Sales.

Em 1983 Gigi Castro vence como intérprete o VII Festival maio Mulher e nos anos seguintes desta década realiza shows individuais (“Nina Brasil”, em 1988, e “Paixão e Fé”, em 1989) e participa de inúmeros shows coletivos, tais como: “Tô A Fim de Ti no Camarim” (FAM, 1986), “Acordes de Shoonenborch” (Pingo de Fortaleza, 1986), “Mulheres em Cena”, ao lado de Olguinha, Lily Alcalay e participação de Gisele Castro (1986), “Recado Original”, ao lado de Olguinha (1987), “Projeto Zona Cultural do Cocó” (1988), dentre outros. Em 1986, participou do Festival de Camocim com a canção de sua autoria “Challenger”, interpretada por sua irmã Gisele.

Na década seguinte, Gigi Castro segue sua carreira e vence em 1990 o Festival Chapada do Araripe no Crato com a canção “Cariri”, composta em parceria com Ângela Linhares. Em 1996, recebe o prêmio de melhor intérprete do Festival SESC 50 anos realizado no BNB Clube de Fortaleza com a canção “Boizinho”, parceria sua com Ângela Linhares (canção registrada no CD desse festival contendo as 12 finalistas de sua edição).



Pingo de Fortaleza e Gigi Castro, gravação do CD ‘Solo Feminino 3’, 2017
Foto: Ailton Montezuma

Nos anos do século XXI, Gigi continua sua trajetória realizando shows individuais e coletivos e participando de vários movimentos culturais: Em 2009 canta no movimento Pró-Parque, no Parque Rio Branco. Em 2012, é finalista do Festival de Música da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará com a canção “Chove em Messejana”. Em 2017, participa com as canções “Sopro Vital” e “Vai Ter Carnaval”, compostas em parceria com Jânio Florêncio do disco “Zeis, De Preto em Blues”. Desde 2013, integra o grupo de chorinho Flor Amorosa, composto só de mulheres e que além de sua presença conta em sua formação com Clara Galvão, Clarisse Aires, Fabi Brogliato e Letícia Martins.

Outro nome feminino que surge nos anos de 1980 na música cearense com forte atuação no meio universitário é a cantora Olguinha (que depois passa a assinar Olga Paiva e, por último, Olga Ribeiro). No início das trajetórias artísticas musicais é muito comum, que os artistas participem de shows coletivos ou se apresentem em grupo. Foi assim com Olga Ribeiro no início de sua carreira nos anos de 1980, sendo que em 1986 Olguinha participa dos shows coletivos “Tô A Fim de Ti no Camarim”, “Acordes de Shooonenborch”. Nesse mesmo ano fica em segundo lugar interpretando a canção “Jobiniana” no Festival Universitário da Canção Cearense, realizado na Concha Acústica da UFC. Ainda em 1986, Olga apresenta o espetáculo individual “Olga Taborralheira” no “Janela Para os Novos”, do projeto Pixinguinha. Em 1987 apresenta em vários espaços culturais o show “Recado Original” ao lado de Gigi Castro.

Em 1988, Olguinha participa como intérprete do LP “Liberado” (Francis Vale e Alano Freitas), um dos primeiros discos gravados e mixados integralmente no Ceará, onde canta as canções “Cigano”, de Alano Freitas e Ângela Linhares, e “Beata de Mãe das Dores”, de autoria de Pacchely Jamacaru e Francis Vale.

No início da década de 1990, Olga lança o LP “América” (independente, 1992), que conta com as seguintes faixas: “O continente encontrado” (Tarcísio José de Lima/Flávio Paiva), “Sangue Latino” (João Ricardo/Paulinho Mendonça), “Abre la Ventana” (Victor Jara), “Mãe Preta” (Piratini/Caco Velho), “Podres Poderes” (Caetano Veloso), “Personaje X” (Juan Carlos Perez), “Soy Loco por ti America” (Gilberto Gil/Capinan), “In Memoriam” (Eugênio Matos) e “Soy Pueblo” (Calé Alencar em poema de Pablo Neruda).

Durante alguns anos, Olga reside em Brasília (1988 a 1992 e de 1996 a 1998). Em 1994 participa do CD “Rolimã – Flávio Paiva em Parcerias” interpretando



Olga Ribeiro
Foto: Ricardo Padue
Acervo: Olga Ribeiro



Capa do disco “América”, Olga Ribeiro, 1992, LP Independente
Acervo: Pingo de Fortaleza



Capa do disco "Síntese", (CD independente, 2002).



Show "Minha Alma" no BNB Clube 13-09-2008
Foto: Fernanda Oliveira

a canção "O Continente Encontrado", uma parceria de Flávio Paiva e Tarcísio José de Lima. Olga Ribeiro lança em 1997 o CD "Pão e Poesia" (Produção Plural de Cultura) com o apoio da Lei do Mecenato do Estado do Ceará (lei Jereissati) e em 1999 lança o CD "Samba Lê Lê" (Editora Plural de Cultura), só de cantigas infantis, todas de autoria do jornalista e escritor Flávio Paiva.

Nos anos seguintes, Olga Ribeiro segue pontuando sua trajetória com shows individuais e coletivos e grava a canção "Palavras de Seda" (Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues) no CD "Solo Feminino 3".

Marta Aurélia é outro nome feminino que surge no cenário musical cearense no início dos anos de 1980. Marta participa como intérprete do Show "Que Espetáculo é Este?" (1983, Pingo de Fortaleza), apresentado em vários espaços de Fortaleza, como por exemplo no Auditório da Faculdade de Direito e Bosque das Letras, ambos espaços da UFC. Marta Aurélia nos anos de 1980 passa a integrar a Rádio Universitária da UFC e se dedicar ao radialismo e ao jornalismo. Ainda nos anos de 1980 Marta Aurélia participa de muitos shows coletivos e passa a se dedicar ao teatro.

No início da década de 1990 Marta Aurélia realiza seu primeiro registro vocal como intérprete da canção "Clandestinos de Olhos", de autoria de Pingo de Fortaleza e Franzé Rodrigues, gravada ao vivo no Teatro José de Alencar e incluída no CD "Pingo de Fortaleza ao Vivo" (1993, independente). Vale destacar que esse é o primeiro disco gravado integralmente ao vivo no Ceará. Em 1995, é escolhida a melhor intérprete do Festival de Música de Cajazeiras (PB) e no ano de 1998 integra o elenco do show "Estritamente Feminino" ao lado das cantoras Lúcia Menezes, Lily Alcalay, Cristina Francescutti, Késia e Ana Fonteles. Esse show foi realizado no anfiteatro do recém-inaugurado Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. No final dos anos de 1999, Marta lança seu CD "Síntese" com apoio da Lei do Mecenato do Estado do Ceará (Modo Maior) contendo composições suas e de outros autores. Ainda em 1999, Marta envereda pela atuação no cinema se destacando por sua atuação, como por exemplo, no filme "Milagre em Juazeiro", de Wolney Oliveira, sendo premiada como Melhor Atriz Coadjuvante e Atriz Revelação nos festivais de Brasília e Cuiabá, respectivamente.

Nos anos de 2000, Marta Aurélia intensifica seu trabalho participando de inúmeros shows coletivos e montando sistematicamente espetáculos individuais: "Minha Alma" (2008-2009), "Acústica e Movente" (2010-2012), "Vagabunda"

(2014-2015) e “Entre Vagabunda e Acesa” (2016). Atualmente, entre muitas atuações, desenvolve o projeto “Vagabunda Flor”, na Escola Porto Iracema das Artes.

Cristina (depois Cristina Franciscutti) também é um nome feminino que começa a surgir na música cearense nos anos de 1980, inicialmente formando a dupla André e Cristina mas depois seguindo carreira solo. Carioca radicada no Ceará, Cristina já havia contracenado com a atriz Lucélia Santos na peça “Rasga Coração”, de Vianninha, no final dos anos 70. Na década de 1980 realiza alguns shows ao lado de seu parceiro André, como por exemplo o show “Cidadania”, em 1986. No ano de 1989 a dupla André e Cristina lança o LP “Estação Aroeira” (independente). O disco reúne muitas composições de André e parceiros e Cristina aparece na autoria de “Ponta-Cabeça”, composta em parceria com Paulo Ess, Mércia e André Lopez.

Cristina Franciscutti, em 2004, participa do CD “Solo Feminino 2” interpretando a canção “Compaixão”, de Pingo de Fortaleza. Em 2011, depois de alguns anos, volta a se apresentar com o espetáculo “Matrizes”, contando com a participação especial da banda o “Jardim das Horas” que traz sua filha Laya Lopes no vocais.

De uma família de músicos, Aparecida Silvino aos cinco anos entrou para o conservatório de música Alberto Nepomuceno e se formou em piano aos 16 anos. Nos anos de 1980 começou sua carreira com a participação em shows coletivos e individuais. Em 1988, Aparecida Silvino realiza seu primeiro show individual intitulado “Voz e Magia” no Teatro José de Alencar, com direção de Izaíra Silvino. Nesse mesmo ano abre o Projeto Cantares no Espaço Cultural da Teleceará.

Na década de 1990, Aparecida Silvino intensifica sua produção. Em 1991 lança o LP independente “Vidro e Aço”, onde interpreta composições de vários autores e uma de sua autoria em parceria com Ricardo Augusto (“Vidro e Aço”). O LP tem participação especial de Belchior e Kátia Freitas. Em 1994, Aparecida Silvino participou da faixa “Fantasia”, de Joaquim Ernesto e Newton Fortaleza, no mesmo ano interpreta “Fábio & Andréa” (de Flávio Paiva e Eugênio Matos), no CD “Rolimã”, de Flávio Paiva. No final da década de 1990, passa a reger o coral do jornal O Povo de Fortaleza.

No século XXI Aparecida Silvino segue produzindo e participa de vários festivais com destaque para o prêmio de melhor intérprete no Festival da Meruoca (CE, 2009) e primeiro lugar no I Festival de MPB da Assembleia Legislativa do estado do Ceará (2012) com “Janela Aberta”, composição sua com Gilvandro Filho.



Capa do disco “Vidro e Aço”, Aparecida Silvino, LP Independente, 1991.
Acervo: Pingo de Fortaleza



Capa do disco "Presente", Aparecida Silvino, CD, Independente, 2001
Acervo: Pingo de Fortaleza

Aparecida Silvino participa ainda de muitos shows e discos coletivos e individuais de artistas cearenses como por exemplo do CD "Solo Feminino", de 2002, interpretando "Caminho de Luz", de Pingo de Fortaleza, autor do CD. Interpreta, ainda de Pingo de Fortaleza e Henrique Beltrão, a canção "Natureza do Amor" no CD "Pérolas", de 2013 (que inclui o projeto Pérolas do Centauro: dois CDs, um documentário e um livro).

Aparecida Silvino lança de 2000 a 2017 três CDs autorais: "Presente" (2001, conta com as participações especiais de Marcus Caffé, Manassés, Waldonys, David Duarte, Izaíra Silvino e Clarissa Silvino e tem direção artística da própria Aparecida e direção musical e de estúdio do guitarrista Mimi Rocha); "Mãe" (2010, o projeto desse CD foi idealizado em parceria com o Padre Eugênio Pacelli e concretizado junto com o compositor e poeta Alan Mendonça e o músico Adelson Viana. As canções do CD falam da Mãe Divina — a Virgem Maria — como em "Ave Maria", de Bach e Gounod, e da mãe de cada um de nós como na faixa "Mãe", uma composição de Aparecida Silvino e Alan Mendonça); "Sinal de Cais" (2014, produção de Aparecida Silvino, contém entre outras canções "As Fronteiras do Amor" de Zé Rodrix e Tavito).

Sempre se dedicando à prática coral como regente, Aparecida Silvino lança, em 2017, seu espaço próprio para a prática do canto individual e coralístico intitulado Canto da Apá.

Embora tenha algumas experiências musicais ainda na infância e adolescência, foi na década de 1980 que Lucinha Menezes (Lúcia Menezes) começou sua trajetória artística. Integrante do Coral da Universidade Federal do Ceará, em 1988 realizou o show individual "Fragmentos", no Espaço Cultural da Teleceará, no mesmo ano apresenta-se no projeto Zona Cultural do Coco, ao lado de Marcus Brito (Marcus Caffé). Ainda em 1988 participa do Festival de Camocim (CE), interpretando a música vencedora "Se a Amazônia Falasse", de Pedro Magalhães, e recebe o prêmio de "Intérprete Revelação". Em 1989 apresenta o show "Ovelha Negra" em vários espaços de Fortaleza como no Projeto Seis e Meia, o Sindicato dos Bancários e no bar Veredas Grill e ainda este ano estreia o espetáculo "Cenas e Sonhos" no Teatro Universitário da UFC.

Na década de 1990, Lucia Menezes lança o LP "Divina Comédia Humana" (Terramar&ar, 1991), que traz interpretações suas de canções de Belchior no lado A e de Raimundo Fagner no lado B. Ainda nessa década, em 1996, Lucinha realiza o show e grava ao vivo no Teatro São José em Fortaleza, o CD "Homenagem a



Capa do disco "Divina Comédia", 1992, LP Independente
Acervo: Pingo de Fortaleza

Carmem Miranda”, onde interpreta 26 sucessos da “Pequena Notável”, Carmen Miranda.

Após participar de vários shows e discos coletivos, como no CD “Solo Feminino”, do cantor e compositor Pingo de Fortaleza, interpretando “Anos Luz”, de Pingo (independente, 2001/2002) realiza em 2002 um show de abertura para a cantora Beth Carvalho, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza.

No final de 2002 muda-se para o Rio de Janeiro, em 2005, lança o CD “Lúcia Menezes” (Kuarup), com arranjos de Cristóvão Bastos e João Lyra, onde interpreta entre outras as canções “Verdes Mares”, de João Lyra e Paulo César Pinheiro, “Febre de Amor”, de Lauro Maia, e “Serafim e seus Filhos”, de Ruy Maurity e Zé Jorge, além de “Longarinas”, de Ednardo. O CD foi lançado na casa de espetáculos Mistura Fina, no Rio de Janeiro e também no Theatro José de Alencar, em Fortaleza. Ainda em 2005 Lucinha Menezes foi uma das atrações no show de homenagem ao Dia Internacional da Mulher, no Teatro Rival, na cidade do Rio de Janeiro.

Além de continuar realizando shows individuais e participando de shows coletivos a cantora Lúcia Menezes segue sua carreira artística e lança em 2008 o CD “Pintando e Bordando”, com produção de José Milton. Em 2016 participa do show comemorativo ao aniversário da Cidade de Fortaleza na Praia de Iracema e em 2017, lança seu quarto CD, pela gravadora Biscoito Fino, contando com as participações especiais de Chico Buarque e Miúcha.

A cantora e compositora Kátia Freitas é outro nome feminino que começa a se destacar na música cearense no final dos anos de 1980. A partir de suas experiências musicais iniciais no meio universitário, como uma participação na calourada na Universidade Federal do Ceará, em 1986, Kátia realiza em 1987 o show “Preto no Branco” no Centro de Estudos e Ação Cultural (CEAC), situado na Avenida da Universidade, nas proximidades da UFC. No mesmo ano é escolhida a melhor intérprete no II Festival de Camocim ao interpretar a canção “Irmã Clara e os Capuchinhos”, de Valdo Aderaldo, que fica em primeiro lugar na edição desse festival. Em 1988 entre outros shows, participa ao lado de Calé Alencar e Rossé Sabadia do projeto “Amar a Beira Mar” no anfiteatro da Volta da Jurema, no litoral fortalezense, e realiza um show no projeto Zona Cultural no Parque do Cocó. Ainda nesse ano apresenta o show Kaótica no Teatro Arena e se apresenta no Pirata Bar abrindo show de Ângela Rô Rô.



Capa e contra-capas do disco “K”, Kátia Freitas, CD, Independente, 1995
Acervo: Pingo de Fortaleza

Ainda nos anos de 1980, Kátia Freitas participa como intérprete de dois LP gravados e mixados no Ceará: interpreta no LP “Liberado”, de Alano Freitas e Francis Vale (Independente, 1988) as canções “Biblioteca Escura”, de Alano e Brandão, e “Palavra Viva”, de Manassés e Francis Vale. Interpreta também, no LP “Fotografia” de Ricardo Augusto (também em 1988), as canções “Imaginação”, de Ricardo Augusto, e “Oitavo Andar”, de Ricardo Augusto, Luiz Augusto Telles e Ricardo Bacelar.

Na década de 1990, Kátia Freitas grava seu primeiro disco autoral intitulado “K – Kátia Freitas” (Independente, 1995) que traz a canção “Coca Cola e Iguarias”, de autoria de Valdo Aderaldo, dentre outras. A partir daí segue fazendo shows e participando de discos, como em 1994, quando integra o elenco do CD “Rolimã”, de Flávio Paiva, como intérprete e também compositora cantando a faixa “Estroboscopia”, dela em parceria com Flávio Paiva e Cristiano Pinho, e em 1999 quando participa do CD do paraense Felipe Cordeiro interpretando duas faixas.

Em 2002 Kátia Freitas lança seu segundo disco autoral intitulado “Próximo” (Independente). Das 11 faixas do CD Kátia Freitas, seis são de sua autoria, sendo que duas em parceria com Cristiano Pinho (“Mil Dias” e “Precious Ime”) e quatro só de sua autoria: “Disco”, “Próximo”, “Em Algum Lugar” e “Almanaque”, e duas em parceria.

Em 2004 Kátia muda-se de Fortaleza para São Paulo, onde realiza alguns shows e passa a se dedicar a outras produções. Em 2005, é selecionada pelo projeto Pixinguinha (uma ação da FUNARTE) para realizar uma circulação nacional.

Na segunda década do século XXI Kátia Freitas continua sua carreira de shows, como em 2012, quando realiza o show comemorativo ao Dia Internacional da Mulher na Praça do Ferreira promovido pela Prefeitura de Fortaleza, nessa mesma noite apresenta-se também o grupo As Chicas.

Em 2016 Kátia volta a residir em Fortaleza e a realizar shows individuais e coletivos: em 2016 faz show na programação do carnaval de rua de Fortaleza, na Praia de Iracema, e em 2017 participa como convidada do show dos instrumentistas Cristiano Pinho e Manassés, no Cineteatro São Luiz.

Lily Alacalay, de nacionalidade venezuelana e ascendência europeia, Lily começou a cantar ainda na Venezuela na década de 1970 (participação no X Festival de La Cancion, em Caracas). Nos anos seguintes viajou por vários países (EUA,

França e Bolívia, entre outros), contudo na década de 1980 veio morar no Ceará, onde começou a se destacar em vários shows coletivos e individuais. Em 1985 apresenta-se na Cultura Francesa da UFC e em 1986 passa a integrar a Banda Pré-histórica das Moças Donzelas. No mesmo ano apresenta o show “Mulheres em Cena”, ao lado de Olguinha e Gigi Castro com participação especial de Gisele Castro, nos anos seguintes segue realizando shows e cantando em vários espaços (teatros, bares etc.).

Na década de 1990 integra a banda Marajazz e realiza algumas apresentações no Festival de Jazz de Guaramiranga. Em 1999 tem a canção de sua autoria “Onde Seja” registrada por Marta Aurélia no seu CD “Síntese”. Em 2002 Lily Alcalay grava e lança de forma independente seu primeiro disco intitulado “Lily Alcalay”, onde interpreta canções de sua autoria e de outros autores, numa mistura de gêneros musicais, como por exemplo: “Summertime” (Ira e George Gershwin), “Babe baby” (David Duarte, com versão de Lily Alcalay), “Child of the City” (Lily Alcalay), “Mar e Sol” (Lily Alcalay), “Lejos de Mi” (Lily Alcalay), “Orquidea Negra” (Lily Alcalay), “Blues for You” (Neo PiNeo), “Minha Nossa”, “Dona Doida” (“Good Golly Miss Molly”) (Maraisco/Blackwell, com versão de Lily Alcalay), “Quero” (Lily Alcalay) e “Sonho” (Christinna Gomtos). Ainda em 2002 participa do CD “Solo Feminino”, do compositor Pingo de Fortaleza, interpretando “Eternos Amores”, parceria de Pingo com a poetisa uruguaia Margarita Solari.

Lily Alcalay grava o videoclipe com a canção de sua autoria “Bárbara de Alencar”, dirigido por Telmo Carvalho. Nascida em 1953, a artista vem a falecer em 2003. Posteriormente, o compositor Eugênio Leandro escreve e lança um cordel em sua homenagem, onde conta um pouco de sua história.

Nascida em Pernambuco, a cantora Késia radicou-se no Ceará e começou a se destacar na década de 1980. Com atividade intensa na noite, Késia lança seu único disco autoral em 1988 com o título “Késia”. Patrocinado pelo Banco Mercantil de Crédito, esse LP se constitui em um dos primeiros registros fonográficos gravados e mixados integralmente no Ceará (Estúdio Pró Áudio). Késia interpreta no LP canções consagradas nacionalmente (“Ideologia”, de Cazuza e Frejat, dentre outras) e uma canção de autores cearenses: “Outra Estória”, de Luiz Sérgio e Tony Maranhão.

Em 2003, dois anos antes de falecer precocemente, Késia participa da gravação do CD “Mágico Entre Nós”, trilha musical da peça homônima, de Pingo de



Capa do disco “Lily Alcalay” - Lily Alcalay, 2002
(Independente - CD)



Capa do disco “Kesia”, 1988, independente LP.
Acervo: Pingo de fortaleza

Fortaleza e José Mapurunga (uma adaptação livre de José Mapurunga para a peça “O Mágico de Oz”) montada por vários grupos: Mapati (DF), Plural (CE), dentre outros) quando interpreta a personagem principal Dorotéia e canta várias canções, dentre elas uma versão dos autores da trilha para a clássica “Over the Rainbow” (música de Harold Arlen e letra de E.Y. Harburg) intitulada “Além do Arco-Íris”.

Outra compositora e intérprete que começa a desenvolver sua trajetória artística na década de 1980 no Ceará é Lupe Duailibe. Sua primeira apresentação foi aos 16 anos, defendendo sua canção “Se eu fosse Deus” no I Festival Batista da Canção no Colégio Batista em Fortaleza.

Lupe começou a tocar profissionalmente no Blue Bar em 1986, onde conheceu o humorista Paulo Diógenes com quem excursionou pelo interior do Ceará com o show “Caviar com Rapadura”.

Paralelamente a uma carreira contínua em múltiplos espaços da noite fortalezense (bares, barracas, clubes etc.), a artista Lupe vem desenvolvendo um conjunto de shows autorais e lançando discos sistematicamente. Já em 1997, Lupe faz um show em homenagem a Marisa Monte na Praça Pedro Boca Rica, anexo do Teatro José de Alencar, e em 1998 participou do Festival The Wall com a canção “Fractais” de sua autoria.

Nos anos de 1999 e 2000 Lupe grava seu primeiro CD intitulado “Se Parar Cai”, com canções inéditas de sua autoria e lança com show no teatro do colégio Christus em Fortaleza.

Em 2001, Lupe apresenta um show na Cultura Musical do BNB, interpretando Toquinho e Vinícius, e no mesmo ano faz um espetáculo na Quarta com Música Cearense, do Teatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, e também se apresenta no Projeto Som Plural, do Anfiteatro do Centro Dragão do Mar.

Lupe Duailibe volta a se apresentar em 2002 no BNB Cultural com o show “D. DENTRO. D Acústico” e no mesmo ano faz o show “Irreverentes”, em parceria com Valerie Mesquita em homenagem à Cássia Eller, no Teatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Ainda em 2002, Lupe foi selecionada para o Festival In Music, que classificou 12 de 600 bandas, para se apresentarem no Ceará Music e em outubro desde ano canta no palco principal do Ceará Music e, ao lado da artista cearense Aline Costa, faz uma homenagem a Cassia Eller.

Em 2003 grava seu segundo CD intitulado “Sol e Violão” em versão voz e violão com um repertório de canções conhecidas escolhidas pelo público. Ainda em

2003, produz o show “Por uma Boa Causa”, com renda destinada para a gravação do seu terceiro CD intitulado “O Vermelho”, e apresenta-se no Festival Vida e Arte por ocasião do aniversário do jornal O Povo.

Em 2004 Lupe lança o CD “O Vermelho” com canções próprias como “Frac-tais” e “É sempre Assim” canções de autores nacionais conhecidos como Renato Russo e Adriana Calcanhotto. O lançamento conta com shows no teatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e no Teatro do SESC Emiliano Queiroz. Nesse ano participa do projeto do CD “Solo Feminino 2”, interpretando a canção “Procura uma Parceria”, de Pingo de Fortaleza e Dalwton Moura. Em 2007, em parceria com Cecília Colares, apresenta o show “Gatas Extraordinária”, no CCBNB de Fortaleza e de Juazeiro do Norte (CE). No ano seguinte apresenta o show “Lupe e Outras Mulheres” no CCBNB de Souza (PB).

Em 2010 grava o show especial “Da Noite de Fortaleza”, na TV Diário ao lado de Paulo Façanha, representando os cantores da noite da capital cearense, e em 2011 Lupe participa do Festival de Inverno da Serra da Meruoca defendendo sua canção “Vai e Vem”.

Lupe apresenta-se em 2014 no Espaço Paklet, no calçadão da Beira Mar no projeto ecológico de aproveitamento de espaços.

Em 2015, Lupe apresenta-se no projeto Duetos, do produtor Ulysses Gaspar, ao lado de Isabela Taviane, no Anfiteatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, e em agosto de 2017, Lupe canta em Brasília no show “Família Duailibe” em homenagem a Carlinhos Lyra, no Teatro do Sesc Brasília.

Fhátima Santos é uma alagoana que passa a residir no Ceará desde 1978 e que vai continuamente se destacar nos anos de 1980, principalmente no universo da noite e anos depois no festival de Jazz de Guaramiranga. Fhátima Santos participa da gravação de vários discos, como por exemplo do CD “No Ceará é Assim”, de 1994, interpretando “Lupiscínica”, de Petrúcio Maia e Augusto Ponte, e em 2002 do CD “Solo Feminino”, de Pingo de Fortaleza, interpretando de Pingo em parceria com Alan Mendonça a canção “Porões, Bosques e Jardins”. Fhátima Santos participou do Projeto Pixinguinha, abrindo o show de Leni Andrade e, como cantora convidada, fez a abertura dos shows de Nana Caymmi e do cantor e compositor Filó. Entre muitos shows individuais e coletivos, Fhátima participa em 2004 do show coletivo no anfiteatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura em comemoração ao Natal.



Lupe Duailibe - Cartaz show
Fonte: Google



Goretti Feitosa
Acervo: Goretti Feitosa

Terezinha Silveira, cantora com início de carreira nas Rádios do Ceará (década de 1960) e que passa atuar de forma intensa na noite cearense se destaca na década de 1980 com shows em vários espaços (late Clube, 1985) e o lançamento de dois LPs: Em 1984 o LP “Bar da Noite” (Terramar&ar), onde interpreta dentre outras as canções “Bar da Noite” (Haroldo Barbosa e Bidu Reis), “Atrás da Porta” (Chico Buarque e Francis Hime) e “Canto Cearense” (Evaldo Gouveia e Jair Amorim), e em 1985 o LP “Marcas”, com canções de autoria de Jair Amorim (parceiro do cearense Evaldo Gouveia).

Posteriormente, em 2006, Terezinha Silveira participa do CD “A Era do Rádio Cearense”, em conjunto com Ayla Maria, Marilena Romero, Salete Dias, Guilherme Neto e Otávio Santiago.

A cantora Goretti, que no final de 1970 já participava dando canja (participações em shows realizados em bares, restaurantes, clubes etc.) se profissionaliza em 1983 (tira carteira de músico profissional) e intensifica sua carreira, principalmente no universo da noite (bares, clubes etc.). Goretti, além cantar em vários espaços na cidade de Fortaleza (Piano Bar, Tom Marron e muitos outros) e no interior cearense, também se apresentou em outros estados como em Roraima (Nova Opção) e São Paulo, onde residiu um período se apresentando nos espaços Viva Maria e Terraço Itália. Goretti em São Paulo também foi caloura no Programa de TV Silvio Santos.

A intérprete Goretti gravou e lançou de forma independente três CDs em sua carreira: “Minhas Madrugadas” (1999), “Goretti Canta Alcione” (2004) e “Brincar de Viver” (2014).

Outra cantora e compositora que começa a se destacar no Ceará na década de 1980 é Eliane. Eliane Maria de Lima, nascida em Fortaleza, no ano de 1968, pode ser considerada uma das percussoras do segmento musical denominado genericamente de “forró” e que se consolidou no Ceará nas décadas de 1980 e 1990 com o surgimento de artistas individuais e bandas que ocuparam um espaço considerado no universo da música nacional, fenômeno que vem se transformando com a dinâmica cultural e que continua a existir até hoje.

Em 1983, aos 15 anos Eliane grava e lança de forma independente seu primeiro álbum (compacto) que vende em Fortaleza 30 mil cópias. Em 1985, Eliane lança, já pela gravadora RCA, o LP “Cantando para a Vida”. Seu primeiro grande

sucesso foi a música “Quando Será”, do álbum “Quero Ter Você Comigo”, também lançado pela gravadora RCA, em 1986, que deu a ela seu primeiro disco de ouro (mais de 40 mil discos vendidos).

Em 1987, a música “Sem Você não Dá”, composta por ela e J. Alves, foi interpretada por ela para o filme “Luzia Homem”, de Fábio Barreto. Em 1991, sua interpretação para a música “Jeito Manhoso”, de Nando Cordel, que havia sido título de seu LP de 1990 (BMG) fez parte da trilha sonora da novela “Mico Preto”, da rede Globo de Televisão.

Eliane, que ficou popularmente conhecida como a Rainha do Forró, foi indicada por três vezes ao Prêmio Sharp de Música, na categoria de cantora regional.

Em 1998 Eliane lança o LP “Eliane do Forró” (RGE) e em seguida torna-se evangélica quando grava um disco gospel. Posteriormente volta a gravar e a fazer shows no universo do Forró.

Nascida no Crato (CE), a intérprete e compositora Auci Ventura inicia sua carreira na década de 1980, na noite de São Paulo, mais especificamente na Peña Don Fernando, uma casa chilena, localizada na Aldeia de Carapicuíba (SP). Nesse período apresenta-se no Teatro Popular do Sesi (Piratiniga e Osasco, em SP) e em Projetos Culturais do Banco do Brasil e Itaú Cultural. Nessa mesma década viajou para Tokio, Japão, a convite do baixista Tapioca (maestro do grupo internacional Brasil Samba Show) e para esse país retornou entre 1986 e 1996 mais três vezes em turnês para cantar em outras casas no Japão: Peppermyneto Paty e Club Jun, em Fujisawa-Shi, e Restaurante Vamos Lá, em Sasazuka.

De volta ao Crato, integrou a Banda Musisom e juntamente com outros músicos, dentre eles, Dihelson Mendonça, João do Crato, Cleivan Paiva, Manel de Jardim, Jairo Starkey, criou o Projeto Edipianus, um movimento musical no Cariri, que reuniu os melhores músicos da região no Auditório da Rádio Educadora do Crato (CE), produzido por Carlos Rafael com o apoio da Faculdade de Filosofia do Crato e Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal do Crato.

Auci participou do IV CHAMA Festival de MPB realizado na Chapada do Araripe, Crato (CE), com a música “Espíritos da Seca”, e em 1997 participou da Expo-Crato/97. Na mesma época gravou seu primeiro CD “De Cara Pro Mundo”, reunindo músicos do Cariri.



Capa do disco “Cantando para Vida”, Eliane LP RCA, 1985
Acervo: Pingo de Fortaleza

Desde 1997 Auci Ventura desenvolve seu trabalho na região cearense do Cariri participando de vários eventos, tais como: Mostra SESC Cariri de Culturas, ExpoCrato, Festa de Santo Antônio e sistematicamente nos restaurantes Mirante e Bom Paladar.

Ainda há citações nesses anos de 1980 de inúmeras cantoras que passam a se destacar na música cearense na década de 1980, tais como Tânia Militão, Cida Olímpio, Anastácia Azevedo, Edilva, Rose, Anunciação, Josy Daniel, Regina Carla (do bairro José Walter), além de Inês Lima, Fátima Fontenele, Eliane Cordeiro, Ana Luiza Fontenele e Valérie (em dupla com Paulo), e mais as cantoras da “noite” Mariângela, Terezinha Silveira, Luciana Santiago, Neide Parente, Patrícia, Baby, Selma Maria, Natércia.

Mas, aí chegam os anos de 1990, e um nova forma de registro musical se populariza deixando os LPs em segundo plano. São os Compact Disc, conhecidos como CDs, e sob esse novo formato de difusão musical muitas artistas cearenses vão surgir e registrar suas produções...

Relatos de Histórias de Vida

Eliane

Pingo: Gostaria que você me falasse um pouco de seus pais, de sua infância e de suas principais lembranças dessa época.

Eliane: Meu pai se chama José Lima e minha mãe Maria Doraci, um casal simples e que me criou com toda humildade, com muito carinho, muito amor, dedicação e muita atenção, em todos os sentidos. Cresci em um local humilde chamado Riachão, aqui no Ceará. Quando eu tinha de 14 para 15 anos, meu pai que já conhecia várias pessoas do ramo da música, como bandas de forró, decidiu fazer um ensaio para descobrir se eu teria talento como cantora. No meu aniversário de 15 anos ganhei de presente, a gravação de um disco, um compacto com quatro músicas. Aproveitamos a festa para lançar esse material. Porque ele, meu pai, acreditou em mim. Vendeu carro, casa, tudo para que eu me tornasse uma grande artista. Outro momento da minha infância, que lembro bem, eram as festas da casa do meu avô, ele realizava muitas. Chamava os amigos, as bandas de forró da época, e eu criança dançava muito, eu sempre gostei de dançar. Nesse tempo cheguei a ganhar de presente, uma boneca, porque fui a melhor em um concurso de dança. Lembranças que fazem parte da minha história na música.

Pingo: Quais as mulheres referenciais em sua formação pessoal e especialmente as que lhe influenciaram no início de sua trajetória artística?

Eliane: Uma grande referência que tenho na minha vida é a minha mãe, dona Dora. Ela é uma mulher guerreira, batalhadora, paciente, amorosa. Isso tudo me deu suporte, força e muito amor. Ela é para mim a maior referência pessoal. No início da minha trajetória artística, sempre fui influenciada por vários gêneros musicais, não tenho ninguém específico. Durante a infância e adolescência sempre curti diversos estilos e absorvi muito de todos eles. O que predominou no meu primeiro compacto foi o forró. Eram quatro músicas: duas românticas e duas de forró, e foi o forró que encaixou na minha vida. É um estilo dançante que tem a ver comigo e com o meu trabalho. Cada disco que eu gravava tinham pelo menos cinco músicas que estouravam. Por isso hoje tenho uma história, porque foram várias músicas estouradas em cada vez que eu gravava um disco, e isso era muito difícil naquela época.

Pingo: Como foi ingressar ainda menina no universo da música? Quais os problemas enfrentados pelo fato de você ser mulher em um universo artístico com predominância masculina? Em 1983, quando comecei minha carreira com o meu pai, tivemos algumas dificuldades, porque não se tocava forró nas rádios. O que predominava eram os sucessos internacionais e os

cantores, já famosos, da MPB. Havia um preconceito pelo forró, por nordestinos, e eu já sabia disso. Meu pai com o disco debaixo do braço foi correndo de rádio em rádio, de TV em TV, pedindo para tocarem as minhas músicas, para que eles conhecessem o meu trabalho. Algumas fecharam as portas outras abriram o espaço. Até que o meu trabalho começou a chegar ao público, sem dúvida peças importantes nesse processo. Eram os fãs que pediam as músicas, e com isso, as gravadoras foram se aproximando. Eu ainda menina sem entender muita coisa, fui aprendendo aos poucos, com a vida e com o passar do tempo. Deus foi me mostrando as possibilidades, as pessoas que podiam me ensinar a fazer um trabalho profissional. Aprendi muito com a minha ida ao Rio de Janeiro e a São Paulo, quando através das gravadoras, tive a oportunidade de fazer grandes programas de nível nacional, foi quando realmente as portas se abriram.

Pingo: Como se deu essa relação de gênero (o fato de você ser mulher) no decorrer de sua carreira?

Eliane: Em um universo predominantemente masculino, como mulher não foi fácil, mas graças a Deus consegui quebrar barreiras e divulgar a minha música nas rádios de todo o país. Nessa mesma época o meu disco vendeu mais de 100 mil cópias, e recebi o disco de ouro das mãos do saudoso Chacrinha, a partir daí acreditaram que existia uma grande artista no Nordeste. A propósito é o que sempre venho falando, esse preconceito tem que acabar. Nosso Nordeste tem sim maravilhosos artistas, com muito talentos, com grandes repertórios. Podemos

fazer sucesso em todo o país, temos que ter essa oportunidade.

Pingo: Como você vê essa questão da mulher na sociedade brasileira hoje e especialmente no campo da produção musical? De alguma maneira esse contexto mudou nos últimos anos?

Eliane: Por ser mulher, o início de carreira para mim realmente foi muito difícil. Era um cenário com poucas solistas, poucas cantoras, era uma época muito diferente. Graças a Deus as mulheres foram conseguindo o seu espaço, abrimos um leque muito grande nesse país, com todo o tipo de profissão, não só na música, e isso é muito importante. Hoje a mulher se mostra capaz, mostra o seu talento e o respeito que merecemos ter. Claro que muita coisa ainda tem que mudar, e continuaremos fazendo a nossa parte para que isso aconteça.

Pingo: Considerações finais

Eliane: Agradeço imensamente o carinho e o respeito de vocês. É uma honra participar desse livro, desse projeto, como sendo uma grande representante da música cearense. O meu maior sonho musical é poder mostrar ao meu Brasil que existem sim artistas com capacidade de serem um grande sucesso. Mostrar que a música nordestina pode correr fronteiras, e que precisamos ter oportunidade para divulgar os nossos trabalhos e sermos valorizados.

Relatos de Histórias de Vida

Gigi Castro

Inquerida pelo autor Pingo de Fortaleza sobre a temática de sua carreira artística e sobre temas específicos com as perguntas que vão a seguir, a cantora e compositora Gigi Castro optou por escrever o texto abaixo com exclusividade para esta publicação:

- 1- Quais foram as mulheres de referência na sua vida familiar e social?
- 2- Como se deram as influências femininas na sua opção de seguir uma carreira artística?
- 3- Como você vê, no decorrer de sua carreira, esse diálogo de gênero na sua profissão e também de modo geral? Gostaria que você me falasse um pouco sobre o quadro atual da questão de gênero, principalmente associado à música no estado do Ceará.
- 4- Deixe as considerações finais que desejar.

Falar de meu trabalho como cantora e compositora significa ler algumas inscrições que trago no corpo e na alma – e que caracterizam esta minha encarnação. A primeira delas: a de ter nascido mulher. Mas não apenas mulher: mulher com raízes negras e indígenas muito fortes. Mais: mulher com raízes negras e indígenas muito fortes e oriunda de uma classe em que o trabalho soa como um fardo, não como um sacro ofício. Como se não bastasse: mulher com raízes negras e indígenas muito fortes, oriunda de uma classe em que o trabalho soa como um fardo, não como um sacro ofício e lésbica. Esse cardápio completo me ensinou bastante sobre como, para me adaptar a um mundo patriarcal e machista, racista, classista e homofóbico, eu deveria me fortalecer internamente. Isso, de certo modo, me levou a um enclausuramento em meio aberto. Vale dizer: a conviver com pessoas de todo tipo mas ir construindo internamente uma ética própria que me mantivesse coesa a despeito de. Decerto, não foi, por isso, fácil ser quem sou e assinar gigi castro com letras minúsculas, mas absolutamente ciente de minha importância. Que outra não é senão essa: a de ser quem sou. Alguém cujos caminhos, de tão tortos, sequer puderam, como os de Carlos, ser *gauche* na vida. Ser de esquerda, pra quem saiu do centro de Fortaleza para a zona Norte de Teresina numa época em que grassava a ditadura militar, seria um luxo. E no entanto, nunca consegui cantar senão para a esquerda – mesmo essa que de si se distancia e alonga os caminhos que poderiam levar verdadeiramente a uma emancipação. Essa também é uma

inscrição que faço por merecer, não abrindo mão de uma visão ampliada sobre o Outro que me mantenha ciente de que o que eu vejo está longe de ser o que de fato é. Nesse sentido, toda ou quase toda a minha produção musical, que praticamente começou na minha adolescência, permanece desconhecida. Não só do grande público, mas mesmo de quem me conhece mais intimamente. Conheci um dia um artista, depois professor, que me disse: “não grave, todo mundo já faz isso; o interessante agora é não gravar” — e acho que o levei a sério... Até o ponto em que, não mais contendo em mim todo esse manancial produzido, parei pra estudar música como nunca me permiti, porque tinha o filho pra criar, as contas pra dar conta, o mundo a experimentar. Mas querendo, agora, compartilhar essa produção, decidi que o primeiro passo era recomeçar. Daí que depois de ter estudado Letras, me especializado em Artes, me tornado mestra em Educação, ingressei num curso técnico em instrumento musical e todos os dias percorro de bicicleta (às vezes com o violão e na contramão — risos) o caminho que vai da Rua Tianguá, no Vila União, ao IFCE, no Benfica, para me encontrar com aquilo do qual me desviei por muito tempo, na ilusão em que caímos todas da sobrevivência buscando algo mais “seguro” que a música. Diante de uma crise que não é só minha, mas da sociedade como um todo — e do país em especial —, resolvi ressignificar meus dias preenchendo-os com sons, leituras, audições, flautas, teclado e violão, solfejos e ditados rítmicos, provas, novas amizades, grandes professores/as, enfim: uma escuta mais atenta, do meio, do Outro e de mim, mergulhando a meu modo nesse universo sonoro como um exercício de alteridade para ver se dele emergo melhor. Melhor pessoa, melhor musicista, melhor mãe, melhor avó, melhor amiga, melhor amante — melhor tudo. Porque não me é possível — sejam os tempos maus ou bons e como ao longo de toda essa

trajetória — separar a arte da vida. Até tentei, confesso, mas como feminista, ambientalista, arte-educadora, gestora, professora — com todos os “istas” e “oras” de que me preenchi, tudo o que consegui foi ser na vida artista. Não artista de demonstração, de palco — conquanto isso faça parte às vezes. Eu sou artista é em mim mesma, no meu cotidiano, desde a hora em que acordo até quando durmo. Porque a arte, como dimensão, não pode ser num momento e não ser num outro.

Então tenho plena consciência de que inclusive boa parte dos perrengues por que passo na vida devem-se a isso: ao fato d’eu não abrir mão do meu corpo/alma de artista por inteiro o tempo todo. Só que pra complexificar um pouquinho mais, dentre as inscrições que trago, o medo deixou suas marcas — e não raro, conquanto falante, sou também tímida. Se o ambiente não me parece acolhedor, se o clima é de competição (no sentido de deslealdade), eu me recolho, guardo-me em concha, até esmoreço. Então como ser uma artista em tempo integral e tímida? Esse é o meu desafio. Nele sigo com humildade, a cada passo obtendo das deusas e deuses a permissão para ser. Só para isso: ser. Não quero a fama nem o dinheiro se não me permitirem, com folga, o tempo/espço de ser. O que alguma tensão me causa, mas me deixa alerta — pelo que sou grata. Como sou grata ao Pingo de Fortaleza pela oportunidade de deixar de lado um pouco essa timidez e, depois de cantar no seu disco, escrever este texto sobre esse ser que eu mesma busco a cada dia mais conhecer.

Relatos de Histórias de Vida

Marta Aurélia

Pingo: Quais foram as mulheres de referência na sua vida familiar e social?

Marta: As mulheres da minha família para mim são imediatamente as mulheres que começam essa história. A minha mãe é muito inspiradora pra mim, a minha vó, a linhagem materna toda, minha mãe, minha avó e a minha bisavó são três mulheres bem fortes na minha vida, né?! A minha bisavó eu nem conheci, certo?! Mas quando minha mãe contava histórias, por exemplo, a história dela com meu bisavô... eu sempre fiquei muito ligada, né?! Assim, eles têm uma história muito interessante e que sempre me incentivou e inspirou, né?! Meu bisavô era filho de índio mesmo, índio de tribo, né?! Eu suponho que ele era Cariri, porque ali do Cariri, eu acho que a etnia mais forte, né?! Mas eu não tenho certeza. E a minha bisavó era uma mulher branca, entendeu?! De ascendência europeia, não se sabe dizer ao certo de onde, mas era aquela figura bem característica de europeia, tipo: branca do cabelo liso claro, o olho azul, e ele índio, né?! Então a gente tem essa mistura aí na parte materna. Então, assim, a partir do que é contado, né?! Dessa oralidade na família chegou pra mim essa história do meu bisavô e da minha bisavó, e ela passou a figurar e assim, a... o meu imaginário junto com a minha avó, né?! Que

eu tinha relação afetiva direta com ela e uma vivência... Passava sempre férias na casa dela, aqui em Fortaleza, a gente ainda no interior, lá na cidade de Banabuiú, e a minha mãe... porque pra mim, ela era uma pessoa muito forte e me influenciou, inclusive na minha relação com o rádio, com a dramaturgia radiofônica, porque ela passava o tempo inteiro fazendo as coisas em casa escutando rádio novela, escutando música, né?! Cantando... Então, toda essa coisa de eu cantar e dessa relação com o rádio e a dramaturgia do rádio tem muito a ver com a minha mãe. Porque eu a via bastante ligada a isso e a tudo isso: ao canto, ao teatro no rádio... Então, em primeiro lugar, essas três mulheres, né?! Eu tive uma professora que me alfabetizou chamada Marlene, essa mulher foi muito importante pra mim, eu nunca a esqueci. Então ela também 'tá dentro desse... quadro né?! De mulheres referência na minha vida familiar e na minha formação, né?! Isso tudo é uma influência muito positiva. Eu 'tô falando das influências positivas, porque também houve algumas mulheres... uma, especialmente, que foi a influência negativa, né?! Que foi uma outra pessoa, uma professora, acho que era uma professora particular. Eu ia pra casa dela, me lembro, minha mãe me colocava pra ir pra casa dela pra ela me ensinar a escrever... alguma coisa desse tipo e eu me

lembro que ela, ela, ela tinha uma palmatória olha só! E hoje eu tenho uma questão muito forte com meu lado esquerdo e meu lado direito. Eu eu me dei conta que eu tinha uma tendência pra escrever com a mão esquerda e fui meio que treinada pra mão direita, tudo indica que isso aconteceu e ela foi muito importante nisso, em me forçar! [risos]. Como quem aplica um corretivo, né?! Então pra mim isso foi uma influência negativa, eu nunca gostei dessa figura, mas ela foi bastante forte é... é, porque eu nunca a esqueci e enfim... Mas outras mulheres também formaram uma espécie de constelação nessa coisa da influência. Bom, ainda falando sobre essa questão das mulheres de referência da minha vida familiar e social, outras mulheres como as que eu já falei, tinha uma, uma, umas moças... que elas, elas 'tavam ali, né?! ao redor... filhas de uma amiga da minha mãe, então elas 'tavam sempre ali pairando e eu percebia, como criança, que aquelas moças elas eram as mulheres interessantes, né?! Uma era bem generosa, bem boa, bem interessante, bem gentil, afetuosa e uma outra mais ríspida, mais áspera, enfim, essas personalidades fortes, bem diferentes, aquilo me impressionava um pouco. Minha mãe também tinha uma vizinha e essa mulher foi uma das mulheres, assim, eu acho que ela vai ser sempre uma mulher importante na minha vida porque naquele momento, naquele tempo, eu criança, lá na cidade de Banabuiú, numa rua chamada Rua do Arame [risos]... eu criança e essa vizinha chama-se Dona Memézia, mas eu chamava de mamãe Memézia, porque bem criança eu não conseguia dizer o nome dela corretamente, eu chamava de mamãe Memézia e ela realmente tinha

assim... a nossa relação afetiva, passava por aí. Eu a sentia como um uma mãe. Ela tinha um aspecto assim que parecia uma vozinha, né?! Uma avó, cabelinho branco, ela já tinha uma idade bem... para mim né? bem avançada e eu tinha um profundo sentimento por ela de afeto, de amorosidade sabe?! Então eu adorava ir pra casa dela, eu me sentia tão acolhida, né?! Tão amada por ela... Então, uma mulher muito importante que não era da minha família, mas como se fosse, né?! Então mamãe Memézia é uma das mulheres mais importantes da minha vida... Enfim, e era uma vizinha. É, fora ela, que foi uma das mais importantes, tem outra, uma outra amiga da minha mãe também, que a importância dela, além da coisa afetiva, da amizade, ela tinha filhas, né?! E eu era bem amiga de uma das filhas dela, a Isabel, a gente brincava juntas. Tinha uma outra filha também e a gente tinha uma, uma certa proximidade, mas não tanto quanto era com essa outra porque a gente brincava mais, tinha mais afinidade, tudo mais e assim, mais uma coisa que eu me lembro bem é que essa mulher tinha uma coisa bem ambígua e isso me atraía profundamente porque ela era uma pessoa bem cristã, bem católica e tudo mais. Essa é parte que menos me atraía, mas às vezes acontecia alguma coisa a portas fechadas na casa dessa mulher e minha mãe ia pra lá e as outras amigas iam pra lá, eu não sabia o que acontecia ali dentro e eu ficava muito inquieta, muito interessada em saber aquilo, muito tempo depois, eu soube que ela tinha uma mediunidade muito forte e acabava acontecendo de ela é... enfim, tinha alguns acessos... Acontecia alguma coisa por conta dessa alta mediunidade dela, só que ela

parecia ter constrangimento com isso, tinha vergonha, e aí as pessoas... ela se fechava em casa com algumas pessoas, que eu não sei o que elas faziam, mas acredito que era dando uma espécie de... sei lá. Tratavam dela ali, naquela situação. Eu sentia alguma coisa que ia por esse lado misterioso né?! Assim, essa coisa meio mística, meio misteriosa, eu percebia, eu sentia isso e por isso eu me sentia atraída. Mas era o máximo! Era pura intuição, eu não tinha certeza de nada, eu só vim saber dessa coisa muito tempo mais tarde. Então, essas de um modo, são as mulheres que tinham uma importância na minha vida né?! Durante um certo tempo, do começo da minha vida né?! Minha tia, não sei se eu já falei, uma tia, irmã da minha mãe, tia Zilma, também. Tem outras com certeza, mas eu não 'tô lembrando agora, mas de um modo geral essas são as mulheres superimportantes dessa minha formação inicial, quanto da minha vida familiar, como já falei, da minha formação e tudo mais.

Pingo: Como se deram as influências femininas na sua opção de seguir uma carreira artística (se existirem)?

Marta: Na minha opção de seguir uma carreira artística por mais que não fosse claro pra mim, eu acho que minha mãe, ela tá aí no começo de tudo. Eu não tenho como não reconhecer isso. Pelo que eu já disse antes, né?! Porque foi com a minha mãe que eu escutei música. Pra tu ter uma ideia eu criança escutava no rádio a música do... [cantando] “tão longe de mim distante, onde irá, onde irá meu pensamento?” imagina? escutava essa música no rádio! [risos]. E eu escutava porque minha mãe 'tava escutando rádio e ela cantava, cantarolava essa música e outras

músicas. Então, escutar minha mãe cantando dentro de casa e cantando, escutando rádio, escutando música, escutando rádio novela...isso foi realmente a coisa que começou a mover esse meu sentimento, né?! Meu desejo, por estar nesse mundo, por me mover dentro desse mundo também. E aí, lá ainda criança, ali, começava a fazer aqueles teatrinhos e tudo mais, então eu acho que a minha mãe 'tá muito forte nesse momento. E agora, para além disso, né?! Mais adiante, quando... eu acho que tem um tempo aí que eu não 'tô lembrando direito, mas, já na adolescência, por exemplo, algumas figuras que eu passei a conhecer através do rádio também, algumas cantoras brasileiras bacanas, como Maria Bethânia, Gal Costa, Rita Lee... Então, essas figuras realmente eu escutava bastante e curtia bastante, né?! Ficava ali cantando todas as músicas e foi realmente uma influência muito forte. Mais na frente ainda, quando eu 'tava estudando pra fazer vestibular e tal, eu escutava a galera do Pessoal do Ceará, eu tinha muito encanto pela Têti! Então eu escutava a Têti e mais adiante eu soube da existência da Mona e aí começava a escutar também, mas isso já bem mais adiante, né?! Então são algumas mulheres também que assim, quando eu comecei... passei a conhecer desse meio, sabendo que elas estavam mais próximas. Também Ângela Linhares, Mona Gadelha, e Têti... Afora essas, outras cantoras brasileiras que eu realmente tinha um... que 'tavam sempre ali, ouvindo e cantando junto, cantando as músicas que saíam no rádio e tudo mais. E mais adiante ainda, eu comecei a escutar uns sons mais estranhos, né?! Então, afora essas cantoras, eu comecei a... uma vez eu soube

de uma figura e aí ouvi isso... não me lembro mais nem como é que eu escutei pela primeira vez, mas eu soube de Meredith Monk, e eu achei aquilo tão estranho, né?! Aquela mulher cantando daquele jeito, aquela voz esquisita, aqueles sons estranhos, eu disse: “gente, existe quem cante dessa maneira?!” [risos]. Eu fiquei muito... muito impactada. Assim, fiquei muito atraída por aquele tipo de coisa, de som né?! Mas eu acho que antes ainda da Meredith Monk, que me causou realmente uma, uma, uma algo bem forte, aí depois que eu passei no vestibular, aí tudo mais, aí conheci a Izaíra Silvino, entrei no coral da UFC, fui conhecendo outras mulheres interessantíssimas também, com quem eu convivi, né?! As minhas queridas amigas cantoras, né?! e tudo mais, a própria Izaíra com a personalidade forte ali, né?! Assim, foi muito importante num dado momento da minha vida ali no, nos anos 1980 e as minhas amigas queridas como a Gigi Castro e outras pessoas e as colegas que eu fui conhecendo, como a Kátia Freitas, a Olguinha Ribeiro, eu acho que a Olguinha eu conheci até antes de todo mundo porque, eu ainda lá atrás né?! Adolescente, enfim... a gente formou um grupo e aí começou a, a participamos de algumas programações. Esse grupo era eu, minha irmã Márcia, um namorado dela que eu não lembro, o Willian, o Júlio César Maciel, que inclusive é ator e artista plástico – naquela época eu conheci o Júlio, era ator, artista plástico, poeta e tal, e ele compunha as músicas – o Domingos era o poeta da história, escrevia as letras e eu cantava e tudo mais... Foi aí no festival que eu conheci a Olguinha e foi só depois daí dessa história que me causou assim, eu achei, quando eu vi a Olguinha

cantando pela primeira vez, eu achei uma coisa assim muito incrível, e depois disso, acho que eu passei no vestibular e aí comecei a frequentar o Benfica, né?! E aí realmente abriu o campo, abriu uma nova perspectiva. Foi quando eu lhe conheci Pingo de Fortaleza e a gente fez aquele espetáculo, que foi o meu primeiro espetáculo [risos], né?! Meu primeiro show, foi o “Que espetáculo é esse?” foi ao seu lado, né?! Enfim, aí abriu-se uma nova perspectiva e muitas outras mulheres chegaram nessa hora, que foram essas que eu falei: afora a Izaíra Silvino, a Gigi Castro, a Kátia Freitas vieram mais adiante alguns nomes que eu estou lembrando agora, sei que tem muito mais, tem muito mais pra lembrar e... Agora, pensando bem aqui sobre a pergunta que você faz, como se deram as influências femininas na sua opção de seguir uma carreira artística, se existirem, olha... eu acho que todas essas mulheres tem uma certa importância, né?! Como influência na minha opção. Não na decisão, de eu optar por uma carreira artística provavelmente... né?! Assim, mas de uma certa forma, são influências muito positivas no sentido de me fazer acreditar que a opção que eu fui fazendo, né?! Porque eu acho que quando a gente faz... eu entendo que uma opção não é uma coisa que você liga um botão e você faz uma opção. No meu caso não é bem assim, uma opção que você vai vivendo algo, no meu caso né?! Vivendo algo que me interessa e aquilo é, tem, tem... desejo né?! de, de, de... estar ali e essa coisa vai se confirmando nas relações que a gente, que eu vou estabelecendo. Então, essas mulheres que eu fui conhecendo, que eu fui ouvindo e tudo mais, elas

foram reforçando isso em mim. Enfim, acho que de um modo geral é isso.

Pingo: como você vê no decorrer de sua carreira esse diálogo de gênero na sua profissão e também de modo geral?

Marta: Eita! [risos]. É uma questão muito importante, ao mesmo tempo ela me cansa [risos]. De uma certa maneira. Deixa eu ver por onde é que eu começo... Pingo, eu sempre fui desde criança uma pessoa muito afetada. Eu sempre me senti muito afetada pelo comportamento machista. Isso sempre me afetou, mesmo quando eu não sabia o que era isso. Mas a medida que eu fui entendendo, que eu fui sacando, fui percebendo né?! Porque que eu 'tava me sentindo incomodada, porque que aquilo me constrangia, me deixava sem jeito, me deixava chateada, me deixava com raiva, né?! E eu fui percebendo que muitas vezes que eu me sentia dessa maneira, estava relacionado a essa questão do machismo. Em vários momentos da vida. Em várias questões, né?! No caso específico do meio que a gente vive não é diferente, né?! Assim, não dá pra separar o que a gente vive artisticamente da nossa vida como todo. Então é uma coisa tão arraigada na nossa cultura que a gente vive isso o tempo inteiro. O, assim, pra exemplificar, deixa eu ver se eu consigo... Eu sou cantora e não toco um instrumento, eu sempre ou na maioria das vezes tive que me relacionar com as pessoas que tocam, pra ter essa parceria, de alguém que vai tocar para eu cantar, né?! Num dado momento sempre era de homens, né?! Então eu acho que essa é uma das coisas que aparece como questão de gênero, né?! No nosso meio, né?!

A maior parte dos músicos é homem. Ou, em determinado momento assim, eu acho que agora, de uns anos pra cá tem muito mais mulheres atuando no nosso meio, não só cantando, mas também como instrumentistas, né?! Já, ultimamente a gente já tem formado bandas só com mulheres, né?! Isso é uma coisa mais recente, de alguns anos pra cá. Mas assim, nos anos 1980 por exemplo, quando eu comecei a atuar, as mulheres sempre estavam mais cantando do que tocando os instrumentos, então isso é uma das coisas muito evidentes, né?! A outra coisa também, de uma outra forma de isso aparecer na minha profissão, na nossa profissão, é também com relação à autoria dos trabalhos, né?! A maioria das autorias também era de homens, né?! Só com o tempo é que aos poucos a gente foi percebendo e vivenciando isso e também, no caso nós mulheres, a gente foi assumindo mais a nossa vontade de falar, a nossa vontade de compor, a nossa voz. A nossa voz, não só a voz física, essa voz que canta, mas também essa voz que é a voz do nosso discurso, nosso dizer, da nossa poética, né?! Então, isso, é, eu tenho percebido que a gente viveu um período que isso era mais obscuro né?! Essa nossa autoria, essa nossa voz ativa era mais obscura, era mais retraída e de uns anos pra cá, nós estamos mais expostas né?! A gente 'tá dialogando mais com o mundo, a gente tá se colocando mais, né?! E isso 'tá sendo uma coisa muito libertadora e muito interessante. E isso também tem modificado a nossa relação com o nosso próprio trabalho, né?! eu mesma assim, nessa... nisso... nesse tema nosso agora, que é essa questão de gênero, eu me lembro que durante certo tempo, é... passei alguns

anos que eu ficava me sentia um pouco insatisfeita é... queria, desejava tanto 'tá ali, cantando, fazendo esse trabalho, mas me sentia um tanto insatisfeita, nunca me sentia completamente contemplada na maioria dos shows, das apresentações que eu 'tava fazendo. Isso com músicos bacanérrimos... Me sentia muito feliz de 'tá ali cantando com aqueles caras maravilhosos, tocando incrivelmente e tal, mas no fundo eu não me sentia inteiramente satisfeita. Claro que a gente tem que dar o crédito dá imaturidade, ou assim, essa maturidade a gente vai construindo aos poucos, tem isso. Mas não era só isso, era também esse outro aspecto né?! De que você 'tá colocando como essa questão de gênero e que é da gente se sentir no mesmo lugar, da mesma maneira, do mesmo tamanho, falando e ouvindo, se reconhecendo enquanto parceiros, enquanto pessoas que estão ali fazendo a mesma coisa, então acho que isso a gente foi conquistando ao longo do tempo, nós todos e todas né?! Especialmente. Então eu acho que isso é uma coisa bem forte e acho que isso 'tá mudando as relações, isso tá fazendo com que você faça essa pergunta pra mim nesse momento, que você vai escrever sobre isso, não é?! Isso talvez há duas décadas nem viesse à tona dessa maneira, né?! Como uma vontade de falar, do feminino no cancioneiro cearense... [risos]. Né?! Então eu acho que a tua própria pesquisa é um sintoma disso, né?! Ou um indicador... e eu fico muito satisfeita, fico muito feliz que cada vez mais a gente esteja fazendo isso. Assim, hoje em dia, eu acho que eu me posiciono de um modo diferente, eu já sou muito mais... mesmo quando eu canto coisas que não são da minha autoria, não importa

se a música foi feita pelo Pingo, se foi feita pelo... sei lá, um amigo que eu tenho lá na Galícia, que é o Xoán Curiel, se a música foi feita por mim, mas esse sentimento de estar fazendo algo que faz parte do meu modo de sentir, do meu modo de pensar, do meu modo de me colocar no mundo, isso 'tá presente muito mais agora e eu acho que é cada vez mais isso vai acontecer e eu fico muito feliz... Acho que essa questão de gênero agora falando de um modo geral é muito complexa não é porque a gente 'tá mais aberto, que a gente 'tá se colocando mais, nós, enquanto mulheres, enquanto discurso feminino, enquanto diversidade também, que se expressa na adversidade do feminino, né?! Chegamos também nesse lugar que é muito interessante. Que são conquistas!! Então a gente não 'tá falando de um único feminino mas de um feminino muito mais diverso, muito mais amplo, isso é uma conquista pra humanidade, uma conquista pra nós, mas a gente ainda vive um paradoxo, parece né?! Uma situação muito... muito difícil, né?! De um aprisionamento ainda em relação a isso, afinal de contas a gente ainda tem uma situação social muito cruel, né?! Feminicídio por exemplo, né?! 'Tá aí, muito forte. Entre outras coisas, entre outros aspectos assim que mostram o quanto a gente ainda precisa mesmo com todas as conquistas, ainda precisa avançar muito pra gente conseguir acertar o nosso passo, enquanto uma humanidade muito mais é... interessante.

Pingo: Gostaria que você me falasse um pouco sobre o quadro atual da questão de gênero no Brasil e principalmente associado à música no estado do Ceará.

Marta: eu acho que de uma... [risos] certa maneira deu meio que... é... misturando um pouco essa questão com a questão anterior... Bom, mas de qualquer forma depois você se organiza aí como é que você vai colocar isso, mas é... Aquilo que eu falei antes, eu acho que a gente já avançou um bocado, né?! Assim, porque tem políticas públicas relacionadas à essa questão, acho que nos governos anteriores, com Lula e Dilma Roussef, a gente teve durante esses essas questões pautadas de forma muito evidente e houve conquistas bem significativas, bem interessantes, eu acho que o exemplo é a lei Maria da Penha, que é muito importante nesse processo todo que a gente tem vivido em relação ao machismo, à subalternidade forçada às mulheres, à coisa do mercado de trabalho... as mulheres que ganham menos do que homens mesmo fazendo o mesmo tipo de trabalho e essa sobrecarga absurda, né?! Das mulheres, eu acho que tudo isso são questões ainda que estão aí. Mas que houve bastante conquista em relação a tudo isso. Infelizmente a gente vive uma situação política atualmente que coloca em risco essas conquistas e isso é muito preocupante. A gente passou tanto tempo pra conquistar algumas coisas e tudo isso agora está em risco né?! Então a gente vive uma situação muito instável no país, não só em relação à questão das mulheres, mas à questão de gênero, de um modo geral, da diversidade sexual como um todo, né?! Porque não é só uma questão de mulheres, é uma questão para todos nós né?! LGBTs, mulheres e tudo mais né?! É... A gente 'tá correndo muito risco, em relação a isso. Mas acho que a gente tem que fincar pé e continuar lutando para não perder o que já

conquistou e para conquistar mais ainda, porque não 'tá bom não. Com todas as conquistas, a gente ainda tá muito atrás, né?! Os índices de feminicídio são muito altos não é possível que em 2017 a gente ainda viva isso. O ódio em relação aos gêneros é um negócio muito absurdo. Muito alto ainda, muito forte. E com relação à música, no estado do Ceará especificamente, é... bom eu, eu, eu não sei se é... me ocorreu agora de falar aqui na, na questão da música, até já comentei alguma coisa sobre a minha própria relação né?! Como que vem mudando também isso né?! Em relação à autoria, como que a gente estabelece as parcerias, com as outras pessoas, entre homens e mulheres, né?! E entre homens e mulheres e agora a gente tem cada vez mais essa diversidade também presente nessa relação né?! Então hoje em dia a gente tem por exemplo a Mulher Barbada, que é o Rodrigo Ferreira! O Rodrigo que se intitula Mulher Barbada e Os Caixeiros Viajantes. Isso pra mim, a presença do Rodrigo é, hoje em dia na música cearense, é um exemplo de como a gente avançou mais, como nós estamos vivendo um outro momento a despeito de todas as coisas que eu já falei, da parte negativa da coisa. Mas a gente vive um outro momento, né?! Bem mais interessante. Algumas pessoas, assim, alguns artistas, algumas artistas estão... por exemplo, o Coletivo As Travestidas, que são pessoas em que o gênero 'tá ali... nesse lugar da diversidade mesmo. Isso é uma conquista interessantíssima! Acho que o Ceará, Fortaleza e o Ceará como um todo vivem um momento muito interessante para o país! Eu acho que isso... o Brasil todo 'tá vivendo isso, mas eu acho que o Ceará tem uma coisa muito especial em

relação a essa questão, que, de modo geral, é isso que eu ‘tava falando antes, né?! de formação de bandas com meninas. Tenho visto com uma certa frequência que cada vez mais as meninas estão se reunido e formando bandas e tocando. Todo mundo tocando, cantando, é baixista, é baterista, é guitarrista... [risos]. Tocando todos os instrumentos e isso é muito legal. Assim, e eu acho que isso vai avançar cada vez mais e eu ‘tô achando bom, ‘tô achando interessante as meninas compondo, né?! Compondo mesmo, colocando a sua fala, a sua voz, a sua poesia no mundo! As meninas no rap, as meninas no rock, as meninas no jazz, em todo canto, as meninas na música experimental, em todo canto... Enfim, eu, eu vejo de uma forma bem positiva e tenho a esperança de que isso vai ficar melhor, que vai ficar mais interessante ainda. É isso!

Pingo: Favor relatar as considerações finais que desejar.

Marta: ...bom, em primeiro lugar, eu quero parabenizar você por essa iniciativa de fazer esse livro, “Pérolas — O Feminino no Cancioneiro Cearense”. Achei muito... eu fiquei até surpresa quando você falou, que bacana isso! Esse teu interesse, essa tua iniciativa de fazer isso, você já vem fazendo uns trabalhos legais, como pesquisador, como alguém que ‘tá interessado em registrar nossa história, eu acho isso muito bacana! Importantíssimo! Tomara que tenham mais pessoas fazendo isso aqui e em outras áreas também, em todas as áreas, acho que a gente precisa mesmo disso. Especialmente com relação ao feminino, eu acho muito legal, porque com todas as coisas que eu já falei, que a gente avançou, que a gente tem conquistado... os direitos... a

gente tem conquistado espaço, a gente tem conquistado voz, né?! Atuação e tudo mais... mas meu querido, depois de tanto tempo, tanto tempo, mas tanto tempo vivendo uma situação de subalternidade, vivendo uma situação que tem sempre alguém que é essa figura machista, se colocando acima, né?! Eu ‘tô falando isso também, não é pra colocar homens e mulheres somente nesse lugarzinho aí, cruel, né?! Em que um tá sempre lá em cima e o outro... Porque essa questão do machismo é também, um machismo tão incrustado... é... profundo que é um comportamento não, é uma... Não é o homem apenas, somos todos nós! Somos todos nós, homens e mulheres e de todos os gênero que devemos estar atentos para a forma como a gente lida com essa questão, né?! Se a gente ‘tá querendo viver na liberdade, se a gente tá querendo viver melhor, se a gente tá querendo viver de uma maneira mais criativa, se a gente tá querendo viver de uma maneira mais amorosa, se a gente tá querendo viver de uma maneira que a gente possa crescer mais e se desenvolver como seres humanos mais interessantes, que possa contribuir pra melhorar o mundo, então é evidente que a gente precisa mudar essa história?! Mudar essa relação?! Nós todos somos iguais, nós todos somos diferentes né?! Então como é que a gente compreende essa diferença que somos cada um de nós? E aonde nós podemos nos situar no lugar da igualdade né?! Então, eu acho que a gente precisa aprender isso, se colocar nesse lugar, né?! Pra aprender isso, isso... enfim, né?! Eu penso nessa, nessa, questão como algo realmente é... que a gente precisa dar uma atenção muito especial o tempo todo, o tempo todo. Se eu ‘tô

desatento agora, se alguém cometeu um ato de machismo ali, que se ligue, que se toque, né?! Não é pra ser execrado naquele momento, mas pra ser chamado atenção: “opa! ‘Vamo lá! ‘Vamo melhorar isso daí, né?!”. Acho que a gente ‘tá vivendo um tempo muito absurdo, ao meu ver, que a gente tá vivendo esse linchamento né?! Então, ao invés da gente olhar pra situação e tentar lidar com ela, com a complexidade que ela tem, a gente já quer resolver, já quer simplificar, nessa coisa muito louca que é o linchamento, que é a pena de morte! Então isso é um efeito muito forte, entre outras coisas, da forma como a gente ‘tá colocando num mundo, como a gente ‘tá se comunicando, precisa melhorar isso demais, precisa mudar essa forma da gente se relacionar por aí, porque isso não resolve, isso eu acho que só piora cada vez mais, né?! Então eu penso que pra a gente mudar essa relação e essa forma da gente abordar essa questão de gênero a gente precisa mudar também outras coisas antes disso, né?! A gente precisa realmente se colocar como seres humanos interessados em se melhorar e melhorar o mundo. E aí, a partir daí a gente vai ver, a gente vai melhorar tudo o que se diz respeito à gente. Como a gente lida com a questão de gênero, como a gente lida com a relação com o outro e tudo mais. Então, é isso querido, eu te agradeço, acho isso superimportante, isso que você ‘tá fazendo, e espero que daí venham os outros: o número dois, o número três, o número quatro, número cinco e assim por diante né?! Então parabéns! Força! Axé! Tudo de bom pra você! Grata!

Relatos de Histórias de Vida

Goretti

Pingo: quando foi que você começou sua carreira musical, em que ano, em que circunstâncias? Como foi isso pra sua família, o fato de você ser mulher e optar pela questão da música?

Goretti: Boa noite, Pingo! A minha carteira da Ordem dos Músicos é de 1983, mas eu comecei mesmo em 1975, ok? E só em 1983 eu tirei a carteira da Ordem dos Músicos. Quem estava na presidência naquela época era a Núbia Brasileiro, legal não é?! Pingo, eu era comerciária, trabalhava na Ocapana ‘tá?! Meu pai, ele era um mestre de obras, ou seja, pedreiro, né?! E nós... eu sou a mais velha de uma prole de dez filhos. Eu, comecei, naquela coisa... saindo com os amigos e dando canja. “Ei, a Goretti sabe cantar! Canta ali!”. E eu dava aquelas canjinhas e durante muito tempo, Pingo, muito tempo, o meu pai não soube. Ele só soube que eu cantava porque de repente apareceu uma entrevista meia página no jornal e ele chegou do trabalho com essa meia página de jornal perguntando, jogando em cima da mesa e perguntando o que aquilo significava, mas a minha mãe, ela sabia, entendeu?!

Pingo: Como se deu sua experiência na noite, pelo fato de você ser mulher dentro dum universo que é às vezes, majoritariamente masculino? Quais são as reflexões que você faz sobre essa questão de

gênero, você sendo mulher e cantora da noite, especificamente?

Goretti: Pingo, naquela época, uma moça... que era assim, né?! Que se perdia, que também era se perder [risos], ela era expulsa de casa, então pra mim era muito difícil. Eu trabalhava durante o dia, pra ajudar meu pai, à noite eu estudava, concluí todo o segundo grau e fugia de noite, pra ganhar uma grana a mais. O fascínio da noite era algo pra mim incrível! É... eu olho, olho pra tudo isso assim com muito saudosismo, foi uma fase... Eu não sei se muito dolorida e, ao mesmo tempo, fascinante na minha vida, não é?! O meu nome completo é Maria Goretti de Almeida Oliveira. Nasci aqui em Fortaleza e escondia porque o meu pai, era aquele homem... muito tradicional. Ele... a filha mais velha dele cantora?! Deus me livre! Ele tinha uma mania: “Filho meu não faz isso, filho meu não faz aquilo!”. E eu era a ... e ele dizia: “Filha minha tem que sair da minha casa virgem, arrumada, bonita para se casar!”; “Filha minha não vai trabalhar!”. Entendeu?! No entanto para ajudá-lo eu comecei a trabalhar com 13 anos de idade, ‘tá entendendo?! Para o pai podia, mas tinha que ser um trabalho que ele pudesse ver, que ele pudesse saber quem, aonde... E tu sabe onde eu morava, Pingo? Morava, na época, no Pirambu! Onde hoje

a gente chama de Avenida Dr. Themberge. É muito perigoso... O Pirambu sempre foi um bairro cheio de perigos, considerado uma das favelas do Brasil... na época... ganhava da rocinha no Rio de Janeiro, enfim... Então, eu sempre escondi dele, o máximo que pude. A minha mãe sabia de tudo e me ajudava a fugir, né?! “Mãe, avisa que eu tenho... que eu fui estudar na casa de uma amiga...”, “tá entendendo?! E a outra coisa é que eu estudava, então eu saía do trabalho direto pra escola, pro colégio, então eu tinha liberdade e podia chegar em casa até no máximo 22h30.

Pingo: Nessa relação com a arte, como é que você vê essa questão de gênero hoje? Se mudou, se não mudou? Eu queria que você analisasse isso, falasse isso dessa questão de ser mulher e ser cantora.

Goretti: Te sendo bem franca: muito cedo eu descobri que a maioria dos homens que se aproximava de mim era porque era a “Goretti, a cantora, a rapariga...”, que a coisa era bem assim mesmo, né?! Lembro dos grandes amores da minha vida que, no auge das paixões, com tudo o que tem direito, olhavam pra mim e diziam: “Goretti, eu jamais vou poder assumir o nosso relacionamento porque você é uma cantora”. Mas, Pingo, quando a gente gosta de fazer, e assume isso, eu acho que eu nasci pra cantar! Eu não me imagino... com toda essa dificuldade, com toda essa crise de hoje, fazendo outra coisa... então muito cedo eu deixei de acreditar... eu só sabia uma coisa: eu tenho que focar no meu trabalho, ou na minha arte! Viajei muito, muito. Namorei muito, né, Pingo?! Tive inúmeros homens. E

aí, aos 33 anos eu engravidei de um homem que não assumiu a paternidade do meu filho, porque eu morando há três anos com ele, ele perguntou se o filho era dele, enfim... e tudo isso transforma a gente numa coisa, numa pessoa, muito independente. E eu me tornei uma pessoa muito assim. Ai, eu não preciso... assumindo... assumindo literalmente, todos os meus atos e ações. E aí eu me descobri mãe, apaixonada pelo meu filho e com a obrigação de torná-lo um homem respeitável, né?! E pronto! Deixei por conta da maternidade, a gente deixa de viajar, a gente deixa de fazer muitas coisas. Mas eu não me arrependo! Eu ‘tô bem! Hoje ele também ‘tá bem, ‘tá formando, ‘tá fazendo... ‘tá se especializando. É... bem, sei lá... Eu acho é que nada acontece por acaso, tudo tem um porquê!

Pingo: eu queria que você falasse se você teve influências de mulheres e, se sim, quais foram as mulheres que lhe influenciaram a sua carreira? Como é que foi a sua carreira? Como começou e quais as dificuldades que você enfrenta pelo fato de ser mulher nesse contexto? É mais assim uma questão assim de como você vê essa questão do feminino na música, tá?

Goretti: Vamos aqui as minhas influências... Bom, eu tenho uma família muito musical, sabe?! Pingo, pra tu ter ideia, quando a gente se reúne, numa festa familiar, confraternização, festas de final de ano, só nós, irmãos, é o suficiente para uma grande festa! Todos cantam muito bem, todos tocam, todos... eu tenho um irmão que é artista plástico, nunca expôs, mas é fantástico! Pintando, ou esculpindo ele é... sabe?! Mas isso pra ele é um *hobbie*, que ele

faz pra curtir, pra dar um presente pros amigos, enfim... Desde criança, até os dias de hoje... eu acordava com música. Existia um programa que eu nunca vou esquecer, chamava-se: “Coisas que o Tempo Levou”. Então, era Vicente Celestino, Ataulfo Alves, aquele pessoal... e eu ouvia muito. Louca, apaixonada pela Elis Regina, brincava de cantar na escola, era chamada pra cantar e cantava Elis, e cantava... né?! Até hoje eu sou louca pela diva Elizete Cardos. Considero a Ângela Maria a maior cantora do mundo! Elza Soares inegavelmente a cantora do milênio, enfim... Então, sempre ouvi muito, sempre cantei muito. Minha mãe balançava a gente, ninava a gente, cantando! Comecei a cantar na noite, num bar lá na Barra do Ceará, chamado A Francesinha. E esse bar, quem arranhou foi um amigo, o Bezerra. Que na época era gerente de uma das lojas da Casa Pio e ele arranhou esse contrato pra mim, disse que eu tenho uma voz linda. Eu dava as canjas quando saía com eles, né, os amigos [risos]... Eu comecei a cantar n’A Francesinha com Ribamar do violão. Olha aí que maravilha, né?! E com um repertório de três músicas: “Relógio”, “Ronda” (não é a “Honda” com H...)... “Relógio”, “Ronda” [cantando] “de noite eu rondo a cidade...” e “siempre que te pergunto”... Quiçás, quiçás”... Pronto! Eram essas três músicas, mas em uma semana eu passei a semana copiando música e cantamos... e... essa coisa, não precisa nem explicar. Apaixonante,, né! Palco. Amigos, viagens... Viajei muito viu! Ô, Pingo, pra você ter ideia, eu fui pra Venezuela e cantei no Campus Universitário de Caracas. Um *campus* universitário: só bossa nova! Enfim, viajei muito. E se eu tivesse de voltar e

fazer... eu faria tudo de novo! Aliás, eu não mudaria nada na minha vida! Eu tentaria ser mais ambiciosa, eu... com dinheiro, fui péssima! Ganhei demais, nunca consegui administrar nada com grana, sempre fui muito displicente, muito... artista lá pensa nessas coisas... talvez eu mudasse hoje, talvez... Como eu lhe falei dos preconceitos, é... vivenciei, principalmente na minha... hoje eu tenho 60 anos de idade, mas na minha época vivenciei demais a coisa chamada preconceito: a mulher e a mulher muito independente, né?! Que viajava, que era arrimo de família, que trabalhava, que recebia muitos amigos em casa, então era rapariga... Mas eu sinceramente não liguei muito pra isso, sabe?! Não liguei muito... Aliás, sofri alguns *bullyngs*. Costumo dizer pra minhas amigas que hoje todo mundo fala em *bullyng* e eu digo: “Mulher, eu também sofri, eu fui uma criança obesa... mas em compensação eu jogava na defesa da minha escola, jogava handball e era chamada de relâmpago! Tinha... *bullyng* porque eu era gorda, ou porque minha farda era pobre, o meu sapato era rasgado, mas não... isso não me atingia não! Mas sofri. Os homens que eu mais ameí na minha vida diziam que não podiam me amar porque... “não, Goretti, a minha família não vai querer lhe conhecer...”. Me perguntam sempre: “Goretti, qual é a ... o... o... a sua posição sexual não sei o quê...”; “você é hétero?” Eu costumo dizer, ô Pingo, que eu sou bissexual, porque eu dizer que sou hetero... Eu acho puro demais! Aí eu digo: “eu sou bi, mas eu prefiro os homens”. Eu acho que eu disse tudo! [risos], né?! Com relação a isso, acho legal, eu acho que você deve amar, quem você quiser, homem, mulher,

se vestir do jeito que quiser, tirar, trocar o sexo, trocar de roupa, botar barba, tomar hormônio, o que você quiser. Mas eu acho que você sempre... que nós devemos sempre, qualquer que seja a sua posição sexual, eu acho que você tem que respeitar o outro. Eu não sou obrigada a ver e nem ouvir o que eu não quero. Só isso. Eu acho que a coisa... é... estar bem consigo mesma, primeiro é estar bem com o outro e uma das coisas que a minha mãe me ensinou foi: respeite o outro e você será respeitada e acreditada em qualquer lugar que você tiver. Outra coisa: fui pra São Paulo e lá cantei em grandes casas como o Viva Maria; cantei no Terraço Itália... Era amiga do Johnny Alf, amava aquele povo... vivia ali na noite. Cantava lá no Ipiranga, cantei baile etc. e tal... E fui caloura porque... Pingo, porque quando eu saí daqui de Fortaleza e fui pra São Paulo, eu passei muito tempo desempregada e o Silvio Santos ele pagava um cachê referente, tipo hoje, duzentos reais... [risos] e eu ia toda semana. Então, você se apresentando ou não no programa você tinha aquele cachê. Aí, Pingo, toda semana eu ia e precisei perder na final, porque eu tinha que ir pra Roraima inaugurar uma casa, essa casa chamava-se Sol Maior... não... Tom Marron. Tom Marron, desculpa. E essa casa, era do pai do meu filho hoje. E eu inaugurei essa casa, fui pra essa inauguração e fiquei. Então, como a inauguração dessa casa em Roraima, batia com a final do Silvio Santos do Programa de Calouros, na qual eu estava, e eu tive que perder. Eu gravei um programa, perdendo, porque eu tinha que viajar. Aí me apresentei também no Clube do Bolinha e tirei o terceiro lugar, concorrendo com calouros profissionais.

Enfim... é uma bagagem até grandinha [risos], não é?! Fui pra Curaçao, no Caribe, aí... a melhor experiência da minha vida! Também cantando bossa nova, eu tinha um violonista fantástico! E... enfim... muita coisa! Se tu achas que eu não falei tudo, me pergunta, que eu te mando! Um grande beijo! Ah, vou... é porque eu 'tô em construção aqui em casa, eu 'tô... não é construção. Caiu o teto da cozinha... o reboco do teto. Aí tão colocando. E aí aproveitei pra dar uma geral. Estão emassando tudo. E aí eu tenho que terminar isso pra eu mandar fotos e o material de recortes de jornal, essas coisas pra ti...



Capítulo 6 – O feminino que se renova na música cearense (1990-2000)

A construção histórica da música, em todos seus aspectos de criação, produção e difusão, é marcada por múltiplos fatores culturais, sociais e econômicos, assim como é constituída toda ação humana individual e coletiva que acontece em cada tempo, num dialogar de muitas intersecções e linguagens e de resultados contínuos e diversos.

A última década do século XX no campo da música, de alguma maneira, revela essa continuidade de ações consequentes de inúmeras conjunturas que se afirmam e que também se renovam. Nessa multifacetada realidade de transformações e mudanças o estabelecimento de uma nova forma de difusão musical através do Compact Disc é uma dessas ações que irão determinar um conjunto de mudanças no campo da produção e difusão musical.

Embora os CDs tenham sido lançados na década de 1980, só nos anos de 1990 se popularizam no Brasil, tanto que até nos primeiros anos de 1990 as gravadoras faziam seus lançamentos em formato de LPs e CDs.

O Compact Disc, ou simplesmente CD, é um disco ótico digital de armazenamento de dados. Originalmente, o CD foi desenvolvido com o propósito de armazenar e tocar apenas músicas, mas foi posteriormente adaptado para o armazenamento de dados (CD-ROM). No ano de 1982, quando essa tecnologia foi lançada, o CD possuía uma capacidade maior de armazenamento que muitos HDs (memória do computador). Já nas décadas seguintes qualquer HD passou a possuir uma capacidade superior a de um CD.

No Ceará, esse formato de registro permitiu que muito mais artistas lançassem seus discos, principalmente os discos chamados de independentes, porque são custeados pelos próprios autores, com o aporte de apoio e patrocínios (ou não) e sem vinculação com as gravadoras.

Outro fator determinante para esse processo foi o incremento da Lei do Meценato do Estado do Ceará (Lei Jereissati), que passou na década de 1990 a permitir a isenção fiscal a empresas para realização de projetos culturais.

Dessa forma muitas mulheres compositoras e cantoras cearenses lançaram um ou mais discos na década de 1990, a grande maioria só em formato de CD: Aparecida Silvino, Kátia Freitas, Lucinha Menezes, Marta Aurélia, Lily Alcalay, Mona Gadelha, Têti, Amelinha, Myrlla Muniz, Maruça, Goretti, Olguinha, Mazé do Bando-lim, Eliane, Rita de Cássia, dentre outras. E também participaram de inúmeros CDs coletivos lançados nesse período.

Nessa história contínua de afirmações e renovações, muitas compositoras e intérpretes cearenses que já vinham desenvolvendo seus trabalhos em décadas anteriores, seguem suas produções de shows e discos, outras arrefeçam suas carreiras e produções, contudo, começa a aparecer uma nova geração de artistas que vão dialogar com as novas realidades de registro e difusão musical das mais diversas formas e linguagens.

A musicista, compositora e cantora Myrlla Muniz é um dos nomes femininos que começa a se destacar na música cearense na década de 1990, embora tenha realizado alguns shows no final da década anterior, como no Bar Veredas Grill em 1989, porém é nos anos de 1990 que essa artista intensifica sua carreira.

Com formação em música erudita, Myrlla Muniz, estudou canto com o maestro cearense Paulo Abel do Nascimento e participou do grupo Syntagma. Myrlla participou ainda, nos anos finais da década de 1980 e primeiros anos da década de 1990, da Orquestra de Cordas do SESI, da Camerata da Universidade Federal do Ceará e da Orquestra Sinfônica de Fortaleza.

Em 1990, juntamente com os músicos Ocello Mendonça, Duda de Cavalcanti e Liduíno Pitombeira, funda em Fortaleza o Quarteto Ars Musica, que se propôs a divulgar a música erudita em concertos e recitais realizados em todo o país.

Myrlla, em 1992, passa a residir em Brasília, formando-se como cantora e musicista na Universidade de Brasília. Como violista e cantora, Myrlla Muniz integra a Orquestra Jovem de Brasília e a Orquestra Filarmônica de Brasília, participando de apresentações e concertos no Brasil e no exterior.

Em sua carreira solo, Myrlla Muniz lançou seis discos autorais: 2002, “CD Pedra Rara”; em 2003, o CD “O Leite das Baleias e Outros Sertões” e o CD “Melodias Sentimentais”. Em 2005, o CD “Notícias do Brasil”. Em 2009, o CD “Doze canções de Amor e um Poema Desesperado” e em 2010 o CD “O Romance de Lindalva e Cirino”, dentre outras participações em CD. Em 2002, Myrlla participa do



Myrlla Muniz

CD “Solo Feminino” do artista Pingo de Fortaleza, interpretando a canção “Mourão” de Pingo e Guaracy Rodrigues.

Myrlla Muniz possui ainda os DVDs autorais: “A violeira”, gravado em 2006 no Festival Internacional de Violeiros e Cantadores, em Quixeramobim (CE), onde realizou o espetáculo musical de mesmo nome, e “Cocos, Pandeiros e Ganzás”, gravado em 2007 no II Festival Internacional de Violeiros Trovadores e Repentistas, em Limoeiro (CE), em show do mesmo nome.

Em junho 2009, a convite da Itália, Myrlla representou o Brasil no Festival Internacional do Mediterrâneo, na Itália, e em Paris, com o show “Notícias do Brasil”.

Myrlla já realizou inúmeros shows e recitais por todo Brasil, dentre eles: “Temporadas Populares” e “Arte Por Toda Parte” (Brasília), show “Pedra Rara” (no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, e na Sala Cássia Eller, da FUNART/Brasília), “Viva Nordeste” (no encerramento do Festival de Teatro Nordestino de Guaramiranga / CE), “Som Plural” (no Anfiteatro do Centro Cultural Dragão do Mar), “Aniversário de Brasília” (Esplanada dos Ministérios), Homenagem ao dia da Mulher (Congresso Nacional) e Dia das Mulheres (Ministério da Cultura).

Professora na Escola de Música de Brasília, na área de canto popular desde 1995, em 2017 Myrlla Muniz vem apresentando o show em comemoração ao pré-lançamento do seu novo DVD intitulado “Flor de Mandacaru”.

Outro nome feminino que começa a se destacar na música cearense na década de 1990 é a intérprete Masôr Costa, embora tenha iniciado sua trajetória artística no final da década de 1980. A partir desse período, vem se apresentando em vários espaços, como no auditório da Escola Técnica Federal, Clube da Petrobrás, Anima Café Concerto e barraca Subindo ao Céu, com o show intitulado “A Bossa é Nossa”, além de participar do projeto BEC Seis e Meia na Praça Boca Rica (anexo do Theatro José de Alencar) por duas vezes, homenageando Gonzaguinha e Carlinhos Lyra.

No ano de 1996, Masôr Costa participou da 7ª Mostra de Música SESC – 50 anos de Musicalidade Brasileira, com a música “Araguaia”, composição sua em parceria com Everardo Matos e Humberto Ibiapina. “Araguaia” foi incluída no CD da Mostra SESC. Em 1997 Masôr apresentou-se na cidade do Rio de Janeiro no espaço Vinícius Bar.



Myrlla Muniz



Masôr Costa - cartaz show SESC_2015.jpg

Em 2000, Masôr foi escolhida pela curadoria do SESC para representar o Estado do Ceará em Maringá (PR) no Festival de Música Cidade Canção (FEMU-CIC), com a música “Pivete”, de sua autoria e de Everardo Matos. Na ocasião recebeu o prêmio de Melhor Intérprete. Nos anos seguintes, realizou no Centro Cultural Banco do Nordeste o show “Um Ser Inesquecível Elis” e se apresentou em vários espaços, tais como: The Wall Bar, SESC Iparana, Teatro SESC Emiliano Queiroz e Centro Cultural OBOÉ, entre outros.

Em 2003, Masôr interpretou várias canções no CD “Cantigas do Divino Nascimento – Auto de Natal”, de Pingo de Fortaleza e José Mapurunga, uma dessas canções (“Oferenda”) foi incluída no CD “Pingo de Fortaleza 21 anos”, lançado em 2004. Nesse mesmo ano interpretou no CD “Solo Feminino 2” a música “Razões Iguais” de Pingo de Fortaleza e José Augusto Moita.

Masôr Costa apresentou três espetáculos no Teatro SESC SENAC Iracema, dentro do projeto Armazém do Som: “Encanto” (2013), “Encontro” (2014) e “Corpo & Alma” (2015).

Emiliana Paiva é outro nome feminino que começa a se destacar na música cearense nos anos de 1990, embora tenha participado do Coral Zoadá no ano de 1988 e ingressado em 1989 no Coral da UFC. Como bolsista dessa universidade começou a trabalhar com coral infantil e no ano 1991 assume e atua como regente de coral infantil no projeto Um Canto em Cada Canto.

Em 1992, Emiliana começa seus estudos de canto lírico na ULM – Universidade Livre de Música Tom Jobim, em São Paulo, retornando em 1995 as suas atividades em Fortaleza.

Nos anos seguintes produz e realiza vários shows individuais: em 2003, “Mulheres do Brasil” (Teatro Nadir Papi Saboya) e “Ary Barroso” (Centro Cultural Oboé); em 2004, show “Grata – Homenagem à Fatima Guedes e Joyce” (Centro Dragão do Mar de Arte Cultura e TJA); em 2005, “Mulheres do Brasil” (Festival de Teatro de Guaramiranga); em 2007, “Mulheres do Francisco” (Festival de Gastronomia Guaramiranga/ Centro Cultural Oboé); em 2008, “Canto Chão” (Centro Dragão do Mar de Arte Cultura); em 2012, “Muito prazer Rogerio Lima” (Centro Dragão do Mar de Arte Cultura); e em 2013, “Outras Mulheres” (Mercado dos Pinhões).

Em 2005, como integrante do grupo vocal Cinco em Ponto, participa da gravação da canção “Solo Feminino” de Pingo de Fortaleza e Alan Mendonça, no



Emiliana Paiva

CD “Solo Feminino” e posteriormente participa também dos CDs “Missa”, de Luiz Carlos Prata, e “Seara”, do grupo vocal Cinco em Ponto. Atualmente Emiliana Paiva atua como regente de corais e professora de técnica vocal.

Outro nome feminino que começa a se destacar na música cearense nos anos de 1990 é a cantora, compositora, atriz e arte-educadora Joyce Custódio. Em 1998 Joyce participa do Projeto BEC Seis e Meia, no Theatro José de Alencar, interpretando canções de Marina Lima. Nos anos de 1999 a 2001 participa do grupo Ordem dos Versáticos, composto por poetas e músicos, que teve grande participação em projetos como o extinto Rodas de Poesia do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Em 2001, é premiada com o terceiro lugar no II Festival CPC de Música, promovido pela Funcet, com a música “Maremoto”, composta em parceria com Léo Mackellene. No ano seguinte participa do Festival The Wall de Novos Talentos. Também em 2002 participa do CD “Solo Feminino”, do artista Pingo de Fortaleza, interpretando uma versão de Pingo para a canção “Redemption Song”, de Bob Marley.

Nos anos seguintes Joyce Custódio participa ainda de vários festivais e shows, como o XIV Festival de Camocim (2003), o Festival de Garanhuns / PE (2007), e Festival Ecos de 68 da UFC (2008).

De 2009 a 2010, Joyce integrou o Coral da UFC, participando dos espetáculos “Abraços” (2009) e “Borandá Brasil” (2011), como coralista e preparadora corporal, e ainda realizou o intercâmbio Brasil-Austrália, apresentando-se nas cidades de Sidney, Melbourne, Camberra e Adelaide. Nesse mesmo período (2009) Joyce fundou com outros artistas o BORA - Ceará Autoral Criativo, movimento coletivo de artistas cearenses que defendeu e fomentou a música autoral, produzindo diversos eventos na cidade de Fortaleza, principalmente de 2009 a 2011. Em 2010 Joyce participa do CD “BORA! – Ceará Autoral Criativo”, interpretando ao lado de Lise Lopes a canção de sua autoria em parceria com Lise Lopes, Paula Moura, Lidiane Limaverde e Alan Mendonça intitulada “Uma Flor de Samba” e também através de sua canção “Desejo” composta em parceria com Alan Mendonça e Wilton Matos, interpretada por este último no referido CD.

Joyce Custódio montou em 2011 o espetáculo autoral “Dança dos Sonhos”, apresentado em diversos espaços culturais de Fortaleza, tais como: Centro Cultural Banco do Nordeste, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Passeio Público, dentre outros.

Em sua trajetória Joyce Custódio integrou vários grupos e montagens de espetáculos, tais como: Teatro de Caretas, com o qual participou das montagens



Joyce Custódio
Foto: Joana Souto



Joyce Custodio
Foto: Lili Rodrigues

dos espetáculos “A Casa da Mãe Joana” (2002), direção de Galba Nogueira; “Camisinha Cor-de-Rosa” (2003), direção de Oswald Barroso; “Rompendo o Silêncio” (2005), direção de Vanéssia Gomes e Sâmia Bittencourt, PIANE (Projeto de Integração de Atores do Nordeste), com o espetáculo “A Saga de Zacarias contra a morte e o Diabo” (2003), sob a direção do espanhol Moncho Rodriguez; Grupo Impressões Teatrais, com os espetáculos: “Homens de Papel” (2003), “O Auto da Repartição das Almas” (2004) e “A Selva e o Mar”(2005), todos sob a direção de Fernando Leão; Cia. Pã de Teatro, com o espetáculo “Fragmentos do Corpo” (2006), com a direção de Karlo Kardoze; Coletivo Soul, com o qual participou do projeto “Trilogia Hamlet”, integrando o elenco dos espetáculos “Hamlet: Solo” (2013) e “Ros & Guil estão mortos” (2014), ambos sob a direção de Thiago Arrais; Grupo Solavanco, com o espetáculo infantil “Todo bicho tem seu canto” (2015), com a direção de Bruno Lobo e Joyce.

Formada em Artes Cênicas pelo IFCE, Joyce atualmente é professora do curso de Licenciatura em Teatro da mesma instituição. Em 2017 apresentou-se no Festival Cantos da Alma, em Canoa Quebrada (CE).

Outro nome feminino que surge na música cearense na década de 1990 é a intérprete e atriz Joana Angélica. A partir de 1994 Joana Angélica produz diversos shows individuais, tais como: “Cantando Gonzagão”, onde homenageia Luiz Gonzaga, “Cantando Dorival Caymmi”, em homenagem aos 90 anos de vida de Dorival Caymmi, “Feminina”, espetáculo com músicas do universo feminino, “Recantando as Divas do Rádio”, projeto com o repertório das grandes divas do rádio do Brasil, e “Joana Joaninha - um besourinho que canta e conta histórias”, show com músicas e contos infantis, onde encarna o personagem Joana Joaninha.

Em sua trajetória musical, Joana Angélica produziu e lançou três CDs autorais de forma independentes: CD “Palavras”, lançado em 2003, com apoio da empresa Aço Cearense, através da Lei do Mecenato do Estado do Ceará. Nesse CD Joana interpreta composições de vários autores cearenses, tais como David Duarte, Fausto Nilo, Rogério Franco, dentre outros e vários autores nacionais. O CD “Palavras” tem participações dos músicos Dominginhos e Waldonys. Em 2007 Joana lança o CD “Cantando Coisa de Cá” – Um percurso pelos movimentos musicais do Ceará, onde interpreta só compositores cearenses, tais como Newton Silva, Jonas Costa, Zé Maia, Calé Alencar, Davis Duarte, Rogério Franco, Pingo de Fortaleza, Ronaldo Marques, Dalwton Moura, Henrique Beltrão, Alan Mendonça, Edmar Goçalves, Evaristo Filho, Jord Guedes, Abreu Marinho, Fausto Nilo, Robertinho do Recife,



Joana Angélica - arte do CD “Palavras”
Foto: Gláucia Rebouças - Concepção e arte gráfica V S Dígitus

Paulo César, Cesar Barreto e Marcus Acyoli, Sanderley Coelho, Cleilson Ribeiro, Dedé Evangelista, Rodger Rogério e Liduíno Pitombeira. No ano de 2011, Joana Joa-ninha, lança seu terceiro CD intitulado “O Besourinho que Canta e Conta História”, com patrocínio das Edições IPDH e apoio da Radiadora Cultural, com repertório infantil de domínio público, exceto as faixas: “Fábula de um rei feliz”, de Sanderley Coelho e Cleilson Ribeiro, e “Brincadeira”, de Lenine Rodrigues e Alan Mendonça.

Joana Angélica participa ainda de alguns discos coletivos: em 2003, CD Coletânea do BNB, com a faixa “O Banquete”, de Edmar Gonçalves e Gerude. Em 2004, CD Coletânea, com a faixa “Pra ser Feliz”, de David Duarte e Adriana Gouveia (org. Junior Colares); em 2004, CD “Solo Feminino 2”, com a faixa “Enluarado”, de Pingo de Fortaleza e Alan Mendonça; em 2007, CD “Enquanto a Cidade Dorme”, com a faixa “Vou Chegando”, de Paulo César Oliveira e Alan Mendonça; em 2007, CD “Mostra Sesc de Música”, com a faixa “O Bonde”, de Alan Mendonça e Karine Cunha.

Radicada nos últimos dois anos na cidade de Lisboa, Joana Angélica vem realizando apresentações em diversos projetos e espaços culturais de Portugal, além de se apresentar em Angola, França e Inglaterra. No ano de 2017, em Portugal, conduz o evento “Brega Naite”, um projeto onde procura reunir os brasileiros imigrantes em torno de canções que perpassam todas as regiões do país.

Carioca, radicada em Fortaleza desde 1990, a intérprete Adna Oliveira, que iniciou sua carreira ainda adolescente no Rio de Janeiro, é outro nome feminino que começa a aparecer na música cearense na década de 1990. Nos anos de 1992 e 1993 estuda música no Seminário Teológico Batista do Ceará e em seguida, entre 1994 e 1996, ingressa no Curso de Extensão em Música, da UFC, quando passa a integrar o Coral da UFC.

No ano de 2011, ingressa no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, onde se apresenta em várias ocasiões e, nesse período, apresenta-se como solista em diversos especiais e passa a integrar o elenco cênico do coral Soul Cantor, como corista, solista e atriz.

Em 2012 compôs o coral cênico Vitrola Nova, sob a direção de Carlos do Valle. Em 2014, produz e apresenta o espetáculo intitulado “Uma Canção de Redenção para Elza”, que teve sua estreia no Cuca Mondubim durante a programação do mês da Consciência Negra. Apresenta também o espetáculo “Mente Livre, Cuca Crespa... Igualdade Racial é Prioridade”, também apresentado no mesmo ano no Teatro Carlos Câmara, durante o Festival de Teatro do Estudante.



Joana Angélica
Foto: Alberto Tavares



Adna Oliveira
Foto: Eveline Viana

Em 2015 estreou o show “Pérolas Negras”, dividindo o palco com sua parceira musical Luiza Nobel. Esse show foi apresentado nos teatros Sesc Emiliano Queiroz e SESC Fortaleza. Ainda em 2015, Adna Oliveira apresentou o show “Noite Africana”, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, dentro da programação do III Encontro Internacional de Contadores de História.

Atualmente Adna Oliveira segue apresentando seus shows em diversos espaços, principalmente na cidade de Fortaleza (CE).

Ouro nome feminino que começa a se destacar na cena cearense na década de 1990 é a artista Karine Alexandrino. Cantora e compositora Karine viveu até os 12 anos na região do sertão dos Inhamuns cearense, quando então passou a residir em Fortaleza.

Karine Alexandrino começou a cantar profissionalmente por volta de 1993 e foi vocalista do grupo Intocáveis Putz Band, que surgiu por volta de 1994. O grupo lançou o CD “A Arte Menor da Intocáveis Putz Band”, em 1999, quando passou a deixar de existir.

Karine em sua carreira solo é autora da trilogia fonográfica produzida por Dustan Gallas (do grupo Cidadão Instigado): “Solteira Producta” (2002), “Querem Acabar Comigo, Roberto” (2004) e “Mulher Tombada” (2015).

Em 2004 Karine participou da 12ª edição do Abril Pro Rock, em Recife (PE), e entre múltiplos shows apresentou o espetáculo “Neotropicalismo”, em São Paulo, no ano de 2005, e no mesmo ano cantou no Curitiba Rock Festival. Durante 12 anos Karine apresentou o programa “Liquidificador” da TV União Ceará e de 2004 a 2011 assinou a coluna Valentina Warhol, no jornal O Povo de Fortaleza.

Com a concretização do gênero denominado, de forma ampla, de Forró — não só no Ceará, mas em todo Brasil, através da difusão de artistas solos e de várias bandas, muitas originárias do Ceará — se destaca na música cearense na década de 1990 a compositora e cantora Rita de Cássia Oliveira dos Reis, nascida em Alto Santo, em 1972. Rita de Cássia pode ser considerada uma das maiores compositoras de forró do Brasil com mais de 500 músicas compostas e dezenas de sucessos nacionais.

No ano de 1992 a cantora Eliane grava sua composição “Brilho da Lua” e na sequência outra composição de sua autoria, “Sonho Real”, foi gravada pela



Karine Alexandrino

Banda Mastruz com Leite, que já começava a ser reconhecida no Ceará e em outros estados.

Em 1993 a banda Mastruz com Leite grava “Meu Vaqueiro, Meu Peão”, de Rita de Cássia, e essa canção passa a ser referência no gênero musical denominado nesses anos de Forró. Nesse mesmo ano Rita de Cássia ganha o diploma “Destaque de Melhor Compositora do Ceará” e em 1994 ganha o prêmio Destaque da Região Vale do Jaguaribe como melhor compositora. Além disso, recebe um prêmio do ECAD (Escritório de Arrecadação de Direito Autorais) por sua música ficar em primeiro lugar em execução no Brasil. Ainda em 1993 grava seu primeiro CD intitulado “Rita de Cássia, Redondo e Banda Som do Norte”.

Rita de Cássia possui uma vasta discografia, com 12 CDs em parceria com seu irmão Redondo e a Banda Som do Norte, além de cinco CDs no formato “voz e violão”, um DVD acústico, um CD em comemoração aos 20 anos de carreira, um ao vivo (2010) e um CD intitulado de “Cuide de ser feliz” (2015), com 13 faixas inéditas e possui músicas de sua autoria interpretadas por diversos artistas e bandas, tais como as bandas Mastruz com Leite, Cavalo de Pau, Mel com Terra, Catuaba com Amendoim, Brasas do Forró, Banda Styllus, Aviões do Forró e os artistas Eliane, Kátia di Tróia, Frank Aguiar, Wesley dos Teclados, Amelinha, Marinês e As Mineirinhas, dentre outros.

Outro nome que começa a se destacar no Ceará na década de 1990 é a artista Francisca Eliane de Sousa Brasileiro, ou Eliahne Brasileiro (a letra H foi acrescentada em 2006).

Nascida no município de Pentecoste (CE), filha do sanfoneiro Neném Brasileiro, começou a cantar por volta dos 10 anos e aos 14 já cantava numa banda que animava festas em sua cidade e também ao lado do seu pai, que tinha um conjunto musical pé-de-serra.

Em 1980, Eliahne Brasileiro veio para Fortaleza para continuar seus estudos e se integra às Comunidades Eclesiais de Base. Canta nesse período em alguns festivais promovidos pela Congregação Marista da Igreja Católica, interpretando músicas autorais, como “Amigo é do Coração” e “Doce encanto”. Participa nessa época dos programas de televisão “Show de Calouros”, do apresentador Irapuan Lima.

Durante os anos de 1986 a 1989, Eliahne viveu na cidade de São Paulo quando estuda teatro e canto popular na Escola de Artes Espaço Cultural Kaleidos



Capa disco “Brasileira, Sim Sinhô”, CD independente, 2005
Arte: Glauco Filho



Eliahne Brasileiro. “Círculo Saberes”, na Aldeia Paikum (MT), 2006.
Foto: Sérgio Lobato

e participa de programas de calouros no SBT e TV Cultura. De volta à Fortaleza em 1989 passa a participar do grupo de música latino-americana Tierra Libre, que se apresenta em calouradas das Universidades Federal e Estadual do Ceará, dentre outros espaços. Em seguida do Grupo Sol de América formado por vários artistas vindos do Chile, Argentina e Bolívia. Em 1991, forma com outros músicos o Grupo Quinteto Latino, que tem duração de dois anos e se apresenta alguns projetos musicais do SESC-CE, Caixa Econômica, Teatro José de Alencar, Teatro Chico Anyisio e bares e casas noturnas de Fortaleza.

Em 1996, Eliahne Brasileiro realiza seu primeiro registro vocal em estúdio, em formato de fita cassete, para um espetáculo a ser apresentado na Itália, que envolvia música, teatro e artes visuais. O espetáculo “Excluídos e Excludentes” tratava da exclusão social na América do Sul e Europa. Com o título “Nós”, esse trabalho é realizado pelo Movimento de Artistas da Caminhada (MARCA) e traz composições de artistas cearenses e piauienses. Eliahne interpreta em “Nós” uma música do compositor cearense Zé Vicente e uma composição sua em parceria com Gero Camilo.

De 2001 a 2003, Eliahne realiza vários trabalhos em grupo, tais com o Trupe Metamorfose de Itapipoca (que anos depois se tornaria a Banda Dona Zefinha). Eliahne Brasileiro tem participação em vários discos: “Terra de Ninguém” (1997) e “A Música de Gilvan Santos” (1998/1999), de Gilvan Santos (Piauí); “Semente Boa” (2002), de Edílson Barros (Ceará); “Nativo” (2000) e “Forrozim de Amor e Luta” (2005), de Zé Vicente, e “Solo Feminino 2” (2004), dentre outros.

Em 2005, Eliahne Brasileiro grava de forma independente seu primeiro disco solo intitulado “Brasileira, Sim Sinhô”, que apresenta um repertório mesclado de canções autorais e de outros autores tais como do piauiense Gilvan Santos e dos cearenses Marcos Rocha, Eugênio Leandro e Tarcísio José de Lima.

Entre os shows individuais de Eliahne estão: “Só Pra Sonhar Poesia” (2002, CCBNB), “Brasileira, Sim Sinhô” (2005, CCBNB, SESC Emiliano Queirós, Congresso Humaniza, SUS, Ginásio PS, Teatro Hélio Melo/Rio Branco/AC, Pintadas/BA), “Mezcla Morena” (2007/2008, Clube do BNB, Acampamento da Juventude, Icapuí/CE, Pentecoste/CE, Madalena/CE), “Na Cuia da Afro-américa” (2009, Pentecoste/CE), “Nesse Terreiro tem Batuque” (2011/2012, SESC-Centro, Largo do Mincharia, Sobradinho/DF, Aldeia Tremembé/Almofala, Museu Dom Aquino/Cuiabá). Também se destacam apresentações de voz e violão em várias comunidades e bairros de

Fortaleza e em diversas aldeias indígenas, tais como nos Bakairi (MT), Paresi (MT), Pitaguary (CE) e Tremembé (Almofala/CE).

Desde 2007 Eliahne integra o Maracatu Solar como cantora (tiradora de loas) e vem mantendo nos últimos anos seu trabalho com shows individuais e coletivos, além de participar de vários movimentos sociais. Desde 2016 integra o grupo La Semilla formado por Fernanda Brasileiro, Jéssica Brasileiro, Amanda Nunes e Lenina Silva e a partir de março de 2017 passa a participar do coletivo Nós Vós Elas.

Carol Damasceno, fortalezense nascida em 23 de setembro de 1975, é outro nome que passa a ter evidência na música cearense a partir da década de 1990. No final dos anos de 1980, Carol ingressa no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, aos 13 anos, para estudar violão e canto. Em 1991, Carol ganha o prêmio de Melhor Música e Melhor Intérprete com uma composição sua, no Festival de Música do Colégio Raquel de Queiroz, no qual estudava. Nos anos seguintes participa das bandas Bandhara (1993) e Mercedes Band (1994). Também em 1994 faz backing vocal em turnê nacional da cantora Amelinha.

No ano de 1995, Carol Damasceno integra o bloco “Balanço da Massa” liderado pelo cantor Ednardo, no evento “Fortal” daquele ano.

Em 2000, Carol foi vencedora do prêmio de “Melhor Intérprete”, no Festival de Quadrilhas Juninas de Fortaleza, promovido pela Secretaria de Cultura de Fortaleza. No mesmo ano participa como intérprete do CD “Ceará Sporting Clube”.

A partir de 2001, Carol passa a formar a dupla “Carol e Hérlon”, com o músico multinstrumentista, Herlon Robson, seu marido. Em 2002, participa do CD da Orquestra Filarmônica do Ceará, fazendo um dueto com o seu parceiro musical Herlon Robson, interpretando a música “Xote para Sêneca”, do compositor Flávio Paiva. Nos anos seguintes segue participando de vários CDs como por exemplo do cantor e compositor Carlito Matos (2015) e em 2016 interpreta a música “Flor da Paisagem” (Fausto Nilo e Robertinho do Recife), para ser tema romântico do longa-metragem “Shaolin do Sertão”, do cineasta cearense Halder Gomes.

E é nesse ambiente de afirmação de valores processuais culturais que a música cearense segue consolidada por processos individuais e coletivos protagonizados por gerações existentes há décadas e uma nova geração que surge com as ressignificações de um século XXI que se anuncia.



Carol Damasceno
Foto: Paula Leite



Relatos de Histórias de Vida

Eliahne Brasileiro

Pingo: Quais foram as mulheres que lhe influenciaram, na sua infância, na sua adolescência, na sua vida familiar e social, na sua infância? E, se houve mulheres que lhe influenciaram na sua questão musical e artística, quais foram essas mulheres e porque elas lhe influenciaram?

Eliahne: Não sei muito falar de mim, é... aprendi o ato de falar dos meus pais, falar dos meus avós... mas vamos lá, o que é que eu consigo dizer... você me pergunta, quais foram as minhas influências, assim, quem me influenciou, quais foram as mulheres que me influenciaram na minha infância e na minha adolescência nessa questão da música. Então assim, uma pessoa que me influenciou bastante, fortemente, foi a minha mãe. É... ela gostava de cantar, assim... em casa né?! Porque a minha mãe era uma dona de casa, uma pessoa que tinha muitas qualidades, assim artísticas, ela era uma exímia artesã e tinha uma voz muito bonita, uma voz rústica, uma voz indígena, e... ela fazia as coisas, né, sempre cantando, ela era costureira, bordava e eu me lembro bem que enquanto ela bordava, ela conseguia conciliar a música que 'tava cantando, com o ritmo da batida do pé da máquina né?! Que era uma máquina de pedal, que pra ela costurar, ela precisava balançar um pedzinho e aquilo ali me

chamava atenção porque eu gostava de vê-la cantando e ela me incentivava, inclusive na escola assim, né?! pra cantar... não... não ficava me mandando, mas eu chegava em casa com as histórias “mãe, vai ter a festa do dia da criança e a professora quer que eu cante...”. Então ela preparava uma roupinha, especial, assim, me arrumava direitinho pra que eu fizesse bonito na escola, e na escola, com oito, nove anos de idade eu já fazia isso... Quando era na hora do recreio, eu já sabia que as professoras iam me chamar pra ir pra diretoria pra cantar com elas, pra cantar pra elas, e a minha mãe me indicava as músicas que eu gostava de cantar, umas músicas que Ângela Maria cantava na época que era em parceria com Agnaldo Timóteo, eles cantavam umas canções... canções muitas canções voltadas para o dia das mães, eu cantava nessas festinhas assim. É... então a minha mãe foi essa grande influência. Outra pessoa também que me deu assim, muita inspiração, foi minha tia, irmã da minha mãe. Olímpia, o nome dela. Ela era uma mulher diferente das outras sete irmãs que tinha, que eram mais donas de casa, ela era uma mulher da roça. Ela gostava de plantar no roçado, passava o dia todo no roçado, quando chegava em casa ela tomava aquele banho, e ficava muito cheirosa, e se

deitava numa rede no quarto dela e me chamava. Eu ficava lá na rede com ela, a gente ficava se balançando e ela cantava. Ela era muito fã do Roberto Carlos e ela cantava as músicas daquela época do Roberto Carlos... eu conhecia todas! E eu aprendi a cantar, aprendi a gostar do Roberto Carlos com a minha tia, ela tinha uma voz muito linda! Tinha uma voz rouca, mas muito bonita, diferente da voz da minha mãe, que era uma voz bem aguda, a voz da minha mãe era bem indígena. A minha tia Olímpia não: tinha a voz mais grave assim, mais rouca e eu vim entender isso mais tarde, assim, essa natureza dos timbres, como era diferente. E foi com ela, com a tia Olímpia que eu peguei mais gosto ainda pela música, porque a gente ficava horas e horas deitada se balançando nessa rede cantando as músicas do Roberto Carlos [risos]. Eu me lembro muito bem disso, assim porque, era nesse período assim dos meus oito aos meus dez, onze anos de idade, a gente ia passar as férias na casa do meu avô e lá morava a tia Olímpia, então era muito comum assim. Eu já ficava esperando, eu passava o dia todo brincando com ameninada, mas eu ficava esperando a Tia Olímpia chegar pra gente ir lá pro quarto, deitar na rede e ficar cantando! Cantava que os outros tios ficavam lá fora escutando, chamavam a gente de doida assim, essas doida e tal... A minha vó dizia que ela ia me deixar doida porque ficava cantando o tempo todo, e ela era a única coisa assim, quando ela se soltava mais, essa minha tia, porque ela era muito fechadona, muito tracadona, ela era meio zangada, mas quando ela cantava, ela parecia um passarinho assim, voando... Eu tenho essa imagem dela, porque ela se transformava, o sorriso dela era

outro, quando ela cantava. Já no outro dia, ela já 'tava pronta pra ir pro roçado, não falava muito, não era muito de conversa. É uma lembrança muito bonita que eu tenho, da minha infância com a música. Então, assim... com relação a cantoras, intérpretes, que foram inspirações pra mim... nossa! Tem uma variação imensa! Mas ainda nesse período, né?! Na minha adolescência, da minha pré-adolescência, né?! Passando nessa de infantil pra pré-adolescente, na minha casa se ouvia muito música porque o meu pai, músico, ele tinha uma audição muito especial. Assim, ele ouvia de tudo, mas ele tinha muito a preferência, é... pelo samba, pelo samba carioca, além, do seu Luiz Gonzaga! A gente sempre ouviu o seu Luiz Gonzaga em casa. Mas com relação a mulheres, assim... eu me lembro bem que o meu pai gostava muito de ouvir a Dalva de Oliveira, que cantava as marchinhas. Como ele tocava nos carnavais, a gente escutava muito Dalva de Oliveira. Minha mãe já gostava da Ângela Maria, ouvia muito Ângela Maria. E... é... a gente ouvia muito rádio e a música pop, porque naquela época no interior, a gente não tinha assim, nenhum conhecimento, vamos dizer assim... mais... mais aprofundado, mais, mais... a música bem popular mesmo! E o que me salvou, assim, em questão de ter meu ouvido aberto pra todos os gêneros musicais, o meu pai era um cara curioso, ele gostava de ouvir todo tipo de música... Ouvia música centro americana, ouvia música sulista, eu me lembro que eu gostava muito de cantar, é... de imitar a voz de uma cantora gaúcha que fazia dupla com um cara chamado Cascatinha o nome dela era Inhana. Eles cantavam aquelas guarânias de fronteira, né? E o meu pai

tocava violão e eu aprendi a cantar essas músicas todas, porque tinha os discos deles em casa, a gente cantava assim, em duas vozes. Ele ela era assim, minha grande inspiração, na minha infância, né?! A Inhana e a Dalva de Oliveira e depois, um pouco maiorzinha, eu escutava muito a Vanusa, eu era muito apaixonada pela Vanusa, assim, eu achava a voz dela muito linda! Eu sempre gostei de grandes vozes. E na sequência veio... eu comecei a me interessar bem, eu sempre gostei muito de ouvir vozes femininas, muito mais do que as vozes masculinas, tinha muito interesse. Quando eu já era adolescente, assim, nos anos 1970, eu gostava de ouvir a música do rádio, a música pop do rádio. Então me inspirava em cantoras, até tentava imitar cantoras como a Tina Charles, Glória Gaynor, mas chegando já no final dos anos 1970, eu curtia muito as Frenéticas e a Silvia Teles, do “Estúpido Cupido”. Essas vozes assim... a Silvia Teles já tinha uma vozinha mais terna assim, uma vozinha assim mais de pé de ouvido. Mas eu gostava também da vozinha dela. E então nos anos 1980, quando eu vim morar em Fortaleza, eu comecei a me interessar também pra ouvir outros estilos musicais, né?! Uns estilos mais é... vamos dizer assim... mais regionais, né?! É... essa música mais intelectualizada nesse contexto, então eu passei a escutar... gosto muito, muito, gosto muito da voz da Amelinha nessa época. Nos anos 1980, eu ouvia muito Amelinha e começou o período dos festivais, dos famosos festivais da rede Globo. Eu era apaixonadíssima pela Tetê Espíndola. Sim, eu achava a voz dela brilhante, né?! Com relação a cantoras cearenses assim, o que eu posso dizer, é que eu tinha mesmo assim,

uma grande paixão pela Amelinha. Na época eu nem sabia que ela era cearense. Ela foi a minha grande inspiração como interprete cearense. Mas assim... aquela que bateu no meu coração, e por quem eu tinha uma verdadeira paixão... talvez por influência da minha mãe, e ela tinha um sonho de me ver cantar igual a essa cantora que é a Clara Nunes. Ela era a rainha da nossa casa! Assim, ouvia-se Clara Nunes de ponta a ponta. E minha mãe, como ela era minha fã, minha mãe fazia de tudo. Minha mãe foi que permitiu que eu fosse morar em São Paulo pra fazer carreira, foi por causa da minha mãe que eu fui cantar no show de calouros, na década de 1980. Eu cheguei a participar dum show de calouros aqui do Irapuã Lima: concorria, tinha uns prêmios... o pessoal... eu conto essa história, o pessoal dá risada, eu... Ele dava um troféu abacaxi pra quem não ganhava e dava um óculos da Ótica Boris pra quem ganhava, né?! Eu cheguei uma vez a concorrer num show dele... e depois disso... é... eu quis fazer carreira em São Paulo. Fiquei... fui convidada pra cantar em algumas bandas aqui, naquela época da efervescência do forró eletrônico né?! Tinham umas bandas famosas aqui, Banda Lua Banda, e outras bandas assim... E me convidaram pra cantar né?! Eu já tinha cantado antes na banda de bailes lá da minha cidade. Aos 14 anos meu pai autorizou, eu cantava lá na minha cidade, lá também teve show de calouros... Só uma pausa aqui, voltando um pouco antes de vir pra Fortaleza, havia um show de calouros na minha cidade entendeu?! E aí me convidaram pra cantar: “Vai lá! Vai cantar! Tu canta bem e tal...”. E eu fui lá, fui pra imitar a Miscilene, que na época fazia muito sucesso e eu gostava de

música pop. Minha mãe fez uma roupinha parecida com a dela, arranjei umas botas emprestadas porque eu não tinha e fui lá cantar. E ganhava. Todo final de semana tinha um show de calouros e eu ganhava todas, até que um dia, uma galera lá se cansou de mim e arranjaram uma menina mais bonita e botaram lá pra cantar a música, a mesma música, e a menina ganhou de mim. Aí eu deixei de cantar no show de calouro [risos]. Mas foi com esse espírito assim que eu cheguei aqui na cidade. Então quando foi em 1986 eu fui morar em São Paulo, porque eu queria fazer carreira. Na verdade, eu queria, mas depois eu fiquei refletindo isso tempos depois, será que eu queria mesmo fazer carreira em São Paulo, ou era porque minha mãe queria me ver cantando nos programas de calouros de São Paulo? Então surgiu essa oportunidade, eu fui, enfim, morei lá, né?! Quase quatro anos inteiros, né?! Morei três anos e nove meses lá. E eu fui, investi sim! Fui, cantei no programa do Silvio Santos, cantei num programa de calouros que a gente tinha que fazer... firmar um contrato que a gente tinha... enquanto a gente desse ibope a gente ficava cantando. Eu ainda cantei duas vezes, depois eu tive que voltar pra Fortaleza e aí não voltei mais pro programa. Vim pra Fortaleza e cheguei a voltar pra São Paulo, mas não fui mais cantar. Paralelo a isso ainda em São Paulo, eu busquei outros caminhos também né?! Que era esse caminho de programas mais regionalistas, que era o programa do Rolando Boldrim, que era na TV Cultura na época. E lá, eu me inscrevi pra cantar, fiz um teste, só que uma pessoa da produção um jovem da produção, o cara, eu me lembro muito bem dele, era muito bonito. Ele me deu uma cantada...

me convidou pra sair e eu já fui levando esse medo na bolsa, porque naquele período tinha aquele preconceito grande: “ah é cantora, cantora de banda...”. Aqui em Fortaleza, cantoras de banda, elas não tinham vida... Eram consideradas mulheres de programa, né?! E muitas delas tinham que se submeter a esse tipo de coisa pra poder fazer sucesso. Então, eu recebi sim, né?! Das próprias bandas aqui de Fortaleza, que os caras me convidavam pra cantar, eu cheguei a conseguir cantar uma semana numa banda aqui, que o cara queria me obrigar a cantar de shortinho justo, entendeu?! Pra mostrar o corpo e também queria... Me dava cantada, então... eu não gostei. Aí eu tinha muito medo, então saí. E em São Paulo não foi diferente. Por conta dessa intervenção assim, que eu sofri nessa produção lá no programa do Rolando Boldrim, eu não fui mais, eu fiquei com muito medo. Eu não fui mais. Fui fazer outras coisas: fui estudar teatro. Eu fui estudar teatro porque eu era extremamente tímida. E aí eu queria me desinibir, me soltar mais, me desenrolar mais pra cantar. E fui, estudei teatro, passei um ano estudando teatro quando eu tive que voltar pra Fortaleza em 1989. Eu comecei a cantar no grupo Terra Libre. Eu era a única mulher no grupo, no princípio, depois vieram outras mulheres comigo. Aí aconteceu uma coisa estranha, que não foi bom pra mim. Duas meninas que cantavam comigo, a gente tinha... uma... rolou uma espécie assim de ciúme e a gente não conseguia se entender no grupo e essas meninas acabaram saindo né?! Sob condições assim, muito ruins mesmo. E eu permaneci no grupo e por conta desse motivo eu permaneci um pouco tempo mais e saí pra cantar outras coisas né?! Pra

cantar com outro grupo que foi o Sol de América, que chegou um pouco depois.

Pingo: Quando você começou a optar por uma questão artística e cultural? Como é que foi essa questão do você ser uma mulher dentro do seu universo familiar e social? Quais foram os diálogos transversais que essa perspectiva profissional lhe acarretou no meio familiar e social? Minha relação, como mulher, no mundo de homens... [risos]. Em grupos, porque a minha trajetória musical, ela é fundamentada toda em grupos né?! Depois de um tempo, bem tempo depois, foi que eu decidi fazer shows solos, mas eu sempre gostei de cantar em grupos e eu não sei se por coincidência ou não, porque na verdade nunca foi uma exigência minha, eu cantei em alguns grupos em que eu era a única vocalista do grupo, né?! Eu tinha muita sorte porque os meus companheiros gostavam da minha voz, gostavam do meu som, gostavam das minhas propostas e eu não tinha problemas com os meninos. Naquele período, né?! Assim, eu não, não chegava a perceber se existia alguma, vamos dizer assim, alguma interferência machistas deles, porque eles sempre acataram as minhas ideias, eram muito carinhosos, né?! Muitos amigos... Nunca tinha assim... ninguém nunca me desrespeitou e essa amizade se perpetuou até hoje essas pessoas são minhas amigas né?! Isso nos grupos que eu trabalhei. Porém... as pessoas com quem a gente convivia tinham esse olhar mesmo assim de imaginar que por eu ser a única mulher no grupo, eu tinha relações com outras pessoas além da nossa relação profissional. Ali a nossa relação de irmandade mesmo. Eu sempre fui uma pessoa

muito amorosa, muito carinhosa e eu nunca escondi isso de ninguém. Então, essas coisas não passavam despercebidas pelas pessoas, até mesmo pelo núcleo de artistas com quem a gente convivia, porque nos anos 1990 foi uma época... assim nos três primeiros anos, assim, 1990 até 1993, era o ano das calouradas na UFC e na UECE. Na UECE como grupo né?! Primeiro no Terra Livre, depois no Sol de América e em seguida no Quinteto Latino, que foi aquele que teve maior referência, que ficou na cena musical durante um tempo maior aqui na cidade. A gente fazia a junção da música do seu Luiz Gonzaga com a música caribenha, então nosso som, era um som pra se ouvir, pra se curtir como show, mas também era um som festivo, assim, dançante, bailante. A gente também tinha uma ligação com as atividades sociais, porque a maioria das pessoas daquele grupo eram arte educadores, meninos que estudavam na UECE na época, no curso de música da UECE, e a gente fazia apresentações nas comunidades, né?!

Pingo: Como é que foi esse diálogo do ser mulher com o universo artístico em geral? Como é que você sentia isso no começo da sua carreira? E no decorrer? Como é que você sentiu essa relação de gênero dentro do seu fazer artístico?

Eliahne: De ser uma mulher artista, né?! Como eu já falei, dentro da minha família nunca foi questionado isso verbalmente, porém algumas pessoas, tios, tias... usavam algumas linguagens... Como eu casei depois... em 1990 eu casei e nasceu minha primeira filha, em 1994 nasceu minha outra filha e, nesse meio tempo, tive situações em que eu tive que me

resguardar um pouco né?! Que são coisas que eu acho que não tem... vamos dizer assim... é... não tem importância grande importância falar aqui, mas... sobretudo porque eu sempre considerei... sempre mantive muito forte a minha condição de mulher e das minhas decisões como mulher dentro de uma família que foi totalmente doutrinada dentro de uma cultura machista, né?! Meu pai era músico, mas ele era um homem que não ia pra cozinha porque as mulheres da minha família sempre acostumaram os homens a viverem como senhores, né?! E elas sendo as suas... vamos dizer, as suas serviçais. E eu fui uma das pessoas nessa família que levantei essa bandeira assim, eu sempre critiquei a posição dos homens na família e a música me ajudou muito nisso porque eu me tornei uma pessoa independente. Dentro do meu casamento eu tive... depois que eu me casei, eu tive alguns problemas com o meu companheiro, como questões de horário. Ele inclusive chegou a pedir que eu parasse de cantar, mas aquilo era muito mais forte em mim e ele acabou aceitando essa condição. Aí quando ele viu que não deu mais pra conciliar família com meu trabalho artístico. Então ele tomou o rumo dele e outras histórias também vieram, né?! Que somaram nisso... Mas a música sempre esteve como papel fundamental nessas decisões que foram tomadas na minha história familiar né?! Minha com meu esposo, minhas filhas... Eu passei também por esses perrengues. Depois disso foi que veio essa carga toda assim de críticas na minha, de parte... das tias mesmo assim, né?! E de outras pessoas da minha família, que eu tinha que me conter mais, que eu não tinha que viajar muito... Mas eram

coisas esporádicas assim que nunca deixaram... nunca impediram que eu tomasse decisões de seguir com a música, portanto, eu não tive assim, grandes problemas de ter que abrir mão da música por algumas coisas: eu abri mão de outras coisas, né?! Foi preciso abrir mão de outras coisas durante esse meu processo, não é?! Até hoje, mas que, com relação à música eu sempre fui muito firme com relação a minha música né?! Eu nunca deixei a minha música de lado pra seguir com os meus, com as minhas decisões, com os meus projetos musicais.

Pingo: Como é que você se coloca dentro da questão de gênero? Numa visão artística, na sua visão como profissional da música, como profissional artística. Entendeu?! e no geral também...

Eliahne: Então, como é que eu vejo hoje essa questão de gênero no mundo artístico? É... eu vou pegar aqui um pouco as palavras da nossa amiga Ivanilde Rodrigues, não mudou muita coisa apesar de perceber e observar que as mulheres hoje têm muito mais coragem por conta de tudo que já foi conquistado. Têm muito mais coragem de dizer “não” quando precisa ser dito, né?! E muitas coisas mudaram, muitos conceitos também foram mudados, hoje as mulheres têm liberdade pra fazer o que for do gosto delas, o que elas querem. Porém, essa imposição machista ainda existe muito né?! Sobretudo quando a gente vai buscar os projetos, a gente sempre leva uma... vamos dizer assim, leva chumbo. Quando a gente dá de cara com um monte de homem que tem... entendeu?! Quando se passa pelo filtro dos projetos, dos editais, a gente percebe como as mulheres sempre ficam um pouco atrás. Então, é uma

questão de se avaliar mesmo onde é que é isso. Porque não é questão de falta de talento. Eu acho que é uma questão ainda, sobretudo aqui em Fortaleza, que é uma cidade extremamente machista, uma cidade... vamos dizer assim... de pensamento provinciano, né?! Uma cidade que ainda vive com resquício do século XIX, século XVIII, dessa coisa do império mesmo. Eu vejo isso e com a música não é diferente, eu me lembro porque quando eu comecei a cantar maracatu, várias pessoas criticaram: porque mulheres não podiam cantar no maracatu, né?! Isso em pleno... a gente começou em 2007! Me lembro que lá na Solar até gente saiu do Maracatu pouco tempo depois, porque o nosso... porque tinham mulheres cantando e não era pra acontecer isso. E ainda hoje impera isso, reina isso! Mas existem outras pessoas que vão abrindo caminho. Eu, como já falei... quais são as dificuldades que eu enfrento hoje, como mulher nesse universo? Eu não tenho medo porque eu tenho duas filhas que também têm esse conhecimento e foram educadas dentro dessa força feminina de reconhecer a sua força feminina né?! E de seguir em frente a sua luta e buscar o seu caminho independente disso. Então eu tenho esse apoio muito grande, mas o que eu quero dizer é que independente dessa força que eu trago, é desse apoio, que a gente tem em volta, de um círculo. Participar de círculos de mulheres, cada vez mais estar presente em círculos de mulheres que têm essa consciência, nos fortalece muito e a gente 'tá caminhando pra isso né?! Dizer que tem, tem. Dizer que é complicado, é. Ainda é, mas hoje eu acredito que nós temos total condição e força de enfrentar isso de cara limpa, de cara aberta e

seguir em frente né?! Independente dessas coisas, ou lutando contra elas, e de uma forma que a gente possa somar as coisas, não ficar nessa divisão de gênero, porque uma coisa que me incomoda muito hoje, não é?! Nessa, nessa questão de gênero, quando as pessoas confundem e acabam fazendo o mesmo. Por exemplo: no mundo machista, você se auto-afirmar como feminista e como uma mulher que está buscando os seus direitos iguais, direitos de trabalho iguais, não fica legal quando a gente começa a ficar no mesmo patamar que eles e a fazer as mesmas coisas que eles como machistas. Eu penso assim: o feminismo é completamente diferente do machismo. Isso não é uma teoria minha, todo mundo sabe. Eu não acho bacana quando nessa discussão entre machismo e feminismo – que são duas coisas completamente diferentes – que as mulheres querem se igualar aos machistas... O que eu quero dizer é que se igualar nessa questão de violência, de canalhice mesmo, entendeu?! De fazer as mesmas coisas contra as quais a gente 'tá lutando... foi assim que eu quis me referir. Então, eu acho que a gente tem que avançar ainda nessa busca né?! a gente que eu digo assim, são as pessoas que ainda não tiveram essa consciência. Não sei se né?! Eu geralmente falo o que sente meu coração [risos]. Vamos aí! E o que eu quero acrescentar é que eu sou muito afortunada assim e muito agradecida por participar de um projeto como esse que contempla as mulheres e a sua capacidade musical. Não como... Porque é mulher e fez uma música, tá? "oh! A mulher fez uma música!". Não! Porque é reconhecer que existiram e existem essas pessoas que querem

seguir nesse mundo ter o seu lugar, o seu espaço, então é uma iniciativa profundamente espetacular. As pessoas que estão ouvindo falar desse projeto estão achando superbacana e eu acho que esse registro vai marcar aqui na cidade uma coisa muito especial, uma coisa nova, que é pra cidade: que nós mulheres somos capazes, porque cada uma de nós aqui 'tá falando de música, 'tá falando da nossa trajetória musical... Mas se observando bem as entrevistas, a gente não fala só da música, a gente fala do que todas nós enfrentamos como cidadãs, como mulheres que somos na nossa vida pessoal, né?! Na nossa vida artística, porque tudo é um conjunto, não é?! A gente não separa, nunca a gente separa isso, é muito complicado, né?! Sobretudo quando a gente 'tá nessa categoria da música mais popular, da música mais regionalista, da música mais de raiz, né?! Essa coisa que é mais... vamos dizer assim... é uma coisa mais íntima, embora muitas delas sejam artistas famosas. Mas você pode observar que quando se fala sobre sua trajetória, é toda aquela coisa... aquela intimidade, pessoal... Vem aflorada junto, porque tudo é um conjunto, a gente 'tá num círculo só. Eu quero agradecer a minha participação. Quero agradecer ao Pingo de Fortaleza por considerar a minha participação. Agradecer a esse feminino que reina e brilha dentro dele, que tem nos iluminados bastante e eu tenho certeza que não só eu como todas nós somos muito gratas a esse projeto.

Relatos de Histórias de Vida

Karine Alexandrino

Pingo: Quais foram as mulheres de referência na sua vida familiar e social?

Karine: Maria Bonita, Marinês, Joana d'Arc, Maria Madalena, Violeta Parra, Nina Simone, Madonna, Diamanda Galas, Amy Winehouse, Louise Borgeois, Sophie Calle e todas as mulheres injustiçadas em milênios de patriarcado.

Pingo: Como se deram as influências femininas na sua opção de seguir uma carreira artística (se existirem)?

Karine: Eu canto desde 5 anos. Minhas referências vêm das artes visuais e dos movimentos de vanguarda, principalmente o Surrealismo. Sou cria de André Breton, Jean Cocteau, Man Ray, Kiki de Montparnasse, Artaud. Aqui em Fortaleza minha primeira referência foi a inesquecível Ana Fonteles. Todas as cantoras-atrizes me foram essenciais. Colecionei os discos delas e li suas biografias. Marilyn Monroe, uma excelente cantora ofuscada pela carreira de atriz, Marlene Dietrich, Josephine Baker, Giuliette Greco, Maria Callas, Brigitte Bardot outra cantora excelente ofuscada por sua beleza e muitas outras.

Pingo: Como você vê no decorrer de sua carreira esse diálogo de gênero na sua profissão e também de modo geral?

Karine: Estou do lado e de olhos bem abertos pro que está acontecendo e com antenas ligadas no que está por vir. Por exemplo, meu disco de 2002 só agora está sendo compreendido e assimilado, não só aqui mas em Portugal principalmente e no Reino Unido. Essa pauta do Gênero eu acho essencial pensá-la até porque muitas pessoas que têm no DNA gêneros fluidos etc., adoram meu trabalho. Recebo inbox pelo facebook de garotos e garotas do Brasil todo dizendo que minhas músicas ajudaram estas pessoas a se aceitarem e também me pedindo ajuda. Eu luto por eles e por todo tipo de intolerância no sentido de erradicar e dar a essas pessoas a sensação de pertencimento e aceitação. Sou feminista também e neste momento estou pesquisando o feminismo porque acho que deve ser revisto. Estamos sobrecarregadas com trabalho, filho etc. O machismo não vai acabar mas precisamos de respeito e trégua.

Pingo: Gostaria que você me falasse um pouco sobre o quadro atual da questão de gênero no Brasil e principalmente associado à música no Brasil e especificamente no estado do Ceará.

Karine: O Brasil vai bem, mas como um país de matriz católica e com essa bancada evangélica eu sinto muito porque não vejo luz no fim do túnel. Femicídio,

transfobia, gays misóginos... é coisa demais. E até mesmo eu me sinto inadequada. Uma mulher como eu no Ceará na década de 50 seria lobotomizada por ser liberada sexualmente e filosófica e literariamente. Na década de 50 existia isso. Pelo menos foi o que soube por um pesquisador. Mas a lobotomia no sentido figurado existe. Me sinto estigmatizada aqui, não tenho interlocução, o que me dá uma sensação de profunda solidão intelectual e espiritual. O fardo, principalmente em Fortaleza, é pesado pra uma mulher como eu que fala o que quer e que controla absolutamente o próprio trabalho em todas as etapas. A direção artística de tudo o que faço é de minha autoria. Eu trabalho até sonhando. A questão de gênero no Brasil está no topo das discussões e espero que permaneça. Mas a homofobia, feminicídio aqui são assustadores. Sinto muito por mim como mulher e como artista estar num lugar onde reina o retrocesso e a maldade de marginalizar as pessoas diferentes deles que são bonecos de cera. Pois nós, mulheres, negros, trans, todo tipo diferente somos gente de verdade. Luto contra a hipocrisia. Tudo o que faço eu publico, justamente porque sou livre e viver é dar vexame se eu quiser. O machismo e misoginia também estão dentro dos gays. Eu já perdi as esperanças de ter um par porque não vou me sujeitar a uma antropologia machista da elite local e brasileira. Me sinto inadequada. Por isso estou estudando as grandes feministas e os movimentos de vanguarda e sou militante e ativista por todos os que sofrem intolerância, inclusive eu.

Pingo: Favor relatar as considerações finais que desejar.

Karine: Eu antes de mulher sou pessoa. Vem mais um ano aí em que vou realizar mais projetos e já sei o quanto vai doer pra eu realizá-los. O quanto vou encontrar pedras no caminho, o quanto serei desqualificada pelo machismo e ignorância inclusive de mulheres. Mas me decidi cedo a ter uma carreira, então é seguir. O caminho é mais difícil porque minha ética me impede de fazer certas coisas. Esse tipo de legado eu não vou deixar. Todos nós temos um legado e temos que pensar: como serei lembrada post mortem. Eu luto por fazer meu trabalho com ética. Meu trabalho fala por mim e quem me conhece sabe que escolhi o caminho mais difícil mas valerá a pena no fim de tudo. "Se Não For Sincero, Não Quero", essa música diz o que sinto e sou. Um grande abraço aos que acompanham minha carreira no Brasil: todos! Não encham um estádio, mas me motivam e estou viva pelo amor dessas pessoas. Minha gratidão e meu amor aos que me acompanharam com carinho e respeito.

Capítulo 7 - Novas mulheres e as outras formas do fazer musical cearense no século XXI (2001-2017)

Com a chegada do século XXI e as transformações culturais contínuas, toda uma construção coletiva humana permanece na essência dos saberes e fazeres das sociedades. Contudo nessa eterna dinâmica das consolidações individuais e coletivas, novas ferramentas são pensadas e novas práticas instituídas. No campo da música, as mudanças tecnológicas serão o marco diferencial nos anos iniciais deste novo século.

Com a afirmação dos CDs no mercado da música e posteriormente a popularização de sua replicação caseira através da utilização de gravadores instalados em computadores, a dinâmica da difusão musical passa por uma das suas maiores transformações ao restringir a supremacia da indústria do disco e permitir aos compositores e cantores uma atuação mais pessoal, não só nas suas produções fonográficas que passam a ser realizadas em diversos formatos de estúdio (pequenos, médios e grandes), mas principalmente pela possibilidade de lançamento e replicação de seus discos (CDs) de forma independente da grande indústria, embora os mecanismos de comunicação de maiores alcance de público (Rádios e TVs) permaneçam ainda de certa forma vinculados às grandes e médias gravadoras.

Nesse processo, nos anos iniciais do século XXI começam também a se consolidar as difusões virtuais na rede de computadores, não só de áudios, mas também de produtos audiovisuais (videoclipes). E essas ferramentas vão também modificar o pensar e fazer musical, que cada vez mais se distancia do produto físico (CDs, DVDs e outros) e passa a ter nas ferramentas virtuais e seus diversos meios a forma principal de difusão.

Nesse novo contexto o meio musical cearense, acompanha as mudanças no campo da produção e difusão musical, e nos primeiros anos do século XXI (de 2000 a 2017) um conjunto expressivo de mulheres compositoras, cantoras e instrumentistas se apropriam dessas novas ferramentas e passam a produzir e difundir suas musicalidades através da replicação de CDs ou mesmo, mais recentemente (2016 e 2017), só por meio virtual, através dos serviços comerciais de música digital que fornecem conteúdo musical, tais como o Spotify.

Dessa forma, um conjunto de mulheres que já vinham produzindo shows e discos na música cearense nos anos anteriores continuam suas caminhadas no século XXI e se adaptam às mudanças no campo da produção musical desse novo século.

Nesse novo cenário é possível perceber a multiplicidade de contextos originários de novas mulheres que surgem com suas trajetórias diversas dentro do universo da música do estado do Ceará. Não existem mais apenas um ou dois espaços geográficos na cidade de Fortaleza, que sempre protagonizaram essa produção cearense, de onde surgem essas manifestações, nem tampouco um movimento único ideológico ou estético que canalize esse fenômeno da multifacetada produção feminina.

Os novos tempos do século XXI trazem consigo a característica das possibilidades múltiplas no campo da produção musical, desde o grande *show business* que permanece para poucos que fazem parte da complexa engrenagem da produção musical, até as produções e reproduções caseiras de discos (CDs) ou mesmo só virtualmente nas redes sociais, além de shows que podem acontecer com grandes aparatos de infraestrutura ou artesanalmente numa esquina de qualquer bairro.

Sob esses novos códigos e logísticas de produção musical vão surgir dezenas de novas protagonistas da música cearense nos anos de 2000 a 2017. Essa nova geração de mulheres da música do Ceará nasce com novas formas de pensar o criar e o produzir musical e seguem afirmando através de suas produções individuais e coletivas a presença plural do feminino na música existente do estado do Ceará.

Juliana Roza de Oliveira ou Juliana Roza é um nome feminino que começa a se evidenciar na música cearense nos primeiros anos de século XXI. Intérprete, compositora, percussionista e arte-educadora, Juliana Roza participou, entre 2005 e 2007, do Cordão do Caruá, um Programa de Extensão da Universidade Federal do Ceará, onde iniciou seu estudo voltado para a cultura popular tradicional. Em 2006, ela passa a atuar como educadora do Reisado Nossa Senhora das Dores, onde ministra ensaios e oficinas para crianças da comunidade do Mercado Velho.

De 2005 a 2008 Juliana Roza integrou o grupo o Grupo Tambor de Cabôco, onde desenvolveu o aprendizado de vários instrumentos percussivos. Ainda em 2005, iniciou o estudo de pífano e passou a fazer parte da Banda Cabaçal Fulô da Aurora onde desenvolveu o estudo pelos demais instrumentos usados no cabaçal cearense (zabumba, caixa, pratos etc.).



Juliana Roza
Foto: Claudia Rodrigues

Em 2008, Juliana Roza interpretou a canção “Filhos de Oyá”, de Descartes Gadelha no CD desse artista intitulado “Ritmos de Luz” (Produção Solar) e ainda em 2008 iniciou juntamente com a Banda Fulô da Aurora um trabalho com músicas autorais.

Juliana Roza, em 2009, foi finalista do VI Festival de Inverno da Serra da Meruoca, interpretando a canção “Dona Maria”, de sua autoria, e em 2011 foi selecionada na 8ª edição do Festival de Inverno da Serra da Meruoca quando defendeu a canção “Lendas Brasileiras”, de Sandro Livack. Em 2012, foi novamente finalista do festival da Serra da Meruoca, interpretando a canção “Rosa Espinho”, de autoria de Jeferson Portela, premiada como Melhor Letra nessa edição desse festival.

Entre 2009 e 2011 participou como compositora, musicista e intérprete do Movimento Ceará Autoral Criativo – BORA e em 2012 foi tiradora de loa (cantora) do Maracatu Az de Ouro na Avenida Domingos Olímpio, no Carnaval de Fortaleza. Juliana Roza como integrante da banda Fulô da Aurora participa dos dois CDs do grupo: “Querendo Tem” (2012) e “Cabôco” (2015) e nesse período participa também das bandas Canela Fina e Pião Roxo acompanhando o compositor, luthier e brincador de mamulengo Babi Guedes.

Em 2015, Juliana Roza passa a integrar o grupo de tiradores de loas do maracatu Solar e interpreta no carnaval de rua de Fortaleza, ao lado de Inês Mapurunga, Eliahne Brasileiro, Ercília Lima e Jord Guedes, a canção “Oxum de Mim”, dos autores Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha. Nesse mesmo ano produz e grava seu DVD no teatro SESC Emiliano Queiroz intitulado “Rosa Espinho” (inédito).

Atualmente Juliana Roza participa do Grupo Batuque da Gente interpretando canções de sua autoria no espetáculo “O Pequeno Ogum” do ator Edivaldo Batista.

Desde 2016 Juliana Roza vem participando com produtora do projeto “Solo Feminino” (coleção de três CDs e livro) e interpretou a canção “Eparrey Yansã Oyá – Sorriso Róseo das Tardes”, de Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha no CD “Solo Feminino 3”.

Outro nome feminino que se destaca nas duas primeiras décadas do século XXI na música cearense é a cantora Nayra Costa. Logo no início dos anos 1990, com 17 anos, Nayra começa sua carreira cantando no grupo Alta Tensão e depois cria uma banda chamada Conexão Central. No ano de 2008, Nayra foi eleita por voto do público, a melhor cantora do ano no programa de TV “Sábado Alegre”, do



Juliana Roza



Nayra Costa

apresentador Will Nogueira. Nayra participou também das bandas Matutaia, Super Soul e Marajazz. Em 2010, Nayra fez um show de abertura do espetáculo do cantor e compositor João Bosco no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Em 2012 Nayra Costa participa do programa nacional de TV The Voice Brasil, chegando à semifinal. Nesse mesmo ano, a artista apresenta um trabalho em homenagem à Amy Winehouse em vários espaços culturais. No ano seguinte, faz show no Festival de Jazz & Blues de Guaramiranga (CE).

Nayra Costa já se apresentou nas principais casas de shows, bares e teatros do Ceará, tais como: Órbita Bar, Mucuripe Club, Seven Dinner Club, Degusti, Boteco, Mercado, Zug Chopperia, Yap Temaqueria, Restaurante Barqueiro, dentre muitos outros. No Espaço Cultural Banco do Nordeste, Nayra apresentou um tributo a Janis Joplin. Em 2016, a artista teve seu trabalho selecionado no Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes, com tutoria de Eduardo BID.

Em 2017 Nayra Costa vem apresentando-se com vários projetos, tais como o “Divas do Jazz interpretadas por Nayra Costa”, em parceria com o músico Marcio Resende, nas Quintas com Jazz de julho no Café Couture. Nayra Costa faz tributo a Ella Fitzgerald no Centro Cultural Banco do Nordeste e trabalha em seu primeiro disco autoral a ser lançado em 2018 com título provisório “Falem de Mim”.

Ainda em 2017 Nayra Costa participa do CD “Solo Feminino” interpretando a canção “Do Que Não se Diz”, de Pingo de Fortaleza e Alan Mendonça.

Outro nome do universo feminino que começa a se destacar na música cearense nos anos de 2000 é a cantora e compositora Liliany Sá, nascida em Fortaleza, em 03 de junho de 1992. Ainda jovem, em 2005, Liliany Sá começa a cantar na Igreja Evangélica e em 2006 inicia seus estudos de violão e passa a compor suas primeiras canções.

Em 2009 Liliany integra o Clube dos Autores Poéticos do Ceará, que realiza encontros na Casa Juvenal Galeno para a troca de experiências artísticas. Nesse mesmo ano Liliany monta o espetáculo “Divas Brasileiras”, com repertório baseado nos sucessos de várias intérpretes brasileiras e o apresenta durante quatro anos em vários espaços da noite fortalezense. Em 2014 apresenta o projeto “Divas Brasileiras”, no BNB Clube de Fortaleza, abrindo o show do cantor Alceu Valença. Nesse mesmo período monta os espetáculos “Balanço da Jovem Guarda”, “Raízes Nordestinas” e “Tributo a Rita Lee”.

Em 2015 Liliany Sá participa do show do cantor e compositor Ednardo no Cine Teatro São Luiz e em 2016 monta e apresenta seu espetáculo autoral “Supostas Canções de Amor” em vários espaços, tais como: Projeto Degusta Som (SESC Fortaleza), Projeto Armazém do Som (SESC Iracema) e no Mercado Central de Fortaleza.

Em 2017, Liliany participa do carnaval de Fortaleza ao lado da banda Nacionalize, no BNB Clube de Fortaleza, e grava um *single* da canção de sua autoria, “Choro”, previsto para ser lançado em 2018.

Ilya Borges dos Reis e Cavalcante, fortalezense, em 2008, aos 18 anos, juntamente com alguns amigos da escola monta banda pop rock chamada Manilha. Em 2010, Ilya Borges integra a banda Arquipélago com repertório baseado na MPB e durante três anos se apresenta na noite fortalezense, em vários espaços, como no bar Bebedouro.

Ilya Borges participa dos cursos do Festival da Ibiapaba e do Curso de Princípios Básicos de Teatro no TJA (CPBT), com a professora Juliana Veras, e o lado do cantor Paulo Belim inicia um projeto inspirado no programa de TV Dois na Bossa, apresentado por Elis Regina e Jair Rodrigues na década de 1960. Esse projeto é apresentado em diversos espaços da cidade.

Em 2015 Ilya Borges interpreta o disco “Chão Sagrado” (1974), de Rodger Rogério e Têti, no festival Maloca Dragão, e em 2016 participa novamente do Maloca, integrando o grupo Tripulantes da Sabiabarca formado por vários artistas que se encontravam na comunidade de Sabiaguaba, com esse grupo também se apresenta na Bahia.

Ilya Borges, em 2017, participa da programação do carnaval de rua de Fortaleza integrando o bloco As Gata Pira e também do show de lançamento do livro CD “Bulbrax”, de Flávio Paiva. Ainda em 2017 integra o elenco de mulheres ao lado de Joana Limaverde, Nayra Costa e Giselle Tigre que interpretam as composições do artista Ednardo, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (show realizado pelo projeto Palco Vida & Arte).

Atualmente Ilya Borges, que tem formação em Design de Moda e pós-graduação em Desenho e Pintura em Tela, desenvolve juntamente com o DJ Márcio Motori um projeto de música eletrônica chamado Mantra Coité, que mescla música regional e eletrônica, além de estar montado seu espetáculo solo e projeta gravar



Liliany Sá



Ilya Borges
Foto: Carol Monteiro



Joanice Sampaio
Foto: Camila Catucha

o CD autoral do grupo Tripulantes da Sabiabarca, ao lado de Carlos Hardy e Diego Ramires.

Outro nome feminino que aparece na música cearense nos primeiros anos da década de 2000 é o da jornalista, cantora, compositora, escritora e pesquisadora de cultura, Joanice Sampaio. Nascida em Fortaleza, Joanice tem suas primeiras participações musicais ainda na década de 1990, no Festival de Música do Comércio (1991 e 1992), realizado pelo SESC.

Em 2000 Joanice participa do I Festival de Música do CPC, realizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, no mesmo período integra o coral do IMPARH e a banda Contrabanda, atuante nos circuitos de calouradas das universidades do Ceará.

Após alguns anos ausente da área musical, em 2010, Joanice cria a banda Jardim Suspenso, grupo dedicado a fazer releitura da obra da cantora e compositora paulista Rita Lee e de sua ex-banda Os Mutantes, e desde então como vocalista dessa banda vem se apresentando em inúmeros espaços culturais do Ceará, tais como no 3º Festival Vila Sonora, realizado em 2016, em Aquiraz (CE).

No ano de 2013, Joanice apresenta seu show autoral intitulado “Rádio Noturno” no SESC Centro. Neste show, além de suas composições, interpreta nomes da música cearense, tais como Mona Gadelha e Caio Castelo.

Em 2009, Joanice escreve a monografia “Música Plural Brasileira”, na qual faz um levantamento histórico do momento da música cearense e brasileira dos anos de 1990. Por sua contribuição à área cultural e por difundir a música por meio do jornalismo, Joanice foi agraciada pela Ziriguidum Produções com o Troféu Cidadão Cultura em 2011 e 2015.

A banda The Knickers, composta só por mulheres, foi criada em 2007, com o propósito de desenvolver um trabalho musical com um som pesado, que circulasse entre o Hard Rock e o Heavy Metal Clássico, tentando se manter num cenário pouco receptivo a bandas femininas, pois a exemplo da história do rock pouquíssimas bandas femininas sobreviveram e alcançaram o devido reconhecimento.

Sobre o nome da banda (“knickers”, em inglês britânico, significa “calcinha”, já os americanos usariam “panties” para o mesmo termo) foi inspirado nos vários lingerie usados pelo grupo Kiss. Após inúmeras formações, a banda conta atualmente com as seguintes integrantes: Alessandra Castro (baixo), Crislayne



The Knickers
Foto: Rebeca Cunha

Aposan (bateria), Tina Paulo (guitarra) e as fundadoras Paloma Marília (guitarra) e Alinne Madelon (vocal).

Em 2012, a banda The Knickers se apresentou em Brasília (DF) por ocasião do show da banda sueca Crucified Barbara, num evento só com bandas femininas, realizado na Arena Futebol Clube. Além das duas bandas femininas de Hard Rock, as bandas (também compostas apenas por garotas) Girlie Hell, de Goiás, e Estamira, de Brasília, se apresentaram no palco da Arena na mesma ocasião. Nesse mesmo ano a banda participou da edição do festival ForCaos e gravou seu primeiro demo.

Entre outros shows, em 2013 a banda The Knickers participou da segunda edição do festival Cuca Independente no anfiteatro do Cuca Barra, e em 2016 integrou a programação da 3ª edição do Maloca Dragão, apresentando-se no palco da Rua João Avelino. Atualmente, a banda divulga seu novo EP intitulado “Fight for the life” gravado no estúdio de Moisés Veloso, enquanto continua trabalhando na divulgação da sua primeira demo “Mothe fucker”, lançada no ForCaos, maior festival underground do estado.

Marisol dos Santos, ou Marisol Senese, cearense, graduada em música pela Universidade Estadual do Ceará, é outro nome feminino que começa a se evidenciar na música cearense no ano de 2000. Suas primeiras experiências artísticas se deram no grupo folclórico do colégio Jenny Gomes entre 2003 e 2015, período em que também foi premiada como melhor intérprete e compositora no festival de música das escolas públicas estaduais (FESTAL). Nesses anos participou do elenco do Musical da Disney apresentado no Teatro do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, sob a direção musical da regente Domizia Almeida, e foi cantora solo no Recital de Canto Popular com músicas dos anos 60, sob a direção musical de Cláudia.

Em 2006, Marisol Senese apresenta-se no palco do evento Mundo Unifor (2006) e em 2008 participa como cantora no musical “Saltimbancos”, apresentado no Teatro Tom Cavalcante (CEARC) em Guaiúba (CE) e no Teatro do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno.

No ano de 2009, Marisol foi classificada como semifinalista do programa “Ídolos”, TV Record, e após disputar quatro etapas em Fortaleza e três semifinais em São Paulo, ficou entre os 24 semifinalistas de São Paulo, Rio de Janeiro,



The Knickers - cartaz show



Marisol Senese
Foto: Galba Sandras

Fortaleza, Belo Horizonte e Curitiba. Nesse mesmo ano integrou o elenco do show “Tudo é possível”, da Escola de Canto Maninha Motta. Em 2010, realizou vários shows, dentre eles a abertura da Semana de Humanidade da UECE e participou da pré-seletiva da III Mostra de Música de Fortaleza Petrúcio Maia, além de fazer uma participação especial com a orquestra de sopros da UECE, no Espaço Rogaciano Leite Filho, no Centro Cultural Dragão do Mar.

No ano de 2011, Marisol foi contemplada pelo Edital do Domingo Musical para estrear seu Show “Elis Regina: Na memória feito Tatuagem”, o qual foi apresentado no Auditório do Centro Dragão do Mar. Em 2012, apresentou-se em Guaramiranga (CE) ao lado do grupo Trio Jazz, de Guaramiranga, no restaurante Manjerição.

Em 2013 e 2014, Marisol segue realizando shows em vários projetos e espaços tais como: Degusta Som, Delícias Sonoras, SESC Fortaleza com o show “O samba é meu dom”. Em agosto de 2014, junto com seu parceiro Edinho Vilas Boas, foi classificada para a semifinal do 20º Festival de MPB – Certame da Canção, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo através do Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos, de Tatuí.

Em 2015 e 2016, Marisol conclui especialização em musicoterapia. E em 2017 foi selecionada para participar da 12ª edição do Festival de Inverno da Serra da Meruoca, com a música “Das cores de si” composta em parceria com o maestro Tito Freitas. Atualmente Marisol segue concluindo a gravação do seu primeiro álbum fonográfico, intitulado “Esquinas e Veredas”.

Cris Malagueta é uma intérprete que começou sua carreira vinculada aos seus estudos no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno no início dos anos 2000.

Em 2014, Cris Malagueta realizou um show em homenagem a Clara Nunes no Dona Chica Restaurante. Apresentou-se com em vários shows em múltiplos espaços culturais do estado do Ceará, tais como: Espaço Cultural Banco do Nordeste, SESC (Projeto Degusta Som), Teatro SESC Emiliano Queiroz, Teatro Sesc Iracema, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Theatro José de Alencar (Projeto “Encontros no Foyer”), Mercado dos Pinhões, Centro de Eventos, Mercado da Aerolândia, Praça do Ferreira, Projeto Conexão Cultural entre outros, além de já ter realizado shows nos municípios cearenses de Quixeramobim, Quixadá, Guaramiranga e Camocim e também nas cidades de Natal (RN) e Teresina (PI).



Cris Malagueta
Foto: Rychelme Braga

No ano de 2017 concorreu ao Prêmio Profissionais de Música / Music Pro Award, sendo finalista na categoria ARTISTA / SAMBA DE RAIZ.

Laya Lopes é outro nome da música cearense que passa a se destacar nos anos de 2000. Filha do cearense André López e da gaúcha Cristina Frascacutti (que fizeram dupla e gravaram juntos na década de 1980), Laya Lopes nasceu em Strasburgo, na França, onde viveu apenas um ano, pois os pais retornaram ao Brasil (a princípio, para o Rio de Janeiro e em seguida passam a residir em Fortaleza). Em 2003, junto a Davi Brasileiro e Leco Jucá, Laya Lopes fundou a banda O Quarto das Cinzas da qual passou a ser vocalista. Em 2009, com o lançamento do primeiro disco da banda, o grupo passou a se chamar O Jardim das Horas.

Dando continuidade ao ciclo migratório permanente de artistas que vivem no Ceará e buscam espaços no sudeste brasileiro, Laya reside desde 2007 em São Paulo, onde realiza diversos shows, como por exemplo o espetáculo “Gal Fa-tal”, na Virada Cultural Paulista em 2013 e no Espaço Cultural Itaú em 2016. Em 2016 e 2017, Laya lança seu CD autoral com produção de Mauricio Tagliari. No álbum homônimo, Laya apresenta-se como compositora de três canções e cinco em parceria com outros autores. Em janeiro de 2017 Laya lança seu CD no Anfiteatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

A intérprete Kelly Brasil, é uma das mulheres cearenses que iniciam seus trabalhos musicais solo na década de 2000. Kelly iniciou seus estudos musicais aos 16 anos cantando em grupos ligados à igreja católica e depois ingressou no coral do jornal O Povo, participando como coralista de diversas apresentações em vários municípios cearenses e em outros estados. Kelly Brasil realizou vocais em várias gravações de CDs e jingles em Fortaleza.

No ano 2004, muda-se de Fortaleza, sua cidade natal, para Sobral onde passa a exercer a função de produtora cultural, professora de música e preparadora vocal, passando a apresentar-se em shows e atividades culturais nessa cidade. Ela participou de três edições do Festival de Inverno da Meruoca e dos Festivais de Música da UECE, Festival de Música do SESC, em Juazeiro, e do Empório da Música em Goiania (GO). Integra o elenco do CD “Solo Feminino 3” interpretando a canção “Lembranças Boas”, uma parceria de Pingo de Fortaleza, Augusto Moita e Alan Kardec.



Kelly Brasil
Foto: Dam Seixas



Mel Mattos
Foto: Rafael Holanda

Mel Mattos é outra presença feminina no cancioneiro cearense que tem sua carreira com início nos anos 2000. Fortalezense, começou cedo na música, com forte influência de sua família, com destaque para a irmã Julyanne Torres, que conseguiu visibilidade nacional no concurso Novos Talentos do programa Domingão do Faustão, da TV Rede Globo, em 2001.

Formada em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará, Mel Mattos dedica-se integralmente à música. Suas primeiras experiências musicais se deram numa banda de baile intitulada Banda Aiá, onde cantou vários gêneros musicais, tais como pop, axé, samba e MPB. Fundou uma banda pop chamada “As Bilutetérias”, formada só por mulheres, que tocava rock dos anos de 1980.

Em 2003 Mel Mattos ficou entre as oito finalistas do *reality show* “Pops-tars”, no sistema de televisão SBT, quando participou de workshops com Samuel Rosa, Daniela Mercury, Fernanda Abreu e Emmerson Nogueira.

Mel Mattos lançou dois álbuns autorais: “O Retrartista” (2010), que conta com participações de Dominginhos, Waldonys, e Manassés, dentre outros, e “Dé-modé?!”, lançado em 2016, com participações de Sidney Magal e Aldo Sena.

Outro nome feminino que começa a se destacar na música cearense nos anos da década de 2000 é a compositora e cantora Jord Guedes, natural do Crato e radicada em Fortaleza desde a década de 1990. Além da formação em Assistência Social, Jord Guedes, em 2005 forma-se no curso de Extensão em Música da Universidade Federal do Ceará, ano que marca também sua estreia nos palcos.

Jord Guedes é uma das fundadoras do Coletivo Nós VOZ Elas, composto só por mulheres e que trabalha de forma musical preferencialmente a questão de gênero.

Com uma produção sistemática de shows solos produziu os espetáculos “Canto Siará”, “Maracatus e outros Batuques”, “Samba pra Mário Lago” e “Traços”, apresentados em espaços como Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, SESC Iracema e SESC Emiliano Queiroz, Theatro José de Alencar, Centro Cultural Banco do Nordeste de Fortaleza e Juazeiro do Norte, e BNB Clube de Fortaleza.

Jord Guedes participou de diversos Festivais de Música, dentre eles o de Inverno de Garanhuns (PE), em 2004, três edições do Festival Cariri da Canção (entre 2008 e 2011), quatro edições do Festival de Inverno da Meruoca (entre os anos de 2009 e 2012), Festival de Música da Assembleia Legislativa do Ceará (2012), duas



Jord Guedes. Capa CD Traços
Arte: Pedro Otavio de Farias

edições da Mostra SESC Cariri de Cultura (2007 e 2009), Feira da Música (2015) e Mostra de Música de Fortaleza Petrúcio Maia (2015).

No ano de 2015, Jord Guedes lança seu primeiro disco autoral intitulado “Traços”, lançado também em Portugal em 2016, em uma turnê que contou com duas apresentações em Lisboa, nos espaços culturais Água de Beber e Renovar a Mouraria, e uma na Costa Nova/Aveiro, no Lounge bar Bronze.

Entre os anos de 2015 e 2017, Jord apresentou vários shows com repertório do cantor e compositor Belchior, a quem prestou homenagem em projetos próprios com os shows “Uma Divina Comedia Humana” e “70 Anos de um Rapaz Latino-Americano”.

Lídia Maria é outro nome que começa a se destacar na música cearense nos anos de 2000. Fortalezense, nascida em 1988, começa aos dez anos de idade a aprender violão, instrumento herdado de sua avó, depois participa do projeto social do SESI vinculado à música integrando a Big Band do SESI. Em 2008, tocando bandolim, integra o grupo Fulô de Araújo, instrumental de choro exclusivamente feminino que se apresenta em inúmeros espaços e festivais, tais como MPB Petrobrás, Circuito BNB de Cultura, Projeto Seis e Meia, Festival Mel Chorinho e Cachaça e Festival BNB de Música Instrumental.

Lidia Maria, em 2010 grava a música “Ponte Velha”, de Marcus Rocha, no álbum do coletivo BORA, lançado esse ano e que tem como proposta reunir novos artistas do Ceará. Em 2012, estreou seu primeiro show solo, intitulado “A Casa e a Rua”, que deu origem a um EP homônimo de seis faixas.

No ano de 2013, Lídia Maria lança seu primeiro disco solo, intitulado “Alma Leve”, que além da faixa que dá título ao disco, apresenta mais seis composições de sua autoria: “A sós”, “Dança na Chuva”, “O Tempo e o Vento”, “Nós dois”, “Não causas em mim” e, por último, “Mais amor por favor”, uma parceria com Alex Ramon, além de outras regravações. O CD “Alma Leve” tem produção do jornalista Paulo Mamede, com produção executiva de João Luís Studart e direção de produção da própria Lidia Maria.

Em 2014, Lídia Maria foi premiada como Cantora Revelação e CD do Ano no Troféu Cidadão Cultura da Ziriguidum Produções. Nesse mesmo ano apresenta-se na cidade da Praia, em Cabo Verde. Em 2015 integra o elenco da segunda edição do documentário “A nova safra da música cearense”, produzido por Ulysses Gaspar.



Lidia Maria
Foto: Pedro Martins



Lorena Nunes
Foto: Tiago Lopes

Em dezembro de 2016, Lúcia lança o show “Por Inteiro” e antes realiza a mini turnê “A sós com Lidia Maria” apresentando-se em Goiânia, no Teatro da UFG, e em Brasília, no Teatro Dulcina. Em 2017 Lúcia Maria participa da programação do “Carnaval do Bem”, realizada no Bairro do Benfica durante o período do carnaval com o projeto “Bloco do Prazer” e segue desenvolvendo vários projetos que fazem referência a música cearense, algumas em parceria com o guitarrista Alex Ramon.

Lorena Nunes é outra presença feminina que passa a se destacar na música cearense nos primeiros anos do século XXI. Sua trajetória artística tem início em 2011 com o coletivo de artistas Comparsas da Vivenda. Nos anos seguintes Lorena monta o show solo “Ai de mim”. Com esse show apresentou-se em diversos espaços e eventos, tais como: Mostra de Música Petrócio Maia, Feira da Música de Fortaleza, Mostra SESC Cariri, Terreiradas Culturais do Teatro das Marias, Festival UFC de Cultura, dentre outros. Em 2012 é premiada com o 2º lugar no I Festival de Música da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará ao interpretar a canção “Ai de Mim” de autoria de Tom Drummond. Em 2013 participa do projeto “Pérolas do Centauro – livro, dois CDs e um documentário) do artista Pingo de Fortaleza, interpretando a canção “Aproveite o Dia” de Pingo de Fortaleza e Henrique Beltrão. Essa faixa é incluída como bônus no repertório do CD “Solo Feminino 3”.

Em 2014 Lorena Lança o CD “Ouvi Dizer Que Lá Faz Sol”, desenvolvido através do Laboratório de Criação em Música do Porto Iracema das Artes e com repertório integralmente dedicado a compositores cearenses contemporâneos. O disco foi lançado “ao vivo e online” pela plataforma brasileira de transmissão online de shows Netshow e também durante a programação da Feira da Música de Fortaleza. Em abril desse mesmo ano, junto a outros novos nomes da música do Ceará, Lorena realiza sua primeira turnê por Cabo Verde. Em dezembro, retorna ao continente africano para apresentar seu show “Ouvi Dizer Que Lá Faz Sol” ao público caboverdiano, durante a programação musical da IV Feira Mundial da Palavra.

Em 2015, dentre outros shows, apresentou-se no Carnaval de Fortaleza, abrindo o show do rapper Criolo e realizou uma turnê por vários municípios cearenses, além participar da feira AME – Atlantic Music Expo, em Cabo Verde.

Em 2016, Lorena abriu o Festival Jazz e Blues, em Guaramiranga, com o show “Homenagem à Tropicália”, esse mesmo show foi realizado como parte da programação comemorativa ao Dia Internacional da Mulher, no Cineteatro São Luiz e nesse mesmo ano ainda integrou a programação da 3ª edição do Maloca Dragão.

Participa da Womex, uma das maiores feiras de World Music do mundo, neste ano sediada em Santiago de Compostela, na Espanha, no mesmo período apresenta-se também em Portugal, na Sala Titanic Sur Mer (Lisboa). Nesse mesmo ano uma das faixas de seu disco, “Águas de Mamãe Oxum”, foi uma das canções utilizadas durante a entrada das delegações dos países na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Em 2017 Lorena Nunes segue sua trajetória de shows e participa por exemplo do projeto “Jazz em Cena”, interpretando a obra do artista Paul McCartney, no Centro Cultural do Banco do Nordeste em Fortaleza.

Vale ressaltar a passagem da cantora Cláudia Barroso pelo Ceará. Embora não tenha iniciado sua carreira nas primeiras décadas do século XXI, mas, residiu por 25 anos no Ceará — da década de 1980 até 2015, ano em que faleceu na cidade de Fortaleza. A artista nasceu em Minas Gerais, na cidade de Pirapetinga e começou sua carreira na década de 1960, apresentando-se em clubes noturnos de São Paulo, tendo seu primeiro disco lançado em 1962, um compacto de 78 rpm gravado pela Odeon, que trazia as músicas “Fica comigo essa noite”, sucesso de Adeline Moreira e Nelson Gonçalves, e “Não, eu não vou ter saudade”, de Vaucaire e C. Dumont, com letra em português de Romeu Nunes. Em 1967, Cláudia Barroso gravou seu primeiro LP e fez sucesso em 1971, quando lançou pela gravadora Continental o LP “Cláudia Barroso”. O disco trazia três composições próprias que fizeram sucesso: “Quem mandou você errar”, “A vida é mesmo assim” e “Quando você errar”.

Outra intérprete que surge na música cearense nos anos 2000 é Auri D'Yruá, que iniciou sua trajetória durante uma brincadeira de calouros, no palco do Espaço Cultural Tito de Alencar — ESCUTA em 2000, local onde integrava o Grupo de Teatro e Música vinculado a essa instituição. Em 2007, Auri integrou o batuque do Maracatu Solar em seu primeiro ano de desfile, universo em que atuou nos anos seguintes como cantora das agremiações Afoxé Acabaca, Afoxé Oxum Odolá, Maracatu Nação Pici e Maracatu Filhos de Yemanjá.

Auri integrou os grupos Caravana Cultural e Maria das Vassouras, quando circulou por diversos eventos, como por exemplo o Fórum Social Mundial, em Belém do Pará, a Festa de Yemanjá em Fortaleza (pela UECUM — União Espírita Cearense de Umbanda/Prefeitura Municipal de Fortaleza), II Festival Latino Americano das Juventudes, em Fortaleza (Prefeitura de Fortaleza), Tambores Ancestrais na



Auri D'Yruá
Foto: Kelly Brown

Noite Afro Ancestral (Associação Solar), em Fortaleza, 6º biennale Du Marronnage Mousiques Marronnes, na cidade de Matoury/Guiana Francesa, dentre outros.

Em 2011, Auri D'Yruá se destaca no 1º lugar do Festival de Música, Letras e Liberdade da União dos Estudantes Secundaristas com a interpretação da canção “Ciranda dos Três”, de Djaci José e Anderson Oliveira. Ainda em 2011 idealiza e monta o espetáculo “Noite Clara, um tributo em homenagem à Clara Nunes e saudade ao orixá Yansã”, circulando com esse espetáculo em vários espaços da cidade de Fortaleza, tais como: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, por ocasião da realização do seminário De Zumbi dos Palmares a Dragão do Mar, promovido pela Coordenadoria Especial de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial em 2014.

Auri D'Yruá, que também é formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará participa de várias gravações e CDs, como nos CDs de registros das loas dos Maracatus Filhos de Yemanjá e Nação Pici, do CD do Grupo Escuta de Teatro & Música intitulado “Jogadores Guerreiros Novos” (nesse como intérprete e autora da canção “Renda Rendinha”), do CD de comemoração dos 45 anos da ONG Diaconia e do CD do grupo afro Acabaca. Auri D'Yruá participa do CD “Solo Feminino 3”, interpretando a canção “Carta Para Matilde”, de Pingo de Fortaleza e Henrique Beltrão.

Composta só por mulheres em seu vocal a banda Nazirê surgiu no município do Crato, na região do Cariri cearense no ano de 2013. Com o propósito de afirmar o movimento do reggae, a banda tem nesse gênero sua inspiração. Compõem os vocais da banda Jordânia Martins, Ranny Ramos e Géssica Alencar.

Com forte atuação nas redes sociais e milhões de visualizações de seus videoclipes na web, principalmente com as canções “Acorda Pra Vida”, “Veja Só” e “Colar de Joias Raras”, a banda vem conseguindo se destacar no cenário nacional.

A banda Nazirê vem cumprindo desde 2013 uma vasta agenda de shows: Cariri Garden Shopping (2014 e 2015), Espaço Rogaciano Leite Filho no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (III edição do Festival Maloca do Dragão, em 2016), e no Conecta – Festival Artes sem Fronteira (2016), dentre outros.

Em processo de gravação de seu primeiro disco, a banda Nazirê participou do CD “Solo Feminino 3”, interpretando a música “Noite Azul”, de autoria de Pingo de Fortaleza, Parahyba e Augusto Moita.



Banda Nazirê
Foto: Locus Eventos
Acervo: Nazirê

A intérprete e atriz paulistana Janaína de Paula, residente em Fortaleza desde o início dos anos de 2000, é também outro nome do cenário feminino que aparece na música cearense nesse período. No ano de 2003, Janaína participa do “FB In Concert”, festival de música do colégio Farias Brito. Na ocasião sua composição “Vozes da Cidade”, composta em parceria com Vinícius Augusto, foi escolhida a Melhor Composição do evento e em 2005. A intérprete participa da III Festival de Inverno da Serra da Meruoca com a música “Vozes da Cidade”.

Em 2013 Janaína integra como *backing vocal* o elenco do show “Poemário Musical”, um projeto que entrelaça música, teatro e poesia. Uma concepção do poeta e baterista Carlinhos Perdigão, criado a partir de seu livro “Fragmentos — Poemas e Ensaíos” em parceria com o músico e compositor Marcelo Justa. Em 2015 participa do tributo ao cantor e compositor Tim Maia, na Viva Escola de Artes, interpretando a música “Telefone”. Nos anos de 2015, 2016 e 2017 integrou como atriz e cantora *backing vocal* o elenco do CD e show “Palavra”, do poeta e baterista Carlinhos Perdigão.

Em 2017 Janaína de Paula participa do elenco do espetáculo musical “Iracema Lábios de Mel”, uma adaptação da obra “Iracema” do escritor cearense José de Alencar. No mesmo ano realiza show solo “Janaína de Paula”, no Restaurante Ponto de Luz, com a participação do guitarrista Lu de Sousa. Também em 2017 passa a integrar o Coletivo “Nós, Voz, Elas”, participando de vários shows do grupo e da gravação da canção “Solo Feminino 3”, de Pingo de Fortaleza e Alan Mendonça, no CD homônimo.

Esse conjunto de relatos que evidenciam as trajetórias individuais e coletivas do feminino no cancioneiro cearense, mesmo com inúmeras lacunas e lastro de ampliação, sem dúvida reforçam a presença histórica e marcante das mulheres na construção da música no estado do Ceará, e revelam como a própria natureza dinâmica da cultura, a diversidade das suas atuações e a constante renovação de nomes e movimentos nesse fazer feminino musical contínuo.



Janaína de Paula

Relatos de Histórias de Vida

Tina Paulo - Banda The Knickers

Inquerida pelo autor Pingo de Fortaleza sobre a temática de sua carreira artística e sobre temas específicos com as perguntas que vão a seguir, a cantora e compositora Tina Paulo da Banda The Knickers optou por escrever o texto abaixo com exclusividade para esta publicação:

1. Quais os desafios e as conquistas do fazer musical da banda e quais as suas referências femininas desde a infância?
2. O que lhe chamou a fazer música?
3. Como vocês veem, dentro da questão de gênero, o papel da mulher hoje nesse universo musical?

A música está na minha alma. Desde que me entendendo como gente, ouvia muita rádio e gostava de pegar os vinis da minha mãe e do meu pai e botava na vitrola. Dançava como se tivesse tocando aqueles solos, músicas que nem sabia de quem era (depois fui saber que era Led Zeppelin, Velvet Underground, Richie Valens, dentre outros), mas que me embestia com suas notas e sentimentos. Fui crescendo com algumas dificuldades familiares e isso me levou a ficar mais perto da música como uma saída para meus problemas.

Chegando na adolescência, tudo foi ficando mais notório: meu gosto diferente ou a mais pela música. Então conheci uma turma muito boa que se reunia em uma praça e mesmo na época que eu estava aprendendo sozinha a tocar violão (às vezes ficava três dias com violão e um mês sem), algo me impulsionava. Meus problemas familiares foram aumentando e logo veio aquela raiva que surge na adolescência, que nos ajuda a ir atrás dos nossos sonhos. Nunca tive apoio da minha família para a música, pelo contrário, tentavam atrapalhar o quanto podiam, quebrando até meu violão que consegui com uma troca em um walkman quebrado... e quebrou em mim.

A saída de casa foi inevitável. Continuei sozinha nessa estrada tentando aprender mais. Entrei em algumas bandas como Luto, Deus Ex Machina, Desire, As Caveiras Vermelhas, The Drunks, Baby, nessa última chegando a tocar em um dos maiores festivais do Ceará, o Ceará Music. Fui interrompida por uma trombose no braço que me deixou impossibilitada de tocar por um ano e meio. Nesse período,

tive que retirar a primeira costela para deixar o sangue fluir melhor, logo aproveitei o ensejo para fazer uma palheta com minha própria costela, como uma mostra pra mim mesma do que é que eu faço com as minhas dificuldades. Hoje estou com a The Knickers, uma banda formada somente por mulheres e estou muito feliz.

Hoje o número cresce de mulheres a fim de entrar no mundo da música, até então um espaço com sua maioria masculina, claro decorrente de uma série de fatores entre eles o machismo incorporado na sociedade.

Diante as dificuldades criamos um certo mecanismo que perpassa por tudo isso e vamos atrás da nossa grande paixão que é a música. Nunca somos incentivadas a tal, muito menos estudar música. A representatividade nos ajuda a superar essa angústia e nos dá inspiração para seguir. O machismo começa logo em casa quando seu pai a proíbe de tocar. Temos um rei do rock mas cadê a rainha? A mídia fez questão de ofuscar.

Então a luta é grande, mas podemos todas fazê-la, principalmente quando nos unimos.

Relatos de Histórias de Vida

Jord Guedes

Pingo: Gostaria que, primeiro, que você dissesse o seu nome, local de nascimento, essas coisas básicas.

Jord: Jordiane Moreira Guedes, nasci no Crato, 16 de outubro de 1973. No Crato, meu pai é de lá, minha mãe de Milagres, só que morava no Crato, né?! Foi estudar em colégio interno e trabalhou lá e conheceu meu pai. Meu pai, João Bosco Lopez Guedes era contador, fez curso de contabilidade e ‘tava se formando em direito, mas faleceu, né?! Faleceu faltava um semestre pra terminar a faculdade. Eu tinha sete anos. Minha mãe é Maria Helena Moreira Guedes. Na verdade, a família do meu avô era de Abaiara, zona rural de Milagres. Atualmente, Abaiara é conhecido como município emancipado. Aí minha mãe nasceu no sítio Gruta, em Abaiara, e foi criança, estudar num colégio interno no Crato, o Colégio Santa Teresa. Minha mãe é show! Minha mãe é igual a mim: assim, você não dá a idade que ela tem! [risos] O que eu sei da minha família é que Guedes é de Portugal?! Inclusive, meu avô paterno, Guedes, chegou no Ceará criança com dez anos eu acho, veio do Recife. O pai dele era de lá do Recife, ele veio de lá com as irmãs. E a família Moreira tem é... indígena e portugueses. É a misturada toda... e a parte do meu pai e também da minha vó paterna,

tem negros na família, e o meu avô paterno é do ramo lá dos Guedes, de Portugal.

Pingo: Você teve irmãos

Jord: Eu tenho uma irmã três anos mais nova que eu. E hoje tenho duas sobrinhas. Minha irmã tem duas filhas. Então assim, minha mãe foi guerreira. Foi... ralou pra criar a gente, manter minimamente um padrão que a gente já tinha, né?! Eu acredito que, se meu pai não tivesse morrido, a questão de ter se formado em direito e tal, não sei, não dá pra prever o que seria, mas... financeiramente, né?! Mas assim, minha mãe, ela manteve um padrão, tentou manter a gente nas escolas particular, ali com bolsa, com aquele negócio ali, se ajeitando de todo jeito... E ela não tem nível superior, chegou até a frequentar uma faculdade, mas desistiu, na época... por outras questões. A gente morou no Crato, uma cidade pequena, mas uma cidade considerada cidade de cultura né?!

Pingo: Moravam no centro da cidade mesmo?

Jord: naquela coisa, no Cariri, quintal da cultura do cariri, a gente morava num bairro chamado Pimenta. E aí, assim, estudava na escola particular, com 13 anos eu fiz teatro, na sociedade de cultura artística do Crato.

Pingo: essa infância foi no Crato?

Jord: toda no Crato. Eu saí do Crato pra Fortaleza com 17 anos. Já pra terminar o ensino médio e tentar vestibular.

Pingo: como é que foi o seu contato com a música? Primeiro contato com a música?

Jord: pois é... aí é aquela história, né?! Parece uma coisa, assim, na verdade lá tinha um coral que se chamava Pequeno Coral. Era a meninada toda vestida de marinheiro, não sei o quê e tal e minha mãe me perguntou se eu queria esse coral. Eu disse que não, que eu não curti aquilo à primeira vista. Na Sociedade Cultura Artística. A minha irmã, mais nova do que eu, foi ser do coral e eu fui fazer curso de teatro. Era uma sociedade cultura artística tradicional lá do Crato, né?! Ainda hoje existe. É onde tem curso de teatro, de instrumentos musicais... Edivânia Cabral é a responsável lá. Família Cabral é bem ligada a cultura, né?!

Pingo: e você foi fazer teatro?

Jord: ...e eu fui fazer teatro. Aí eu realmente me encontrei no teatro, com 12, 13 anos... Quer dizer eram peças infantis. Tinha uma que acho que era do ursinho Ted que botava uma máscara, não sei o quê... só que assim, minha relação com teatro no sentido de espetáculo foi meio frustrante porque, parecia uma loucura assim... Eu tinha um problema de garganta crônico e aí quando eu ia estrear uma peça que era o final do curso, eu ia ser a protagonista, a bruxinha que era boa. Eu ia ser a bruxa, aí eu tive que me operar de garganta, aí não estreei o espetáculo. Fiz

o espetáculo, que eu era o ursinho Ted, que botava uma máscara, não sei o quê e tal, era altas histórias que levava umas quedas, eu fiz a queda tão realista que quase quebrei a cabeça!

Pingo: quantos anos você tinha?

Jord: 12, 13 anos de idade! Mas aí, não deu pra estrear esse... Aí depois que aconteceu comigo apareceu uma história duma seleção do Banco do Brasil...

Pingo: lá ainda?

Jord: lá. Era através das notas da escola, mas tinha o viés social também, né?! Então acho que eles pegaram um pouco esse perfil, minha mãe viúva e tal, não sei o quê... Ela até resistiu, chegou pra minha vó paterna, porque nós nunca perdemos os laços. Meu pai morreu, mas pelo fato da minha mãe não ter casado de novo, eu tinha muito mais proximidade com a família do meu pai do que a da minha mãe. E aí minha vó disse: “não, minha filha, deixe ela trabalhar, porque ela vai aprender a ter responsabilidade...”. Na hora de pagar as contas de casa era pra eu pagar e minha mãe não queria que eu pagasse. E minha vó: “deixa ela pagar, deixa ela participar!”. Eu sei é que eu dividia as contas com minha mãe, então foram três anos e meio de Banco do Brasil; eu entrei com 14 e saí com 17. E aí o teatro ficou um pouco de lado, né?! Aí estudei inglês, tá, tá, tá... Vim pra Fortaleza. Lá no Crato, ainda no ensino médio, estudei no Colégio Geo, Diocesano que virou Geo e depois voltou a ser Diocesano. Existia um coral com um cara chamado Ricardo... Esse cara é referência no Crato! Esse cara é show! Ele tanto trabalha com teatro, como trabalha com música. E aí foi quando

eu tive o primeiro contato, vamos dizer assim, com música no sentido de MPB...

Pingo: mas antes, em casa?

Jord: mas assim, digamos, Edu Lobo... ah... meu pai no rádio do carro era direto! Meu pai tinha um Chevet com o toca fita!

Pingo: ele escutava?

Jord: e eu andava com ele pra cima e pra baixo porque... eu demorei a nascer. Minha mãe perdia, então eu fui, eu acho, a terceira, ou quarta gravidez da minha mãe. Então, assim, digamos que eu fui mimada nesse sentido, né?! De ser a filha muito esperada etc... E eu do ponto de vista das relações de gênero, vamos dizer assim, tradicionalmente falando, eu era um menino! [risos]. Doidêra! Mas não era um menino, era porque meu pai — homem, pai — me levava pra todo canto que ele ia. Ele ia pra uma oficina mecânica, me botava dentro do carro e me levava, então eu tinha uma ligação muito forte com ele. E mesmo os programas em família, então meu pai direto no carro era música! Aí você ouvia Martinho da Vila, você ouvia Chico Buarque, você ouvia Alceu Valença, você ouvia... aí minha mãe pelo lado dela já dela trazer da juventude, ela gostava muito do bolero, da música italiana, entendeu?! Daquela coisa mais... aspas milhões “brega”, entendeu?!

Pingo: e tinha som em casa? Alguma radiola?

Jord: tinha. Até hoje, até um dia desse, que a minha mãe vendeu... tinha aqueles... como é que chama aquele sistema de coisa que tem... é! Que eu ficava indo e voltando nas fitas e decorando a música em inglês.

Isso meu pai já tinha morrido... LP, ainda hoje eu tenho os LPs que eram do meu pai, de Luiz Gonzaga, eu tenho um LP assim, que é médio, que é um... enfim... então eu tive muito contato com isso tudo, eu, por exemplo, exposição no Crato, a gente ia assistir, os Irmãos Aniceto... Era direto se apresentando, Luiz Gonzaga, cansei de ver Luiz Gonzaga no Coreto, lá do picadeiro, lá da exposição que era tradicional. Na abertura da exposição Luiz Gonzaga ia lá tocar a sanfona dele e cantar! Contam que Luiz Gonzaga... minha bisavó tinha um pensionato, os pais da minha bisavó eu acho... avô do meu pai... não sei... alguém da minha família tinha um pensionato e o Luiz Gonzaga quando vinha pro Crato, parece que almoçava por lá, ou... eu sei que eles tinham esse... era uma coisa natural entendeu?! Era uma coisa que fluía, assim, que tinha esse contato. Agora assim, músico mesmo na minha família, profissional, não tem. Mas todo mundo da família da minha mãe toca alguma coisa. Violão, minha mãe toca violão. Eu morro de rir minha mãe tocando violão quando ela vai fazer os acordes, ela usa o polegar assim pra apertar as cordas, risos. Mamãe faz uma percussão corporal, que as minhas amigas que são musicistas, a Amanda Nunes e a Lenina Silva, ficaram impressionadas! Mamãe faz isso... ela bate o cotovelo na mesa, bate aqui o... esse osso da mão, bate os dedos tudinho, faz: turumtutumtum (imitando percussão na boca). A mãe faz assim, como se fosse intuitivo! Ela foi de coral, então ela era segunda voz, contralto né?! Devia ser mezzo, porque o povo diz que aqui no Ceará não tem contralto! Mas você tá aqui cantando uma música, a mamãe tá entra com segunda voz com a maior naturalidade do mundo,

coisa que eu não faço. Porque a minha vida inteira foi cantando em soprano em melodia, então assim, sempre teve essa fluência da música. Trabalhou na Rádio Educadora a mamãe... A mamãe ganhou concurso! Era pra ela ser cantora de rádio! Ela estudava no colégio Santa Teresa e foi fazer esse tal de concurso de cantora de rádio e tirou o primeiro lugar! O povo da rádio lá ficou louco, querendo que a mamãe virasse cantora de rádio, aí a freira superiora do colégio chegou: “minha filha, não faça uma coisa dessa...”. Por quê? Porque a visão que se tinha, se fosse ser cantora do rádio, que era uma mulher vulgar, ou sei lá o quê, e aí a minha mãe né?! Dentro daquela perspectiva, da realidade que ela vivia, estudando em colégio interno, os pais na zona rural, interior de outra cidade, deixou. Apaziguou aquilo ali, voltou, terminou o colégio, futuramente ela passou a trabalhar na rádio. Só que ela era outro trabalho, né?! E com esse trabalho dela, com as amizades e tudo, eu adolescente me lembro, ela tinha um grande amigo na rádio que gravou uma fita pra mim, nessa fita você ouvia de Legião Urbana, passando por Caetano Veloso, por Chico Buarque... era uma misturada louca nessa fita, então, assim, a minha vivência musical é essa mistura toda, entendeu?! Não tem assim, não era um gênero específico.

Pingo: mas aí esse professor do coral deu uma... levantada?

Jord: aí sim, o professor do coral veio com uma dança, veio com um ponteio, abrindo vozes, aí eu fiquei louca né?! Aí eu digo: “rapaz, aqui tem alguma coisa que mexe mais forte comigo, que não é só cantar aqui no coral e tchau!”. Mas aí vestibular, demanda...

Pingo: aí veio pra Fortaleza?

Jord: vim pra Fortaleza fazer vestibular. Primeira opção na UFC: jornalismo. Eu queria ser repórter de televisão. Eu já queria ser artista! [risos]. Queria fazer cena! Aí passei na primeira fase, bem colocada e não passei na segunda. Segunda opção na UECE.... “Ah, não sei se faço psicologia, não tem psicologia na UECE!”. Fui parar no serviço social, que sempre é uma segunda opção... Muita gente faz porque realmente tem esse objetivo, mas às vezes se encontra dentro do curso. E realmente me identifiquei demais! Teoria marxista, dialética, filosofia, psicologia, sociologia e o escambau a quatro... E aí me formei, assim que me formei, passei em concurso, até hoje exerço a profissão.

Pingo: mas dentro da faculdade, como é que foi a sua relação com a música lá?

Jord: mas já dentro da faculdade, aqui em Fortaleza, fui atrás de coral. Aí fui do coral do DCE, antigo coral do DCE, que hoje não é o coral da UFC, não é o mesmo coral, mas é a mesma vertente... o pessoal da universidade. Coral cênico, né?! Aí volta de novo a coisa lá do teatro dos 13 anos, de alguma forma, e o coral que já foi do Crato. E também fui do “Seios da Face” que é aquele... que eu acho que não existe mais hoje... Mas é um grupo vocal da área da saúde, só de mulheres.

Pingo: eu acho que ainda tem!

Jord: que também é cênico, né?! Que também era cênico. Cheguei a apresentar... só mulheres. Chegamos a apresentar... porque eu já no coral do DCE soube

que tinha esse e fui fazer o teste. Aí passei, a gente apresentou espetáculo, a gente viajou pra Natal (RN), teatro de Natal, aqui no Theatro José de Alencar, Dragão do Mar, só mulheres. O nome do espetáculo que eu fiz era “Cabaré, Noite Ocidental”, era a gente tudo de quenga [risos]... As quengas da década de 1920, né?! As mulheres da vida. Lindo, assim, tudo com aqueles puá, com aquelas roupa e... e aí o Ítalo Almeida que tocava com a gente, menino réi amarelo, acho que nessa época o Ítalo tinha uns 20 anos, sei lá! Não aí, o regente era o Marcio Mattos, que hoje é coordenador do curso da UFCA. Eu não sei se ele ainda é, mas ele esteve coordenador do curso de música. Acho que ainda é ele.

Pingo: ele era o regente lá?

Jord: ele era o regente. Foi com quem eu aprendi os primeiros acordes do violão. Porque eu nunca tinha pego num instrumento. E aí me deu vontade de aprender violão... Ele ainda me deu umas aulas, aí depois tive outros professores: Rogério Lima, lá na Tocata, me deu aulas. Me preparou pra o curso de extensão em música aqui. Que era aqui no conservatório?! Passei no curso! Fiz os dois anos do curso de música. Isso já em 2003.

Pingo: já ‘tava trabalhando?

Jord: eu me formei em 1997.2, no Serviço Social... mas nunca me afastei da música. Assim, da época da faculdade que eu fiz parte desses corais, aí depois fui estudar violão, aí depois veio esse curso de extensão... Talvez pequenos hiatos, mas nunca me desliguei total... Dentro do curso de extensão em música, né?! Eu já tinha começado um ensaio,

uma... como é que a gente chama a palavra? No curso de extensão, eu fiz o meu primeiro show, que eu chamo minha carreira artística do ponto de vista de cantora solo, em 2005, que foi no Festival Vida e Arte do Jornal O Povo. Lá no Centro de Convenções. Era o “Samba pra Mário Lago”. Aí eu peguei sambas meus, canções minhas, misturei com as de Mário Lago e a gente fez, com a banda mesmo, com sopro né?! Em 2005.

Pingo: aí de lá pra cá, quantos shows?

Jord: foram vários, né?! Assim, que eu lembre de shows temáticos, vamos dizer assim, concebidos por mim, teve “Samba pra Mário Lago”, “Maracatu e outros Batuques”, o “B@tuques” (com arroba no “ba”), o “Canto Ceará”, o “Cear@ (com arroba no final), fiz, fui parte da banda Aracê, que foi uma concepção minha e do Alex Costa, que na época a gente ‘tava junto e ele tocou comigo e tudo... E aí a gente misturava coisa da música eletro-acústica, eletrônica com os ritmos nordestinos, com o rock... foi uma fase muito bacana. E aí... o “Samba pra Mário Lago”, o “Maracatu e os Outros Batuques”, o “Canto Ceará”, o “Traços”, né?! Aí teve o “Traços Intimista”, o “Traços Acústico”... o “Traços”, que é o lançamento do meu disco “Traços” mesmo... Que foi lançado em 2015. Aí também os festivais de música, que eu comecei a mandar as minhas composições pros festivais competitivos... Meruoca foram quatro edições que eu participei, do Cariri da Canção, foi umas três ou quatro edições. O primeiro que eu participei, que eu nunca tinha ido pra festival foi em 2004: o festival de Garanhuns, que foi justamente onde eu fui com o Glairton Santiago defender

essa música do Alan Mendonça com a Joyce, que a Juliana ‘tava falando, que é a “Naná Buruquê”. Aí nessa época, conheci o David Duarte lá na viagem e ele me convidou, a mim e ao Alexandre pra fazer backing na música dele que foi pra final. Aí foi bonito, a gente com uns colares e uns figurinos, não sei o quê, e eu no xequerê, é... foi bem bacana! Aí depois vieram os outros, né?! Meruoca, Cariri da Cultura, a única edição que teve do Festival da Assembleia, eu participei.

Pingo: Quais foram as mulheres você já falou... agora eu gostaria que você citasse, quais foram as mulheres que influenciaram assim você nesse universo musical.

Jord: nesse universo musical... olha eu diria assim, em termos de cantora que eu admiro, que eu acho... é, minha mãe foi a primeira assim... Porque ela me levava e ela tinha umas oficinas... tinha um cara chamado Benedito bo... [nunca sei o sobrenome do povo! Ave maria... ô memória!] ...Benedito... minha nossa senhora, o cara era tipo assim, o Papa nesse negócio de Coral. E ele vinha parece que era do Rio Grande do Norte e ia pro Crato pra dar umas oficinas, e a minha mãe me levava. E eu me lembro que ele tinha umas músicas, que era uma espécie de exercício, que a gente ficava cantando e eu participava como se eu fosse... eu pirralha velha... “Maria Joana, pra onde você vai? Volte pra trás, não tá vendo eu lhe chamar, quando voltar não venha com desmantelo, passe o pente no cabelo e não deixe a trança voar”. Ele abria voz nisso e não sei o quê. E essa música aí eu lembro. E a minha mãe foi do coral da universidade.

Pingo: Isso lá no Crato é? Legal isso aí! Como é?! Canta de novo essa música aí!

Jord: “Maria Joana, pra onde você vai? Volte pra trás, não tá vendo eu lhe chamar, quando voltar não venha com desmantelo, passe o pente no cabelo e não deixe a trança voar” [risos]. Eu acho que foi um... não sei se essa música é de domínio público, se foi ele que inventou, é...

Pingo: aí sim, a sua mãe... quem mais...

Jord: as cantoras que eu admiro... a Gal Costa, né?! Pra mim é um grande ícone! É maravilhosa! Aí teve a fase da Marisa Monte, né?! De adolescência mesmo já... juventude depois da adolescência, de curtir os discos, os Tribalistas etc, né?! mas assim, eu tenho um pouco de dificuldade dessa coisa dos ícones, sabe Pingo?! Porque são muitas pessoas e ao mesmo tempo assim, você diz: “ah, lhe influenciou, influenciou de certa forma, mas quando você vai ver, quando você mistura tudo no balaio, você diz: não... não tem nada a ver, mas lá no fundo você...”.

Pingo: e do Ceará, aqui, não tinha nenhuma pessoa não (?)

Jord: com certeza, a própria Têti, né?!

Pingo: não agora, mas quando você ‘tava em formação, você se lembra?

Jord: olha, teve uma pessoa que me marcou... em viés, tanto da música como... engraçado, como da questão da academia, que eu tive a oportunidade de conhecer no Crato, no festival, “Festival Chama”, que era um grande festival que tinha lá em cima da chapada. Foi a Ângela Linhares. A Ângela ganhou

esse festival e eu já morando aqui em Fortaleza, estudando aqui, mas todas as minhas raízes todas lá... de lá pra cá e tal. E quando ela ganhou, a gente voltou no mesmo ônibus de lá e a gente conversando muito e trocando ideia, eu falando que queria mandar um projeto de iniciação científica pra fazer uma pesquisa e tal e ela me orientando, mas assim, eu vi a performance da Ângela cantando e ela foi a ganhadora do festival, né?! Então realmente me impressionei com ela e tal. Agora assim, a gente não tinha tanto — talvez, eu não sei... — a ligação do Cariri com a Capital, né?! Lá eu me lembro de cantores mais homens, né?! Que é o João do Crato, o Luiz Carlos Salatiel, essa galera mesmo... esse pessoal que atuava lá...

Pingo: você falou da sua mãe, da história dela na rádio, que ela quis ser cantora e tal... E em que momento você percebe que vai haver alguma... que o lado artístico musical vai dialogar com a questão de gênero. Seja lá que conteúdo for... No seu caso pessoal.

Jord: eu acho que esse diálogo... eu não posso dizer que sempre existiu porque, de qualquer forma isso as vezes ‘tá subliminar.

Pingo: se bem que você tem consciência... eu ‘tô colocando assim, se fosse refletindo hoje, quando é que você acha que...

Jord: de maneira mais consciente eu acho que depois da universidade né?! Porque na universidade eu comecei a estudar as questões de gênero, comecei a abrir um horizonte: “porra, isso existe mesmo!”. Valha, a gente age de forma tão, tão... automática e a gente não percebe que essas questões existem porque a

gente acaba reproduzindo coisas e comportamentos e relacionamentos e dinâmicas de vida que a gente não para pra pensar que isso realmente existe. Então eu comecei a estudar isso de forma mais, digamos assim, de forma acadêmica, de forma teórica. E aí isso me influenciou, por exemplo, no meu TCC, que é o trabalho de conclusão de curso. Eu fui fazer no presídio feminino com as mulheres de lá. Então quando eu comecei a compor eu já comecei a ver isso se manifestando na minha música, ‘tá entendendo?! Quando eu faço uma música, “Maria Barata”, que fala de uma mulher, chefe de família, guerreira, que mantém a casa, que vai pegar a banquinha... é uma música irreverente, é uma música é... é, é... divertida, mas ao mesmo tempo ela tem toda uma... então eu acho que isso permeia muito a minha música entendeu?!

Pingo: sim. E na sua vida pessoal?

Jord: ah, a minha vida pessoal, total! Desde essa época... assim, me considero feminista, apesar de não seguir nenhuma corrente...

Pingo: nas suas relações?

Jord: nas minhas relações também, em tudo!

Pingo: teve algum momento que as suas relações interferiram na sua música? Alguma forma que você percebia isso?

Jord: total! [risos]

Pingo: na sua casa? Mas você quer falar?

Jord: total! No meu primeiro casamento, né?!

Pingo: na sua casa não?! A sua mãe lhe estimulava?

Jord: não... assim... eu... com certeza né?! Minha mãe ficou viúva, uma mulher, viúva, sozinha, criando duas filhas mulheres, ela mesma diz: “não minha filha, não me interessei de viver mais com ninguém, de me relacionar com mais ninguém, porque eu tinha vocês duas e também, eu gostava muito de seu pai...”. A gente sabe que é uma mulher de uma cidade do interior, criada num colégio de freira — ela tem todo o perfil, entendeu?! o amor dela pelo meu pai, eu ‘tô questionando? Não! Até hoje ela fala do meu pai como se fosse ontem... um dia desses que ele morreu. Mas, a gente tirando essa mulher desse contexto e colocando noutro, talvez ela tivesse tocado a vida dela, se relacionado, enfim, eu tenho certeza que isso influenciou, a formação, o lugar social, entendeu?! Mas assim, é claro que isso de certa forma influenciou, mas na minha vida diretamente falando, essa coisa de eu despertar pra essa questão de gênero conscientemente, foi depois da academia, foi depois da universidade e como isso interferiu na minha música? De várias formas, né?! Se a gente for falar de um modo genérico, nós mulheres, temos menos espaço em tudo! Nós lutamos, nós já mudamos muito a sociedade, nós já conquistamos muita coisa, mas apesar de tudo isso, nós ainda passamos por discriminação etc. Agora, na música, de eu sentir na pele, vamos dizer assim, aí eu tive de fazer uma escolha.

Pingo: mas como é que foi essa escolha?

Jord: por exemplo, eu era casada né?! Eu sou divorciada. E aí, eu comecei a aprender violão já casada, né?! Tinha acabado praticamente de sair da universidade

né?! A gente tocava... eu tocava violão, meu ex-marido gaita etc, em casa. Ele me deu o violão de presente. Ele achava bacana eu tocar. Ele achava bonito. Mas ao mesmo tempo que ele achava bonito, o discurso dele era de que não casou com uma artista, casou com uma assistente social. E que não aceitava uma mulher que fosse tocar num bar de madrugada. Nessa época eu nem sonhava em tocar em bar. Enfim, mas não vem ao caso. E que... enfim... e outras coisas machistas que... que não têm é... relação direta mesmo com a música, ou com a arte, mas que influenciou na minha decisão de romper o relacionamento. Por quê? Porque a cada vez a música falava mais forte em mim, cada vez eu percebia que não era uma coisa só de diletantismo, de apreciação, de fruição, mas que eu queria esse fazer artístico na minha vida e que naquele relacionamento isso ia dar entrave. Aí não é assim. Claro que numa entrevista você falando, parece assim, hoje, amanhã, depois, acabou. Não, é uma coisa que se gasta, é... mas até o ponto mesmo da gente se separar e eu, depois disso, eu já ‘tava no curso de extensão e aí começou! Show e papápá... e festival e não sei o quê... e até hoje! Aí hoje eu sou casada com um cara que assim — sem querer fazer comparação, já fazendo, que isso nem vem ao caso assim, mas... mas vem né?! Porque nós estamos falando de relação de gênero, então vem ao caso! — que... é o meu maior incentivador, entendeu?! Eu brinco, eu digo que ele é meu produtor, porque ele é duma área completamente diferente, ele é geólogo, mas ele é um cara que pega meu disco e manda pra São Paulo, manda não sei pra onde, e quando eu ‘tô esmorecendo, quando eu digo: “meu amor,

‘tô cansada...” e ele: “não, meu amor, você não pode parar de fazer isso não, porque isso ‘tá no seu sangue, se você parar você vai ficar é mal!”. É um cara que adora me ver no palco, que... enfim. Então assim... é show!

Pingo: como é que você vê hoje o contexto da produção cearense? Vamos especificar: no seu campo, nos seus campos da política pública de cultura, ou mesmo, na cultura... Política de pública, eu falo tudo, quando eu falo política não é a estatal, é no geral. Como é que você vê a dinâmica da política pública de música e se de alguma forma você enxerga aí alguma diferenciação, alguma diferenciação em relação ao gênero, à questão de gênero, nessa política?

Jord: é... pra falar do Ceará, talvez eu tivesse que conhecer a realidade de outros estados, eu realmente não conheço, mas é claro que a gente sabe, que se a gente for pensar num eixo Rio-São Paulo, o incentivo é muito maior. A questão mesmo da circulação dos artistas e tal... Mas falando aqui da realidade que eu vivo e que eu vejo, eu acho que já melhorou muita coisa, mas ainda acho que tem... como é que eu posso dizer? Não é um círculo vicioso, é porque é a palavra que veio, mas é como se fosse assim uma rotação que você roda, roda e volta pro mesmo lugar, entendeu?! Aqueles mesmos projetos que você fez aquele circuito e tal e que... eu não sei. Eu acho que é um reflexo de uma questão maior, sabe?! Duma questão nacional, até mundial mesmo assim. A cultura sempre foi a cereja do bolo, né?! Às vezes é uma visão de gestor, também, né?! Um gestor tem mais visão que outro e tal. Mas... pegando a minha trajetória, eu tenho muito o que referenciar

com relação a essas políticas públicas porque, por exemplo, meu disco, foi fruto, claro que eu botei dinheiro do meu bolso, claro que o dinheiro é pouco, né?! É preciso se repensar isso tudo, claro que a gente muitas vezes faz um espetáculo uma coisa independente do poder público demora milhões de anos pra receber, é um absurdo! Mas por exemplo, meu disco, ele teve incentivo do estado, né?! Da Secretaria de Cultura do Estado e do Município. Então assim, é uma coisa bacana, agora eu acho que precisa se ampliar, ainda fica uma coisa muito restrita, entendeu?! Por exemplo, o último edital que houve, que era circulação. Era pra aprovar quatro projetos? Eu não mandei. Eu achei absurdo! Eu achei assim.. até uma afronta sei lá. Sei lá. Então assim, eu acho que o Ceará ainda ‘tá anos luz e falando dessa perspectiva da política pública e da perspectiva dos artistas mesmo, nós! Eu acho que a gente é uma raça muito desunida [risos]. Porque, comparando, se você vê um movimento cultural em Pernambuco, né?! Em outros lugares, você vê que o povo... claro que tem as identidades, tem os estilos, ninguém é obrigado também a fazer parte do fórceps agora e forçar a barra, não é isso que eu quero dizer, mas eu acho que poderia ter um pouco menos de competitividade, um pouco mais de solidariedade e complementaridade, e coisas mais coletivas, sabe?! Ora, eu falo isso também mas eu dou minha mão à palmatória: eu não sou tão fácil de fazer parte de coletivo, eu sou uma pessoa que tenho um pouco de barreira nisso tudo assim, de me chegar, de me... não sei, é uma coisa subjetiva, não sei explicar muito bem. Assim... não é que eu sou... eu sou fácil de fazer amizade, mas eu também...

você pega pelo meu disco, eu tenho onze músicas, quatro são em parceria. Aí é o processo de cada um e tal, mas, mas eu acho que a gente poderia fazer mais coisas juntos. Assim, por exemplo, projetos, várias mulheres cantando, cantoras, como é o seu disco, pegando essa questão de gênero, né?! Aí, assim, você me perguntou e eu acabei não falando, como é que eu vejo esse viés da política pública, da cultura, da música e a questão de gênero. Aí eu acho que deixa muito a desejar! Muito! Porque não é que agora, tipo assim, eu vou votar numa... numa candidata porque ela é mulher. Jamais eu faria isso! Não faço! Eu voto se ela for mulher e se ela atender aos meus requisitos. Se tiver uma mulher e um homem, e a mulher atender aos meus pré-requisitos, de visão de mundo, de política etc., aí eu voto na mulher e faço até campanha... Eu não voto mais em ninguém, eu nem voto mais. Mas era uma linha de raciocínio comparativa. Mas, não é que agora eu vá favorecer as mulheres, pessoalmente não. Eu não acho isso, mas do jeito que tem cota na política, cota pra eleição, cota pra candidatura... eu acho que deveria ter na cultura. Por quê? Por uma questão histórica! Se você pega, a maioria das bandas, a maioria dos artistas, a maioria... é homem! Dos instrumentistas, então, se você tem mulheres, por exemplo, aniversário da cidade... não 'tô dizendo que não tem mulher não, porque tem mulher cantando, mas vai chamar cantores, pois vamos fazer aqui uma cota, vamos fazer uma equidade, uma equiparação, entendeu?! Vamos inserir as mulheres artistas. Não qualquer mulher artista, claro que tem o mérito! Claro que tem a arte, tem o

fazer técnico, a qualidade técnica, entendeu?! Mas existem! Várias! Eu acho que isso deveria ser visto.

Pingo: quer acrescentar alguma coisa não?

Jord: poderia ter uma mostra de cantoras, sei lá... enfim... Ah... acrescentar que eu 'tô achando massa esse disco, que eu não 'tava esperando por isso, de mulheres...

Pingo: 'tá só com dez anos que a gente começou!

Jord: eu acho que eu me perdi um pouco nessa última questão, mas é porque é meio complicado... [risos]

Relatos de Histórias de Vida

Verônica Valenttino

Pingo: Por favor, fale do começo da sua carreira, em que exato momento se deu esse início, como aconteceu, quais foram os momentos mais importantes desse início, se em grupo, como se deu esse processo de grupo?

Verônica: é... tudo começou, gato, tudo começou é ótimo... Tudo começou quando eu fui fazer artes cênicas e aí eu... entrei no CEFET, fiz artes cênicas, foi onde eu conheci é... Silvero Pereira, que fez o convite pra eu participar junto com ele e a Alicia Pietá de um espetáculo que se chamou “Cabaré da Dama”. E aí eu venho começando a minha carreira musical dentro desse trabalho. E depois dentro do segundo trabalho: “Engenharia Erótica”, em que eu cantava uma música ao vivo e isso meio que despertou o desejo de montar uma banda. Então, hoje a banda já tem sete anos. É importante frisar que a gente começou no sertão central do Ceará, antes mesmo de estreiar na capital e aí quando já fomos pra capital já, já, já acontecia um burburinhozinho do que a gente ‘tava fazendo, da imagem da travesti cantando rock e tal, essas coisas... No início, a proposta da banda era que fôssemos uma pegada meio blues, meio jazz, sei lá, ou coisa assim... mas aí, com a chegada do Léozinho... ele trouxe essa pegada mais rock n’roll pra banda.

Pingo: Como foi na sua infância, na sua adolescência essa questão das mulheres que lhe influenciaram? Quais foram as mulheres que foram referência na sua vida, que você se lembra, enquanto criança, enquanto adolescente? Quais foram essas mulheres e que eram referência na sua vida e por quê?

Verônica: Então, é... em relação às mulheres que eu tenho de referência na minha vida, é... primeiro que eu fui muito oprimida quando eu era evangélica. Então, assim, é... eu sempre olhei a mulher dessa forma, digamos que... com bastante admiração, né?! Então eu sempre gostei das mulheres fortes e sempre gostei de mulheres, é... dramáticas sabe?! As músicas que entravam lá em casa, eram sempre de mulheres guerreiras, dramáticas, assim, tipo Clara Nunes, tipo Elis Regina, tipo Gal, tipo Nina Simone, tipo Edith Piaf, tipo Elza Soares... Sempre foram mulheres com uma parada de vida muito forte e que transcreviam pra arte tudo o que elas tinham vivido, sofrido e sei lá... Então assim, elas acabaram me influenciando muito, mas também têm muitas outras figuras que me influenciaram, principalmente na parada musical, como o Ney Matogrosso, como... Cláudia Wonder, que é uma travestida punk rock da década de 1980 e que foi residente em São Paulo... acho que ela morava em São Paulo... e

que... acabou me influenciando bastante, principalmente depois da chegada do rock n'roll na nossa vida assim... O exemplo que eu mais vivo é a minha própria mãe. Eu peguei até o nome dela como meu, por conta dessa homenagem mesmo, sabe?! Minha mãe foi uma gata guerreira que me criou sozinha e sustentou uma família, com duas irmãs que dependiam dela, que eram mais velhas, doentes e que não trabalhavam... com meu pai recém falecido, seus filhos e ainda por cima dois sobrinhos que ela criava. Então assim, eu tive dentro da minha casa um exemplo bem vivo e real de uma mulher guerreira e forte, e que também cantarolava sempre e que colocava na música, colocava na sua forma de fazer arte, todo o seu lamento, toda a sua guerra, toda a sua luta, sua batalha.

Pingo: Em relação à sua opção artística e cultural, quais foram os artistas em geral e principalmente quais foram as mulheres, se existiram mulheres, que lhe influenciaram? Quais foram referências para a sua opção artística?

Verônica: então, como você vê, as mulheres que me influenciaram artisticamente são também as mulheres que me influenciaram como mulher, sabe assim? Tipo... claro que você sempre tem os parâmetros de beleza, os padrinhos de beleza que você recebe quando criança, né?! Quando adolescente, principalmente, no meu caso que sempre gostei de moda, sempre gostei do feminino, do universo feminino, então, eu tinha, claro, grandes mulheres que eu admirava, digamos... fisicamente. Mas nunca foi só pelo físico, sabe? Nunca foi pelo padrão, sempre foram com histórias, mulheres com

histórias incríveis assim, até mesmo as próprias modelos, tipo Naomi, Naomi Campbell, que por ser negra e linda e absurda e absoluta, queen, sabe?! Então, nunca foram mulheres que me influenciaram apenas pelo padrão, assim vazio, mas mais pela história de vida delas e que como elas colocavam isso de alguma forma, do que faziam, seja na arte, seja na música, seja na moda, enfim...

Pingo: Como é que você se sente mulher nesse universo artístico que você passa a integrar, a participar efetivamente? Como é que você vê sua presença como mulher no diálogo com a sua família, com os seus, ou nos meios sociais, ou no próprio meio artístico? No começo, qual foi a reação das pessoas por você optar por essa carreira artística, pelo fato de ser mulher trans? E como foi sua reação frente à reação das pessoas, no geral? Por favor, fale desse momento de passagem, em que você passa a se afirmar como mulher. Eu 'tô sempre fazendo as mesmas perguntas pras todas as mulheres entrevistadas aqui, então você pode se colocar assim: como é que foi essa afirmação, se afirmar como mulher?! E se afirmar como mulher no meio artístico.

Verônica: Sim. Me afirmo como mulher. Como mulher trans, né? Como mulher fállica. Mas isso, hoje eu tenho essa consciência. Porque no começo, eu diferenciava bastante pelo fato de ter começado com o teatro, então eu tratava e colocava numa... separava bem. O que era Verônica e o que era o Jomar. Entendeu? Que era o antigo nome. E hoje eu percebo que não... está para além e começou a borrar minha vida. É tanto que começou a borrar minha vida e eu nunca me senti à vontade digamos assim. Depois do meu

encontro com a Verônica, eu não mais me senti à vontade de viver de outra forma, sabe? De cantar de outra forma. De atuar de outra forma e daí eu senti a necessidade dessa autoafirmação e de afirmar a mulher que realmente eu sempre fui. E que eu não percebia que estava escondida, presa dentro de um corpo, que também era oprimido por dogmas, sabe? Por uma certa doutrina, principalmente a doutrina cristã e que isso me impedia de afirmar a mulher que eu era. Então, com o primeiro contato com a Verônica, ainda como personagem, eu percebi de cara, de imediato, que ela não era somente uma personagem e que ia ser difícil para mim... segurar essa onda de Verônica personagem e ator Jomar Carmane. Sabe? Então eu disse: “Não! Não é isso!”. Porque a minha forma de viver é essa. A melhor forma de eu estar vivendo, é essa. E a melhor forma de eu fazer a minha arte, é essa! Então hoje, principalmente no mundo que a gente tem vivido, no Brasil que a gente tem vivido... que é um país homofóbico, que é um país transfóbico, que é um país violento e machista com as mulheres. É, eu vejo uma importância cada dia de me autoafirmar, sabe? E eu vejo essa importância, tipo... não somente por mim. Porque para além de ser uma realização pessoal, deixou de ser isso e passou a ser uma militância, sabe? Política, forte e uma potência necessária para a cena atual de hoje, pro país de hoje e pra sociedade de hoje, sabe? Então, acho que é mais ou menos isso.

Pingo: Então como é que você analisa esse contexto de ser mulher, de se assumir mulher? E como é que você enxerga essa relação de gênero hoje? Não só no meio artístico, mas num campo mais geral da

sociedade, das relações sociais, da sua militância, nas suas ideias... que você tem pregado, que você tem se colocado, como você tem se comportado socialmente e artisticamente... como é que você encara esse diálogo seu com esse meio sempre nessa perspectiva do ser mulher?

Verônica: é muito complicado, né?! Porque eu ser mulher é mais pessoal do que a gente imagina... Teve um tempo que me senti menos mulher, por exemplo, quando estava sem peruca, e hoje eu não me sinto sabe?! Hoje eu ‘tô tão consciente, tão plena da mulher que eu sou e da mulher que eu me tornei, que tipo, ainda sem peruca me sinto mulher, ainda sem maquiagem me sinto mulher, ainda sem o peito de prótese eu me sinto mulher! Então é mais na minha mente, sabe?! Porque o meu corpo aceitou o que minha mente codificou e... confirmou, sabe?! Então para a sociedade sempre vai ser difícil de encarar e ver a mulher que eu me vejo, né?! Então ela fica buscando padrões, ela fica tentando me encaixar em gavetinhas e em rótulos, ela fica tentando me encaixotar em nomenclaturas e isso não vai ser nunca possível definir, né?! A sociedade não vai poder nunca me definir, porque essa definição só a mim pertence e ela não ‘tá pronta pra isso, né?! A gente sabe que se tivesse pronta não seríamos o país que mais mata mulheres trans e travestis no mundo. Então ela sempre vai ter essa necessidade de buscar em mim e achar uma... eu até brinco e falo porque eu digo: não procure mais em mim a lagarta, porque eu já virei borboleta! [risos]. Sabe, então assim, para a sociedade é difícil de compreender isso e ela fica buscando padrões e justificativas pra justificar esse preconceito e essa visão

equivocada, sabe? Ela fica teimando e por mais que eu use uma calcinha ela fica teimando que eu sou um homem, que eu uso cueca... ela não aceita o fato de eu ser uma mulher fálica, ela não aceita o fato de eu me dar bem com meu próprio corpo e não precisar recorrer agora a cirurgias, sei lá... mais radicais né? Como ressignificação e essas paradas todas assim. Então a sociedade sempre vai ter essa dificuldade em nos ver como humanas, porque a gente vive num país muito, muito, muito escroto, né?! E é um país que é hipócrita, fascista e machista, então, já não é fácil viver num mundo sendo mulher, eu falo, mulher cis, mulher... mulher... mulher cis. E imagina sendo uma mulher trans! Porque o mundo já é machista, né?! Esse Brasil então, que tipo, não aceita e não admite que nós mulheres neguemos esse macho, né?! Esse macho que é nos implantado desde pequenas, desde cedo... O macho que é nos implantado quando o pai obriga a gente a servir um exército, sabe? A prestar esse serviço militar por exemplo, que meu primo, meu tio falavam muito: "Ah, você tem que ir pro exército porque você tem que aprender a ser homem! Você tem que aprender a ser homem! Você tem que aprendera ser homem!". Então isso foi tudo o que eu mais ouvia na minha vida e na minha infância, então, ainda que eu entrasse pro exército assim... [risos]. Eu não seria nunca um homem, porque eu nunca fui um homem que ele queria e esperava que eu fosse. Então, é muito complicado isso, mas a gente hoje, é preciso se autoafirmar o tempo todo pra justamente reforçar esse sentido de não machismo, sabe?!

Pingo: Você pode acrescentar o que você quiser, em relação às suas posições e em relação ao que você queira analisar, de forma geral, no campo de gênero. Como você encara, como é que você percebe os avanços, os retrocessos, em relação, especificamente, ao fato de você ser mulher no meio artístico e ser uma mulher que se fez mulher, que se afirmou mulher?!

Verônica: então... e aí a gente tem essa sensação de que que a sociedade tem evoluído, né?! Ao mesmo tempo que nós estamos numa linha de frente nessa batalha pela sobrevivência, porque hoje, quando eu falo de close político, é justamente esse close político, sabe?! Não é só a minha realização pessoal, a minha realização como mulher, sabe?! Não é mais para só pra mim, sabe?! Então é um close político... Hoje eu percebo que assumo um papel, que eu seria muito egoísta se pensasse só em mim, e seria muito burra se pensasse somente em mim porque o que uma travesti sofre na rua, eu também sofro. Então, como ela é hostilizada, ela que 'tá trabalhando fazendo... sei lá... fazendo seu dinheiro na pista, na rua, como garota de programa, por exemplo... Porque a gente vem carregando esse mito na cabeça, porque não temos, não nos ofertam oportunidades de trabalho, e a gente sabe disso, então, bate desespero, é difícil quando você se coloca num lugar de aberração da sociedade. Porque tudo fica mais complicado e as pessoas elas vão continuar sempre julgando essas figuras que são como escória da sociedade, colocando nelas a culpa, sabe?! Quando uma travesti vai pra prostituição, ela muitas vezes não vai pra prostituição por opção, por escolha. A sociedade é muito escrota, ti força a ir. Ainda que a gente tenha tido pequenos avanços, minúsculos

avanços, hoje quando eu vejo uma travesti trabalhando num lugar secular, quando eu vejo uma travesti recebendo diploma de faculdade, quando eu vejo uma travesti exercendo outra vocação, é... que não seja puta, sabe... que não seja garota de programa, eu fico feliz porque é um lugar conquistado, né?! Porque a gente sabe que a sociedade te empurra pra margem assim. É difícil você arranjar um emprego, aí você vai sobreviver do quê? É difícil você arranjar um canto pra morar, man. Difícil você conseguir um apartamento pra alugar, é difícil você, é tentar sobreviver da forma mais... eu vou botar entre aspas “digna” porque eu também acho a prostituição a mais digna delas. Então assim, fica difícil quando o mundo te esconde todas as possibilidades de viver uma vida digna, sabe?! Então aí a gente recorre pras demais, e as mais surreais, é... formas de sobrevivência né?! Se pra isso é preciso vender o corpo, a gente vai, vende o corpo. Se pra isso eu preciso dar os meus gritos e cantar meu rock n’roll eu meto meus gritos e canto meu rock n’roll [risos]. Mas a gente sabe da necessidade de estarmos nessa linha de frente. Eu acho que o que eu tenho pra acrescentar é isso, sabe?! É falar da importância que temos hoje, na nossa cena e falarmos que a gente não pode quanto artista ficar alimentando e inflamando um ego pra morrermos estourados, sabe?! A gente hoje tem que parar de olhar pro nosso próprio umbigo e começar a perceber que não estamos sozinhos no mundo, que não temos somente... que somente nós não sentimos as dores, sabe?! Os outros também sentem dores, o outro também chora, o outro também é morto, o outro também é... é espancado, sabe?! A outra

também é negada, a outra também é rejeitada. Eu quanto artista tenho o poder nas minhas mãos de modificar alguma coisa, sabe?! Nem que seja tocar um coração de um... de um indivíduo sequer no meu show, geralmente eu tenho feito esse acordo nos shows. As pessoas elas colocam em nós, que temos, e que fazemos um trabalho, sei lá, de arte principalmente, principalmente nós que trabalhamos com essa temática de resistência, elas colocam em nós uma responsabilidade como se fosse somente nossa, sabe?! Como se somente eu tivesse essa responsabilidade de me preocupar com o universo trans, com o universo das travestis. E aí eu falo no show, tenho falado muito no show que a responsabilidade é nossa, sabe?! Porque você me conhece, então você não vai ficar feliz em receber a notícia de uma morte minha. Então, a preocupação também tem que ser sua, porque a gente vive no mesmo mundo, no mesmo país, e assim como eu posso fazer alguma coisa, você pode também fazer alguma coisa. Então eu tenho acordado no show, geralmente, e combinado com a plateia de, no dia seguinte daquele show, a primeira travesti que você vir no meio da rua, você vai dar um bom dia, boa tarde, boa noite... E aí ela vai se sentir, pelo menos mais humana, pelo menos mais gente sabe?! Porque até isso, a sociedade é escrota! Ela diz que te aceita, ela diz que “tá bom...” “tá aí teu emprego, ‘tá aí teu lugar, agora faz assim: compra tua casa e se esconde de mim porque eu não quero te ver, entendeu?!”. Então, não! A gente tem que começar a tomar posse dos nossos lugares, a dizer a essa sociedade que sim, existimos e não estamos buscando a aceitação de ninguém. O respeito, ele

é necessário! Ele vai evitar umas mãozadinhas na cara [risos]. Mas é isso! E segue a luta, né man? A gente 'tá aqui pra prosseguir e seguir adiante, juntos! Beijo, man!

Pingo: bom, eu não sou um especialista nessa questão de gênero, nem da questão da transsexualidade... Então você me desculpe se eu não fiz as perguntas da forma correta, se eu não me coloquei da forma correta, mas você pode responder da forma correta, da forma como você desejar e colocar o que você quiser falar, certo?! Esse box no livro é a sua fala, é o seu discurso. Agradeço imensamente a sua participação nesse processo!

Verônica: não querido, o que é isso? Desculpa nada!! Você é um querido, um lindo, superdelicado nas suas perguntas. E vai dizer... quando falar de mim, fale mesmo “mulher trans”, é nisso que eu tenho me pautado, é nisso que eu tenho me fortalecido, man! Boa noite, querido!

Relatos de Histórias de Vida

Juliana Roza

Pingo: Na sua vida, assim, quais foram as mulheres que foram referência pra você? No seu caso específico, eu sei que você perdeu a mãe ainda muito nova, mas destaque mulheres que foram referência na sua vida, não só da sua família, mas no seu meio social. Onde é que elas estavam? E em que sentido elas lhe influenciaram? E também a sua mãe mesmo, tendo falecido cedo, já que ela escrevia etc.

Juliana: em casa, tive um grande exemplo de uma mulher guerreira, a minha avó Nadir, que me criou e me ensinou todos os valores que trago em minha vida. Ela cuidava da casa, cuidava de nós, do jardim, fazia salgados por encomenda pra não deixar faltar nada em casa. Com ela aprendi a ouvir boa música, a ser otimista e a respeitar as pessoas. Outras mulheres que me serviram como referência foram: a minha tia-irmã Cléia, que sempre foi muito presente na minha educação e buscou me ensinar muita coisa da vida, e minha mãe Jane que você conheceu e que deixou-me de herança a veia artística, que aflorou quando tomei conhecimento da sua história na militância política e das coisas que ela gostava de fazer, como escrever, pintar, estudar e viver bem a vida... é tanto que minha primeira música aconteceu porque achei um poema dela chamado

“Negue”, que me levou a cantarolar e colocar melodia, que acabou virando um belo samba!

Pingo: Outra, quais foram as mulheres que foram referências para você optar por essa carreira artística, quais eram as mulheres que lhe inspiraram a seguir essa trajetória artística e porque que essas mulheres lhe influenciaram?

Juliana: desde pequena ouvia muitos vinis com minha vó Nadir. Nossas tardes na semana e finais de semana eram regados a MPB, músicas bolivianas e músicas gaúchas. Das cantoras preferidas dela, que acabaram se tornando as minhas também, estão: Mercedes Sosa, com uma voz forte e letras que falavam de luta, resistência e sentimento; Elis Regina, que me encantava por sua afinação e a brincadeira que fazia com a voz, a maneira que a manipulava nas interpretações; Henriqueta Ulloa, uma cantora boliviana que eu gostava de ouvir, cantar e dançar; e mais tarde, já na minha adolescência, quando comecei a ouvir mais sambas, Clara Nunes, com sua força e bela voz em suas interpretações.

Pingo: Ao se decidir por essa carreira, como é que isso se deu dentro do seu meio familiar e social? Eu sei que não acontece duma vez, vai acontecendo... mas qual foi a reação das pessoas, dos amigos, da

família, do meio social, quando você passou a optar por essa profissão artística?

Juliana: a música teve um papel muito importante de resgate e direcionamento em minha vida. Após a perda de minha avó, acabei me distanciando um pouco do sentido da vida, do que queria realmente para mim. Conhecer e conviver com pessoas que estavam estudando e vivenciando ritmos e brincadeiras populares me envolveu de tal forma, que me fez me descobrir cantora e compositora. Na minha família as pessoas aceitaram bem, menos o meu avô, militar, que olhava para tudo com olhar meio torto. Os amigos e amigas sempre me apoiaram e foram de fundamental importância para que eu me empolgasse ainda mais!

Pingo: Como é que você sente essa questão de gênero dentro da sua profissão? Como é que se deu o fato de você ser mulher e ter optado por uma profissão que ainda é majoritariamente masculina, machista? Então como é que você vê esse diálogo de gênero na sua profissão, como é que você discorre sobre o fato de ser mulher e ter essa profissão de cantora, atriz e compositora?

Juliana: por mais que existam diálogos e meios de conscientização de que todos temos direitos iguais e podemos exercer as mesmas funções, sem deixar a desejar em nada, o mundo, e a forma como educam as crianças ainda é muito machista. No meio artístico, sinto muito o preconceito dos homens. Às vezes é preciso relevar algumas coisas pra não haver mal estar. Amo o que faço e pratico o que aprendi com amigos brincantes de reisado: quando entramos na brincadeira, nos tornamos realmente

o personagem que vestimos, que estamos interpretando. E é assim que busco me sentir. E quando subo ao palco, entendo que ali é a Juliana Roza cantora, que se apresenta. O teatro surgiu na minha vida de repente e se tornou uma atividade que aprecio bastante também. Compor para um espetáculo é como abrir um leque de possibilidades, é mágico! As minhas composições trazem um pouco de mim, do que gosto de fazer, do que vivencio. Acredito que por isso me sinto à vontade quando as apresento.

Pingo: Como é que você vê essa questão de gênero hoje? Como é que você encara essa questão desde o começo de sua carreira até hoje? Se você vê evolução, como é que você vê hoje as relações de gênero? Como você encara isso e quais são as suas perspectivas?

Juliana: percebo sim que vem havendo mudanças no meio artístico, na forma de alguns homens tratarem as mulheres. Mas penso que pode melhorar ainda mais, afinal, nós mulheres apesar de sermos fortes, somos delicadas e merecemos ser bem tratadas! Houve algumas mudanças boas em minha vida e isso me levou a mudar o foco um pouco momentaneamente. Minha meta agora, além de continuar tocando e cantando com a Fulô da Aurora e com o Edivaldo Batista, no teatro, é dividir com o mundo essa maravilhosa descoberta do universo da maternidade através de canções que retratam isso.

Relatos de Histórias de Vida

Lorena Nunes

Pingo: Na sua infância, adolescência, socialmente e a nível familiar, quais foram as mulheres que lhe influenciaram ou foram determinantes na sua formação, especificamente na questão musical? quais foram as pioneiras a lhe inspirar musicalmente?

Lorena: A minha família, tanto por parte de pai, quanto por parte de mãe, são famílias muito matriarcais, de mulheres de muita força, em que as mães são muito o centro da criação. Então, realmente a minha família toda, minhas bisavós, minhas avós, tias e a minha mãe com certeza são referências muito fortes pra mim. Então, nesse sentido vem desse exemplo... são todas mulheres que da sua maneira foram sempre líderes, ou líder de casa, ou pioneiras como minha avó paterna, que foi uma das primeiras mulheres negras a trabalhar na repartição pública lá em Belém; a minha avó materna que também trabalhava e era enfermeira chefe de hospital; a minha tia, que você até conhece, que também é mulher negra e atua em cargo de liderança; e a minha mãe também é uma mulher que sempre teve muito à frente de muitos trabalhos sociais, coordenando pessoas. Então nesse sentido eu tenho um exemplo sempre de mulheres muito fortes e muito realizadoras perto de mim. E isso é uma grande referência pra mim e algo que se espelha muito no que eu sou agora, isso de ser empreendedora, de ser

empresária, de ser minha produtora, de também 'tá à frente de equipes e de coordenar grupos de pessoas ne?! Isso tudo reflete muito na minha carreira e inclusive no sentido de gestão, que anda paralelo com a parte artística. Na parte de referências artísticas, as mulheres que sempre me influenciaram muito musicalmente... eu digo que eu aprendi a cantar imitando Elis, a Bethânia... Minha mãe sempre gostou muito de Bethânia e depois, já na minha adolescência, fui ter encantamento pelo jazz e as divas do jazz como a Nina Simone, apesar de eu gostar muito da Billie Holiday, da Sarah Golden, da Ana Crow... Admiro também outras mulheres que eu vejo aqui no Ceará. Uma das que eu conheci logo de primeira, que eu acho muito massa o jeito dela e que eu vejo que ela também 'tá dentro de uma família de música é a Aparecida Silvino, que já vem da Izaíra, né?! É muito legal! E eu vejo também a Isabel Silvino que é produtora, eu acho legal observar também as mulheres da família Silvino, aqui no Ceará, Fortaleza, né?! Eu acho bacana.

Pingo: Você como mulher assumindo essa profissão de musicista, compositora, cantora, como é que você vê a questão de gênero dentro do universo musical? E como é que você vê isso no geral hoje na sociedade brasileira?

Lorena: Assim, isso na prática, apesar do ambiente musical ter muitos homens, é muito comum você também ter cantoras, né? Eu acho que, na prática do exercício da carreira, a questão do gênero não é uma questão que eu paro pra pensar muito sabe? Porque apesar da gente viver numa sociedade machista e isso se transparecer em todas as áreas — inclusive nas áreas musicais —, entre as pessoas que eu trabalho, felizmente isso não é algo que tenha aparecido de uma maneira que eu tenha um episódio incômodo pra contar e tal. Acho que o que eu posso dizer que no sentido de produção eu já tenho que ter uma outra postura, porque a gente trabalha com técnicos de som, roadies, bigus, pessoas que às vezes... se você... aquela coisa... acaba que tem que ter cuidado pra não usar uma roupa curta, um decote muito curto, porque eu vou 'tá ali fazendo uma função de produção e infelizmente eu não vou querer catequizar as pessoas ali na hora pra entender que e pra me tratar bem, independente da roupa que eu 'tô usando. Então pra não me estressar eu acabo fazendo isso. Mas é uma coisa que acaba... eu não dedico tanto tempo me preocupando com isso porque tem outras coisas no dia a dia do viver, do fazer artístico que eu poderia citar que me incomoda muito mais e que não passa pela questão de gênero, talvez até a questão de cor se manifeste mais em outros aspectos, a questão de eu ser negra e a gente viver num lugar que é muito racista. Mas olhe que eu sou considerada por muitos a moreninha, né?! Morena clara, mas que já é uma forma de racismo... mas essa questão de gênero não. Não muito.

Pingo: Gostaria que você ficasse à vontade pra fazer as considerações finais que achar necessário pra gente terminar essa entrevista.

Lorena: O que eu posso dizer é que eu 'tô achando muito importante todo movimento que 'tá acontecendo. As pessoas comecem — apesar de ter gente que diz “agora só se fala nisso” — eu acho que ainda tem que se falar mais, apesar de eu achar que tem muitas pessoas muito inflamadas, mas... Eu acredito que toda mudança antes de chegar no equilíbrio, você vai pra um extremo, né?! O caos que antecede a ordem... Eu vejo que os extremos, que muitas vezes a gente consegue enxergar alguns debates dessa inflamação, talvez seja esse caos que 'tá antecedendo uma ordem, um reequilíbrio, né? A gente voltar a ter um equilíbrio e um equilíbrio é uma igualdade realmente! E sim, preciso falar disso porque existe um tempo de que foi feita uma construção muito forte, numa sociedade patriarcal que foi se estabelecendo com a igreja católica, com iluminismo... Então, isso já vem muito tempo... Uma construção social histórica muito forte, em que a mulher é colocada em segundo plano, onde a mulher não é considerada nem gente. Tinha o mesmo valor ou menor que um escravo, só existia sobre a validação de um homem. Então assim, isso é algo muito forte, muito antigo, ainda arraigado, e acredito que todo esse movimento de feminismo mesmo e de empoderamento — apesar dessa palavra 'tá até gasta — mas o empoderamento mesmo do feminino é extremamente importante, válido tanto do feminino, quanto dos negros, quanto dos homossexuais e todos os grupos considerados entre as minorias e que na realidade não são minoria, né?! Acho que a

palavra “minoria” não representa mais e, digamos, os grupos que por uma construção histórica e social têm vivido em prejuízo é importante que a gente agora continue ajustando isso pra que as oportunidades sejam realmente iguais e pra que todo mundo exista de fato como igual. E isso é algo que pra mim ainda vai ter que ter muito debate, muita desconstrução... Ainda ‘tá é longe! Mas, felizmente a gente já vê alguma coisa começando a caminhar, né?! Eu acho que é isso, se tiver mais alguma coisa que você queira perguntar, acrescentar, ‘tamos aí! ‘Tá bom?! Obrigado pelo convite, participação pelo livro e quando tiver pronto me avise e me chame pro lançamento. Um abraço!

Relatos de Histórias de Vida

Lidia Maria

Pingo: Eu queria que você, por favor, se identificasse, falasse o seu nome, onde nasceu, sua idade, seus pais, de onde eles são e o que eles faziam ou fazem.

Lidia: Eu me chamo Lidia Maria Matos Lopes, nasci em Fortaleza, nasci dia 21 de julho de 1988. Meu pai é o Luiz Carlos Lopes, ele é de Camocim, minha mãe é Maria Mirian Matos Lopes, nascida ali entre Maranguape e Maracanaú. Ambos vêm de família bem grandes. Essas famílias grandes de oito irmãos, nove irmãos, acho que na família da minha mãe eram dez, do meu pai deve ser uns seis, sete. Famílias de origem pobre, de dinheiro escasso e tal, de muitas dificuldades. Ele e minha mãe, há muitos anos trabalham como autônomo, como comerciantes ligados à alimentação (lanchonete). Ela sempre se destacou assim cozinhando e tal e acabou montando um comercio há muito tempo, em vários lugares da cidade. Já passou! Assim, tinha no centro da cidade por muito tempo e, depois, por muitos anos, foi na minha casa. Acho que vai fazer dez anos que ela 'tá no SESI da Barra do Ceará, onde a gente sempre morou. E o meu pai sempre trabalhou em indústria, acho que ele passou praticamente uns 30 anos da vida dele trabalhando na indústria têxtil, na antiga Fina Brasa que hoje é Vicunha. Ele era coordenador de produção. Eles

sempre gostaram muito de música, são bem musicais as pessoas lá de casa.

Pingo: Na sua infância, adolescência, socialmente e a nível familiar, quais foram as mulheres que lhe influenciaram ou foram determinantes na sua formação, especificamente na questão musical? quais foram as pioneiras a lhe inspirar musicalmente?

Lidia: Bem, acho que a primeira mulher que me influenciou foi a minha avó porque ela tocava violão e participava de um grupo do Teatro São José, relacionado à cultura popular, ela dançava São João, era como uma espécie de grupo folclórico. Eu tenho uma lembrança pequena disso, porque ela morreu quando eu tinha 12 anos. Mas o violão dela sempre foi um mistério pra mim. Ficava no quarto dela, a gente não podia tocar, eu ficava só mexendo, ele ficava pendurado no armador com uma roupinha que ela mesma costurava. E eu tenho poucas lembranças dela tocando, mas eu tenho certeza que isso é uma grande influência, porque eu sempre tive vontade de tocar violão e quando ela faleceu, quando eu tinha 12 anos, eu fiquei com o violão dela, um violão que eu tenho até hoje. Eu acho que o fato de você ver uma pessoa da família... uma mulher tocando, com certeza me influenciou a ser uma mulher que toca. E eu acho que talvez entre a infância e a

adolescência tenha sido a minha avó mesmo. Acho que fui ter mais influência de outras mulheres já perto assim dos vinte anos.

Pingo: Quais foram as mulheres cantoras, artistas de referência, que lhe inspiraram e que foram determinantes pra sua caminhada artística? Nesse contexto, há alguma cearense?

Lidia: Acho que a Roberta Sá é uma cantora que me inspira muito. Gal Costa e Baby do Brasil também, mulheres da música brasileira... Acho que são três mulheres que me influenciam muito. Gosto muito do trabalho delas e do que elas representam pra música brasileira. Bem, como eu falei, eu acho que a Roberta Sá tem uma influência muito grande porque quando eu ‘tava ali perto dos 20 anos ela ‘tava começando a lançar os discos dela, cantando muita música brasileira, interpretando samba, bossa nova, acho que era algo que eu ouvia muito. E por mais que eu não me identifique completamente com ela... Tenho outras influências, mas eu acho que ela, da minha geração, foi uma das que mais me influenciou e de uns tempos pra cá, Baby do Brasil vem me influenciando de uma maneira muito forte. Me identifico muito com o repertório delas, a maneira como elas interpretam... Acho que a Gal Costa também entra nisso. A maneira como ela interpreta a música e tal. Dentre as mulheres cearenses realmente não tem uma que eu diga que foi, “nossa, essa mulher me influenciou e tal...”. Mas acho que no Ceará foram mais homens mesmo.

Pingo: Quando você foi optar pela questão musical, se profissionalizar, como foi essa questão dentro das suas relações sociais de casa, na família, no trabalho?

Aonde foi que isso foi determinante? Acho muito interessante aquela história que você me contou do SESC, do Pão de Açúcar, da sua formação... Então antes de você falar da sua opção por essa profissão, gostaria que você falasse da sua formação nesses espaços sociais.

Lidia: Minha primeira escola de música foi o Sesi da Barra do Ceará, onde funcionava uma banda de música e uma orquestra. Eu entrei lá pra aprender a tocar saxofone, passei por um pequeno período tentando aprender a tocar percussão, cantei na big band do Sesi; lá eu tinha aulas de teoria musical e tinham festivais de música. Então foi muito importante! Os primeiros repertórios de música brasileira, muita coisa eu aprendi no Sesi, hoje em dia eu vejo como o Sesi foi bacana. Depois eu fui pro conservatório Alberto Nepomuceno aprender a tocar guitarra. Passei um ano lá, depois já ali perto dos 18 anos, acho que assim que eu entrei na faculdade, eu entrei pra uma ONG do Pão de Açúcar, que era a Orquestra Nordestina Acordes Terra do Sol, que tinha o Marcos Feitosa e o Elismário como dois dos professores. Acho que eu nunca cheguei a ser da orquestra. Eu fui aluna, fiz algumas apresentações com a orquestra de base, mas com a orquestra principal, eu nunca cheguei a participar. Mas foi muito bacana também. Pronto. Acho que aí entrei na escolinha de choro do Sardinha, que tinha na FUNCET. O Sardinha fez algumas edições lá, onde eu aprendi a tocar bandolim e isso foi muito importante pra minha profissionalização porque aí eu ajudei a montar o grupo Fulô de Araújo, um grupo de mais cinco meninas, Marília Magalhães na flauta, Bárbara Sena, no violão sete cordas, Crysiane

Soares, no violão de seis, Clarissa Brasil, no pandeiro, e Brena Freire, no cavaquinho. Então, foi um passo muito legal porque eu acho que foi o primeiro grupo mais profissional, né?! Começamos a tocar em festivais, centros culturais e teatros né?! E depois daí foi que eu decidi que eu queria cantar... Eu já cantava na igreja e antes de começar nas escolas de música já tinha bandas de garagem com os amigos, uma coisa mais pop rock mesmo, e o grupo de canto da igreja, isso com dez anos de idade, né?! E desde essa época eu já cantava, mas primeira vez trabalhando mesmo, acho que foi com o Fulô de Araújo. Sobre essa questão de decidir trabalhar com música, eu sabia que a música estaria comigo, eu só não sabia como... acho que ninguém fica dizendo por aí “vai trabalhar com música!”, né?! Ninguém fala isso pra você. Só que quando eu fui ficando mais velha eu fui vendo que isso era realmente uma coisa que eu queria muito. Eu até pensei no terceiro ano em fazer vestibular pra música mas eu tive muito medo, por conta do mercado de trabalho, e acabei fazendo ciências sociais que também nem é uma área tão fácil, nem sei porque acabei optando por não fazer música, acho que eu tinha medo de não me destacar e tal porque eu acho que era uma coisa tão importante pra mim que eu gostaria realmente de ser um destaque e tinha medo que isso não acontecesse e sempre tive uma vontade muito grande de tocar, de ter o instrumento como uma coisa principal e ele acabou meio que ficando de lado. Tocar pra mim sempre foi mais difícil e cantar mais fácil, porque eu faço com mais facilidade. Então, o canto que pra mim sempre foi mais fácil acabou virando o centro de tudo. O canto, cantar e

compor. Eu nunca tive uma relação extremamente positiva, mas também minha família nunca disse “não faça isso!”. Eu acho que sempre me alertou pras dificuldades que eu iria ter, mas nunca foi uma coisa de proibição, ou de uma reação extremamente negativa e hoje em dia eles respeitam muito isso e eu acho que as pessoas ao meu redor, amigos e tal, sempre diziam “ah, você tem que fazer isso porque é o que você vai se dar bem, é o que você gosta, você canta bem, você é musical...”. Acho que os amigos também, depois que me viram cantando e tocando, incentivaram.

Pingo: Como é que você vê essa questão de gênero dentro do universo musical? Você como mulher assumindo essa profissão de musicista, compositora, cantora, como é que você vê isso no campo geral hoje na sociedade brasileira. Certo?!

Lidia: Bem, eu acho que a mulher sempre esteve na música! Talvez ela não tenha um reconhecimento disso, da grande influência que ela tem na música. E... Chiquinha Gonzaga já ‘tá bem ali no começo da música brasileira, e ‘tá completamente ligada ao nascimento da música popular brasileira, da música carnavalesca. Foi uma mulher de vanguarda, acho que ela que criou uma das primeiras editoras de música no Brasil e tal. Acho que a mulher sempre esteve no contexto, mas sempre cantando. Eu acho que tem esse lance da mulher tocar piano, fazer parte da educação... Acho que o fato da mulher ter que ficar mais no ambiente doméstico acaba influenciando para que ela não esteja tão presente no mundo da música, assim produzindo, fazendo música... assim, isso de ser instrumentista sempre

ficou a cargo dos homens, no geral, e, claro, eu acho que hoje em dia isso ‘tá mudando por uma questão da mulher ‘tá ocupando o espaço de uma maneira geral, espaço que ela não ocupava. Mas eu acho que a mulher não é levada tão a sério. Talvez exista aquela coisa de quando se vê uma mulher tocando ela é quase tratada como um enfeite! “Ah, nossa! Que lindo! Ela toca né?”. Ou então, como e que eu posso falar? Eu vou falar com um exemplo que aconteceu comigo esses dias, semana passada. Eu contratei uma menina pra tocar teclado comigo, a Joana Lima, ela tem 20 anos toca e muito bem e eu coloquei ela no grupo de WhatsApp junto com os outros meninos. Um deles não conhecia a Joana e eu conversando com todo mundo o tempo todo sobre a programação e tal... Quando chegou no ensaio ele pensava que a Joana era uma backing vocal, não imaginava que ela fosse assim uma instrumentista. Então isso é uma prova de que sim, existe o preconceito, ou conceito, sei lá, de que a mulher não toca, ela canta! Acho que a mulher não é muito solicitada, não é muito pensada pra isso, não é muito incentivada pra isso, pra estar nesse lugar. Claro que se ela estiver e tocar bem e se destacar, ela vai conseguir o espaço dela, mas existem muitos desafios. A música ainda é muito masculina, né?! E talvez a mulher não seja muito consultada quando se trata de... vamos dizer assim... da produção musical, cantar é uma coisa né?! Acho que os grandes homens sempre são reconhecidos no Brasil, sabe?! Como Pinxinguinha, Waldir Azevedo, ... Tom Jobim, Vinícius de Moraes... acho que as pessoas não valorizam o poder das intérpretes, entendeu?! De como elas estavam junto desses caras e fizeram a

música deles aparecer e, ao interpretá-la, também dar uma cara pra música, né?! Interpretar é quase compor. Porque você pega uma canção e interpreta e faz com que as pessoas escutem aquela música feita... Então eu acho que tem a ver com isso. Eu acho que às vezes as pessoas desacreditam assim um pouco: “Ah, mas ela toca, mas é mulher, será que ela toca bem?”... Acho que a mulher ‘tá mostrando que isso não é verdade, mas que ainda existem muitos preconceitos sim.

Pingo: se você quiser, você pode fazer alguma consideração final, ‘tá certo?! Obrigado Lidia!

Lidia: Pingo, a consideração que eu tenho pra fazer é que essa questão da mulher estar no mercado... ‘tá, ‘tá... não precisamente no mercado, mas estar tocando, fazendo, produzindo, ou cantando, compondo, enfim... antes eu me incomodava quando as pessoas ficavam: “ai, nossa, uma mulher tocando!”, já que eu já participei de vários grupos, exclusivamente femininos, e essa questão da mulher na música faz parte da minha carreira, né?! Estive com o Fulô de Araújo (de 2008), foi meu primeiro grupo, exclusivamente feminino, com o Dorothy L’amour (de 2010), que era um bloco de carnaval, só de mulheres também, e participei do projeto “Elas Cantam Fortaleza”, que era um grupo de mulheres tocando só música cearense formado para um show específico, e também produzi um show chamado “Alencarinas”, que reunia quatro intérpretes, compositoras mostrando suas músicas e suas interpretações na música cearense, acho que a gente fez show em 2014 e... no dia da cultura no Estoril. Era Jord Guedes, Mel Mattos, eu e Bárbara Sena.

Então, antes eu me incomodava quando as pessoas diziam... ficavam olhando, ficavam elogiando aquilo como se fosse... pelo fato de ser diferente, ter uma banda só de mulheres. Isso me incomodava um pouco, eu não queria ter essa situação, eu queria ser igual a qualquer grupo masculino, mas hoje eu vejo que a gente merece assim que se bata palma por isso, porque a gente é um grupo de mulheres e 'tá fazendo isso porque não é comum. Nós não somos incentivadas a isso, somos de certa forma, reprimidas pelos homens. Acho que pelo fato de o espaço ser muito masculino, se reprime um pouco as mulheres, então quando a gente consegue chegar nesse espaço que é masculino sem um grande incentivo, sem representatividade, isso deve ser sim destacado, sabe?! Isso deve ter seu lugar de mérito.

Relatos de Histórias de Vida

Nayra Costa

Pingo: Quais são as suas referências femininas de vida?

Nayra: femininas de vida além de minha mãe, né?! maravilhosa! A minha avó, que eu fui criada por elas duas. E artisticamente falando, é muito... Elis Regina, eu acho ótimo! Aretha Franklin, amo demais! A Billie Holiday, a Ella Fitzgerald, a Nina Simone, a Janis Joplin, hum... nossa!! Tem várias! [risos]

Pingo: nesse seu universo, você teve alguma referência artística feminina cearense?

Nayra: Olha, cearense... não referência artística feminina, mas... mais masculino porque minha mãe trabalhava com o Alta Tensão, era empresária do Alta Tensão, então, quando eu era pequena, eu ia ver show do Alta Tensão e o Armando e o Roni, eles ficaram mais minha referência, assim quando criança mesmo. Mas feminina não. Depois, eu gostei muito da Kátia Freitas também, e da Fhátima Santos, eu via ela cantar toda vida achava a coisa mais linda do mundo. Vi uma vez Lili Alcalay, uma ou duas vezes cantando, eu acho que talvez na Biruta, há uns muitos anos atrás. No Marajazz.

Pingo: Sua mãe, você falou que ela foi produtora?

Nayra: foi! Minha mãe empresariou o Alta Tensão nos anos 1990. E eu ia muito pros shows, né?!

Pingo: Ao você optar pelo meio artístico musical, ao optar por se profissionalizar, o fato de ser mulher e de viver nesse universo... você refletiu sobre isso? Existem algumas reações que colocaram isso em evidência, ou não? Como é que foi? Você pensa isso?

Nayra: bem, como eu penso isso? Assim, a minha família me educou a nunca ser besta, em qualquer coisa que eu seguisse, nunca... Sei lá, sempre ser mais eu mesma, não levar em consideração se alguém disser que eu não posso fazer algo, saca?! Você tem de ser você, tem que se garantir, tem que botar a cara a tapa. Enfim, essa minha criação refletiu nessa minha profissão, escolha. Sinceramente graças a Deus eu não tive muito problema com isso, a maioria dos anos que trabalho com música sempre eu era a única mulher do projeto inteiro, sabe?! E sei lá não sei se é o meu jeito, até a galera que trabalha comigo me vê como um homem [risos].

Pingo: Então você nunca sentiu uma dificuldade específica pelo fato de ser mulher e trabalhar nesse universo?

Nayra: Não. Assim, no estilo do rock já vi gente dizendo “Ah, mulher, não sei o quê...”, mas no meio do rock!! Eu já passei por vários estilos e nesse, em especial nesse estilo, eu senti um pouco mais de preconceito, senti um pouco mais de dificuldade

para conseguir pessoas pra fazerem um projeto de metal, assim, por exemplo, a galera nunca queria fazer comigo [risos].

Pingo: Como é que se deu a sua formação nesse campo musical?

Nayra: muita prática. Eu acho que foi... eu ainda de menor, com 16 ou 17 anos, eu cantei no Alta Tensão. Depois eu fiz a minha própria banda, quer dizer, eu entrei numa banda que já era mais o meu estilo assim, que eu gostava de cantar. Eu entrei no Alta Tensão? tipo, “não!”. Depois disso eu não quero mais cantar forró, mas...

Pingo: qual era essa banda?

Nayra: não, o nome dessa banda eu acho que eu não sei se era Conexão Central?! Era duma galera lá do Álvaro Wayne, sabe?! A gente tocava a troco de cervejas, muito pouco dinheiro às vezes e tal, mas eu comecei por aí.

Pingo: e você era bem jovem ainda?

Nayra: é. Eu tinha 16 ou 17 anos...

Pingo: e tocava nessa banda? Isso lá no bairro?

Nayra: no Álvaro Wayne, eu morava lá, às vezes que eu ficava com a minha mãe, toda vida eu passava mais tempo ensaiando com a galera do que na casa da minha mãe [risos].

Pingo: Aí me diga uma coisa: depois dessa banda como é que...?

Nayra: nossa! Depois dessa banda eu comecei a entrar, não nesse circuito que eu ‘tô hoje, eu acho que nesse circuito que eu ‘tô hoje eu fui mais conhecida depois que eu entrei na Matutaia, que foi muitos anos depois de eu estar nessa banda. Nessa eu fui passando pra outra, que foi vendo eu cantar... “ei, tu quer cantar comigo? Aí eu “Quero!”. Aí fui passando pra outra e assim sucessivamente e fui mudando os estilos também, mas eu acho que no circuito que eu ‘tô hoje, eu fui mais conhecida quando entrei no Matutaia, foi quando eu comecei a fazer o Órbita Bar, aqui sabe?! Cantei em vários restaurantes aqui e boates que nem existem mais [risos].

Pingo: Você se considera que começou na noite praticamente?

Nayra: comecei! Eu me lembro que a primeira boate que eu cantei aqui na praia de Iracema foi o Teccafé.com e o Esporte Bar Universal Esporte Bar [risos].

Pingo: aí cantava o quê lá?

Nayra: cantava... alternava os dias da semana, não era fixo não, mas a banda era pop, era abertura da banda era “Ghostbusters” (cantando), do filme “Ghostbusters”, aí tinha Roxette, tinha Silverchair, tinha Guns n’ Roses, Alanis Morissette, essas coisas.

Pingo: E na noite? Essa circunstância da noite, o fato de ser mulher, tinha alguma dificuldade, ou não?

Nayra: ah... na noite tem mais, né, cara? Porque você lá na noite, pra galera, você pensa que você, deve ser... não sei, é puta. Só porque ‘tá lá de noite, de madrugada, tá na boate, e até porque ‘tá, por estar cantando também a galera às vezes até pensa que

you é uma presa fácil, um alvo fácil, porque você ser mulher e 'tá bebendo, a galera lhe oferece bebida, mais bebida pra você ficar bêbada e ser um alvo mais fácil. Enfim, saquei tudo isso logo, sabe? nem precisei vacilar não, só saquei mesmo. Graças a Deus eu tenho uma perspicácia boa e bebia mais que os boys e eles ficavam bebos... [risos]. E eu, tchau, beijo! [risos]

Pingo: Aí você fala que a Matutaia lhe trouxe outra... outro...

Nayra: foi... outro universo. Eu comecei a trabalhar com a galera muito massa! Geovane, Luquinha, Luquinha que tá aqui, ele foi embora pra San Diego há dez anos que ele foi embora, ele voltou um dia desses, sabe?! Geovane, Davi Farofa, o Felipe Maia... Eles me apresentaram tanta música legal, que até então, eu tinha mais ouvido metal, rock, essas coisas, sabe?! Eu comecei a escutar jazz, eu comecei a escutar funk, setenta, conheci a Aretha Franklin, conheci Chaka Khan...

Pingo: Quer dizer que no início você era uma roqueira, uma metaleira?

Nayra: não era uma roqueira... metaleira com certeza! Da Matutaia eu fui pra Super Soul e da Super Soul eu acho que eu comecei a fazer umas coisas como Nayra Costa e banda.

Pingo: mas foi Marajazz também não?!

Nayra: Marajazz também. Mas foi depois.

Pingo: foi depois do Matutaia?

Nayra: foi depois, foi depois.

Pingo: Como é que foi o início do seu trabalho que você considera solo? Foi esse não?

Nayra: não, na verdade, solo não. Eu só comecei a vender o meu nome, porque... solo eu considero agora que eu 'tô pro disco ser lançado, mas, a Matutaia foi massa!

Pingo: então aí você 'tava no Matutaia, na Marajazz... e você teve alguma formação, algum instrutor, alguma formação específica?

Nayra: eu frequentei a escola Luiz Assunção, do Professor Jairo, que eu adoro! Todo mundo que estuda lá diz que ele sempre fala de mim, eu queria um dia ir lá visitar...maravilhoso. Frequentei lá um tempo... sei lá, uns seis meses...

Pingo: estudava o quê lá?

Nayra: canto. Com o professor Jairo!

Pingo: e você considera que essa experiência acrescentou?

Nayra: essa experiência foi ótima! Maravilhosa! Mas foi a única vez que eu fiz teoria, assim... ah! Frequentei também a Maninha Mota, mas foi apenas dois, três meses...

Pingo: Também canto?!

Nayra: também canto. Assim, minha mãe queria muito que eu aprendesse a tocar violão, mas eu nunca me interessei por coisas de cordas. Quero teclas. Mas até agora, só tenho uma escaleta. Que de vez em quando...

Pingo: e seus pais, quando eles perceberam essa sua vocação, ou essa sua vontade de se profissionalizar, qual foi a reação deles?

Nayra: assim, minha mãe percebeu mais e tal e me botou nessas aulas, mas eu sempre fui uma má aluna. Mas a partir daí, quando a minha mãe viu o interesse que eu tinha por música, disse assim: “você estude, você quer fazer isso aqui minha filha? Você estude!”. Aí eu estudava, às vezes não ia muito bem, às vezes ela dizia: “vai sair da aula!” [risos].

Pingo: e seu pai?

Nayra: meu pai sempre foi ótimo com tudo! Mó limpeza! Adoro!

Pingo: então ele também foi uma pessoa que lhe estimulou?

Nayra: os dois.

Pingo: sua avó?

Nayra: não de dizer assim: “vá, vá, vá logo!”, mas quando eu comecei a mostrar interesse por isso, não foram como a maioria dos pais da galera que trabalha comigo, que vive de música também, que os pais tipo, sempre acharam ruim e horrível... “nem trabalho é, né?!”, eles acham que a música é... Já meus pais foram completamente diferentes: minha avó também, todo mundo me deu o maior apoio! Ela entendeu e ainda mais por ver que eu chegava do colégio, eu sempre estudei de manhã, por isso que eu acho que eu tenho um negócio de acordar de manhã, sempre estudei de manhã, aí eu ia pra esse colégio, aí chegava em casa, ao invés de ficar fazendo as tarefas, eu passava a tarde toda cantando. Todinha.

Até sete horas da noite. Que era a hora que minha avó se recolhia e precisava...

Pingo: O que esse cantar representa pra você? Assim, como é que você sente isso?

Nayra: olha, eu acho que cantar pra mim é... poxa. É muita coisa, eu acho que sou eu. Me resume. Eu. Cantar sou eu. Não sei. É maturidade, é tanta coisa. O cantar me deu... tudo o que eu ‘tô te dizendo aqui foi por causa do cantar. Todas as experiências que eu tive na minha vida foram por causa de cantar. Eu nunca trabalhei com outra coisa, a não ser cantar [risos]. Cantar, cantar.

Pingo: Você tá agora fazendo um disco, né?!

Nayra: isso. Consegui em 2016 ser contemplada pra participar do Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes. Foi maravilhoso, nossa! O Porto Iracema fez todo esse sonho virar realidade. Que foi quando eu pude organizar uma equipe, que foram os músicos que participaram comigo, e um local pra só pensar nisso. É isso que o Porto Iracema me proporcionou.

Pingo: Como é que você sente essa relação entre os seus amigos músicos, seus colegas intérpretes... o meio artístico em geral, assim, mesmo superficialmente?

Nayra: acho que eu sou mó limpeza... E a galera é mó limpeza comigo, mesmo. Poxa! Todo mundo que me vê faz uma festa, a gente conversa, sabe?! Com cantoras também, na verdade, eu acho que eu sou bem quista [risos]. Eu acho que eu sou realmente mó limpeza [risos]. E a galera vê isso, sabe?! E eu, sinceramente, é de coração, eu não sinto nada de competitividade, essas coisas não. Eu acho que

cada um tem a sua arte, cada um é bom no que faz, saca?! E é isso! Cada um tem suas experiências, cada um tem suas histórias pra contar, e cada um tem suas opiniões até vivido as mesmas histórias... enfim... eu respeito a opinião dos outros, e eu acho que a galera até respeita a minha também.

Pingo: eu quero que você me fale algo, algo, algo que pra mim tem sido fenômeno recente. Porque na década de 1970, as pessoas mesmo que viveram o êxodo, quase que por uma necessidade real de sobrevivência, que eram na época, os festivais que aconteciam fora, as gravadoras e tal. Depois, nós vamos ter uma grande lacuna aí nesse êxodo, porque o pessoal do Massafreira quase ninguém migrou, depois posteriormente o pessoal da década de 1990 que já começa a fazer disco aqui, começou a produzir aqui, então migrou... alguns, esporadicamente. Agora, esse fenômeno tem se intensificado nos últimos anos, com muitos artistas cearenses tentando se radicar em São Paulo, tentando uma perspectiva... É isso que eu quero que você fale. Tentando uma perspectiva de ocupação de espaço nacional, a partir de São Paulo. É, a gente pode ver os Selvagens, a Verônica Valentino... Você vê outros artistas que estão nesse processo e isso não ocorreu tão categoricamente na década de 1980 e 1990, dessa forma mais densa. Então eu queria que você me dissesse como é que você vê isso, e quais são essas suas perspectivas nessa viagem de sair daqui. E também como é que você pensa isso hoje?

Nayra: eu sou uma delas até! De quatro anos pra cá a gente teve... olha, eu vou falar de coisas que eu 'tô notando que talvez dê uma uma reviravolta nesse

negócio. Porque ainda às vezes eu acho necessário sim, você como artista, se tem alguma coisa pra mostrar, se jogar pra São Paulo mesmo! A galera já tem essa cultura, público e contratantes de deslumbrar pessoas que tenham qualquer tipo de notícia e funcionamento lá. Mas aqui, eu acho que festivais como o Maloca Dragão, que 'tá vindo, sabe?! E outros festivais também, e outras atitudes de governantes e contratantes daqui... A coisa 'tá começando a mudar. Tipo o Beach Park tem rádio, eu não vou citar nomes, sei lá, tem rádios que já 'tão colocando uma programação completamente de pessoas daqui, contemporâneas, sem ser só os das antigas, sabe?! E esse negócio 'tá começando a ter uma formação de público aqui mais da gente, fora a gente botar na cabeça dessa galera, tentar jeitos mirabolantes de mídia de dizer "me escute!" [risos].

Pingo: Mas você tem planos de sair, de viajar?

Nayra: tenho. Ave Maria! Tenho super! Assim, a primeira coisa, só 'tô pensando em terminar o disco, preciso terminar o disco, conseguir dinheiro pra isso, tem que 'tá aqui mesmo. Vai ser muito... sabe?! Tem que fazer isso e depois desse disco lançado, eu vou pensar numa... como eu já trabalhei lá, conheço várias pessoas lá, é...

Pingo: Morou quanto tempo em São Paulo?

Nayra: eu, na primeira vez que fui, em 2011, passei oito meses. Aí fui embora pro Qatar e em 2012 eu vim embora pra cá

Pingo: Foi embora pra onde?!

Nayra: pro Qatar, no Oriente Médio. Eu morei no Qatar, na cidade de Doha trabalhei cinco meses lá num hotel cantando. Todo santo dia no mesmo. Fui sozinha daqui mas trabalhava com um tecladista português chamado Bruno Aguiar.

Pingo: Voltando à SP: então agora, você quer novamente tentar sua ida pra lá?

Nayra: Quero. Porque eu vou ‘tá com o álbum, sabe?! Eu quero participar de coisas porque você estando lá é muito mais fácil. Eu quero passar uma temporada, passar seis meses lá investindo nisso, depois voltar. É... plantando a sementinha, entendeu?! Mas eu gosto de São Paulo, eu tenho isso de particular em mim, eu não vou lá só pelo sacrifício de fazer a coisa, eu gosto de estar lá. Eu adoro aquela cidade, dou mó valor aos parques, tipo não tem mar, eu amo a praia de Iracema, que eu sou louca pelo mar, mas quando não tem mar eu vou pros parques. E eu vou dizer, eu acho que eu levo uma vida mais de fazer exercício lá, do que aqui. Aqui eu só nado, faço a coisa lá no parque, eu até me esforçava pra caminhadas, essas coisas...

Pingo: Quanto ao seu trabalho, você vai lançar um disco com canções inéditas de parceiros, amigos, mas você há muito tempo faz atividades na noite, com vários shows e também faz um show com referência à Amy Whinehouse. Então essa sua versatilidade como é que você sente que as pessoas lhe identificam?

Nayra: Eu acho que elas não me identificam, elas me identificam àquilo que elas gostam mais, mas eu as torno confusas, porque eu canto Amy Whinehouse,

canto Michael Jackson, canto não sei o quê... eu deixo as pessoas confusas. Mas eu espero que com esse trabalho, que a mistura dessa pluralidade louca que é a minha vida a galera me reconheça. Agora como Nayra Costa, sem fazer menção a outra referência, sabe?! [risos].

Pingo: Então disco é bem plural assim? A sua referência maior é essa sua pluralidade maior...

Nayra: E eu devo isso muito ao Cláudio Mendes. O Cláudio é meu amigo há muitos anos, ele trabalha comigo desde a segunda banda que eu tenho na minha vida, sabe?!

Pingo: o Cláudio é o guitarrista?

Nayra: o Cláudio Mendes. Exatamente! Ele também é essa pluralidade de estilo sabe?! Ele toca teclado, ele toca guitarra, ele toca baixo... No meu projeto ele ‘tá tocando baixo, ele é um exímio guitarrista, que agora é... baixista maravilhoso, sabe?! E a gente é muito amigo, ele me conhece e tudo e a gente fez um trabalho. Eu ‘tô achando lindo, juntos assim, ele me entendeu, eu a ele. Às vezes eu não precisei nem dizer assim “aí, Cláudio, eu não gostei muito disso, não”, porque ele já sacava o que me agradaria, sabe?! Por ele me conhecer. E foi massa! Eu gostei muito de fazer com ele. Eu acho que não teve pessoa melhor pra eu começar o meu primeiro trabalho. E ele ‘tá comigo a um tempão.

Pingo: tem alguma coisa que você queira acrescentar, dizer, que você não falou?

Nayra: ah... eu não sei... poxa! Eu trabalhei aqui muito, fiz um dueto, aí em São Paulo eu fiz um dueto com

Luiz Melodia, cantei com ele, eu cantei no Parque Ibirapuera!! NNo festival de Direitos Humanos, eu fazia parte da banda base que passou todo mundo do festival: o Luiz Melodia, a Ângela Rô Rô, o Pepeu Gomes, o Otto, a Céu, a Karina Buhr e o Lira (o Lirinha). Foi lindo esse momento assim, eu acho que vale ressaltar, porque eu nunca mais vou esquecer, eu sempre quis cantar no Ibirapuera, foi lindo!

Capítulo 8 – Quando o feminino na música cearense afirma as questões de Ancestralidades, Etnias e Gêneros

Das Ancestralidades

A cantora e compositora Inês Mapurunga, natural da cidade de Viçosa do Ceará, vem para Fortaleza na década de 1980, quando passa estudar violão no Conservatório Alberto Nepomuceno. Nesse período participa de vários cursos livres no universo musical, como por exemplo de Canto Lírico e Música na Arte Educação. De 1983 a 1986 integra o Coral da Universidade Federal do Ceará compondo o naipe de soprano sob a regência da Professora Izaíra Silvino. Nesta época foi convidada a participar, no papel de Sinhazinha, dos ensaios da ópera “Moacir das Sete Mortes – Ópera Nordestina”, de autoria do dramaturgo Oswald Barroso e do músico Tarcísio José de Lima. Participou, como convidada e apresentando seu trabalho autoral, do “Canta Mulher” (08 de maio de 1984), realizado na feira feminina Mulher Maio Mulher, no Centro de Convenções em Fortaleza. Em 1985, apresenta o recital autoral “Kanzono” (solo), realizado pela Pró-reitora de Extensão da UFC e Casa de Cultura Alemã em Fortaleza.

Já na década de 1990 participa como coralista da ópera Don “Giovanni” (1992), dirigida por Bia Lessa e patrocinada pelo Governo do Estado. Nos anos seguintes, entre 1994 e 1996, apresenta recitais de canto lírico em vários espaços de Fortaleza, como no Auditório da Teleceará, Teatro do Ibeu e Theatro José de Alencar. Em Fortaleza, nos anos seguintes, interpretou “Domine Deus (Glória)”, de Vivaldi, “Saper Vorreste – Um Ballo in Maschera”, de Giuseppe Verdi, “Vá Godendo”, de Friedrich Handel, “La ci darem la mano – Don Giovanni”, de Mozart, numa realização da Escola de Canto Maninha Mota, em Fortaleza.

No final dos anos de 1990, apresenta os espetáculos “Sábado Acústico – Inês Mapurunga” (solo, 1998), no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, e “Cultura Musical – Inês Mapurunga” (solo, 1999), no Centro Cultural Banco do Nordeste.

Inês Maprungra vem se dedicando sistematicamente desde meados da década de 1990 a compor e a interpretar loas (canções temáticas dos maracatus de Fortaleza) de vários maracatus da capital cearense: Maracatu Nação Baobab, Maracatu Vozes D'África, Maracatu Axé de Oxossi, Maracatu Solar, Maracatu Rei do



Convite lançamento do livro/CD's
Inês Mapurunga



Inês Mapurunga
Foto: Wendy Neves

Congo, Maracatu Nação Pici, Maracatu Nação Rei de Palmares, Maracatu Pérola Negra e também para o Afoxé Filhos de Oyá, dentre outros.

Em 2005, participou da montagem e do espetáculo musical “Sons e Cores”, do Maracatu Vozes D’África, junto com o artista cearense Descartes Gadelha. Esse espetáculo foi levado à França no Festival de Folclores do Mundo. Todas as loas são de autoria dos dois artistas. Em 2008, participou da organização estética do canto e da coreografia do maracatu Nação Tremembé, no distrito Aracatiaçu, em Sobral (CE).

Em janeiro de 2017, Inês lança no palco principal do Cineteatro São Luiz o seu livro-CD “Maracatus, Afoxés, Coroações, Rezas e Outros Batuques” (total de 48 músicas). São três discos e um livro referencial de sua produção musical nesses últimos 20 anos dedicados aos maracatus, afoxés e outros batuques. A obra apresenta a diversidade rítmica de maracatus, tais como: baião de maracatu, cinco toques, luanda ou marcação de baque, coroação, imalê, babalu, samba de macumba, repique de baque, toque de oxalá e alujá de xangô, além de outros ritmos e brinquedos tradicionais como coco de praia, cantiga de ninar e os ritmos religiosos de ijexás dos afoxés.

Inês Mapurunga participa ainda dos CDs “Alfredo Miranda ao Pife”, “Verdastelaj Brasilajoj”- Tarcísio José de Lima, “Maracatu-Ará”- Pingo de Fortaleza e “Descartes Gadelha – Axé de Luz” e, ao lado de Eliahne Brasileiro, Ercíla Lima e Juliana Roza, interpreta a canção “Oxum de Mim”, de Pingo de Fortaleza e Descartes Gadelha, incluída em 2017 como faixa bônus na reedição do CD “Solo Feminino 1”.

Ainda das Ancestralidades

Outra artista cearense que desenvolve um trabalho com afirmação ancestral é a intérprete e escritora Patrícia Akjokè (Patrícia Pereira de Matos). Ela começou a cantar por volta de 1997 na sala de aula junto a seus alunos e contava histórias com os alunos. Mas foi em 2006 que passou a integrar o Afoxé Acabaca (Associação Cultural Afrobrasileira Bloco de Afoxé Camutuê Alaxé), integrando o coro vocal nas apresentações do grupo. Em 2007 passou a fazer vocal principal do Afoxé.

Em 2010 Patrícia foi finalista no 5º Prêmio Educar para Igualdade Racial – CEERT, recebendo honra ao mérito pelo trabalho realizado na Escola Pública Municipal Conceição Mourão. No ano de 2011, a artista participa pela primeira vez do

Maracatu Nação Baobab, como baiana. No carnaval de 2012, participa como personagens de vários maracatus: Maracatu Nação Baobab, Maracatu Vozes d'África e Maracatu Solar. Nesse mesmo ano brinca de batuqueira no maracatu Rei do Congo.

Em 2012, convidada para participar de um trabalho de cooperação trilateral entre Brasil e França em favor do Benin, elaborando um curso de Patrimônio afro-brasileiro no Benin. Foi levada até o Ketu (cidade onde situa-se o palácio real do Orixá Oxossi) e lá ritualisticamente foi rebatizada de “Adjokè” (aquela que todos devem amar). Com base nessa experiência escreveu o livro “Adjokè e as Palavras que Atravessaram o Mar”, publicado em 2015 pela Editora Nandyala.

Em 2013, a convite do Maracatu Vozes D'África, faz parte do espetáculo “Realeza Negra” que estreou no Festival Internacional do Folclore. Nessa época sugere seu tema de pesquisa “Rainha Daomeana Na Agotimé” como tema carnavalesco para o Maracatu Vozes D'África no carnaval de 2014.

Também em 2015 (20 de novembro), Patrícia Adjakè cria o grupo musical D' Passagem, que traz em seu repertório musical o som da luta e da organização do povo negro, apresentando-se em vários espaços da cidade de Fortaleza como na programação de 2017 do evento Tambores Ancestrais na Noite Escura, idealizado por Pingo de Fortaleza e realizado por Arnóbio Santiago através da Associação Cultural Solidariedade e Arte — SOLAR. No ano de 2016 participa do carnaval de rua interpretando a loa (música oficial) do maracatu Rei Zumbi e em 2017 é tiradora de Loa (cantora oficial do maracatu) no Maracatu Az de Ouro, interpretando a canção “N'ginga Somos Todos Nós”, de Pingo de Fortaleza. Em 2017 foi premiada no edital “Prosa e Poesia” pela Secretaria de Educação Estadual do Ceará com a obra “Um baú Ancestral”.

Do Gênero

O coletivo Nós VOZ Elas, grupo artístico composto só por mulheres, nasceu do show homônimo organizado pela cantora Jord Guedes para as comemorações do Dia Internacional da Mulher, em março de 2017, ocasião em que a cantora Jord convidou um conjunto de mulheres para participar do referido espetáculo, que traziam em suas letras mensagens de empoderamento ou tratavam de reflexões sobre a condição da mulher na sociedade.



Patrícia Adjakè
Foto: Andréa Matos



Coletivo Nós VOZ Elas
Fotos: João Victor



Coletivo Nós VOZ Elas
Foto: Carol Monteiro

Depois do show passaram a integrar o coletivo as artistas: Jord Guedes, Eliahne Brasileiro, Barbara Sena, Lenina Silva, Amanda Nunes, Lidia Maria, Mel Mattos, Fernanda Fialho, Marina Cavalcante e Luiza Nobel, que participaram do show e passaram a integrar o coletivo.

No nome do coletivo sugerido por Jord Guedes, o “nós” refere-se às mulheres artistas da música, principalmente as que integram o coletivo, mas também todas as demais; o “voz” se refere à reverberação de ideias, dos sons que ecoam das mulheres, que durante tanto tempo foram caladas; e o “elas” refere-se a todas as mulheres em suas diversidades de seguimentos sociais, etnias, escolaridades etc. Desse modo, “Nós VOZ Elas” é um trocadilho com os pronomes pessoais, e retrata a pluralidade e a diversidade dentro de uma singularidade de ser mulher.

Um dos propósitos do coletivo é chamar a atenção para o trabalho artístico de mulheres da música, muitas vezes diluídos e sombreados pelo universo masculino que historicamente é maioria, além de refletir sobre as questões da mulher na sociedade através da música, seja na escolha de repertório executado em shows, seja em trabalhos socioeducativos voltados para mulheres, que têm a música como instrumento metodológico.

Em sua trajetória o coletivo desenvolveu um conjunto de atividades: show no teatro SESC Emiliano Queiroz (março/2017), gravação do programa Identidade Cultural da TV Assembleia (programa foi gravado na ONG Casa de Vovó Dedé e foi ao ar em junho/2017), apresentação nos 111 anos do Poço da Draga, no coreto da comunidade do Poço da Draga (maio/2017), dentre outras.

Ao longo de sua criação, algumas integrantes deixaram o grupo e outras passaram a integrá-lo. Hoje, o grupo é composto por Jord Guedes, Eliahne Brasileiro, Lenina Silva, Amanda Nunes, Lídia Maria, Mel Mattos, Marina Cavalcante e Luiza Nobel, Janaina de Paula e Thais Clim.

O coletivo Nós VOZ Elas participou da gravação do CD “Solo Feminino 3” interpretando uma composição criada especificamente para o grupo, pelos artistas Pingo de Fortaleza e Alan Mendonça, intitulada “Solo Feminino 3” e que procura abordar em sua letra algumas das problemáticas discutidas e difundidas pelo grupo.

Ainda Sobre Gênero

A cearense Verônica Valenttino é outra mulher que começa a se destacar na cena musical cearense nos anos iniciais do século XXI. Verônica inicia sua trajetória artística no teatro onde desenvolve o seu cantar, que fora iniciado nas igrejas evangélicas na sua adolescência.

No teatro, Verônica passa a integrar vários espetáculos ao lado do ator e diretor cearense Silvero Pereira, que tratam da temática do transformismo e das travestis, tais como “Cabaré de Dama”, “Quem tem Medo de Travesti?” e “Engenharia Erótica”. Nesse último foi escalada pelo diretor para cantar e após essa experiência foi convidada para realizar algumas *performances* nas boates de Fortaleza. Depois desses momentos Verônica (nome que escolheu para usar em homenagem a sua mãe) decidiu criar uma banda.

Em 2010, Verônica junto com outros artistas cria a banda Verônica Decide Morrer, que atualmente conta com os integrantes: Jonaz Sampaio (voz), Leo BreedLove (guitarra), Eric Lennon (baixo) e Vladya Mendes (bateria). Algumas das primeiras apresentações da banda Verônica Decide Morrer foi ainda em 2010, no Festival de Teatro de Acopiara (CE) e na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

De 2010 a 2015, Verônica ao lado da banda Verônica Decide Morrer apresenta-se em diversos espaços de Fortaleza e no interior cearense. Em 2015, a banda recebe o prêmio da 7ª Mostra Petrúcio Maia de Música de Fortaleza e se apresenta, dentre outros espaços, na Feira da Música de Fortaleza e no 8º For Rainbow Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual. Nesse mesmo ano Verônica se apresenta ao lado de vários outros artistas no show de comemoração do aniversário da cidade de Fortaleza. Nesse mesmo período Verônica segue como atriz no elenco dos espetáculos do Coletivo As Travestidas e se apresenta em vários estados brasileiros, tais como Santa Catarina e Rio Grande do Sul, dentre outros.

Em 2016, a banda Verônica Decide Morrer, com Verônica nos vocais, lança seu primeiro disco como título homônimo à banda. Com um trabalho quase que integralmente autoral, o CD traz, além do *single* “Roxy Music”, as faixas “Bicha Invejosa” e “Testemunho de Trava”, que apresentam dentre outras questões conteúdos que refletem os protestos do ponto de vista da diversidade sexual. Nos shows a banda vem misturando música, *performance* e poesia. Também em 2016 a cearense Verônica Valentino integrou o *casting* de 28 mulheres transexuais que



Verônica Valenttino

desfilaram para o estilista Ronaldo Fraga, sendo que em 2015 já havia desfilado para o estilista Lindemberg Fernandes, no Dragão Fashion em Fortaleza.

Desde 2016, Verônica reside em São Paulo, juntamente com os demais integrantes de sua banda, circulando com shows em múltiplos espaços do sudeste, como SESC Pompeia (SP), no Estúdio Show Livre (SP), Virada Cultural de Belo Horizonte (MG) e no Espaço Jeito Carioca (RJ), dentre muitos outros. Em 2017, Verônica participa do CD “Solo Feminino 3” interpretando a canção “Lógica”, de autoria de Pingo de Fortaleza.

Ainda sobre Gênero

Nascido em maio de 2010 em Fortaleza, pela iniciativa de mulheres lésbicas e bissexuais independentes e organizadas através do grupo LAMCE – Liberdade do Amor entre Mulheres no Ceará, o grupo Tambores de Safo é um grupo musical que difunde o pensamento feminista e da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transformistas e Transexuais) e divulga a cultura afrobrasileira, atuando através da realização e fomento de ações políticas e artísticas que contribuam para pensamento crítico e o empoderamento das mulheres, visando o combate ao machismo, ao racismo e à homofobia.

O grupo essencialmente percussivo trabalha com alfaías, caixas de guerra, repiques, ganzás e xequerês e desenvolve ritmos africanos e nordestinos junto a mulheres lésbicas e bissexuais da cidade de Fortaleza. Em junho de 2010, o grupo Tambores de Safo formou a comissão de frente da 11ª Parada pela Diversidade Sexual do Ceará, realizando um cortejo de tambores e batuques. Posteriormente, protagonizou, juntamente com outras instituições, a 1ª Caminhada de Lésbicas e Bissexuais do Ceará e o I Encontro Estadual, em alusão ao dia 29 de agosto – Dia da Visibilidade Lésbica.

Em 2011, o grupo Tambores de Safo produziu o espetáculo “Tambores que Ecoam contra as Opressões” (2011) e no mesmo ano participa do CD “Fortaleza de todos os amores”, com a faixa “Lésbica e Negra”, (2011) e do CD “Solte seus Cabelos e Prenda o Racismo”, com a faixa “Uialá”. Em 2015, o grupo participa do documentário “Quando Possível”, realizado pela Fábrica de Imagens no projeto “Cactos de Formação e Realização de Audiovisual”.



Grupo Tambores de Safo

O grupo Tambores de Safo vem participando de diversos encontros nacionais, tais como: Marcha das Margaridas (2011), ENAMB – Encontro Nacional da Articulação de Mulheres Brasileiras (2011, Brasília), Festival Femenina (2012, Vitória), Cúpula dos Povos (2012, Rio de Janeiro), XI Feira da Música (2012, Fortaleza), I Encontro de Mulheres Camponesas (2013, Brasília), Marcha das Vadias (2013, Rio de Janeiro), Mostra Nacional de Saúde da Família (2014, Distrito Federal), Cúpula dos Povos dos Países BRICS (2014, Fortaleza), Marcha das Vadias (Fortaleza, 2011, 2012, 2013 e 2014), Parada da Diversidade Sexual de Fortaleza (2010, 2011, 2012 e 2013), Inauguração do Coletivo Autônomo Leila Diniz (2014, Natal), Encontro Nacional de Universitários pela Diversidade Sexual – ENUDS (2014, Mossoró), Aniversário do Centro Feminista de Estudos e Assessoria – CFEMEA (2014, Brasília), Um bilhão que se ergue, Bloco Carnavalesco Ou Vai ou Racha (2015, Pernambuco), Marcha das Mulheres Negras (2015, Brasília), Pré-Carnaval Feminista – Casa Feminista Nazaré Flor (2015, Fortaleza), 1º Festival Artístico Mulheres contra a Violência (2016, Amontada) e Festival Maloca Dragão (2016, Fortaleza).

Em novembro de 2014, o grupo inicia a construção da Casa Feminista Nazaré Flor juntamente com o Fórum Cearense de Mulheres e o Instituto Negra do Ceará – INEGRA. Em Setembro de 2017, a Casa que foi um espaço de convivência e auto cuidado das ativistas desse grupo finaliza suas atividades devido à falta de recursos para sua manutenção.

Atualmente o grupo Tambores de Safo, que milita no Fórum Cearense Mulheres e na Articulação de Mulheres Brasileiras, tem a seguinte formação: direção musical: Flavia Soledade, Lila M. e Jessica Pereira; alfaías: Lidia Rodrigues, Lila M, Marília Queiroz e Taís Rocha; caixa e pandeiro: Flavia Soledade; conga e timba: Jéssica Pereira; xequerês e ganzá: Suely Bezerra e Cris Valdivino; agogô: Micinete, Suely e Lila M.; Voz: Lila M., Lidia Rodrigues, Cris Valdivino, Micinete e Suely Bezerra; produção artística: Cris Valdivino, Lidia Rodrigues, Micinete e Suely Bezerra. produção executiva: Jessica Pereira e Taís Rocha.

Das Etnias

Marlui Nóbrega Miranda nasceu em Fortaleza em 12 de outubro de 1949 e ainda criança, aos cinco anos, foi morar no Rio de Janeiro. Em 1959, mudou-se do Rio para Brasília e ali graduou-se em Arquitetura pela Universidade de Brasília e em Regência na Faculdade Santa Marcelina.



Marlui Miranda

Na década de 1970, Marlui passa a residir novamente no Rio de Janeiro e estuda no Conservatório Villa-Lobos. Nesse período inicia suas pesquisas sobre os povos indígenas e suas tradições musicais, temática que vai permanecer como referência em toda sua carreira artística. Marlui, desde 1978, passa a residir na cidade de São Paulo.

Compositora, intérprete e violonista, Marlui estudou violão com Turíbio Santos, Oscar Cárceres, Jodacil Damaceno, João Pedro Borges e Paulo Bellinati e em 1977 tem a canção de sua autoria composta em parceria com Xico Chaves intitulada “Marimbondo”, gravada pela dupla Sá & Guarabyra. Dois anos depois, em 1979, Marlui Miranda participa do Festival de Música da Rede Tupi de Televisão, interpretando a canção “Mata”, de sua autoria e de Marcos Gadelha. Ainda em 1979, Marlui lança seu primeiro disco solo, o LP “Olho D’Água” (Continental), com a produção artística de Egberto Gismonti que também participa do disco ao lado dos músicos Mauro Senise, Zeca Assumpção, Zé Eduardo Nazário, dentre outros. O repertório do LP “Olho D’Água” mescla composições de Marlui, como a faixa que dá título ao disco, a composições suas em parcerias com Capinam, Xico Chaves, Jararaca (“No Pilar”), dentre outros, além de uma faixa do povo nativo Krahô.

Nos anos seguinte a cearense Marlui Miranda segue produzindo shows e discos: “Revivência” (1983, lançado pelo selo independente Memória Discos), “Paitér Merewá” (1984, sobre a música do povo nativo Suruí, de Rondônia, reunindo 13 canções suruís recolhidas por ela e pela antropóloga Betty Mindlin, lançado pelo Memória Discos), “Rio Acima” (1986, Memória Discos), “Ihu – Todos Os Sons” (1995, selo Pau Brasil e relançado em 1996, na Alemanha, pela gravadora Exile). Em 1996, Marlui cria a missa indígena “Kewere: Rezar”, inspirada nas músicas de diversos povos nativos e apresentada na Catedral da Sé, em São Paulo com a participação de orquestra Jazz Sinfônica e um coral de 90 vozes. Ainda em 1996, como integrante do grupo Pau Brasil, lança o CD “Babel” (Pau Brasil é um grupo de música instrumental formado nos anos de 1970 em São Paulo e que passou por várias formações). Em 1997 lança o CD “2 Ihu Kewere: Rezar”, pelo selo Pau Brasil.

No ano de 1998, Marlui participa do disco “O Sol de Oslo”, lançado também pelo selo Pau Brasil com participações de Gilberto Gil, Bugge Wesseltoft, Trikot Gurtu, Rodolfo Stroeter e Toninho Ferragutti. Nesse disco, Marlui tem incluída duas composições suas: “Sebastiana” e “Eu te dei meu ané”, essa última composta em parceria com Gilberto Gil. No ano de 2000 cria a trilha sonora do filme “Hans Staden” de Luís Alberto Perreira.

Em 2015, a artista Marlui Miranda ganha o 26º Prêmio da Música Brasileira na categoria Melhor Cantora Regional e em 2017 Marlui participa do CD “Solo Feminino 3” interpretando a canção “Casa de Índio”, uma parceria de Pingo de Fortaleza com Ronaldo Lopes e Alan Mendonça.

Cacique Pequena, líder indígena do povo Jenipapo-Kanindé, do município de Aquiraz (CE), também é outra mulher que se destaca no universo da música cearense com conotações étnicas e de afirmação de identidade. Compositora e cantora, Cacique Pequena participou, em 2006, do CD “Canta Aquiraz”, produzido pela Secretaria de Cultura de Aquiraz, como fruto do mapeamento cultural desse município. O disco foi lançado juntamente com o livro “Descobrimos e Construindo Aquiraz”. Nesse CD, Cacique Pequena interpretou, dentre outras canções de sua autoria, a música “Morro do Urubu”, que retrata a geografia da localidade onde se situa a aldeia do povo Jenipapo-Kanindé.

Em 2016, a Cacique Pequena grava e lança o CD autoral “Beleza da Vida”, com canções compostas desde sua juventude e que relatam as vivências de sua comunidade. O lançamento ocorreu com show realizado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Em 2017, Cacique Pequena figura entre as finalistas da 22ª edição do Prêmio Cláudia, na categoria Cultura.



Cacique Pequena
Foto: Sinval Diógenes

Relatos de Histórias de Vida

Marlui Miranda

Pingo: a primeira pergunta, Marlui, é exatamente como é que na sua infância, na sua formação, se deu essa questão da influência das mulheres? Você tem na sua consciência a referência de mulheres que foram importantes na sua formação em geral e na sua formação musical? Nessa questão da sua sensibilidade, que depois aflora com a sua musicalidade... E quais são as mulheres que você tem como referência?

Marlui: Eu acho que a primeira mulher que me influenciou na música foi a minha mãe mesmo, porque nós somos uma família de pessoas muito musicais, né?! Mesmo a minha irmã que é escritora, que é outra pessoa que é outra mulher que me influenciou muito, né! A minha mãe foi a primeira que me encorajou a estudar o violão. Eu tinha conseguido um violão assim, em muito mal estado, aí eu comprei as cordas e fui tentar afinar, mas eu não sabia por onde começar... A mamãe pegou aquele violão e afinou de ouvido pra mim. Eu fiquei impressionada assim com essa grande capacidade da minha mãe e isso, esse empurrão que ela me deu, valeu pela minha vida! E fora isso, houve outras mulheres que tiveram importância: a Silvia Ortof, quando a gente era jovem, ela nos deu aquele empurrão pra vida

artística, no teatro... Atualmente tem a minha amiga Dora Paes, que me empurra também pra fazer as coisas. Ela é meu oráculo, uma amiga querida e meio-sócia da minha mãe [risos]. Então, não sei nem te dizer assim, mas que foram marcantes mesmo, foram a minha mãe, a minha irmã, a Dora e a Silvia Ortof. Então, dessa forma, eu acho que eu respondi a tua pergunta.

Pingo: Quando se deu essa sua de identidade do cantar, de desenvolver sua profissão de composição, canto e de musicista que você é? Que mulheres também influenciaram diretamente nessa sua questão?

Marlui: Então Pingo, é uma continuação daquilo que eu falei. A minha mãe foi fundamental nessa... me deu liberdade e pagou o curso que eu 'tava fazendo de violão. E eu, na verdade, sempre tive uma atitude de ir me construindo: na medida que eu encontro dificuldades, eu procuro através da criatividade resolver algumas questões, né? Então, há a questão da composição, de como eu vim a compor, que foi justamente por causa das minhas limitações no violão. Eu era limitada, não conseguia reproduzir o que os outros faziam, o que realmente no final, provou ser uma vantagem [risos]. E eu comecei a

compor músicas dentro do universo que eu conhecia de harmonias, né? Não eram músicas extraordinárias, mas me satisfaziam muito e me faziam sentir muito mais avançada no instrumento, no violão, do que as outras pessoas que simplesmente liam aquela lição que a professora dava e não davam um passo à frente. Eu acho que eu comecei assim, dando passo à frente e, mesmo, depois eu superei a própria professora... [risos]. Aí passei a circular no ambiente masculino, porque o violão é raramente né — a não ser a Rosinha de Valença, que naquele tempo era uma grande, era uma figura única no panorama da música, do violão instrumental e eu tinha profunda admiração por ela, mas eu não conseguia repetir nada do que ela fazia porque eram coisas extremamente complicadas. Rosinha de Valença procure que você vai achar! Mas eu também fui muito apoiada pelo universo masculino que no violão predominava nesse universo. Então essa vida de cantora, compositora, foi vindo através do próprio violão, da minha familiaridade que ia aumentando, ia crescendo, e minha curiosidade e a minha coragem... [risos]. É isso!

Pingo: Como é que começou sua identificação com essa questão dos povos indígenas, a identificação com as causas, com as culturas? Você destacaria alguma mulher que, de alguma forma, partilha com você essa percepção e essa ligação sua com esse universo temático?

Marlui: Olha, eu acho que isso começou uns 40 anos atrás. Assim, primeiro você tem que saber que é uma atitude assim muito antiga e essa atitude veio da consciência de que não bastava pra mim

simplesmente cantar as músicas dos índios, percebendo todo o universo de agressões dos mais diversos tipos, né?! Que os indígenas sofriam e, por consequência, como eu cantava música indígena também, na língua indígena, eu também sofria muito com essa discriminação, porque tinha uma grande discriminação, da época de '70. Isso foi reduzindo assim, mas hoje ainda está recrudescendo, né, como você vê. Então, eu não me sinto diferente de um indígena, eu me sinto indígena! Toda vez que eu canto uma música indígena, eu não sou ninguém mais do que uma indígena cantando. Eu posso até não saber de onde eu venho, mas, eu sou indígena! Tenho isso na minha alma marcado profundamente e isso me faz bem e me fez cantar as músicas indígenas, né?! Então, quem me empurrou pra frente, nas lutas indígenas e me tornar igual — por causa da minha opção — foi a Música, e foi a música indígena, de muitos povos que eu canto até hoje!

Pingo: Como é que você vê essa questão da mulher no universo da produção musical? E também no universo da produção musical tendo como referência esse compromisso com a ancestralidade, com a questão dos povos indígenas? Como é que você vê essa questão da mulher hoje se colocando nesse universo?

Marlui: Então, eu já 'tava dentro dessa história toda, mas naquela época não haviam cantoras indígenas, indígenas mesmo, reconhecidamente de uma tribo. Isso só veio a surgir agora né? Eu sempre tive envolvimento porque eu sempre soube que cantar música indígena não era essa coisinha de você subir no palco e cantar uma coisa que você aprendeu. É ouvindo

uma fita cassete, naquele tempo [risos] ou é... cantar música indígena é um ato político, profundo também. Ele não é só um ato estético, criativo... ele é esse ato completo, né?! Que implica, né?! Se você quiser fazer uma manifestação profunda de apoio aos povos indígenas, cante uma cantiga indígena! Sim, mas na verdade quem... ‘tá na ponta da minha luta, que começou em 1977... Naquele período, eu era vaiada quando eu cantava musica indígena. Eu fui vaiada no Teatro Amazonas porque eu fui cantar uma cantiga suruí, na língua Suruí, naquele templo da elite né?! [risos] eu só consegui cantar porque eu ‘tava no projeto Pixinguinha e tal. Mas aconteceu isso na década de 1970, em 1979, quando o índio era assunto de segurança nacional. Eles estavam exterminando: genocídios! Havia acabado de ter uma matança lá dos Uamiriatuari. Eram matanças que esses militares promoviam né, é, terrível. Então nessa situação aí, de 1979 pra cá, agora é que eu me encontrei com uma mulher indígena que é a Djuena Tikuna, uma cantora maravilhosa, e eu me encontrei recentemente com ela, em Manaus, e fizemos um show. Ela me convidou pra participar, é uma participação do show de lançamento do CD dela, que foi lançado no Teatro Amazonas, e foi um sucesso! O oposto daquela vaia que eu levei. Foi uma coisa inacreditável! [risos] palavras etc... foi feio viu?! Mas eu levei essa vaia como um estímulo e por isso eu continuei, mas na verdade, foi uma apresentação com o Egberto Gismonte, você pode imaginar [risos] como ele viu isso, né, como é que ele ficou meio... né... Então, tem muitas, muitas cantoras indígenas agora nesse momento. Não sei nem te dizer... mas tem a Djuena Tikuna, a Claudia Tikuna... As indígenas

Tikuna têm a capacidade de interpretação impressionante; elas cantam e compõem maravilhosamente e isso vem por causa da cultura delas. Elas saíram daquela cultura impressionantemente bela que é a cultura Tikuna e estão aí fazendo sucesso, nas suas cantorias. A mãe da Djuena também... E agora a Djuena me elegeu mãe também, né? Meu nome Tikuna é “Ueri” (você tem que falar assim: “Ueri”, que a língua Tikuna é uma língua tonal, então, por aí já começa!).

Pingo: Como é que você vê essa questão de gênero hoje, num aspecto mais geral? Como é que você enxerga esse diálogo de gênero dentro da produção musical, através da sua experiência pessoal?

Marlui: Ah, eu acho que hoje em dia não tem mais esse problema com essa questão de gênero. Eu acho que a gente enfrenta dificuldades muito grandes né? Existe essa ideia, esse preconceito, com a mulher: a mulher ganha menos do que o homem e em alguns lugares é pior que isso, em outros evoluiu, há mecanismo de controle da sociedade pra que não descambe, não desrespeite a mulher, mas se vê por aí as estatísticas, não digo de produção [artística]... Enfim, eu não vejo problema no ambiente da produção porque as pessoas já têm um outro tipo de visão, mas sempre se encontra um canalha no meio dessas coisas. Mas isso é parte, não é porque é mulher, mas você pode torcer o pepino e dizer que é porque é mulher [risos] mas eu não gosto! Não gosto de me desculpar, não! Mas na verdade, é gente boa, é gente ruim, é gente que apoia o trabalho feminino... enfim, porque nós temos jornada tripla, né?! [risos] Jornada tripla! Agora eu tenho dupla, porque minha filha já cresceu, mas eu passei a minha vida me produzindo. Não foi... nunca consegui

ninguém pra me produzir e agora quem me produz é uma mulher também, porque eu acho que eu não me acerto com nenhum produtor, mas pode até aparecer né?! Pode até aparecer! Não tenho nada, nada a reclamar, quanto a essa questão, porque eu sempre consegui as coisas que eu quis, mesmo sendo mulher! Quer dizer... não sei, isso aí é uma questão... né?! Que eu, atualmente, nem penso em me produzir mais. Deus me livre, já cansei! [risos] cansei mesmo!

Pingo: Se você quiser fazer algumas considerações, pode fazer, inclusive, com referência à sua ligação com a terra do Ceará e essa questão de ter saído do Ceará... E qual a relação que você tem com o Ceará, e também o que mais você deseja colocar. Agradeço imensamente se você puder responder a essas perguntas aqui pelo WhatsApp, eu vou transcrever e depois te mando o texto transcrito, 'tá bom?!

Marlui: Bom, primeiro eu quero agradecer a você, enfim, ao trabalho que você faz, você mobiliza as pessoas, você faz acontecer... é, você faz acontecer aí pelo Ceará. E eu acho isso muito bom, muito importante. Você está tratando das questões de gênero, das questões das lutas indígenas, não é?! Do meio ambiente... eu acho que a gente tem que se juntar e se fortalecer nessas lutas porque 'tá muito difícil, né?! Hoje em dia, as coisas parecem... tem uma cara muito assustadora por aí, né?! Mas a minha origem do Ceará, 'tá na minha alma, não importa se eu 'tô aqui, se eu 'tô no Rio de Janeiro, se eu 'tô em Manaus... Eu sou cearense. Eu nasci no Ceará, em Fortaleza, e ganhei dessa terra uma força que 'tá comigo! É uma força que 'tá no meu genes, é uma força da minha origem, do tipo de pessoas que são constituídas aí. O cearense ele é um nômade! E eu sou meio nômade

também, eu não paro muito num lugar, então, a minha vida tem sido pra lá e pra cá né?! Eu tenho um tipo de trabalho que eu tenho que viajar muito, né?! E fiz a minha opção, ah, eu tenho de viajar, tenho que ter esse tipo de vida. No período que eu comecei a minha vida artística, era impositivo que você morasse no sul, tanto que aqueles, todos os nossos queridos, Fagner... Bom, o Fagner ainda mora aí né?! Mas eu não sei não, mas acho que ainda mora no Rio de Janeiro, não tenho certeza.... Mas a turma do Ceará toda baixou pra lá, né?! Mas eu não tinha muita afinidade com eles, porque eu fazia uma coisa totalmente diferente, que era cantar musica indígena. E naquele período isso era um divisor de águas, não é?! Era uma coisa que não me aproximou muito do Pessoal do Ceará, embora, afetivamente, eu sempre tivesse um vínculo de... assim... estima, de amizade, por todos eles, né?! Ednardo, Amelinha... não, Amelinha é cearense?! [risos] Agora eu não sei! [risos] Eu acho que é... Não sei... Desculpa, aí você corrige, 'tá?! Mas todo aquele pessoal... eu adorava aquela música: "Pavão Misterioso", né?! Eu acho assim: eu não me sinto assim, que eu não saí nunca da minha "cearensisse". Eu tenho umas crises de saudade assim... Puxa, será que eu devia fazer como a minha irmã, recuperar a minha geografia?! Mas a atividade da minha irmã é diferente da minha, né?! E, e eu 'tô aqui na batalha! Atualmente, 'tô fazendo doutorado na USP e eu casei por aqui... tenho uma filha, trabalho aqui... Eu não quero deixar minha filha. No fundo, a minha raiz é cearense e o cearense é cearense aonde ele tiver! Pode 'tá na Dinamarca, continua sendo cearense! Você não acha? [risos] um beijo!

Relatos de Histórias de Vida

Inês Mapurunga

Pingo: — Gostaria que vc se identificasse.

Inês: Sou Maria Inês Mapurunga de Miranda, mais conhecida por Inês Mapurunga. Nasci na Serra da Ibiapaba, na cidade de Viçosa do Ceará, dia 12 de novembro de 1962 (tenho 55 anos). Alfredo Carneiro de Miranda: meu pai; e Tereza Nogueira Mapurunga de Miranda: minha mãe.

Pingo: Como começou a sua formação artística musical? E se você recebeu influência diretamente de mulheres e se você tem recordações dessas influências das mulheres na sua formação geral e da sua formação específica como musicista?

Inês: Minha formação artística se deu na mais tenra idade, ainda criança, na cidade de Viçosa do Ceará, pelo processo de musicalização no lar em que nasci ouvindo o meu saudoso e amado pai Alfredo Miranda, meu “Anjo do Pife”, a tocar diariamente, sempre que podia, o seu pífano ou pife, como denominamos popularmente essa flauta transversa feita de taboca, que o mesmo fabricava. Adorava ouvi-lo, principalmente nas noites em que chovia e faltava energia na cidade. Papai aprendeu a tocar o pife ainda na infância com os índios, remanescentes dos tabajaras, que habitavam próximo ao sítio Buíra onde nascera. Ele tocava canções do nosso cancioneiro

popular, canções anônimas e suas composições nos estilos de xote, valsa, polca, mazurca e choro. A sonorização do seu pife tocava profundamente minha alma de criança e adolescente. Mais adiante eu viria a reproduzir esses sons através de vocalizes, momentos em que eu e meu pai fazíamos duetos na recepção de visitantes que chegavam até nossa casa para saborear licores, petas, bulins e doces de sabores variados, feitos carinhosamente no fogão à lenha com a sabedoria da culinária ancestral de minha amada mãe Terezinha, grande incentivadora da minha arte. A ela foi dedicada a canção “Xote das Mães”: melodia de meu pai e letra minha. Na cidade de Viçosa do Ceará, com a mestra Júlia Miranda, aprendi as cantigas e encenação de pastoril e hinários da Igreja. E no colégio Nossa Senhora das Graças, dirigido por Irmãs de Caridade, através da abnegada professora Aparecida Silveira, convivi intensamente com as manifestações folclóricas e suas cantigas, principalmente do período junino. Meu primeiro violão, aos 16 anos, foi um presente de meu pai, que proporcionou melhorias nas aulas tomadas com o saudoso e talentoso professor de violão, seu Zé Músico, maestro da banda de música da cidade de Viçosa do Ceará. Considero esse grande mestre o ampliador da minha memória musical com os sons das serenatas através de

memoráveis compositores brasileiros, com destaque para a grande mulher, pianista e compositora, revolucionária do seu tempo, Chiquinha Gonzaga. Ainda na cidade de Viçosa do Ceará existia a Amplificadora Ararena do Sr. Juarez Fontenele, o qual diariamente, no período noturno, inundava o centro da cidade com o que havia de melhor na discografia musical do Brasil. Essa variedade de sons, que guardo como relíquia, faz parte da minha memória musical, igualmente, quando ouvia ao dormir, os sons produzidos pelos cascos dos animais e o burburinho das falas dos comboieiros durante as madrugadas frias quando traziam mercadorias para a feira da cidade. Lembro-me também da sonorização poética do vento tocando as folhas das bananeiras, do sítio vizinho a minha casa, que me acalentava qual canção de ninar. Nos anos de 1980, já em Fortaleza para conclusão dos meus estudos, através do Conservatório Alberto Nepomuceno, tive a felicidade de ter o mestre José Mário de Araújo, como meu segundo professor de violão, agregando agora um pouco da leitura e escrita musical. Também em Fortaleza tive o privilégio de conhecer o músico Tarciso José de Lima, cujo desempenho profissional me fez confiar os seus arranjos musicais em várias de minhas canções, isso também me proporcionou diálogos musicais e mais alguns conhecimentos. Em relação à participação de mulheres na minha formação artístico-musical, na cidade de Fortaleza, posso dizer que desfrutei saberes de grandes mestras, dentre as quais a maestrina e professora Izaíra Silvino, regente do Coral

da Universidade Federal do Ceará (UFC), no qual participei, por três anos como soprano. Ainda com a professora Izaíra aprendi a grandeza e os significados da música autóctone brasileira. Devo às professoras Leilah de Carvalho e Maninha Mota os conhecimentos da utilização diversificada da voz.

Uma de minhas boas experiências foi ter desenvolvido o canto solene para eventos religiosos, por três anos, através do dueto piano e voz com a pianista e professora Inês Silveira. Troquei conversas curiosas com duas grandes compositoras conterrâneas que me fizeram acreditar mais ainda no meu trabalho musical, e que seria possível leva-lo à frente. São elas: a saudosa Lourdes Firmiano, que dentre tantos hinários compôs o belíssimo “Hino de Nossa Senhora da Assunção”, entoadado há muitas décadas, por ocasião da festa da Padroeira de Viçosa do Ceará. E Conceição Moreira, mulher cheia de inspiração e criatividade com seus belos e bem feitos sambas canções. Por fim, nesse novo panorama musical, encontro na minha filha, Marina Mapurunga, violinista, compositora e professora de “Som do Cinema” na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na cidade de Cachoeira (BA), inspiração em seu esforço, coragem e perseverança no seu fazer musical. Essas são para citar algumas das mulheres que considero ter contribuído no meu caminhar artístico-musical, às quais sou muito grata.

Pingo: Como você vê a questão de gênero dentro desse universo. Você como mulher quais são as dificuldades e/ou facilidades nesse universo dos seus cantares da sua produção musical?

Inês: Acredito no potencial humano e nos espaços que construímos de forma honesta com nosso trabalho. Temos a oportunidade de optar sobre o que queremos ser e aonde queremos estar. As dificuldades sempre existirão, mas conseguiremos suplantá-las encontrando alternativas e pessoas que comungam com nossos ideais. Temos que sempre nos aprimorar, para conquistar nossos espaços e acreditar no que fazemos. O importante é fazermos nossa arte com coerência no que acreditamos. E nesse pensar foi que nesse ano de 2017, lancei o Livro-CD intitulado “Maracatus, Afoxés, Coroações, Rezas e outros Batuques”, trabalho independente que demorou três anos para ser concluído, mas saiu do jeito que eu havia pensado.

Pingo: Queria que vc fizesse algumas considerações finais.

Inês: Minha vida musical permeada de sons diversos. No final dos anos de 1990 depara-se com a força da música de nossa ancestralidade africana quando conheci o artista e amigo Descartes Gadelha que confiou a mim a responsabilidade para também compor e cantar para grupos de maracatus, de afoxés, de escola de samba e frevo da cidade de Fortaleza. E dessa forma ampliei mais ainda a minha escuta para compor novos sons em ritmos contagiantes e fortes de nossa rica cultura musical brasileira, sempre pesquisando em mim mesma a melhor forma de adequar o meu cantar.

Capítulo 9 – O feminino que sempre renasce no cancioneiro cearense (Uma conclusão aberta)

Podemos ainda citar, além das que tiveram as suas narrativas descritas nesse “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense”, dentre muitos outros nomes de mulheres presentes na música cearense, as seguintes artistas: Aline Costa, Lia Veras, Tailândia Montenegro, Dione Moraes, Deninha Carvalho, Ana Célia, Edilva Germano, Regina Carla, Daniele Montezuma, Soledad Brandão, Paula Tesser, Luciana Livia (vocalista e compositora da Banda Mafalda Morfina), Carla Keyse (Baixista da banda Mafalda Morfina), Dona Mazé do Bandolim (Maria José Leite de Araújo, natural de Jucás, CE, 1925 -2004, que aos 75 anos, lançou em 1999, de forma independente, seu único disco intitulado “Terra dos Bandolins – Mazé”), Lourdes Macena (do Grupo Mira Ira), Euzenir Colares (fundadora do Grupo de Tradições Cearenses), Maruça, Simone Sousa (Grupo Vocal Cinco em Ponto), Luciana Costa (grupo Silêncio e Som), Lise Lopes, Mulher Barbada (Rodrigo Ferreira), Josie Daniel, Maria Helena (pianista e compositora), Nara Vasconcelos (pianista)...

Necessário ainda citar neste livro algumas compositoras e intérpretes que desenvolveram suas trajetórias artísticas em suas regiões originárias do estado do Ceará, sem migrar para a cidade de Fortaleza, tais como no Cariri: Grycia Bonsoir, Yasmin Florentino, Evânia Maria, Edilânia Caetano, Leninha Linard, Auci Ventura, Janinha Brito, Fátima Gomes, Joelma Guimarães, Helida Germano, Denise Moraes, Gardênia Garcia, Célia Dias, Stefano Pontes, Débora Lopes, Karla Ribeiro, Arlinda Ventura, Mariana Correa, Dayse Lobo, Amanda Veriato, Carol Loreto e Úrsula Feitoza. E na região Norte: Sulamara, Eveline Ximenes, Flávia Coelho, Ângela Noeme, Patrícia Sousa, Raquel Gomes, Dani Mendes e Ednéia Fontelene, dentre outras.

O segmento do “Forró” (também chamado de “forró eletrônico”) continuou se expandindo no Ceará, com a consolidação de dezenas de bandas conhecidas nacionalmente. Nesse universo muitas cantoras se fizeram e se fazem presentes, não só como vocalistas desses grupos, mas também com suas carreiras solos, entre muitas dessas mulheres cearenses e outras que residem no Ceará podemos citar: Samira Show, Solange Almeida (baiana que reside no Ceará, vocalista da banda Avioes do Forró de 2002 a 2015, depois carreira solo), Simone e Simária (baianas,



Grupo cinco em ponto
Foto: Papinha Rodrigues
Acervo: Solar



Bete Nascimento

mas que residem no Ceará), Forró das Atrevidas (banda formada por volta de 2014, formada por oito mulheres sob o comando da vocalista Milena Queiroz), Taty Girl, Walkiria Santos, Kátia Cilene (da banda Matruz com Leite de 1991-2008 e depois carreira solo), Erika Meyre, Ingrid Souza e Ana Amélia (Matruz com Leite), Paulinha Abelha, Silvânia Aquino (Calcinha Preta), Amara Barros (bandas Caviar com Rapadura, Calcinha Preta, Mulheres Perdidas, Limão com Mel, Gatinha Manhosa e carreira gospel (2011), Bete Nascimento (Matruz com Leite), Nildinha (Forró Real).

Portanto, todas essas mulheres que vêm se destacando na música cearense, desde as que passaram por essa terra sem deixar registros escritos ou sonoros mas perpetuaram suas energias ancestrais e deixaram suas sementes artísticas nas gerações que as seguram, até as que registraram por primeiro suas partituras, até as que realizaram os primeiros registros musicais em disco como compositoras e intérpretes, até aquelas que ocuparam com suas vozes os espaços das rádios cearenses e os festivais de música realizados no Ceará, até as que concretizaram shows e discos em suas carreiras e/ou produziram e produzem e difundem sua música de qualquer forma material ou imaterial, todas elas, cada uma a sua maneira, evidenciam a importante e crucial presença do feminino na música plural produzida no estado do Ceará.

O conjunto dessas mulheres, com certeza, é bem maior que o citado nesse “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense” e seus desafios e feitos se sobrepõem significativamente aos breves relatos aqui apresentados, mas esta publicação, somada a outras necessárias produções sobre os registros e as protagonistas da música produzida no estado do Ceará, irão contribuir juntas para a montagem necessária do mosaico mínimo da memória e da historicidade musical cearense.

Esse “Pérolas – O Feminino no Cancioneiro Cearense”, naturalmente, não carrega em si, sequer as histórias todas da presença do feminino na música do estado do Ceará e, portanto, não se conclui em suas narrativas, assim como a dinâmica natural da cultura, a história da presença do feminino no cancioneiro cearense. Outras narrativas estarão sempre nascendo e sendo continuamente descobertas e recontadas e revisitadas e recriadas numa viagem coletiva de um fazer musical que não termina nunca o seu começar...

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Edigar de. A modinha cearense. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

LIMA, Priscila. Canto do Ceará — Os Festivais de Música no Ceará da década de 1960. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2016.

MILITÃO, João (org.). Pérolas do Centauro — 40 Anos da Música Cearense, 30 Anos da Musicalidade de Pingo de Fortaleza, 1972-2012, Compositores e Intérpretes. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora e Associação Cultural Solidariedade e Arte — Solar, 2013.

LOPES, Maciano. Coisas que o Tempo Levou — A Era do Rádio no Ceará. Fortaleza: Independente, 1994.

SOUZA, Ednardo (org.) Massafeira, 30 anos, Som, Imagem, Movimento, Gente. Fortaleza: Edições Musicais, 2000.

PIMENTEL, Mary. Terral dos Sonhos: O cearense na Música Popular Brasileira: Multigraf (2ª edição), 2006.

ROGÉRIO, Pedro. Pessoal do Ceará: Hábitos e Campo Musical na Década de 1970. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira [penso que a descrição correta seria “ALBIN, Ricardo Cravo. Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (disponível em dicionariompb.com.br), Rio de Janeiro, Inst. Cultural Cravo Albin, 2002-2012.”]

BASILE, Lucile. Apontamentos para uma História Social da Música no Ceará: a música da Fortaleza Belle Époque. Fortaleza: Inédito

RIOS, Luiza. Práticas musicais na “Belle Époque” fortalezense (1888-1920). Fortaleza.

RIOS, Luiza. Entre o Piano e o Violão, As Modinhas e os Dilemas da Cultura Popular (1888-1920). Fortaleza. Alameda Casa Editorial. 2017.

Pingo de Fortaleza nasceu na capital do Ceará, Fortaleza, em 8 de fevereiro de 1963. Batizado João Wanderely Roberto Militão, o codinome “Pingo” veio pelo nascimento prematuro de sete meses e o complemento “de Fortaleza” foi idealizado pelo historiador baiano Fábio Paes, divulgado pela primeira vez em 1986, no cartaz da 3ª Missa pelos Mártires de Canudos.

Compositor, cantor, produtor e gestor cultural, pesquisador e escritor, Pingo de Fortaleza possui mais de 250 músicas gravadas em mais de duas dezenas de discos autorais. Sua trajetória musical inclui, dentre outras temáticas, a história de Canudos, As lendas cearenses, a sonoridade dos Maracatus Cearenses, as vozes femininas do Ceará, além de uma grande diversidade de temas e gêneros musicais presentes em seus discos.

Como autor, Pingo de Fortaleza lançou em 2007, O livro “Maracatu Az de Ouro – 70 Anos de Memórias, Loas e Batuques” (OMNI Editora) e em 2013 o livro “Singular e Plural – A História e A Diversidade Rítmica do Maracatu Cearense Contemporâneo” (Expressão Gráfica e Solar), além de ser organizador dos livros: “Almanaque Fortaleza dos Maracatus” (2011, Solar), “Pérolas do Centauro – 40 Anos da Música Cearense, 30 Anos da Musicalidade de Pingo de Fortaleza, 1972-2012, Compositores e Intérpretes” (Expressão Gráfica e Solar) e, em parceria com Calé Alencar, “Histórias de Luz, 100 Anos sem Dragão do Mar e 130 Anos da Abolição no Ceará” (Expressão Gráfica e Solar).

Pingo de Fortaleza atualmente é Coordenador de Programas e Projetos da Associação Cultural Solidariedade e Arte (Solar), instituição da qual é um dos fundadores, sendo também um dos idealizadores do Maracatu Solar e da Orquestra Solar de Tambores, programas continuados de formação cultural da Solar, além de idealizar e coordenar os eventos: “Brincar de Maracatu”, “Tambores Ancestrais na Noite Escura” e “Festival Fortaleza Instrumental”.



Pingo de Fortaleza
Foto: Robério Araújo

Contatos:

pingodefortaleza1@gmail.com

arnobiosantiago@hotmail.com

85 9998-7721

85 9991-0941

85 3226-1189